



**POLITÉCNICO
DE LEIRIA**

ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
E CIÊNCIAS SOCIAIS

Cultura, Arte e Comunidade

Os contributos da Arte no desenvolvimento de Processos Comunitários

Relatório de Projeto

Lénia Isabel Amorim Ronca Neves

Trabalho realizado sob a orientação de

Professora Doutora Jenny Gil Sousa

Professora Doutora Maria de São Pedro Santos Silva Lopes

Leiria, novembro 2020

Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

POLITÉCNICO DE LEIRIA

Agradecimentos

Agradeço reconhecidamente às pessoas que me transmitiram que a aprendizagem é uma aventura apaixonada em busca da nossa verdade.

Agradeço à minha família, aos meus amigos e colegas de trabalho que estiveram sempre ao meu lado, nomeadamente à minha mãe que me ensinou desde sempre a atenção e o cuidado ao outro. Ao meu marido, pelo seu amor incondicional e à minha filha, que fez crescer em mim a coragem para aprofundar a minha ligação ao mundo das artes.

Sou eternamente grata aos meus Professores, ajudaram-me a ampliar perspectivas e fizeram-me compreender que tudo é possível quando se trata de pensar e de criar. Que o exercício do pensamento possibilita a construção do novo, da mudança que se almeja.

Um agradecimento especial às minhas Orientadoras Jenny Gil Sousa e Maria de São Pedro Lopes, por me terem proporcionado aprendizagens enriquecedoras em vários domínios, por terem partilhado comigo a sabedoria e a experiência que possuem; pela paciência e atenção, pela motivação que me foram dando ao longo do percurso.

Agradeço também aos autores e artistas que se debruçaram sobre o estudo da arte, ensinaram-me que é preciso pensar sentindo os outros, pensar pintando uma realidade de liberdade para todos. Que é preciso inventar e reinventar uma realidade mais justa e inclusiva.

Sou grata às minhas colegas, por serem companheiras neste percurso, estando sempre ao meu lado nos desafios propostos. Ajudaram-me a conciliar ideias, a repensar modos de atuação e sobretudo transmitiram-me que a diferença num grupo constitui formas de aprendizagem enriquecedoras.

Agradeço ao executivo da Junta de Freguesia de Pontével, especialmente ao Senhor Presidente Jorge Pisca que acreditou e ajudou

a tornar possível a realização deste projeto; à Vereadora da Cultura do Município do Cartaxo, Doutora Elvira Tristão e aos Dirigentes das Associações da Freguesia de Pontével que colaboraram no processo de diagnóstico deste projeto. Um especial agradecimento à Comunidade de Pontével pelo entusiasmo com que se envolveu no projeto, particularmente as crianças, famílias e seniores que me fizeram ter esperança no poder da educação e da arte na evolução do ser humano e da sociedade.

Resumo

O presente relatório analisa as relações existentes entre os conceitos cultura, artes e comunidades, estabelecendo um paralelismo com a animação e educação artísticas. As artes e a cultura interligam as pessoas ao mundo conferindo-lhes capacidades, experiências e vivências porque possuem um poder pedagógico, persuasivo e independente. A educação pela arte assume assim um papel preponderante na formação integral do ser humano ao permitir-lhe conhecer-se a si mesmo, conhecer o seu passado, e projetar o seu futuro. A partir do conhecimento de si próprio, o sujeito vai conhecendo e compreendendo as suas conceções e ideias que vão determinar o seu comportamento, a sua interação e o seu papel na sociedade.

Tendo por base estes pressupostos, foi realizado um estudo de carácter qualitativo, com características de investigação-ação. Assim, numa primeira etapa analisaram-se os interesses e as motivações da comunidade da freguesia de Pontével a nível cultural, privilegiando-se também a visão das associações culturais locais, principalmente no que concerne aos desafios que se colocam nas suas esferas de atuação. A investigação realizada neste primeiro momento denunciou algumas fragilidades ao nível da inovação cultural da freguesia, assim como da vontade da comunidade de poder ter acesso a novos espaços que aproximassem pessoas e que viabilizassem novas aprendizagens.

Assim, e partindo deste primeiro momento, foi construído o restante processo de investigação e ação, tendo como premissa compreender e analisar se um edifício centenário localizado na freguesia, que estava desabitado, poderia ser reaproveitado para a criação de um espaço cultural aberto e dinamizado pela comunidade, utilizando as diversas linguagens artísticas como instrumentos de intervenção social e comunitária. Neste contexto, surgiu a pergunta de partida: **Quais os contributos das Artes no desenvolvimento de processos comunitários?**

Os destinatários do Projeto foram crianças entre os 3 e os 10 anos de idade e os seus familiares (mães, pais, avós, irmãos, tios); foram também seniores entre os 60 e os 85 anos e uma associação - Sociedade Filarmónica Incrível Pontevelense, em articulação com o Agrupamento de Escolas D. Sancho I de Pontével.

Como instrumentos de recolha de dados foram utilizados a entrevista semiestruturada às pessoas da comunidade e aos membros dirigentes das associações culturais locais, e os diários de bordo da investigadora e dos participantes.

Os resultados apurados indiciam que as Artes detêm um papel importante no desenvolvimento do ser humano e dos locais onde este se integra, ao permitir aperfeiçoar competências pessoais, sociais e culturais catalisadoras da transformação e renovação dos seus contextos e das suas realidades.

Palavras-chave

Arte, Educação, Cultura, Animação Artística, Desenvolvimento Comunitário.

Abstract

The present report analyses the relationship among the concepts of culture, arts and communities, establishing a parallelism with animation and artistic education. The arts and culture connects people to the world by giving them skills, experiences and life experiences that have a pedagogical, persuasive and independent power. The education through art assumes an important role in the integral formation of the human being by allowing him/her to know one self, to know His past and to plan his own future. Through the knowledge of one self, the subject gets to know and understand his/her conceptions and ideas that will determinate his/her behavior and interaction in society.

Based on these assumptions, it was carried out a qualitative study with action research characteristics. Thus, in a first stage, the interests and motivations of the community of the parish of Pontével were analyzed at cultural level, giving special emphasis on the vision of local cultural associations, especially with regards to challenges that arise in their spheres of action. The research carried out at this first moment, revealed some weaknesses in terms of cultural innovation in the parish, as well as the community's desire to have access to new spaces that would bring people together and provide them new learnings.

Thus, beginning from that first moment, the remaining process of investigation and action was built, with the premise of understanding and analyzing whether a centenary building located in the parish of Pontével, which was uninhabited, could be reused for the creation of an open and cultural space, dynamized by the community, using the diverse artistic languages as instruments of social and community interventions. In this context, emerged the research question: What are the contributions of the Arts to the development of community processes?

The participants of the Project were children between 3 and 10 years old and their relatives (mothers, fathers, grandparents, brothers,

uncles); they were also seniors between 60 and 85 years old, as well as an Association - Sociedade Filarmónica Incrível Pontevelense in articulation with the grouping of schools D. Sancho I de Pontével. As instruments for collecting data, were used semistructured interviews with people of the community and the leading members of the local cultural associations and also the logbooks of the researcher and participants.

The results obtained, indicate that the Arts have an important role in the development of human beings and the communities where they are integrated, by allowing the improvement of personal, social and cultural skills that catalyze the transformation and renewal of their contexts and their realities.

Keywords

Art, Education, Culture, Artistic Animation, Community Development.

Índice Geral

Agradecimentos	ii
Resumo	iv
Índice Geral	viii
Índice de Figuras	x
Índice de Tabelas	xi
Introdução	1
Capítulo I – Enquadramento Teórico	5
1. Cultura, Arte e Educação	5
1.1. Animação Artística rumo ao Desenvolvimento Comunitário.....	18
2. A Arte e a Cultura na vida da Comunidade	29
2.1 A Animação Artística com Miúdos e Graúdos	35
3. A Animação da Leitura a partir da Biblioteca	45
Capítulo II - Metodologia	54
2. Problemática e pertinência	54
2.1 Abordagens Metodológicas	57
2.1.1 <i>A Investigação Qualitativa</i>	57
2.1.2 <i>Investigação-Ação</i>	58
2.2 Instrumentos de Recolha de Dados	60
2.2.1 <i>Entrevista Semiestruturada</i>	60
2.2.2 <i>A Entrevista ao Grupo de Foco</i>	62
2.2.3 <i>O Diário de Bordo</i>	63
2.2.4 <i>Inquérito por Questionário</i>	64
2.3 Técnica de análise de dados	65
2.4 Caracterização do Contexto de Intervenção e dos Participantes	67
2.5 Etapas do Desenvolvimento do Projeto	68
2.5.1 <i>Primeira Etapa do Projeto: Diagnóstico e conhecimento da realidade</i>	70
2.5.2 <i>Segunda etapa do Projeto: A Intervenção</i>	71
Capítulo III – Apresentação dos Dados e Discussão dos Resultados	79

3.1 Apresentação e análise dos dados do eixo “ <i>EntreLaços e Letras...E outras coisas...</i> ”	80
3.2 Apresentação e análise dos dados do eixo “ <i>Ritmos d’Arte – Objetos, Histórias e Memórias</i> ”	85
3.3 Discussão dos Resultados	92
3.3.1 Síntese conclusiva	98
Conclusões	103
Bibliografia	106
Anexos	1
Anexo 1- Guião de Entrevista Semiestruturada à Comunidade da Freguesia de Pontével	2
Anexo 2 - Entrevista Exploratória – Grupo de Foco.....	5
Anexo 3- Diários de Bordo 1º Eixo de Intervenção	9
Anexo 4- Diários de Bordo do 2º Eixo de Intervenção - <i>Ritmos D’Arte – Objetos, Histórias e Memórias</i>	30
Anexo 5- Inquérito de Satisfação aplicados aos Participantes	47
Anexo 6- Análise de Conteúdo da Entrevista Semiestruturada à Comunidade da Freguesia de Pontével.....	48
Anexo 7 - Análise de Conteúdo da reunião com o Grupo de Foco.....	55
Anexo 8 - Diário de Bordo - Reunião Informal.....	68
Anexo 9 – Cartazes de divulgação inerentes aos Eixos	70
Anexo 10- Cronograma - 1ºEixo de Intervenção	71
Anexo 11 – Planificação 1 do 1º Eixo de Intervenção	72
Anexo 12 - Planificação 2 do 1º Eixo de Intervenção	74
Anexo 13 - Planificação 3 do 1º Eixo de Intervenção	77
Anexo 14 -Planificação 4 do 1º Eixo de Intervenção	80
Anexo 15- Cronograma 2º Eixo de Intervenção	84
Anexo 16- Planificação 1 do 2º Eixo de Intervenção	85
Anexo 17- Planificação 2 do 2º Eixo de Intervenção	87
Anexo 18- Planificação 3 do 2º Eixo de Intervenção	89
Anexo 19- Planificação 4 do 2º Eixo de Intervenção	91
Anexo 20- Cronograma - 3º Eixo de Intervenção	92
Anexo 21 - Análise dos Diários de Bordo - 1º eixo de intervenção	93
Anexo 22 Análise dos Diários de Bordo - 2º eixo de intervenção	100

Anexo 23 - Análise dos Inquéritos de Satisfação dos Participantes relativo ao 1ºeixo de Intervenção	108
Anexo 24- Análise dos Inquéritos de Satisfação dos Participantes relativo ao 2ºeixo de Intervenção	114

Índice de Figuras

Figura 1 – Biblioteca da Freguesia antes do Projecto de intervenção.....	73
Figura 2 – Biblioteca da Freguesia depois da 1ª ação do âmbito do Projecto de intervenção.....	73
Figura 3 – Criança a manusear o livro na 1ª sessão.....	74
Figura 4 – Grupo 1 no percurso sensorial da 3ª sessão.....	74
Figura 5 – Pai e filhos na atividade da 4ª sessão.....	74
Figura 6 – Crianças e famílias no atelier da 1ª sessão.....	75
Figura 7 – Grupo a produzir os sons das sementes inerentes à história da 3ª sessão.....	75
Figura 8 - Famílias e crianças a pintarem um novo final para a história da 2ª sessão.....	75
Figura 9 – Grupo a representar a Estátua da Liberdade na 1ª sessão.....	76
Figura 10 – Grupo a desenhar símbolos alusivos aos seus estados de espírito na 1ª sessão.....	76
Figura 11 – Grupo no <i>atelier</i> “Movimento e Sentimento” na 1ª sessão.....	76
Figura 12 – Grupo a explorar os sons advindos do manuseamento das folhas de jornal na 2ª sessão.....	77
Figura 13 – Grupo a elaborar os objetos com as folhas de jornal.....	77
Figura 14 – Diversão no grupo durante a 1ª sessão.....	77

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Grelha de análise temática do 1º eixo de intervenção.....	80
Tabela 2 – Grelha de análise temática do 2º eixo de intervenção.....	85

«A cultura não existe para enfeitar a vida, mas sim para a transformar para que o homem possa construir e construir-se em consciência, em verdade e liberdade e em justiça»

(excerto da conhecida declaração de Sophia de Mello Breyner na Assembleia Constituinte, em 1975)

Abreviaturas

ASC – Animação Sociocultural

Fig. - Figura

Introdução

O relatório aqui apresentado foi realizado no âmbito do Mestrado de Intervenção e Animação Artísticas e pretende dar a conhecer um processo de construção de aprendizagens e experiências adquiridas ao longo da formação, que culminou na concretização do projeto de intervenção. O objetivo fulcral deste projeto centra-se em compreender a pertinência das artes na formação de competências essenciais ao desenvolvimento do ser humano e da comunidade.

O tema “Cultura, Artes e Comunidades” está diretamente relacionado com a metodologia de investigação-ação que teve por base compreender como é que estes conceitos se articulam entre si e em que medida estas relações contribuem para o desenvolvimento de uma determinada comunidade, assim como para a sua mobilização e inovação. Assim, surgiu a pergunta de partida que norteou este estudo: **“Quais os contributos das artes no desenvolvimento de processos comunitários?”**

Neste sentido, este relatório apresenta os vários momentos da investigação-ação realizada no seio da comunidade de Pontével, que contemplou a recuperação da Biblioteca da Junta de Freguesia, que se encontrava encerrada. A implementação da intervenção foi realizada com pessoas entre os 2 e os 85 anos e desenvolveu-se entre fevereiro e julho de 2020.

O presente trabalho apresenta e reflete os fundamentos, os objetivos e as estratégias de intervenção comunitária sustentada numa metodologia de investigação que compreende e integra os interesses e as necessidades da comunidade, para quem e com quem viabiliza as suas ações. O estudo apresentado permite igualmente conhecer as relações de reconhecimento existentes entre a educação artística e a cultura e perceber em que medida estas relações fomentam o desenvolvimento local e contribuem para criar, recriar e transformar realidades com vista a um bem comum. Esta metodologia também coloca em evidência o envolvimento da investigadora e dos participantes durante o

processo de investigação-ação, tendo como finalidade impulsionar algumas mudanças no contexto de intervenção, ainda que em pequena escala. Com este estudo pretendeu-se contribuir para a inovação não só de processos comunitários, mas também compreender o papel que os educadores/animadores podem desempenhar na estruturação de novos processos, no desenhar de novas formas de atuar para a melhoria das suas práticas.

O projeto integrou assim duas etapas, sendo que a primeira englobou fazer o levantamento dos interesses da comunidade ao nível cultural, procedendo-se a uma análise de conteúdo detalhada no âmbito da investigação realizada, que deu conta da forma como as pessoas da comunidade avaliam e se interessam pela cultura e pelas práticas culturais. Desta forma, a segunda etapa do projeto compreendeu a intervenção alicerçada na investigação realizada no primeiro momento, tendo sido delineados três eixos de intervenção: “*EntreLaços e Letras...E outras coisas...*” que abrangeu crianças dos 3 aos 10 anos e as suas famílias; “*Ritmos D’Arte – Objetos, Histórias e Memórias*” que integrou pessoas entre os 55 e os 85 anos e o “*AssociArte*” dirigido à comunidade escolar em parceria com uma associação, a Sociedade Filarmónica Incrível Pontevelense. A intervenção abrangeu pessoas de diversas faixas etárias para que a ação abrangesse várias gerações da freguesia.

No processo de intervenção do projeto foram utilizadas três áreas de expressão artística: *a expressão dramática, a música e a expressão plástica*, como estratégias otimizadoras da intervenção, com vista a proporcionar aos envolvidos boa disposição, alegria, descontração e desenvolver nestes competências pessoais e sociais catalisadoras do aumento da autoestima, da superação de desafios e obstáculos internos; da criatividade, da interação e cooperação. As artes foram encaradas neste projeto, como ferramentas impulsionadoras de processos de aprendizagem significativos que tendem a ampliar perspetivas. Tal como Rodrigues salienta “pela sua capacidade criadora, o olhar mostra que é preciso ver sempre mais, porque todo o objeto visto aparece nos seus «fragmentos» de ser (e nos seus vários ser), pedindo que o tomemos dentro do espaço ilimitado do visível e invisível. (Rodrigues, 2011,p.32). Neste projeto tomou-se como

pano de fundo a animação artística como empoderadora de dinâmicas culturais no seio da comunidade onde atua, abrangendo as características dos diversos públicos, não só enquanto espectadores mas sobretudo enquanto criadores.

O projeto de investigação-ação pretendeu assim, abordar a importância da cultura, das artes e da educação no *empowerment* das comunidades, onde a arte é a expressão da liberdade e da criatividade humana, utilizada por todos e para todos com vista ao desenvolvimento local. Como salienta François Matarasso “A cultura é a expressão de crenças e valores na conduta da vida quotidiana. A arte é o conjunto de ferramentas que permite às pessoas interferir com a sua própria cultura” (Matarasso, 2019, p.43).

No que concerne à estrutura do relatório, este encontra-se dividido em quatro capítulos, sendo que o primeiro apresenta o enquadramento teórico que sustenta a intervenção. Neste primeiro capítulo discutem-se três temas principais: “*Cultura, Arte e Educação*” em que se reflete à luz dos fundamentos teóricos sobre a evolução humana a partir da cultura. Com base nesta reflexão emergiu o subtema “*Animação Artística rumo ao Desenvolvimento Comunitário*” em que se debate o papel da arte na formação integral do ser humano e de que formas pode contribuir para determinar o seu comportamento e a sua interação na sociedade. A “*Arte e a Cultura na vida da Comunidade*” é outro tema a explorar cujo subtema se intitula “*A Animação Artística com Miúdos e Graúdos*” em que se pretende colacionar a importância das diferentes formas de expressão no trabalho com diversos públicos, relacionando contextos que permitem vislumbrar a ampliação de modos de pensar e agir através da aproximação ao contexto das artes. “*A Animação da Leitura a partir da Biblioteca*” surge no seguimento da dimensão abordada ao longo do projeto em que o espaço da Biblioteca potencia a Animação Artística como ferramenta impulsionadora da democratização cultural, que por conseguinte conduz à democracia cultural, procurando nas suas práticas, envolver a comunidade no seu próprio processo de mudança. O segundo capítulo abrange a *Metodologia* utilizada, contemplando a descrição do projeto e os instrumentos de recolha de dados a si inerentes (entrevistas semiestruturadas e os diários de bordo) e o terceiro, expõe a *Discussão dos Resultados*

mediante a *Análise e Interpretação dos dados*, com incidência na investigação qualitativa. Posteriormente, apresentam-se as principais *Conclusões* da investigação-ação, assim como se revelam as limitações inerentes a todo o processo do projeto.

Capítulo I – Enquadramento Teórico

1. Cultura, Arte e Educação

A cultura traduz-se num diálogo entre seres humanos que pressupõe a existência de códigos, símbolos e tradições que resultam desta ligação. Tal como Fortuna refere “A cultura deve ser entendida como o espaço de compreensão e manifestação da Relação. E a Relação é entendida como o contacto entre dois, esse quid sem o qual o humano tende a desaparecer.” (Fortuna, 2014, p. 47). A partir deste pressuposto, podemos compreender que a cultura mantém viva a identidade de uma comunidade e a forma como cada sociedade organiza e gere a sua cultura condiciona o seu desenvolvimento social, económico e político. Beatriz Furlanetto aborda o princípio do simbolismo de acordo com os fundamentos filosóficos de Cassier, compreendendo o conceito de cultura a partir da teoria dos símbolos, baseada na fenomenologia do conhecimento

O princípio do simbolismo, com sua universalidade e aplicabilidade geral, dá acesso ao mundo da cultura humana. O sistema simbólico transforma o conjunto da vida humana: o homem não pode mais confrontar-se com a realidade imediatamente, e passa a viver em uma nova dimensão de realidade, em um universo simbólico constituído pela linguagem, mito, arte, e religião. (Furlanetto, 2012, p. 38)

A autora associa o racionalismo às formas simbólicas que por sua vez, formam o campo de produções que constituem a cultura, explicando que todo o conhecimento e toda a relação do homem com o mundo acontecem por meio de diversas formas simbólicas. A forma simbólica é a energia do espírito do homem que interliga o “sensível” ao racional. Portanto, “...um universo simbólico que lhe permite entender, interpretar, articular e organizar, sintetizar e universalizar a sua experiência humana”. (Furlanetto, 2012, p. 41).

Podemos assim referir, que a cultura comporta um conjunto de símbolos representativos dos modos de viver e dos sentidos que uma determinada comunidade atribui ao que está

ao seu redor. Neste sentido, a cultura, enquanto fenómeno intrínseco à vida do ser humano, pode assumir um compromisso ético, oposto à tendência do mundo capitalista, propício a desenvolver uma cultura única e exclusiva só de alguns, tendencialmente elitista e mercantilista, cujas finalidades parecem passar pela venda e consumo de produtos, pelo preenchimento de salas e pela criação de postos de trabalho. Inclusivamente, estas tendências culturais tendem a ser um meio de conduzir as pessoas ao consumo passivo da cultura, beneficiando o conformismo e apatia social. De acordo com Figueiredo (2011)

Em Portugal, são abundantes os casos em que a regeneração e a promoção (turísticas, arquitetónicas, ambientais, culturais...) criaram *não lugares* ou lugares vazios de dinâmicas, tanto no que diz respeito às suas velhas funções, como às suas novas vocações (Figueiredo, 2011, p.18).

Esta perspetiva remete para a importância de democratizar a cultura, ou seja, torná-la acessível a todas as pessoas, independentemente da sua classe social, do seu espaço geográfico, do seu estatuto e do seu grau de escolaridade. Podemos inferir que a democratização da cultura poderá promover a participação ativa e plena dos cidadãos na sua própria cultura, abrindo caminho para a democracia cultural, compreendendo assim a participação da comunidade na construção cultural, na sua reconstrução e projeção para o futuro.

A cultura democrática pressupõe a participação de todas as pessoas numa ótica de valorização das diferenças, que neste âmbito, podem ser encaradas como impulsionadoras da mudança e da inovação. Sendo assim, a cultura não é um fenómeno estático, é antes um fenómeno em permanente construção. Destarte, a cultura poderá influenciar a educação e ser por esta também influenciada, visto que está intimamente ligada à educação na medida em que a evolução humana só se compreende e identifica através da aprendizagem de um conjunto de símbolos, que lhe confere uma série de conhecimentos e determinam o seu modo de ser e de agir no mundo.

Salienta-se assim, a dimensão que a educação tende a assumir na cultura, despoletando aqui uma relação recíproca que concretiza e orienta o desenvolvimento comunitário. Tal como Martins enfatiza

E quando falamos de cultura temos que nos reportar sempre ao acto de educar, que permite relacionarmo-nos com a natureza aproveitando-a, protegendo-a e desenvolvendo-a. E o Património Cultural, como realidade complexa, tem de ser devidamente considerado – desde o código genético e do genoma humano, até às tradições, às comunidades, às instituições, aos hábitos e costumes, num conjunto vasto do que designamos como património imaterial (o modo como os artesãos trabalham, como a culinária se desenvolve, como as pessoas e as comunidades se relacionam), passando pelos vestígios arqueológicos, pelos monumentos, pelo modo de organização das populações e das cidades, mas também pela valorização da criação contemporânea e pela busca de uma relação equilibrada nesse diálogo entre o que hoje temos e queremos e aquilo que recebemos de antanho (Martins, 2009,p.17).

Recorrendo à história, podemos constatar que a partir dos finais dos anos 80, do século XX observaram-se mudanças na sociedade portuguesa ao nível da educação e da cultura, a par com outras alterações ocorridas na sociedade ao nível económico e político. Também nessa altura, outros continentes, como a América Latina, África, Ásia e Ocidente, já davam passos no sentido de transformar a sua cultura, até então marcada por classes dominantes, numa cultura próxima das pessoas, integradora e aberta à diferença. Esta conceção de cultura foi corroborada pelo encenador de teatro August Boal que atribuiu ao espetador um papel interveniente nas peças, concretizando uma nova abordagem do teatro com consequências marcantes na cultura. Começaram a surgir diferenças significativas nas formas de ver e fazer arte. Tal como Hugo Cruz sublinha, citando as palavras de Boal aquando a abertura do Teatro Formaart, em Roterdão “as diferenças entre esta nova abordagem ao teatro interactivo e a arte altamente politizada, arrogante, coerciva em que ele próprio se tinha envolvido anteriormente” (Cruz, 2015, p.70).

Nos finais dos anos 70 e 80 começaram a surgir muitos grupos de teatro comunitário, cujo objetivo principal era envolver as pessoas da comunidade nos processos de criação artística. Estas mudanças foram transversais, embora com registos diferentes, a outras áreas artísticas. Nas artes visuais por exemplo, também as obras artísticas passaram a estar mais próximas do público, da sua vida quotidiana, pois começaram a sair das galerias e dos museus, através de práticas artísticas que quebraram as barreiras da arte convencional e assumiram modos inovadores e radicais de pensar e fazer arte, logo, um novo conceito de obra de arte e de artista. Como exemplo dessas práticas artísticas, podemos destacar os *happenings* e outras performances que envolviam a participação do público, apesar do primeiro *happening* ter ocorrido já em 1958 pelas mãos do artista Allan Kaprow. O *happening* implica a participação e a envolvimento do artista e do público no acontecimento, que é a obra de arte.

Verifica-se que a partir dos anos 60, deu-se uma viragem na cultura, que anteriormente era fortemente influenciada pelos regimes políticos autoritários e aristocratas, para se transformar numa cultura que aspirava a ideais democráticos que abrangiam a justiça, o respeito pela diferença; a liberdade e a solidariedade. Como Cruz refere “Em resumo, nos anos 70 e no início dos anos 80, as sementes da arte comunitária estavam claramente a pairar, tanto no Sul como no Ocidente - incluindo em Palmela, Portugal.” (Cruz, cit. Erven 1992, 2015, p.71)

Em Portugal, nos anos 80, o Estado democrático atribuía ao sistema educativo um papel mais descentralizado, ao contrário do que acontecia no Estado Novo em que as pessoas eram educadas por um Estado centralizador que as preparava para a conformidade dos seus valores incontestáveis. Em contraposição, o Estado democrático pressupunha um maior envolvimento e participação dos vários agentes educativos locais, procurando assim uma política educativa local. Com efeito, as pessoas começaram a ter uma participação mais ativa e distinta na educação e conseqüentemente na cultura. Como refere Lopes, citando Santos (1998), relativamente ao plano de ação do V Governo Constitucional de 1979:

A política cultural que o actual governo se propõe a adoptar supõe e implica uma concepção de cultura: pluriforme, favorecendo a multiplicidade das expressões e das práticas culturais, de acordo com os contextos específicos dos vários grupos sociais; participativa, estimulando a consciência de que todos os cidadãos são sujeitos e não meros objectos da acção cultural e apoiando o associativismo cultural: globalizante, evitando a compartimentação entre os diferentes aspectos da cultura e introduzindo referências qualitativas em todos os aspectos da vida social; inovadora, ultrapassando a passividade e o consumismo alimentadas pelas grandes indústrias culturais e encorajando formas de criatividade individual e colectiva... (Lopes, 2008, p. 203).

Embora esta política cultural remeta ao ano de 1979, a sua pertinência e objetividade continua a ser muito atual, uma vez que devido aos processos de globalização, aos avanços industriais e tecnológicos e ao consumismo desmedido, torna-se visível nas sociedades atuais a existência de uma cultura massificada, onde quase todas as pessoas são conduzidas a pensar e a interagir de forma mais ou menos idêntica, onde não há espaço nem tempo para a reflexão e para a crítica, contrariamente aos valores de liberdade e de justiça tão abordados nos dias de hoje, mas que apesar de fazerem parte das Constituições Democráticas, parecem disfarces de políticas que pretendem a massificação e a uniformização das sociedades. E esta massificação da sociedade tende a afastar as pessoas do acesso à cultura, favorecendo uma cultura elitista. Nesta linha de pensamento, a educação exerce um papel importante na medida em que pode sensibilizar as pessoas não só para assistirem, conhecerem e apreciarem a cultura, mas sobretudo para a questionarem, para refletirem sobre ela e sobre o que está à sua volta, e para participarem ativamente nesse processo de criação cultural. É neste contexto, que a educação artística pode impulsionar o desenvolvimento cultural das comunidades e eventualmente constituir um pilar do desenvolvimento comunitário e cultural. Assim como Fortuna salienta

... o contributo social das artes é predominantemente entendido como um contributo formativo e capacitante em si mesmo, que deve resultar do modo como o “encontro

com as artes”, tema central que estrutura o discurso neste domínio, propicia a aquisição e o desenvolvimento de conhecimentos e competências técnicas, intelectuais, expressivas, emocionais e relacionais. Essas competências são decisivas para a formação das pessoas e a sua capacitação para ultrapassar as barreiras sociais, económicas e simbólicas que definem a sua condição vulnerável ou estigmatizada (Fortuna, 2014, p. 126.)

Nesta perspetiva, a educação pela arte assume, um papel preponderante na formação integral do ser humano ao permitir-lhe conhecer-se a si mesmo, conhecer o seu passado, e projetar o seu futuro. A partir do conhecimento de si próprio, o sujeito vai conhecendo e compreendendo as suas conceções e ideias que vão condicionar o seu comportamento e a sua interação na sociedade. Neste sentido, a pessoa revela-se como parte de uma realidade e torna-se um agente da sua transformação. De acordo com Ferreira

A arte capacita o homem para compreender a realidade, e o ajuda não só a suportá-la como a transformá-la, aumentando-lhe a determinação de torná-la mais humana, o seu principal objetivo é estimular o desenvolvimento da expressividade e, em consequência, do potencial criativo (Ferreira, 2010, pp. 12,13).

Portanto, ao tomar conhecimento dos elementos que estão ao seu redor, o homem adquire a capacidade de analisar, refletir, apreciar e criticar o que está a observar. Este conhecimento pode favorecer um fruir essencial para a estruturação das suas próprias ideias, enriquecendo desta forma, a sua formação global enquanto parte integrante de uma sociedade. Este facto está intrinsecamente associado ao desenvolvimento da consciência, do raciocínio e da inteligência da pessoa. Através da aproximação às diversas linguagens artísticas, as pessoas desenvolvem processos mentais criativos que lhes conferem a habilidade de verem as coisas numa nova perspetiva, impulsionando-as a criar coisas novas e diferentes daquilo que estão habituadas a ver e a fazer, quebrando assim barreiras com o tradicional e com a passividade de quem age quase sempre em conformidade com o que o rodeia.

A arte pode suscitar a aprendizagem por meio do lúdico, que toca o mundo dos afetos, das emoções, da imaginação e da criatividade, sendo por isso, que estas aprendizagens adquirem uma grande probabilidade de serem verdadeiramente assimiladas e inesquecíveis para o indivíduo, pois buscam significados que o envolvem e o inspiram. Tal como Santos confirma, a educação compreende atualmente, métodos que vão para além da simples instrução, referindo que “Hoje pode-se compreender o jogo como uma atividade que se encaminha para a iniciação do prazer estético, à descoberta da individualidade, ao aprimoramento das relações interpessoais e à construção do conhecimento” (Santos, 2006, p.24). Esta forma de ver e fazer educação permeia também o desenvolvimento da capacidade analítica e crítica, da pro atividade na resolução de problemas, em vez de levar o indivíduo a acomodar-se perante aquilo que os outros pensam e decidem. Ou seja, a pessoa desenvolve assim, através da arte, uma consciência estética que lhe vai permitir gostar e interessar-se por ela e também poderá possibilitar-lhe a formação de uma postura crítica relativamente ao que está a observar.

Podemos ainda enaltecer a importância da arte na relação com os outros, nomeadamente no trabalho de cooperação, na medida em que arte envolve sempre as emoções e os sentimentos das pessoas e através da parte emocional consegue-se tocá-las e sensibilizá-las. De acordo com Ferreira citando Andrade (1996) “a arte tem uma função extremamente importante e essencial para o desenvolvimento humano, podendo fazer a integração de elementos conflitantes: impulso-controle, amor-acolhimento, versus ódio-agressividade, sentimento-pensamento, fantasia-realidade, consciente-inconsciente, verbal, pré-verbal e não-verbal” (Ferreira, 2010, p.15).

A um nível mais concreto podemos, por exemplo, destacar a importância que a expressão dramática pode ter na educação, uma vez que, a partir dos exercícios, inclusive da representação de alguns traços de personagens, a pessoa aprende a colocar-se no lugar do outro, desenvolvendo a capacidade de empatia. Assim será, à partida, mais sensível às necessidades do outro, como se conseguisse, por instantes, compreender outras perspetivas e formas de estar, muitas vezes, contrárias às suas. E

isto permite-lhe ampliar a sua visão relativamente ao que a rodeia e através da arte criar, recriar, reinventar e renovar contextos e realidades.

Torna-se evidente que a arte impulsiona uma força criativa no ser humano, capaz de despertar emoções e percepções profundas, levando-o a aceitar as diferenças. Por outro lado, condu-lo à verdadeira essência do seu ser, tal como salienta Elisa Belém acerca da “Ipseidade”, conceito criado por Sperger, que significa a capacidade da pessoa de ser verdadeira e honesta consigo própria no que diz respeito às suas ideias, aos seus valores e aos seus princípios, apesar das influências exteriores.

A necessidade da expressão, que leva a procura por novas formas, pode corresponder a uma ocorrência da ipseidade do artista. A “promessa feita a si mesmo” é, nesse caso, um compromisso com a criação, que pressupõe experimentação, a tentativa e, portanto, recriação. E também uma procura pela coerência entre pensamento, sentimento e ação, como uma promessa feita a si mesmo... (Belém, 2016, p.59)

A partir da leitura destes pressupostos, evidencia-se a importância das artes na intervenção com grupos, designadamente no que se refere à estimulação e sensibilização dos indivíduos para a reflexão do mundo que os rodeia de uma forma pessoal e crítica, nomeadamente para questões políticas, culturais, económicas e sociais que são cruciais para a equidade de uma sociedade.

As ideias acima escritas são corroboradas por Rancière (2005) que teoriza sobre o regime estético e político das artes e reflete sobre o modo de articulação entre as maneiras de fazer e pensar a arte, bem como as suas formas de visibilidade que implicam uma determinada ideia da efetividade do pensamento que podem conduzir à transformação e à mudança da sociedade. Por meio da “partilha do sensível” é possível questionar o que nos rodeia, uma vez que esta partilha, segundo Rancière é

O sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um *comum* e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa portanto, ao mesmo tempo, um *comum* partilhado e partes exclusivas.

Essa repartição das partes e dos lugares cresce numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividades que determina propriamente a maneira *como* um *comum* se presta à participação e *como* uns e outros tomam parte dessa partilha (Rancière, 2005, p.15).

A arte propõe então a participação de forma livre, plena, igual e criativa na vida cultural em que a democracia é expressa e sustentada pela cultura que permite às pessoas afirmarem-se, expressarem-se e questionarem-se relativamente a tudo aquilo que as rodeia. Nesta linha de pensamento, podemos constatar atualmente, que a esta sociedade massificada apresentam-se obras de arte “vulgares” e óbvias, apresentam-se também programas televisivos, publicidade e redes sociais que orientam e manipulam as pessoas para adquirirem determinados gostos e ideias “*Kitsch*”, mas que garantem uma certa uniformização e um certo controlo das sociedades. Tal como Rui Chafes constata “São estes os homens livres? É esta a liberdade: a massificação, a imbecilização planetária, o consumismo, a aniquilação do espírito e da liberdade, a era da comunicação, da falsa liberdade de escolha?” (Chafes, 2006, p.129). Talvez seja por isso que a educação artística ainda não esteja devidamente implementada nos contextos escolares, pois como Catarina Martins e Catarina Almeida referem:

A prática artística na educação irá colocar sob análise aquelas que são as verdades da história, da instituição, do autor, arrastando-as para um ininterrupto exercício crítico, que resiste e ensina a resistir às convenções que os procuram moldar, colocando em suspensão uma série de categorias cristalizadas, fomentadoras da imagem de humanidade perdida (Martins & Almeida, 2013, p.21).

Nesta visão, torna-se pertinente questionar e confrontar os sistemas lineares de transmissão de conhecimentos que conduzem o indivíduo ao conformismo e à obediência. Nesta vertente, a educação artística leva a pessoa a ter um olhar insubordinado perante aquilo que está à sua volta, pois fomenta o espírito crítico e incita-o a questionar constantemente as verdades que por vezes, parecem “intocáveis” e únicas. A arte remete o homem para o exercício crítico, incitando-o ao exercício do

pensamento que por sinal, possibilita a construção de algo novo. A arte contém em si um potencial emancipador na medida em que, ao colocar o indivíduo no centro da ação, ele evolui enquanto ser pensante e reflexivo, e isto pode constituir um fator determinante no combate à exclusão. Conforme Gillet enfatiza “...a educação é útil à democracia quando visa a transformação da sociedade pela valorização da razão crítica, porém, ao mesmo tempo dialeticamente, sem democracia não existe universo educativo possível” (Gillet, 2006, p. 35).

Sendo a cultura um diálogo entre pessoas sobre as suas ideias, experiências, valores, crenças, rituais, constitui também um espaço de encontro e de partilha do comum e das diferenças, é onde uma comunidade se identifica e se transforma. É a forma que o homem descobriu de aprender a viver em comunidade. É neste contexto, que a educação artística pode permitir às pessoas escolherem ser participantes ativos na cultura e não somente recetores passivos. De acordo com Matarasso, citando Williams (1989)

O que faz uma sociedade é a descoberta de significados e direções comuns, e o seu desenvolvimento é um processo ativo de debate e alteração sob a pressão da experiência, do contacto e das invenções, que se inscrevem no solo. (Matarasso, 2019, p.35).

Desta forma, as artes e a cultura interligam as pessoas ao mundo conferindo-lhes capacidades, experiências e vivências que por si só, possuem um poder pedagógico e por isso, acabam por tocar em aspetos sociais, sem ser esse o seu foco principal. É neste sentido que Fortuna defende

O foco central da ação cultural deve ser portanto a familiarização e a aprendizagem da arte pela arte, e não a resolução de problemas sociais, que a prática cultural pode no entanto ajudar a enfrentar, tanto no plano individual como societal (Fortuna, 2014, p. 127).

De acordo com o exposto, podemos salientar que a cultura e as artes devem afastar as tendências de instrumentalização, apostando nos seus propósitos específicos, que abrangem uma cultura de qualidade, em que as artes possam estar mais acessíveis a todas as pessoas, incrementando a educação artística tanto em contextos formais, como em contextos não formais e informais.

Destarte, os indivíduos terão, à partida, mais probabilidades de adquirirem competências que estimulem o pensamento e a ação num mundo em constante mutação, que cada vez tende a exigir mais do ser humano, não só ao nível dos conhecimentos técnicos e científicos, como também ao nível das competências inerentes à criatividade, à imaginação e à capacidade de resiliência, de modo a prepará-lo para fazer face às mudanças e aos desafios que vão surgindo. Tal como confirmam Hernandez, Paiva e Terrasêca

Esta é uma política da diferença que visualiza e ouve o outro e *com* o outro ao invés de falar e ver por ele e que se visualiza e ouve a si mesmo para poder dialogar com o outro. Isto faz de toda a política uma forma de estética (Hernandez, Paiva & Terrasêca, 2013, p.65).

É neste contexto, que as artes na educação têm um potencial emancipador no percurso de vida das pessoas, tornando-as seres sociais e culturais em permanente desenvolvimento. Assim como Martins refere

O desenvolvimento humano não é compreensível nem realizável sem o reconhecimento do papel da criação cultural, em ligação cultural, em ligação estreita com a educação e a formação, com a investigação e a ciência. O que distingue o desenvolvimento e o atraso é a cultura, a qualidade, a exigência – numa palavra, a capacidade de aprender (Martins, 2009, p. 7).

Conforme o exposto pelo autor, a integração das artes e da cultura na educação pode constituir um desafio estratégico no desenvolvimento de aprendizagens no trabalho com pessoas de várias faixas etárias. Nesta perspetiva, o desenvolvimento de uma sociedade poderá ser mais ou menos eficaz mediante o tipo de relações que se estabelecerem entre instituições educativas e culturais e o tipo de diálogo que ocorrer entre órgãos governamentais e administrativos, que orientam e administram as áreas da educação e da cultura, tanto ao nível nacional como ao nível local.

No contexto educativo, no sentido prático, articular o que se aprende numa sala de aula com a realização de experiências culturais, nomeadamente visitas a museus, a galerias de arte, a centros de ciência viva que promovam atividades em que as crianças possam não só fruir de experiências visuais, mas também da possibilidade de criação por elas próprias de algo, com base naquilo que aprenderam, pode favorecer a construção de aprendizagens duradouras. Além de que estas experiências podem também estimular a motivação pela aprendizagem e pelo conhecimento.

Embora, possamos reconhecer a diferenciação de papéis que cada uma destas áreas desempenha, existem benefícios significativos advindos do diálogo e da estreita ligação e parceria entre elas. Acrescentando aos aspetos que já foram mencionados, ainda podemos salientar que as artes podem constituir espaços para se experimentarem e descobrirem métodos de aprendizagem diferenciados e integradores onde seja possível aproximar as pessoas que se encontram de fora dos moldes tradicionais da aprendizagem, quer no caso de crianças, quer no caso de pessoas jovens, adultas e idosas. Ao valorizarmos as experiências pessoais e culturais das pessoas, abrimos caminho para a diversidade e inovação cultural. Tal como Martins corrobora,

A diversidade cultural e a pluralidade de pertenças obrigam, de facto, a recusar as identidades fechadas. As identidades só ganham pleno sentido quando abertas e disponíveis para dar e receber, e para assegurarem um permanente diálogo entre a tradição e a modernidade. Tradição significa transmissão, dádiva, entrega, gratuidade. Modernidade representa o que em cada momento acrescentamos à

herança recebida, como factor de liberdade e de emancipação, de autonomia e de criação. A novidade resulta sempre desse diálogo entre o que recebemos e o que criamos (Martins, 2009, p. 14).

Em suma, talvez seja pertinente e necessário continuar a insistir por uma educação e uma intervenção que oriente e sustente as suas linhas de ação nas práticas artísticas de forma a ampliar a sua dimensão e difusão nos currículos escolares, para que a educação pela arte chegue a todas as pessoas.

Com estes pressupostos podemos destacar a dicotomia existente nas relações cultura, arte e educação. A arte permite-nos ampliar o nosso olhar relativamente ao que nos rodeia e através dela criar, recriar, reinventar e renovar a cultura. Como refere Martins

Conhecer e compreender o Património como factor de inovação e de criatividade, de paz e de democracia, significa aprender com a diferença, isto é, aprender a ser com os outros. Não basta proclamar grandes princípios abstratos, é indispensável lançar pontes, realizar iniciativas comuns, reler a História à luz da compreensão dos conflitos e da sua superação pacífica e democrática, recusar que o pêndulo apenas indique o sonho e o pesadelo (Martins, 2009, p. 15).

Torna-se assim, emergente garantir e reconhecer a cultura e as artes associando-as à educação, assumindo esta, uma extensão ética que ultrapassa a instrução e questiona indelevelmente o sentido da liberdade e da justiça.

1.1. Animação Artística rumo ao Desenvolvimento Comunitário

A Animação Sociocultural e as linguagens artísticas têm uma relação muito transversal, complementar e estratégica, uma vez que as artes constituem uma estratégia de intervenção com grupos. Se recorrermos a algumas definições da Animação Sociocultural compreendemos melhor essa relação. No entanto, existem muitas definições deste conceito, possivelmente devido à sua ampla diversidade de ações, de públicos e de contextos e ao seu caráter dinâmico e flexível. Serrano e Puya abordaram nos seus trabalhos, o que não é Animação Sociocultural

“No es una educación diretiva; No es consumo cultural; Não es un entretenimento; No es la utilizacion de técnicas asépticas; No es sólo una acción generosa; No es una suma, ni un conjunto de actividades; No es una política institucional, asfixiante; No es importación de modelos; No es un negocio” (Serrano, 2006, pp. 88 - 89).

Numa breve apreciação de síntese a partir do que não é a Animação Sociocultural, podemos constatar que a sua intervenção não compreende traços lineares, retos e inflexíveis, tenta antes, junto das pessoas e com elas, ir trabalhando questões que a todos dizem respeito (sociais e culturais); também não se pauta pela imposição de hábitos e valores dominantes, mas incrementa a preservação cultural, articulando esforços no sentido de promover às pessoas meios, para que elas próprias identifiquem e valorizem a sua cultura, a renovem e a complementem.

A ASC não serve só para entreter as pessoas, vai mais além, ambiciona elaborar projetos que visem a participação mais ativa e responsável dos cidadãos na sociedade. Não pretende utilizar técnicas muito exigentes, complexas e restritas, mas opta por aproveitar os recursos já existentes para um desenvolvimento otimizador das comunidades. A ASC destaca-se por não ser uma ação caridosa dependente da boa vontade e dos desejos dos agentes culturais, pressupõe antes, a existência de meios técnicos, humanos e económicos que sustentem a sua ação. Também não é uma política

asfixiante, pois contempla um trabalho em conjunto, um trabalho de parceria com as instituições e associações que trabalham com pessoas, numa ótica de que todas possuem a sua importância para o desenvolvimento das comunidades. Paralelamente, também não se rege por modelos de outros países e culturas, pois há que ter em consideração os contextos sociais, culturais, políticos e económicos de cada realidade, não havendo “receitas” que se adaptem a todos os locais e a todas as pessoas. E por fim, a ASC não é um meio de atingir lucros, mas sim um meio de transformar e autonomizar as comunidades. Portanto, a ASC permite dar alma, dar dinamismo a um grupo ou a uma comunidade, contribuindo assim para o desenvolvimento social e cultural desses mesmos grupos. Segundo as mesmas autoras, a Animação Sociocultural “es una metodología de intervención, de carácter intencional y participativo, orientada a la promoción individual y la transformación comunitaria” (Serrano, 2006, p.144).

É com base nestes pressupostos que a Animação Sociocultural possui uma estreita ligação com a arte que toca as emoções das pessoas, capta a sua atenção para assuntos importantes. Desta forma, a ASC utiliza as artes para consciencializar e provocar reações nos indivíduos e nos grupos, de modo a que se tornem mais atentos e participativos nas suas comunidades.

Perante o explanado, podemos constatar que a intervenção baseada em metodologias de animação sociocultural em estreita ligação com as artes se baseia em princípios sustentados por estratégias de intervenção em que a pessoa e as suas características pessoais são inteiramente respeitadas e simultaneamente preservadas e desenvolvidas, no sentido de que todas as pessoas contêm em si muitas capacidades e aptidões que devem ser valorizadas e aproveitadas. Estes princípios são corroborados por Trilla (2004) que defende que toda a intervenção realizada com as pessoas, no âmbito da animação sociocultural, deve ser pautada por relações de diálogo, de confiança e igualdade, dando-lhes possibilidade e abertura para se expressarem livremente, sem receio de serem julgadas; libertas de preconceitos e estereótipos. Estas ideias, segundo o mesmo autor, pressupõem também a existência de “relações horizontais e de reciprocidade” (Trilla,

2004, p.270), nomeadamente através de experiências grupais que lhes confirmam a capacidade de se reconhecerem a elas próprias, uma vez que é na relação com os outros que se descobre o verdadeiro “eu”, e é na diferença que encontram singularidades que lhes permitem ser quem são. É também neste diálogo entre o eu e o outro, que se estabelecem relações de confiança e igualdade que vão beneficiar uma efetiva responsabilidade e autonomia pessoal e social. Trilla evidencia que

O grupo é um âmbito onde se aprende a dialogar, a conviver, a aceitar e a valorar as diferenças, a compreender, cognitivamente e efectivamente, o outro como alguém diferente de nós, é um lugar de maior autoconhecimento e de desenvolvimento da consciência e da identidade pessoal, apropriado para o conhecimento e a interiorização de *valores democráticos* (Trilla, 2004, p.272).

Seguindo estas linhas de pensamento, criar condições para que as pessoas reflitam sobre si e sobre o que está ao seu redor pode facilitar um autoconhecimento benéfico para si e para os outros. Quando a pessoa para e reflete relativamente ao que é, àquilo que deseja e sente, ouvindo a sua voz interior, significa que percebeu finalmente para onde tem de ir. Assim, é possível desenvolver determinadas aptidões, aperfeiçoá-las e pô-las ao serviço de algo ou alguém. Tal como refere Robinson

Utilizo o termo elemento para descrever o lugar onde as coisas que adoramos fazer e as coisas em que somos bons se reúnem. Julgo ser essencial que cada um de nós encontre o seu Elemento, não só porque nos tornará pessoas mais realizadas, mas sobretudo porque o futuro das nossas comunidades e instituições dependerá disso à medida que o mundo evoluir (Robinson, 2010,p.13).

Apesar da imperfeição do ser humano, cada ser contém em si muitas competências que muitas vezes, ainda não foram descobertas, nem estimuladas. É assumindo esta perspetiva, que a animação artística intervém na medida em que pela sua ação natural, atua também na área educativa e cultural para desenvolver o ser humano, não no

sentido de o tornar perfeito, mas antes, de o tornar livre, digno e feliz. É também neste sentido, que a animação artística pode revelar-se uma ferramenta indispensável para a educação e para a cultura uma vez que pode contribuir para alterar trajetórias de vida que estão, à partida, predestinadas ao fracasso, à exclusão e à marginalidade. Tal como Bento afirma

É por esta razão que as expressões artísticas, em contexto de animação sociocultural, traduzem a essência da vida das pessoas, isto é, ajudam a identificar a origem ou a fonte da sensibilidade, da imaginação e da criatividade. É preciso então estimulá-las e desenvolvê-las (Bento, 2008, p.27).

Com estes pressupostos, torna-se pertinente pensar o papel da animação artística não só na educação, como também na intervenção com grupos de várias faixas etárias e de diferentes estruturas sociais. Podemos constatar que devido às mudanças ocorridas na sociedade, inclusive na cultura e na educação, abriu-se caminho para a “produção e transmissão de informações, conformando novas subjetividades, novas formas de ver, de sentir, de interpretar e de projetar uma cultura polifónica” (Robinson, 2010,p.13). Partindo deste enfoque, a educação artística pode ajudar a preparar as pessoas para novos desafios e novas exigências, de modo a que elas se integrem e de se adaptem a uma sociedade em constante alteração e conseqüentemente consigam projetar o seu futuro, perante a mudança. Tal como refere Ferreira, a arte é: “... considerada uma linguagem entre os homens, proporciona amplas experiências, além de possuir a magia de levar as pessoas a ver o mundo através de um olhar mais sensível e inteligente” (Ferreira, 2010,p.13).

Podemos assim evidenciar, que é no encontro profundo consigo próprio que o indivíduo se coloca em relação com os outros, partilhando com eles, uma serie de experiências e vivências ancoradas em comportamentos que verbalizam valores, ideias e competências. E estas interrelações acontecem num espaço comum a outras pessoas, constituindo o local onde é formada uma comunidade que se caracteriza não só pela partilha de espaços

e interesses comuns, como também pelas relações que se vão estabelecendo entre os seus membros. Garcia e Hernandez definem o conceito Comunidade

Como un grupo humano que vive en área geográfica específica cuyos componentes mantienen entre si una pluralidad de relaciones para el acometimiento de las funciones de producción, de gobierno, de educación, de asistencia y de recreo: relaciones que adquieren un grado superior al que pueda producirse con miembros exteriores a la misma y que les permite autoidentificarse en cuanto grupo con el lugar donde habitan...Las comunidades de escala reducida mantienen un grado de autonomía que permite considerar las como segmentos sociales con sus propias redes de interrelación y de comunicación (Garcia & Hernandez, 2006, p. 768).

Esta dimensão de comunidade coaduna um verdadeiro desenvolvimento sustentável, pois pressupõe uma ideia de comunidade como um espaço de diálogo e de partilha de saberes e poderes, onde existe respeito pela diferença, salvaguardando-se simultaneamente a identidade cultural e o sentido de pertença, tendo como alicerces o estímulo à participação, à organização, à iniciativa e à autonomia dos seus membros.

No entanto, nem sempre as comunidades que partilham o mesmo espaço são unidas e coesas como sustentam Ferreira, Callejas e Freitas, baseando-se na teoria de Bauman “...há diferenças entre a “comunidade imaginada”, do sentimento cálido, e a “comunidade realmente existente” (Ferreira, Callejas & Freitas, 2015, p.16).

Podemos dizer que hoje em dia, verifica-se uma certa tendência para o individualismo que se traduz numa indiferença e inércia no que diz respeito à construção de laços sociais e afetivos, em que a vida pessoal de cada um parece ser o centro da sua atenção, numa perspetiva de independência e autonomização individualistas, conduzindo à degradação das relações humanas. De acordo com Bauman

As ferramentas do convívio eu-Vós, ainda que perfeitamente dominadas e impecavelmente manejadas, mostrar-se-ão vulneráveis à variação, à disparidade, à

discórdia que separam e põem em pé-de-guerra as multidões daqueles que constituem um «Vós» potencial: dispostos a disparar em vez de conversar (...). A descrença da unidade, alimentando e deixando-se alimentar pela gritante inadequação dos instrumentos à mão, impele as pessoas a afastarem-se umas das outras e estimula-as a esquivarem-se (Bauman, 2006, pp.52-53).

Assim, o conceito de comunidade perde a sua força de “comunidade imaginada” que pressupõe uma ideia positiva e acolhedora sobre ela. Verifica-se que o sentido de pertença, de reconhecimento de identidade e subjetividade se encontram em crise. Embora as pessoas continuem a gostar de se relacionar umas com as outras, ainda que superficialmente, nomeadamente através das redes sociais, constata-se uma fragilidade ao nível da construção e na profundidade dos relacionamentos; da união e empenho na luta para a obtenção de um bem comum em que cada um tende a agir por si mesmo e não como um todo, apesar das diferenças.

Neste sentido, a sociedade pode ter um papel interveniente, nomeadamente se as comunidades e os órgãos políticos começarem a alterar progressivamente certos parâmetros e normas sociais que se foram apoderando da nossa realidade. Este facto vai colocando em causa, a sobrevivência das relações humanas e dos direitos humanos em detrimento de classes sociais dominantes e de uma cultura aparentemente democratizada e democrática, mas que no fundo, ainda está ao alcance e à responsabilidade só de alguns grupos. Como sustenta Trilla

O fortalecimento da sociedade civil necessita de uma real distribuição do poder: económico, social, educativo, cultural e político. Requer fornecer as possibilidades para que qualquer pessoa possa levar a vida de uma forma organizada associativamente; também é necessária uma autêntica igualdade de oportunidades para todos os membros da sociedade, o que leva a uma mudança a nível estrutural (Trilla, 2004, s.p.).

Se considerarmos as realidades atuais das comunidades residentes nas zonas rurais, que outrora tinham um maior sentido de pertença e de associativismo, constatamos que

estas se encontram hoje, numa posição mais vulnerável no que concerne à sua identidade, pois é um território com acentuado envelhecimento da população, com perda de população jovem que procura os grandes centros urbanos para trabalhar e viver, comprometendo a economia e a cultura destas zonas rurais. Como salientam os autores Ferreira, Callejas e Freitas,

À medida que o modelo urbano-industrial se desenvolveu, o que aconteceu de uma forma mais acelerada na segunda metade do século XX, grande parte das zonas rurais foram desaparecendo, sendo “reajustadas” e integradas no sistema dominante, através de um processo de “assimilação”, ou deixadas à margem e gradualmente esvaziadas dos seus principais recursos e capacidades humanas, sofrendo, nestes casos, um processo de “declínio” e “extinção” (Ferreira, Callejas & Freitas, 2015, p.117).

Deste modo, verifica-se que a produção e inovação cultural também registam uma certa tendência polarizada, localizando-se em parte, nas regiões urbanas. Com este panorama, é cada vez mais evidente a necessidade de preparar as comunidades para que primeiramente, tenham consciência dos seus problemas e necessidades e que simultaneamente se motivem no sentido de procurarem, em parceria com outros órgãos sociais, as respostas a esses problemas e necessidades, numa ótica de divisão adequada dos poderes, que conduzam progressivamente à transformação das suas realidades. No entanto, para que isto se torne possível é igualmente necessário que ação social de uma comunidade seja encarada como uma ação política, que pressupõe a participação e a envolvência de todos os agentes na procura de respostas e na resolução de problemas que concretizem o bem comum. Constatam-se assim, a pertinência de dar primazia à satisfação das necessidades sociais das comunidades. De acordo com Caballo, Candia, Caride e Meira (1997)

O desenvolvimento adequado dunha sociedade oriéntase á satisfacción rápida e maximizadora das necesidades sociais; por iso, nas comunidades máis desenvolvidas,

onde as necessidades primárias están basicamente cubertas, inténtase responder a necesidades do benestar: educación pública, seguridade social, acceso ós recursos sociais, calidade da convivencia, solidariedade, promoción de adultos, oferta cultural, tempo de lecer, igualdade de dereitos, dinamización deportiva, propiedade persoal, apoio institucional, posibilidades asociativas, protección ambiental (Caballo, Candia, Caride & Meira, 1997, p.53).

Neste sentido, podemos referir que as necesidades sociais se coadunam também com as necesidades culturais e neste âmbito, importa criar condicións na sociedade, inclusive nos meios rurais, para que a cultura possa ser preservada, mantendo o sentido de pertença e de identidade, mas também recriada e inovada por estas comunidades. É neste sentido, que a educación e animación artísticas podem desempeñar un papel mediador, preparando un diálogo entre as artes e os factos sociais e culturais que ocorrem em seu torno.

Neste punto, importa abordar a intervención artística comunitária que se caracteriza esencialmente pela interacción de persoas artistas e não artistas, envolvidas num proceso de creación artístico que não se foca somente nos resultados, mas antes em todo o envolvimento, em toda a partilha do comum e das diferenzas, e em toda a transformación advinda desse proceso em que a igualdade e a liberdade são valores basilares. Matarasso refere que

A arte comunitária é a creación de arte como dereito humano, por artistas profesionais e não profesionais, que cooperam entre iguais, para propósitos e com padrões estabelecidos em conxunto, e cujos procesos, produtos e resultados não podem ser conhecidos antecipadamente (Matarasso, 2019, p.56).

Podemos induzir que a intervención baseada na arte comunitária impuliona a democratización da cultura e da arte, na medida em que no decorrer das suas prácticas, orienta as persoas para uma consciencialización dos seus dereitos cívicos, sociais, económicos e culturais e motivam as persoas a arranjar formas de os conseguir obter.

Verifica-se neste tipo de intervenção, uma dimensão socioeducativa que pressupõe a aquisição, por parte dos indivíduos, de uma autonomia que lhes dará possibilidade de encontrarem e utilizarem os seus próprios recursos, desenvolvendo competências pessoais e sociais que os ajudarão a integrar-se de forma satisfatória na sociedade em que vivem. Tal como Matarasso enfatiza “A arte é o conjunto de ferramentas que permite às pessoas interferir com a sua própria cultura” (Matarasso, 2019, p.43).

Por este prisma, alargar o acesso à arte e desencadear processos de democracia cultural, onde as pessoas são convidadas a produzir e a criar a sua própria cultura, pode constituir um direito indispensável à emancipação do ser humano e das suas comunidades. Tal como Matarasso defende “Deixem-nos contar a história...Acreditamos que as pessoas têm o direito de criar a sua própria cultura. Isso significa que tomem parte no contar a história, e não que a história lhes seja contada” (Matarasso, 2019, p. 81).

É desta forma que a Animação Sociocultural em linha com as Artes, atua também no âmbito da animação comunitária, rumo ao desenvolvimento comunitário, centrando-se nas potencialidades das pessoas, fazendo um percurso com elas, integrando-as no próprio processo de desenvolvimento. Como Lopes salienta:

A Animação Comunitária faz-se com as pessoas, de uma forma activa e participada. Ela tem em vista o processo que se gera pela consciência crítica, pela vontade dos participantes na mudança da realidade social, com o intuito de alcançar o seu desenvolvimento endógeno, global e integrado. Esse desenvolvimento processa-se de modo a levar as pessoas a, por um lado, reconhecerem as suas próprias capacidades e, por outro, a respeitarem as capacidades daqueles que os rodeiam, num ambiente de participação e negociação permanentes, propiciador da consciencialização dos direitos de cada pessoa (Lopes, 2008, p.375).

A partir destes fundamentos, podemos dizer que as práticas artísticas dentro da comunidade devem contemplar as características do seu espaço, da sua história, das suas

gentes, de forma a aproveitar e impulsionar as suas qualidades sociais, culturais, económicas e políticas, criando estruturas flexíveis de intervenção direta com os grupos.

É neste sentido, que urge contrariar as tendências atuais de uma cultura que fomenta a apatia social e o vislumbamento com bens materiais, nomeadamente de espaços e equipamentos culturais que são utilizados pontualmente e que estão vazios a maior parte do tempo. Nesta visão, em vez de se construírem espaços e infraestruturas, importa talvez, construir ou reconstruir consciências em prol do desenvolvimento humano. O importante será como corrobora Marcelino Lopes (2008, p.383), apostar em práticas de animação comunitária que pressuponham um associativismo que envolva as motivações, os interesses e as expetativas das pessoas, renegando modelos tradicionais e pouco flexíveis dos projetos pensados para e não com a comunidade. Ao invés disso, devem pensar-se e criar-se projetos em parceria e diálogo com todos os seus intervenientes, englobando interesses comuns e negociando diferentes ideias e conceções, contemplando e enfatizando os ideais da democracia em que todos devem tomar parte das decisões que a todos dizem respeito, numa ótica de valorização superior do processo em detrimento dos produtos finais espetaculares.

Podemos assim salientar, que a Animação Artística estabelece meios para levar a cabo os pressupostos filiados na democracia em que a participação, a solidariedade e a coesão social são princípios orientadores de toda a ação. A sua metodologia estratégica aposta num conhecimento profundo da realidade, mobilizando todos os recursos intrínsecos à comunidade que fomentem a sua participação, num processo grupal, alicerçado no diálogo, na criatividade e na autonomia a partir das suas próprias realidades. Estes são fundamentos que tornam a realidade passível de ser transformada em prol do desenvolvimento comunitário. Em linha com o exposto, Trilla sustenta,

A ASC é um *instrumento* adequado para *motivar* e *exercer a participação*. Esta concebe-se como uma tomada de consciência em relação à mudança pessoal e estrutural; como processo dialéctico e dinâmico, entre a administração, os técnicos e a

população, organizado através de associações, movimentos sociais, partidos políticos, instituições e redes interassociativas (Trilla, 2004, p.268).

E é à luz destes contributos, que poderá ocorrer um efetivo desenvolvimento social que trará benefícios para outros sectores como sejam os que se relacionam com a economia, com a política, com o ambiente, conduzindo ao desenvolvimento sustentável. Através de um trabalho de consciencialização dos indivíduos sobre o que os rodeia, sustentado e baseado na educação, na cultura, no diálogo e na reflexão comunitária, fortemente idealizados e gerados pela democracia, pode ser possível um real e satisfatório desenvolvimento pois, como salientam Ferreira, Callejas e Freitas,

O desenvolvimento enraíza-se no associativismo, na prática democrática, na garantia e no respeito pelos direitos humanos, procurando assegurar a participação dos cidadãos nas decisões, o fomento racional do crescimento económico, a preservação do meio ambiente, a redução da pobreza e a consolidação da paz social (Ferreira, Callejas & Freitas, 2015, p.54).

2. A Arte e a Cultura na vida da Comunidade

Na triangulação de fenómenos cultura, artes e educação, importa refletir como é que a arte pode interferir na vida da comunidade. E nesta equação, destaca-se um conceito que pode ter um papel de relevo: o tempo livre. Neste sentido, pretende-se compreender o que é o tempo livre e perceber qual é o seu papel para a formação da cultura. O tempo livre pode ser entendido como um conjunto de ocupações a que o indivíduo se pode dedicar de livre vontade, quer seja para descansar, quer seja para se distrair e se alegrar, se enriquecer culturalmente e se ocupar, depois de cumpridos os seus deveres profissionais, familiares e sociais. Gillet cita Dumazedier (1973) referindo que:

O lazer é um conjunto de ocupações para as quais podemos nos dedicar de bom grado, seja para repousar, seja para se divertir, seja para desenvolver nossa informação ou formação desinteressadamente, é participação social voluntária ou livre capacidade criativa após estarmos desobrigados das obrigações profissionais, familiares e sociais (Gillet, 2006, p. 31).

O homem pode, nos seus tempos livres aumentar e incrementar a sua formação, a sua participação social e voluntária. O que quer isto dizer que o tempo livre pode ser utilizado pelo indivíduo para seu próprio prazer e desfrute, e simultaneamente pode estimular nele processos de aprendizagem pessoal e social que fomentem os valores humanos, indispensáveis ao desenvolvimento global do ser humano. Portanto, a ocupação do tempo livre pode constituir uma forma lúdica e criativa de desenvolver competências pessoais, sociais e culturais com vista à preservação da identidade cultural e transversalmente à sua renovação e transformação. Tal como salienta Gillet:

Paralelamente, fazer com que os períodos de lazer tornem-se novamente tempos de criatividade, de descoberta, de solidariedade e cidadania, de momentos de educação libertadora (existentes largamente no âmbito da Frente Popular e após a Segunda

Guerra Mundial na França), e não somente tempos de consumo alienante, é um grande desafio. (Gillet, 2006, p. 33)

Neste âmbito, interessa refletir sobre os contributos da educação não formal para o incremento da qualidade da ocupação dos tempos livres. Podemos constatar que a educação é um processo que assume uma dinâmica permanente, uma vez que ao longo da vida vamos aprendendo e desenvolvendo competências que nos vão moldando e reconstruindo o nosso carácter e personalidade. Tal como salientam Ferreira, Callejas e Freitas, citando Ortega (1999)

A educação não é uma etapa da vida, é um todo no espaço e no tempo e deve ser uma progressiva e contínua configuração da pessoa humana para o desenvolvimento na relação com os outros. O que nos coloca numa dimensão espaço-temporal que ultrapassa largamente os muros da escola, para se situar em todos os espaços sociais, dentro dos grupos e dos coletivos, com as suas circunstâncias geográficas, históricas e culturais (Ferreira, Callejas & Freitas, 2015, p.59).

Não obstante, esta dimensão de educação pressupõe a existência de metodologias que não visam somente a transmissão de conteúdos, centra-se antes, no desenvolvimento das múltiplas inteligências intrínsecas à pessoa, considerando-a como um todo e não como mera recetora de informação. É nesta linha de pensamento, que surgem outras modalidades de educação, inclusive a educação não formal.

A educação não formal é considerada flexível e dinâmica, não obedece a critérios fixos e com rigor estrutural, embora esta vertente da educação pressuponha também planeamento de atividades e organização de planos de trabalho com objetivos, estratégias e metodologias definidas. Contudo, este tipo de educação assume um carácter mais flexível e ajustado mediante os públicos com quem trabalha, estabelecendo relações horizontais numa lógica de valorização das experiências e habilidades das pessoas, permitindo-lhes adquirirem conhecimentos de forma lúdica e descontraída,

dando-lhes igualmente liberdade para se expressarem, (re)conhecerem e desenvolverem as suas competências. Neste sentido, a educação não formal surge como um complemento da educação formal, uma vez que pressupõe a transmissão de valores, ideias e conceitos importantes para a vida da pessoa e da sociedade. Tal como salienta Maria Gohn “Há na educação não formal uma *intencionalidade na ação*, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes.” (Gohn, 2014, s.p.).

Neste contexto, a educação não formal pode desenvolver-se dentro e fora dos espaços escolares, podendo ser realizada com grupos de pessoas de várias faixas etárias, demarcando outro tipo de especificidades, como sejam os objetivos diferenciados do ensino formal, como já foram mencionados anteriormente. E neste sentido, a Animação Sociocultural incide a sua intervenção maioritariamente, nesta área educativa sendo que os fundamentos e os procedimentos intrínsecos à Animação Sociocultural vão ao encontro das diretrizes desta área. Esta perspetiva é defendida por Ventosa

Concretamente, dentro dos espaços educativos incluídos no espaço da educação não formal está o lazer (e seu tratamento educativo através da chamada pedagogia do lazer), delimitado por sua vez dentro do conceito mais genérico de tempo livre e ambos, por sua vez, formam parte do conceito de animação sociocultural, cuja posição ultrapassa o âmbito da educação não formal (Ventosa, 2016, s.p.).

À luz destes princípios, podemos referir que a ocupação dos tempos livres é uma das áreas de intervenção da Animação Sociocultural que vai ao encontro dos seus princípios basilares, tal como salienta Marcelino Lopes, incluem a “participação, a autonomia, o associativismo, a dinamização sociocultural, a utopia, a intervenção, o desenvolvimento, a integração, a criatividade, a cultura, o recreio, a promoção e a crítica social.” (Lopes, 2008, p.454).

Assim, os projetos implementados pela Animação Sociocultural em parceria com as Artes podem fomentar o enriquecimento do tempo livre das pessoas. Este tempo livre pode ser prazeroso e paralelamente formativo, podendo também ser um meio para que os

indivíduos se desenvolvam ao nível pessoal, social e cultural, enriquecendo simultaneamente as comunidades onde se integram. Segundo Gillet, citando Dumazedier “...a animação para o tempo livre é um momento privilegiado de acesso à cultura e à educação, entre os momentos sociais de dificuldades e os momentos sociais empenhados, uma atividade entre produção e obrigações sociais” (Gillet, 2006, p. 30).

É com esta perspectiva, que podemos referir que as organizações culturais podem também assumir um papel de destaque na ocupação destes tempos livres. A organização de Coletividades a nível local é gerida por pessoas da comunidade que se juntam por objetivos comuns, que valorizam as linguagens artísticas e estimulam as gerações mais novas a desenvolverem uma serie de competências essenciais para o seu desenvolvimento global. Os espaços onde decorrem as atividades de lazer formam desde sempre, centros de socialização das comunidades, como por exemplo as praças, os largos, os anfiteatros. Como salienta Santos “Os espaços cívicos das comunidades eram e são lugares de trocas, dos bens aos rituais. As sociedades antigas deixaram-nos lindíssimas expressões destes lugares, com maior ou menor monumentalidade, cujo significado ainda se continua por outras formas significantes.” (Santos, 2008, p. 20). Neste sentido, revela-se de extrema importância preservar e recuperar espaços que outrora constituíram um marco para a formação da nossa identidade cultural, porém, importa igualmente mantê-los e inová-los para que estes espaços continuem ao serviço das comunidades.

Podemos assim, salientar que os espaços onde as pessoas usufruem do seu tempo livre, tendem a contribuir para o estímulo de competências fundamentais que irão certamente condicionar o desenvolvimento local. Para um efetivo desenvolvimento local é necessário a organização dos vários agentes territoriais que embora com funções distintas se orientem e cooperem com vista a atingir objetivos comuns. De acordo com Caballo (2001), citado por Machado

Neste contexto é a comunidade local a primeira responsável de um projeto educativo integral em que devem participar a escola com a família, instituições locais e associações como principais agentes educativos, juntamente com a estrutura produtiva pública e privada, assumindo cada um deles um papel bem definido. Perseguindo a concretização das possibilidades educativas da cidade, marcando as opções do seu projeto educativo numa estrutura integradora, na qual a ação educativa mantém uma estreita relação com a cultura, resultando ambas inseparáveis no Plano Estratégico de desenvolvimento sustentável de um território. (Machado 2014, p. 90)

Perante o exposto, a família que é o primeiro agente de socialização, deve facilitar aos seus filhos condições de desenvolvimento pleno e global, por sua vez, as coletividades e associações que colaboram na dinamização da vida da comunidade, devem proporcionar atividades de preservação e de enriquecimento cultural com vista à inovação, que proporcione aos cidadãos o fortalecimento da sua identidade de pertença a uma determinada localidade. Por outro lado, a estrutura produtiva de um lugar, seja público ou privado contribui para o desenvolvimento económico e cultural do mesmo e neste sentido, facilita a utilização de estratégias que promovem a cultura. A escola é outro agente territorial que influencia e impulsiona a cultura, porque transmite uma série de conhecimentos ao indivíduo que lhe permite descodificar um conjunto de signos inerentes à sua cultura. Por fim, a autarquia tem na cultura um papel preponderante, uma vez que tem a função de gerir os recursos humanos e financeiros de forma a implementar nas localidades projetos que agreguem forças e estratégias com vista ao desenvolvimento dos seus espaços territoriais, dos seus serviços, da sua população e da sua cultura. Podemos dizer que são estes agentes agregados que fomentam o desenvolvimento local tendo como alicerces a educação e a cultura. Assim como reforça Fortuna relativamente aos projetos de educação artística e cultural que se têm realizado em Portugal

No terreno existem já exemplos bem sucedidos, que assentam sobretudo num forte enraizamento local e numa cooperação estruturada entre parceiros das comunidades locais. Este é, certamente, um dos caminhos a perseguir e a justificar um esforço de

coordenação entre os responsáveis pelas políticas educativas e culturais e a administração regional e local (Fortuna, 2014, p.129).

A perseverança e a insistência em alargar o contacto, o entendimento e o bem-estar das pessoas no que diz respeito à sua cultura, podem favorecer a qualidade das relações humanas e um maior conhecimento pessoal e social. Matarasso defende que quando criamos arte estamos a “dar existência a algo e, ao fazê-lo, mudamos o mundo” (Matarasso, 2019, p.53). É neste seguimento que as atividades de animação artística com a comunidade promovem a criatividade pois, ao realizar um processo artístico com as pessoas, é possível estimular a imaginação e a audácia de produzir e transformar algo, abre-se caminho para o desbloqueio e fluidez de pensamentos convergentes e divergentes e torna-se possível alcançar alternativas criativas para se resolverem problemas e questões necessárias ao dia a dia. As expressões artísticas sintonizam e harmonizam as emoções e os pensamentos, levando as pessoas a lidarem melhor com os seus problemas, e a transformá-los.

No decorrer destas atividades, destacam-se também os processos que se realizam em grupo em que é incentivada a cooperação, o respeito pelo ritmo de cada pessoa, num clima de diálogo e entreajuda. Tal como refere Ruiz “El procés artístic fluctua en doble sentit: cap a dins, generant consciència i empoderament individual i, cap a fora, generant consciència colectiva, empoderament comunitari i canvi social.” (Ruiz, 2018, p.9) Para além de que auxiliam os grupos a adquirirem laços de identidade e de pertença a uma determinada comunidade, criando relações estáveis e duradouras, através da exploração de diferentes formas de pensar, ser e agir que vão estar em diálogo aquando as criações artísticas, onde as pessoas terão de aprender a lidar com essas diferenças e a confluírem sinergias em prol de algo em comum.

À luz destas ideias, comprova-se que a arte e a cultura sempre fizeram parte da vida do homem e que atualmente continuam a fazer sentido, talvez hoje, mais do que nunca as expressões artísticas constituam uma poderosa força para o desenvolvimento

comunitário, ao dotar os indivíduos de competências pessoais, sociais e culturais que fomentam a sua participação ativa na sociedade em que vivem e da autonomia que lhes permite reagir e intervir para transformar contextos e realidades. Como salientam Quintas e Castaño (1998) “Es necesario que los hombres participen creando juntos nuevos modos y modelos de vida personal y social, com la finalidad latente y esperanzada de transformar poco a poco la sociedad” (Quintas e Castaño, 1998, p.33).

A arte amplia e aprofunda a realidade, incidindo na essência das emoções, possibilitando ao ser humano refletir e questionar sobre o que lhe é dado como certo e intocável, para reinventar a sua realidade. Tal como Rui Chafes realça: “O mais importante na arte é a emoção. Só a emoção pode tocar as pessoas” (Chafes, 2006,p. 94).

2.1 A Animação Artística com Miúdos e Graúdos

A Animação Artística surge como ferramenta de intervenção num lugar, num trabalho fundamentado e contínuo numa comunidade, impulsionando a riqueza do seu património, levando as pessoas a questionarem, a refletirem sobre o que as rodeia e sobre elas mesmas, desafiando mentalidades e esboçando com elas, projetos de interação baseados na sua herança cultural e no incentivo à criação da novidade cultural. De acordo com Fabien Oliveros

Al formar la gente, a las comunidades en arte estamos entregando una serie de valores, ya que, al congregarse la gente para hacer arte construye relaciones de afecto, amistad, lealtad y compromiso al tener un objetivo común: construir la obra de arte. Este objetivo común da la comunidad la capacidad y la posibilidad de aunar saberes, experiencias, conocimientos, imaginaciones, creatividades para el logro de esse objetivo común, lo más parecido que conozco al deber ciudadano de construir, desarrollar, proteger el bien de todas y todos (Oliveros, 2017,p.4).

A Animação Artística pode assumir um papel preeminente no que concerne à diligência cultural com repercussões na sociedade, na economia e na política, não só na difusão da cultura, mas também numa dimensão educativa. Neste sentido, os projetos de intervenção e animação têm por base promover aos habitantes de uma determinada localidade, o reconhecimento da sua própria cultura e da importância da sua preservação, divulgação e inovação. Como explica Ander-Egg

Mediante estas actividades de difusión se procura desarrollaren la gente la capacidad para apreciar todo aquello que há quedado consagrado como obra cultural y que es patrimonio de un pueblo (y si es posible, también hay que enseñar a apreciar lo que tiene carácter universal y pertenece a la humanidad). Al enmarcar estas actividades en programas de animación sociocultural, esta apreciación del propio patrimonio histórico-cultural se há vincular com la afirmación de la propia identidad cultural (Ander-Egg, 2000, p.347).

Todos os seres humanos têm direito a participar e a desfrutar da sua herança cultural, aliás, este é um direito humano que está presente na Constituição; porém não basta haver difusão cultural para democratizar a cultura, pois esta difusão pressupõe desencadear estratégias de ação cultural que dêem a conhecer a cultura, que levem as pessoas a apreciá-la e a compreenderem o seu património histórico e cultural. Quando as pessoas conhecem o seu património, há uma maior probabilidade de procederem à sua preservação e transformação, na medida em que lhes vão conferindo significados e experiências que as inspiram a ter determinadas ações. O passado resgata a memória e permite-nos dar um novo sentido ao presente. Destarte, é possível afirmar a identidade cultural e preservar o património, não obstante é também possível transformá-lo e renová-lo. Ao criar meios para que as pessoas usufruam de experiências estéticas, estamos a favorecer a relação que se vai estabelecer entre os espetadores e os processos de criação artística numa união que pressupõe um diálogo entre a pessoa e a obra.

Os projetos culturais, nomeadamente no âmbito da ASC, devem englobar as atividades artísticas, pois a arte é responsável pelo desenvolvimento das capacidades humanas que

vão sendo despoletadas através das possibilidades advindas das linguagens artísticas que por sua vez, compreendem a livre expressão do ser humano. Enquanto a difusão cultural é uma forma de canalizar o acesso à cultura, as atividades de expressão artística promovem qualidades humanas, tais como o desenvolvimento da sensibilidade, a capacidade para expressar, investigar, experimentar e transformar assim como, de pertencer, compartilhar e cooperar de respeitar, educando para a beleza, para a saúde e bem-estar. Assim como sustenta Ander- Egg

De este modo, la actividad artística se transforma en una fuente de enriquecimiento de la vida de las personas y un médio de estimularlos para desarrollar su capacidade expresiva y creativa. Más aún: este tipo de actividades artísticas no profesionales, rompe las limitaciones de clase y pone un instrumento y dimensión del pueblo, aydando a su desarrollo estético, emocional, intelectual, expresivo y social del individuo y de los grupos participantes (Ander-Egg, 2000, p. 353).

E desta forma, contribuem para a democracia cultural, pois possibilitam a livre expressão das pessoas que conduz a uma participação mais intensa e ativa na construção da cultura. Os projetos de intervenção e animação artísticos devem assim, compreender atividades que ofereçam espaços e meios que estimulem nas pessoas a autoexpressão e a criatividade, promovendo e desenvolvendo a sensibilidade, a habilidade comunicacional através das múltiplas linguagens artísticas que se podem utilizar. Não se trata de formar artistas, contudo estas manifestações artísticas não profissionais podem constituir um complemento à educação, para além de se valorizarem e incrementarem as atividades de lazer. No entanto, o que importa nestas produções artísticas com grupos, não é tanto a beleza e a perfeição do que se faz, mas sim a viabilização de possibilidades e estímulos pertinentes para que o processo criativo se desenvolva a partir do que as pessoas sentem e pensam, pelo que, este processo deve ser pautado por meio dos significados e dos sentidos que as pessoas conferem àquilo que estão a criar pois, como refere Ander-Egg “E sen estas manifestacions artísticas en donde se expresan las concepciones, interpretaciones, valores, problemas e ilusiones que existen en individuos y colectividades” (Ander-Egg, 2000, p.355). O autor refere que quando as pessoas

exprimem as suas ideias e concepções sobre a realidade que as rodeia, estão igualmente a preservar a memória coletiva, mantendo vivos os valores, as histórias e os princípios que formam a sua identidade.

A arte tem assim, um poder que vai mais além da estética, contribuindo para a formação e afirmação da personalidade, promovendo o progresso de capacidades cognitivas e relacionais indispensáveis ao seu desenvolvimento global. Estes estímulos podem desencadear processos de transformação dessas mesmas realidades. Sendo assim, todo o trabalho realizado com grupos, no âmbito da animação artística, deve valorizar as capacidades expressivas e criativas de todos, deve também dar importância aos laços e competências sociais que se vão desenvolvendo a partir dos trabalhos em grupo, assim como respeitar a liberdade de expressão e o pluralismo cultural, favorecendo a consciencialização e a partilha de experiências, impulsionando nos outros a criatividade e a imaginação através das expressões artísticas.

Por esta ordem de ideias, importa refletir sobre o conceito criatividade, bem como as dimensões que alberga na intervenção artística com grupos de diferentes faixas etárias. A criatividade é um conceito dinâmico e amplo, não se refere a um dom especial destinado somente a determinadas pessoas, não é exclusiva de artistas e pessoas superdotadas, a criatividade é uma competência presente em cada ser humano que se manifesta mediante os contextos pessoais, sociais e culturais onde este se insere, desenvolve-se à medida que a pessoa a vai estimulando. Tal como salienta Sousa

A criatividade é uma capacidade humana, uma capacidade cognitiva que lhe permite pensar de modo antecipatório, imaginar, inventar, evocar, prever, projetar e que sucede internamente, a nível mental, de modo mais ou menos consciente e voluntário (Sousa, 2003, p.169).

A criatividade esteve sempre presente nas mais diversas formas artísticas e os seus desenvolvimentos estavam associados à cultura e organização das civilizações. Ribeiro enfatiza que a criatividade

É uma potencialidade dinâmica que os seres humanos partilham com o meio social, que evolui em cada indivíduo com a idade e a experiência e nas comunidades com o progresso civilizacional, e que se manifesta em todos os domínios, assumindo as mais diversas expressões (Ribeiro, 2018, p.16).

Nesta perspetiva, as capacidades são despoletadas através de atividades de expressão em que por exemplo, através da exploração de múltiplos materiais, técnicas, formas e cores se torna possível desencadear um processo criativo, no qual o indivíduo poderá colocar na sua produção, não só as suas referências anteriores, que se relacionam com o meio onde se insere, (a sua visão das coisas, a sua perceção relativamente a tudo o que o rodeia), como também pode inventar e recriar novas formas de ver o mundo, novas perspetivas. Assim como Prado refere

La creatividad se manifiesta em aquellos productos, obras o conductas que muestran características de variedad, riqueza, expresividad, renovación, novedad y originalidade respecto al modelo de partida, respecto a obras o conductas habituales en la cultura o entorno vital del sujeto (Prado, 2011,p.16).

Com estes pressupostos, podemos afirmar que as artes são indutoras da criatividade, pois definem estratégias que visam proporcionar e estimular conhecimentos, articulando a inteligência e a sensibilidade. Através da exploração dos vários sentidos que cada um possui, será mais evidente uma maior perceção do mundo, enriquecendo desta forma a capacidade humana de comunicação e de expressão e consequentemente de ampliação no que diz respeito à sua forma de ver, entender e de interpretar o mundo. Contudo, importa que nestes projetos de animação artística se atribua mais significado e importância aos processos criativos que aos produtos finais de todo o trabalho. Segundo Best

Defender a importância do processo em detrimento do produto, na educação, pode consistir em realçar a importância da aprendizagem para compreender o carácter do objecto, em detrimento de concentração nos pormenores dum resultado

cuidadosamente acabado; pode indicar a importância de se saber do modo de se conseguir um resultado, de experimentar livremente, vários métodos; pode conduzir a que se estimulem os estudantes a imiscuírem-se de vários modos no meio de expressão, para assim conseguirem uma compreensão, pessoalmente, significativa (Best, 1996, p.139).

Neste sentido, o processo criativo revela uma importância significativa na aquisição de conhecimentos e competências, pois na sua livre criação, a pessoa aprende o seu próprio caminho, aprende a definir objetivos e a criar estratégias para os atingir, aprende ainda a ter a resiliência necessária para solucionar problemas e assim vai construindo e reconstruindo o seu próprio ser.

É neste sentido, que as artes podem revelar-se instrumentos preciosos na construção da identidade dos indivíduos, da própria sociedade e da sua cultura. A prática de atividades artísticas possibilita a todos os grupos de várias idades e condições sociais, a oportunidade não só de ocuparem o tempo de forma prazerosa e divertida como também pode proporcionar a fruição de uma série de competências essenciais ao desenvolvimento global e integral do ser humano. Tal como Prado refere

Ser criativo, significa considera-lo proceso total da vida como un processo de nacimiento, e non tomar calquera estado da vida como un estadio final. A maioria da gente morre denantes de nacer plenamente. A criatividade significa nacer denantes que un morra (Prado, 2011, p.7).

Os projetos de animação artística com crianças e jovens devem contemplar a criatividade a partir de áreas de expressão que impulsionem processos de aprendizagem espontâneos e inovadores, devem igualmente possuir uma vertente lúdica que pressupõe a realização de atividades que contribuam para o seu bem-estar e simultaneamente para o seu enriquecimento pessoal, social e cognitivo. Neste processo lúdico, as crianças desenvolvem a responsabilidade, a autoexpressão e a cognição e sem

se darem conta, vão assimilando e construindo conhecimentos e aprendizagens enriquecedoras. Estas atividades devem também promover a socialização em que o contacto com os outros facilita a aprendizagem de um conjunto de valores associados à boa convivência grupal e em sociedade, ao mesmo tempo que devem promover a liberdade, em que as crianças podem escolher participar ou não nas atividades. A dinamização de atividades, com crianças deve assim, privilegiar o seu envolvimento e a sua participação na execução das tarefas, recusando o facilitismo de fazer por elas. As crianças e os jovens têm de se sentir protagonistas dos projetos. Tal como Ribeiro defende, citando José António Marina (1994) “*criar o hábito de criar* nem sequer é muito difícil; porque sendo as crianças inventivas por natureza, a educação só tem que aumentar essa grande faculdade” (Ribeiro, 2018, p.197). O trabalho artístico e a fruição estética contribuem, para o desenvolvimento de crianças, de jovens e adultos, criando meios para que ampliem as suas potencialidades cognitivas e concebam novas formas de ver e fazer o mundo. Através das atividades criativas que vão surgindo, por vezes inventadas pelas próprias crianças, pretende-se que estas encontrem uma forma de entender o seu mundo e o mundo que as cerca, possuindo assim uma visão mais ampla das coisas, tornando-as mais reflexivas e críticas, no que se refere à realidade individual e social em que vivem e atuam, desenvolvendo simultaneamente um pensamento organizado.

No que se refere às atividades com seniores, será importante compreender algumas perceções teóricas sobre esta fase da vida. Podemos perceber que atualmente, já existem muitas atividades de lazer e de entretenimento destinadas às pessoas desta faixa etária. Não obstante, constata-se que estas atividades, em parte, ainda subvalorizam os conhecimentos e os saberes que estas pessoas possuem. Como explica Sousa “Estando a pessoa idosa numa fase da vida em que já não é tão produtiva para o capital ela é, então, destituída do seu papel social pois já não responde aos objetivos do sistema moderno” (Sousa, 2014, p. 65). Desta forma, a sociedade vai afastando estas pessoas de participarem ativamente nas suas dinâmicas.

Dias também salienta que ainda existe uma recusa explícita do envelhecimento e uma representação social da velhice como um tempo de “dependência e segregação”, aos mais velhos estão destinados os lazeres, os serviços e os cuidados, mas só os que a sociedade lhes define e lhes permite (Dias, 2005).

A partir destes pressupostos, podemos salienta que os idosos ainda são vistos nesta sociedade, como pessoas não produtivas que já não têm muito para aprender e que já estão no fim da vida. Por isso, ainda há uma certa tendência para apresentar aos idosos, atividades demasiado orientadas que conferem o controlo e poder a quem as dinamiza, porém, privam este público da liberdade e da autonomia que lhes deveria ser incrementada. Assim como sustenta Garcia,

É fundamental respeitar a heterogeneidade do grupo, levando a cabo avaliações personalizadas para um melhor ajustamento às necessidades individuais e grupais; é preciso ter em conta a repercussão que a própria imagem corporal e as alterações físicas produzem nas pessoas idosas; utilizar a motivação como elemento dinamizador e potenciador da participação; estimular a vivência em grupo (Garcia, 2004, p. 274).

Embora seja necessário ter consciência dos problemas que envolvem estas faixas etárias, torna-se igualmente pertinente evitar encará-las como um processo destruidor. Tal como Jenny Sousa salienta

Muito embora estejamos conscientes de que os efeitos dos declínios mencionados possam ter profundas consequências ao nível do isolamento social da pessoa idosa, a verdade é que estes não têm de ser devastadores, tratando-se, na maior parte dos casos, de um processo gradativo que permite, paulatinamente, a familiarização e a ambientação (Sousa, 2014, p.72).

Assim sendo, quando se organizam atividades com pessoas desta faixa etária, devem privilegiar-se e otimizar-se atividades que potenciam qualidades, conduzindo ao aumento da autoestima, ao controlo mais equilibrado das emoções e estados de espírito, a uma maior capacidade de ultrapassar perdas e desmotivações perante a vida, conferindo-lhes a criatividade e o desejo da liberdade da auto-expressão.

Em suma, no trabalho com estas pessoas devem valorizar-se as vivências, os percursos de vida, as suas experiências e capacidades. Como Garcia enfatiza é necessário: “...redescobrir um novo sentido para viver essa etapa da vida com elevados níveis de motivação; recuperar o verdadeiro lugar na vida e na comunidade; desempenhar um papel activo na respectiva dinamização” (Garcia, 2004, p. 274).

Perante estes factos, as atividades de animação artística para este público, orientam-se no sentido de dar tempo e espaço às pessoas para refletirem sobre o que querem e como querem ocupar os seus tempos livres. Devem ser atividades que beneficiem a formação e o desenvolvimento pessoal e social, cujas dinâmicas estimulem a criatividade, a confiança, a interação, a participação e a comunicação. As atividades devem também incentivar os idosos a participarem ativamente no seu meio social e cultural, valorizando as suas experiências e a maturidade que possuem. Assim sendo, as atividades com seniores devem privilegiar a valorização pessoal, com o objetivo principal de estimular a autoestima e a participação aliada ao bem-estar individual e coletivo. Assim como Sousa realça

Privilegia-se o que é intuitivo e subjectivo, sobressaindo os seguintes axiomas: a interação social é basilar para a sobrevivência; as pessoas são ativas por natureza com comportamentos orientados por objetivos e, por fim, a noção e relação que se tem com o tempo influencia a avaliação e seleção dos objetivos de vida (Sousa, 2014, p.87).

Face ao exposto, a arte é por mérito, impulsionadora da criatividade, pois especialmente através da arte, as pessoas mais maduras poderão usufruir das suas próprias potencialidades, deixando para trás uma visão de si subvalorizada e inutilizada perante uma sociedade que deverá aprender a valorizar e a integrar estas pessoas nas suas dinâmicas, para conseguir atingir um pleno desenvolvimento humano, social e cultural. Como Mota (2009) refere citado por Santos “Uma sociedade não é madura apenas porque envelhece, mas sê-lo-á quando souber cuidar dos mais velhos com o respeito que lhes devemos” (Santos, 2010, p.37).

Os projetos de animação artística fundamentam as suas atividades, na certeza de que o desenvolvimento de capacidades através dos *ateliers*, confere aos seus membros, uma sensação de controlo, de liberdade continuamente construída e renovada. Como sustenta Sousa “A animação, ao construir novas visões estratégicas de intervenção, auxilia na edificação de estratégias pessoais e significativas de superação das perdas sofridas, através de uma pedagogia específica de (re)apropriação e (re)elaboração do tempo, em íntima relação com a própria finitude” (Sousa, 2014, p.157).

Esta forma de pensar a intervenção leva à reflexão sobre o papel do animador que se deve construir em estreita ligação com a autonomia dos públicos com quem trabalha e não separadamente, fazendo da autonomia, um interesse de todos. Assim, importa que o animador construa ou reconstrua as suas visões sobre a educação artística de modo a contribuir para a formação de uma cidadania reflexiva. Este tipo de trabalho pressupõe a produção, a compreensão e o confronto de ideias e contribui para a revalorização da vida e das vivências pessoais, favorecendo a evolução e o crescimento coletivo. Assim como realça Jenny Sousa “Na realidade, trabalha no sentido de transformar esta nova realidade numa fase de liberdade, de autodescoberta, de experiências diversificadas, de novas relações e de um novo self. Porém, tal implica perceber o futuro como motor do aqui e agora, sem esquecer o passado” (Sousa, 2014, p.157).

3. A Animação da Leitura a partir da Biblioteca

Um espaço público é uma estrutura responsável pela organização de uma localidade e contribui para a sua qualidade e desenvolvimento. A forma como uma comunidade se apropria deste espaço e o utiliza, determina a sua identidade cultural, considerando todas as dimensões, quer a nível político e económico como também a nível social e cultural. Assim como refere Silva

O espaço público actua também a níveis intangíveis na relação com a sua comunidade, sendo capaz de reforçar a identidade de um lugar através da criação de referências simbólicas e a reciprocidade que se cria entre os dois mantêm-se através da capacidade que o espaço público tem em adaptar-se aos novos usos que a sua comunidade exige (Silva, 2012, p.3).

Com este pressuposto, podemos inferir que os espaços culturais libertam e fazem evoluir a sociedade, na medida em que estimulam nas comunidades o espírito crítico, abrindo caminho para a transformação e inovação das mesmas, nos mais variados domínios do conhecimento e das expressões, sendo por isso, que estes espaços assumem uma missão muito fundamentada na educação. Perante esta perspetiva, os espaços que outrora foram importantes para a comunidade e que constituíram marcos nas suas vidas, devem ser recuperados e aproveitados, para que as memórias íntimas daqueles lugares sejam preservadas, tornando-os espaços reconstruídos e renovados.

Portanto, o património cultural vai-se construindo à medida que a história do coletivo se vai fazendo. A recriação de lendas ou de factos históricos em determinados espaços, na reinvenção de outras formas de convívio entre a comunidade; na recriação de artes tradicionais; na reinvenção de certas tradições; na criação de novos espaços para as artes, em que cada pessoa possa ser simultaneamente espetador e autor, são alguns dos processos possíveis na animação artística realizada em diversos espaços. Como explicam os autores Alcaide e Montero,

Se trata de formas de producción cultural que se instituyen en grupos, espacios u otras estructuras flexibles (acción directa, asambleas, grupos de discusión, etc.) y que, frente una visión mercantil de la práctica cultural, proponen otro tipo de políticas de organización y acción con unos objetivos polarizados en una dirección diametralmente opuesta: dar forma a proyectos y espacio de colaboración para responder a necesidades contextuales concretas mediante la puesta en práctica de medios culturales diversos con los que transformar situaciones conflictivas determinadas, produciendo con ello un cambio social encaminado a promover una transformación – mediante aprendizajes continuos – de los propios agentes sociales y culturales implicados (Alcaide & Montero, 2015, p.59).

Desta forma, as bibliotecas podem ser espaços dinâmicos e atrativos, que não só procuram promover a literacia e o conhecimento, mas também ambicionam ser espaços de encontro, de desfrute de tempos livres de qualidade; lugares que cativem a atenção de todos os tipos de leitores e onde se podem realizar várias atividades como, por exemplo, ler, utilizar computadores e a internet, ouvir música, realizar workshops, conferências, assistir a filmes entre outras atividades. Como referem Dionísio, Freitas, Nunes e Calixto citando Pérez (2008) “...a biblioteca converte-se num sítio onde todos podem estar” (Dionísio, Freitas, Nunes e Calixto, 2012, s.p.).

Verifica-se que o espaço biblioteca pública conseguiu estabelecer um interessante diálogo entre a preservação da memória e a atualidade. Ao mesmo tempo que contém importantes livros, documentos e arquivos com grande relevância histórica e cultural nas mais variadas áreas do conhecimento, por outro lado conseguiu atualizar e renovar o seu espaço, debruçando um olhar contemporâneo sobre este e criando uma série de dinâmicas sociais e culturais repletas de atividades atrativas que são promotoras da leitura, do enriquecimento crítico e criativo de diversos públicos, inclusive daqueles que não se interessam muito pela leitura e por livros. Assim como os Museus, as Bibliotecas também tiveram necessidade de se reinventar, de forma a alargarem os seus serviços a mais pessoas. Foi preciso e ainda continua a ser, criar condições nestes espaços que viabilizem a integração de vários públicos, para que o conhecimento e a informação

possam chegar a todos, independentemente da classe social, da etnia, dos gostos e dos interesses de cada pessoa. Tal como evidenciam os mesmos autores, acima citados, “ Partindo das ideias já exploradas de que a biblioteca, sob um olhar contemporâneo, se apresenta como um lugar de encontros, de afetos e de intersubjetividades, convém identificar as suas possibilidades enquanto ambiente criador/potenciador de capital social.” (Dionísio, Freitas, Nunes e Calixto, 2012, s.p.). É nesta dimensão do espaço da biblioteca que a animação da leitura, pode ser um meio de dar vida a estes espaços e assim chamar mais públicos a eles.

A animação da leitura remete para a ação de dar alma, vida, incentivo, dinamizar e comunicar a leitura. Este tipo de animação pretende motivar e criar nas pessoas o gosto pelos livros e pela leitura, impulsionando a sua prática. É uma animação orientada a partir de alguns princípios chave, sendo um deles: a leitura é “um ato individual que escapa a qualquer generalização” (Poslaniec, 2006, p.9), ou seja, a leitura nunca deve ser dispensada em detrimento de outro tipo de atividade. O ato de ler deve estar sempre no cerne de uma ação de animação da leitura, uma vez que se pretende impulsionar nas pessoas o hábito de ler, desenvolvendo competências de compreensão, interpretação e crítica e de construção de conhecimentos culturais e literários. Barbosa explica que:

Ler é atribuir significados, é interpretar o mundo produzindo sentidos, traduzindo fatos e imagens para a sua própria codificação, tentativa de recontar a aventura humana por meio das linguagens. Ler é tomar de empréstimo fragmentos de saberes com a perspectiva de coordenar, articular, juntar partes, tecer uma trama. Inventar um texto é recriação - processo de reinvenção em constante transformação, potenciando afetos, trabalhos e lutas (Barbosa, 2008, p.335).

É com estes pressupostos que se revela igualmente importante dinamizar a leitura em paralelo com outras linguagens artísticas. Contudo, o exercício de ler deve ser voluntário e deve ser estimulado dentro e fora dos contextos escolares e de forma regular, portanto, deve ser um ato incentivado desde cedo nas crianças, pois ninguém nasce a

saber ler. Ler é antes, um exercício em construção contínua. Ler não deve ser uma obrigação, uma vez que se a leitura for imposta, corre-se o risco de afastar as crianças desse ato. Como refere Poslaniec “para incentivar as crianças a gostar de ler, o primeiro passo é agir de modo a que elas descubram as suas próprias motivações para ler, quer sejam conscientes, quer permaneçam sobretudo inconscientes” (Poslaniec, 2006, p.12).

Como tal, é necessário promover espaços onde as crianças possam expor as suas ideias, as suas questões e críticas no que concerne aos textos selecionados, assim como criar estratégias que sejam facilitadoras do diálogo entre a leitura e as novas tecnologias, capazes de mobilizar os mais novos a participar em atividades de animação da leitura com dinâmicas proactivas, onde os gostos e os interesses dos indivíduos são tidos em consideração. Existem atualmente dinâmicas que auxiliam as crianças a envolverem-se na leitura. Como sustenta Mello “A leitura como jogo é também um tipo de criatividade reconstruída dos textos, mas num formato diferente de reescrita que pode tomar a forma de reconto, resumo, ou história em quadradinhos” (Mello, 2017, p.25).

Através de várias atividades em torno do acto de ler um livro, as crianças são desafiadas a refletir e a penetrar no interior daquilo que estão a ler de uma forma lúdica e divertida, ampliando assim, as capacidades de interpretação, associação de ideias, de poder de síntese relativamente às leituras que realizaram. Tal como evidencia Mello

É pela ação experimental que a criança tem acesso a atividades que caracterizam objectivos comportamentais no domínio da expressão, mediante a leitura, como o jogo; a improvisação dramática; as potencialidades operatórias do conceito de focalização do narrador; a interação sinestésica; a resolução de problemas; a intertextualidade (Mello, 2017,p.25).

A roda dos livros é também uma dinâmica de animação leitora em que se apresentam uma serie de livros de uma forma interativa, incentivando-se os elementos do grupo a descobrirem e a explorarem temas, personagens e certas ações a partir de trechos de um texto ou mostrando ilustrações, ou inventando mais personagens e cenários para os

textos lidos, transmitindo as ideias chave de determinados livros. Tudo isto para que o grupo tome iniciativa de escolher um livro que lhe interessa. Tal como Terwagne menciona

«Cercle de lecture» tout dispositif didactique qui permet aux élèves rassemblés en petits groupes hétérogènes, d'apprendre ensemble à interpréter et à construire des connaissances à partir de textes de littérature ou d'idées. De Telles interactions entre lecteurs favorisent à la construction collective de significations et l'intériorisation par chaque élève de stratégies fines d'interprétation (Terwagne, 2003, p.7).

Pode também incentivar-se o grupo a realizar um diário de leitura onde se apresentam sugestões para que os participantes compreendam melhor o que leram. A leitura transforma-se assim, num jogo em que o faz de conta pode ser real nas nossas vidas, pois o diálogo com os livros incita a imaginação, a capacidade de nos reinventarmos e de nos reconstruirmos continuamente. Na leitura jogo, os grupos têm liberdade para escolher as atividades, no entanto como se trata de um jogo, há regras que devem ser cumpridas. Neste tipo de leitura, os elementos do grupo podem criar bonecos ou brinquedos para contar as histórias, podem manipular fantoches e criar personagens fictícias. Os livros têm, manifestamente, um poder evolutivo porque mexem com a imaginação, com referências pessoais e culturais e colocam as pessoas num diálogo interior frequente, abrindo espaço para o autoquestionamento, e para o autoconhecimento que conduz à transformação do ser humano. Os livros dão corpo aos sentimentos, às emoções, aos dilemas, aos sonhos através de representações simbólicas e metafóricas criadas pelo pensamento imaginativo. Tal como Poslaniec (2006) refere

(...) o livro possui em primeiro lugar esta função: suscitar mais cedo possíveis condutas de imitação, conduzir à vida e à ação. Fazer jogar as articulações novas ou enferrujadas da imaginação, da nossa imaginação demasiado censurada por uma tradição de cartesianismo austero e de arbitrário religioso. Fazer jogar a sublimação em todos os sentidos do termo e prolongar o jogo concreto por um outro prazer (Poslaniec, 2006, p.63).

As atividades de leitura possibilitam a exploração, a compreensão e a interpretação dos textos lidos e contribuem para o desenvolvimento da criatividade, de habilidades de leitura, de escrita e de expressão oral das pessoas. A leitura amplia e reconstrói a nossa visão relativamente ao mundo que nos envolve. Como salientam Saraiva, Müge e Cols, citando Bettelheim (1990)

Se gostamos de ler, os livros enriquecem nossas vidas como nada mais é capaz de fazer. Alguns lançam nova luz sobre problemas que nos exasperam, outros abrem novas visões do mundo, do homem em geral e – o que é mais importante – de nós mesmos (Saraiva, Müge & Cols, 2008, p. 38).

A atividade de ler pode ser assim, um lugar de exteriorização de ideias, emoções e sentimentos relativamente a um determinado assunto que implica o acesso a uma linguagem recheada de conceitos numa perspectiva não só pessoal como também de relação com os outros, com o exterior. Para além disso, a leitura pode ser também, um lugar de catarse onde os leitores podem exprimir as suas emoções e sentimentos por exemplo, através de personagens que desencadeiem neles processos de transferência de sentimentos, ideias e emoções. A leitura pretende impulsionar nas pessoas competências linguísticas, culturais, relacionais e sociais e simultaneamente proporcionar experiências e a fruição de construção de satisfação intelectual, estética e cultural.

A ligação entre o homem e a leitura deve ser um valor alimentado, pois essa relação confere ao homem a possibilidade de pensar, criar e evoluir. A leitura é uma arte, como referem Saraiva, Müge, e Cols “As artes são fazeres humanos cuja verdade não está na correspondência com o real vivido, mas na proposta assumida de um vir a ser (...), que é simultaneamente antecipação e retorno, memória e força de criação” (Saraiva, Müge, & Cols, 2008, p. 29).

Segundo Poslaniec (2006) podemos agrupar as atividades de animação leitora em quatro categorias: as animações de informação; as animações lúdicas; as animações responsabilizadoras e as animações de aprofundamento. As animações de informação têm como finalidade dar a conhecer à criança uma panóplia de livros com diversos temas, com personagens, textos e imagens apelativas que possam despertar o seu interesse e a sua curiosidade. Neste tipo de animação, o importante é colocar grupo a manusear uma serie de livros. No que se refere às animações lúdicas, podemos referir que o seu intuito é conceber uma serie de atividades livres onde as crianças possam desempenhar papéis que sabem que são diferentes dos desempenhados na vida real. Este tipo de animação pode recorrer à elaboração de marionetas, de fantoches e bonecos a partir das personagens dos livros, associar objetos a livros por exemplo. A animação da leitura incide assim, na utilização de várias linguagens artísticas que são estratégias promotoras da leitura, para além de possibilitarem o desenvolvimento de múltiplas competências advindas deste entrosamento. A animação da leitura que integre a expressão dramática viabiliza processos cognitivos criativos de autoconhecimento e de socialização, para além de aproximar pessoas ao imaginário e aos sonhos, estimulando nelas variadas competências criativas e imaginativas.

Recorrendo aos objetivos gerais da expressão dramática dirigida a crianças, segundo Aguilar (2001) a criança pode, através da expressão dramática “experimentar, explorar e expressar” a sua opinião, a sua conceção do mundo que a rodeia, recorrendo ao seu corpo e à linguagem verbal para comunicar essas perceções e imaginar e recriar outras. Também “desenvolve a autonomia, a sociabilidade, o espírito de cooperação” pois ao estar em contacto e ao colocar-se na “pele” dos outros acaba por desenvolver uma consciência dos outros e das suas necessidades mais profundamente, além de aprimorar a sua capacidade de avaliar e questionar a realidade. A criança aprende ainda a adaptar-se a novas realidades e a novas situações, além de que adquire também o desenvolvimento da literacia artística e aprende a representar conceitos abstratos através do pensamento simbólico e metafórico. Podemos dizer que as crianças quando criam novas personagens ou novos fins para as histórias que ouviram estão a projetar

nessas criações os seus pensamentos, sentimentos e ideias que muitas vezes, se encontram no seu inconsciente. Assim como refere Aguilar citando Eduardo Sá (2000) “ Brincarem às histórias, é uma forma das crianças encenarem os seus medos, se resguardarem de tristezas silenciosas que as ocupam, de agredirem sem agredir sempre que se sentem reconhecidas na ira de um herói” (Aguilar, 2001, p.19).

A expressão plástica é outra linguagem artística que interage muito bem com a animação da leitura. Após a leitura de uma história, a expressão plástica permite compreender a genuinidade dos traços, das colagens, das pinturas que revelaram as preocupações conscientes e inconscientes das pessoas que as realizam de forma genuína e verdadeira. Como podemos perceber pelas palavras de Civit e Colell: “El Arte no es únicamente una forma de expresión, es una forma de conocimiento” (Civit & Colell, s.d., p.115). A expressão plástica é assim uma linguagem artística que torna concreta e “palpável” a realidade que se imagina no decorrer da narração das histórias. É uma forma de manifestar materialmente o que as crianças compreendem, vivenciam e sentem a partir da história e das personagens do livro. Para além disso, quando se realizam *ateliers* ou oficinas no seguimento da animação da leitura, os grupos podem expressar-se livremente através da utilização de materiais diversos, em que aprendem a manuseá-los e a modificá-los.

A música é outra linguagem artística que contribui para uma dinamização mais rica e criativa das histórias. Ouvir o sentido da palavra com a ajuda do som, coloca a imaginação a ferver. A música ou os sons que se atribuem à história revelam interessantes e criativas narrativas. A música viaja no espaço, envolve as crianças, reporta-as para um imaginário que se alimenta e se desenvolve a partir dos sons, afastando o condicionalismo da imagem, um lugar de todos os possíveis onde a realidade é diferente, onde tudo se transforma, onde tudo se revela. Tal como refere Alberto Sousa “Na educação musical, pretende-se eminentemente proporcionar à criança meios para satisfazer as suas necessidades desenvolvimentais, sobretudo as necessidades de exploração e integração no mundo sonoro, de expressão e de criação. O objetivo é a

criança” (Sousa, 2003, p. 20). A utilização da música na transmissão e dinamização da literatura constitui uma maneira inovadora e rica de contar uma história. Os sons e a música sugerem ambientes e imagens múltiplas completando o sentido semântico das palavras e permitindo ver mais além. Os sons que emergem das histórias provocam uma envolvimento e uma experiência sensorial distinta. Existem alguns textos literários dedicados aos mais novos que foram transformados através da música e da sonorização que cada compositor inventou para cada uma delas. Para cada história foi composta uma música original por um compositor. As músicas para cada uma das histórias remetem, enunciam e desenham o sentido das palavras. Através de diversas concepções musicais, podem criar-se *ateliers* de animação da leitura, envolvendo sons que se propagam pelo espaço, transformações da voz, onde a imaginação das crianças, promovida pelos efeitos sonoros, podem divagar ao ritmo de cada enredo. A música possibilita a descoberta do sentido semântico e poético das palavras. De acordo com Alberto Sousa

A fala é a criação de sons através do mais aperfeiçoado e do mais belo dos instrumentos - a voz - possuindo ainda um significado representativo diferente consoante o código sonoro - semântico utilizado (português, francês, inglês, etc.), não existindo qualquer diferença entre a leitura de palavras ou a da notação de uma pauta de música (Sousa, 2003, p.21).

Face ao exposto, a educação pode ter um papel importante se possuir nas suas ações alguma flexibilidade, se assumir uma postura comunicativa e dinâmica, vocacionada principalmente para a construção de uma sociedade democrática, assente numa concepção do ensino que prepare as pessoas para a vida e que as apetreche de competências, não só no âmbito das aprendizagens cognitivas como também nas áreas emocionais, sociais e culturais que são indispensáveis para o desenvolvimento integral das mesmas. Rodrigues realça que “Só o ensino, uma educação poética, estética, nos permitirá esse desabrochar pleno em nós próprios, enquanto criadores, ainda que em múltiplas e diferentes áreas, isto quer sejamos investigadores, artistas plásticos, escritores, professores, gestores, políticos, economistas, etc” (Rodrigues, 2011, p.9).

Capítulo II - Metodologia

2. Problemática e pertinência

A arte e a cultura interligam as pessoas ao meio em que vivem, desencadeando relações pessoais e sociais indispensáveis ao desenvolvimento global do ser humano e da sociedade. Neste quadro, a arte propõe a participação de forma livre, plena, igual e criativa na vida cultural em que a democracia é expressa e sustentada pela cultura. Desta forma, a cultura permite às pessoas afirmarem-se, expressarem-se e intervirem nas suas comunidades. Tendo estes pressupostos como pano de fundo, a presente investigação pretendeu conhecer as relações de enriquecimento entre a educação e a cultura e perceber em que medida esta relação fomenta o desenvolvimento local. A investigação procurou assim compreender quais os contributos das Artes no desenvolvimento de processos comunitários, debruçando-se sobre a importância da cultura, das artes e da educação no *empowerment* das comunidades.

Este projeto de investigação desenvolveu-se em torno de duas etapas. Na primeira etapa pretendeu-se estabelecer um paralelismo entre os conceitos cultura, artes e comunidades partindo da análise das relações existentes entre estes fenómenos. Foi objetivo da investigação diagnosticar, analisar e compreender como é que estes fenómenos se unem entre si e em que medida é que estas relações contribuem para o desenvolvimento da comunidade de Pontével, assim como para a sua mobilização e inovação.

Nesta linha de pensamento, considerou-se fundamental conhecer e interpretar os interesses desta comunidade ao nível cultural, que refletissem a forma como as pessoas avaliam e se interessam pela cultura e pelas práticas culturais. Propôs-se compreender as suas motivações no que diz respeito à cultura. Neste contexto, revelou-se importante investigar as suas perspetivas, com a finalidade de posteriormente se elaborar um projeto de intervenção que se adequasse aos seus interesses, às suas necessidades e às

suas expectativas, indo ao encontro do defendido por Biklen “a investigação visa a descoberta, a descrição, a explicação e a indução. É orientada mais para o processo do que para o resultado: a sua finalidade é compreender, mais do que dominar” (Biklen, 2013, p. 22).

Sabemos à partida, que a cultura é um fenómeno que acontece a partir da relação que as pessoas estabelecem umas com as outras, criando códigos, símbolos e tradições que derivam dessa mesma relação, pois, tal como realça Martins “O Homem é dado a viver na relação. Este é o espaço do diálogo, da diferença, do exercício da tolerância e da aceitação. Aqui começa a cultura” (Martins, 2009, p. 48). Destarte, a cultura mantém viva a identidade de uma comunidade e neste âmbito considerou-se pertinente refletir sobre as dinâmicas e as linguagens artísticas utilizadas pelas associações que dinamizam a cultura. Nesta perspetiva, importou refletir em que estado se encontram as organizações culturais, como criam e enriquecem a cultura e como se organizam em prol do desenvolvimento local.

No que concerne à segunda etapa do projeto, tendo como alicerces as ilações retiradas da etapa acima descrita, foi necessário definir um plano de ação que correspondesse às necessidades e aos interesses manifestados pela comunidade. Como constata Aires, “ O projeto de pesquisa descreve um conjunto flexível de linhas orientadoras que relaciona os paradigmas teóricos com as estratégias de pesquisa e os métodos de recolha do material empírico” (Aires, 2011, p.20).

Os resultados obtidos na 1ª etapa do projeto deram conta de algumas fragilidades respeitantes à inovação cultural da Freguesia, assim como da vontade da comunidade de poder ter acesso a novos espaços que aproximem pessoas e que viabilizem novas aprendizagens que as façam evoluir culturalmente. Pudemos também verificar que as pessoas da comunidade se interessam pela realização de atividades artísticas e culturais que preservem a identidade cultural da sua localidade, mas que simultaneamente contribuam para a sua recriação e inovação, ultrapassando deste modo, alguns modelos

de ação que consideram ultrapassados e que tendem a excluir pessoas do acesso à cultura.

Com base nestes dados, e decorrente da questão de investigação, foi necessário preparar a intervenção, que de uma forma operativa tentou responder aos seguintes objetivos de investigação:

Objetivo geral

- Compreender quais os contributos das Artes no desenvolvimento de processos comunitários.

Objetivos Específicos

- Realizar o levantamento das necessidades e interesses da Comunidade a nível local;
- Analisar e interpretar os interesses da Comunidade ao nível cultural;
- Perceber em que estado se encontram as Associações culturais locais e como se organizam em prol do desenvolvimento local;
- Refletir sobre a relação entre educação e cultura no que concerne ao desenvolvimento local;
- Estimular a participação da Comunidade na recuperação da Biblioteca;
- Criar um espaço cultural, designadamente a partir da recuperação da Biblioteca da Freguesia, no Edifício da Antiga Escola Primária de Pontével em articulação com a Comunidade;
- Realizar parcerias com as Associações culturais da Freguesia de modo a envolver mais intensamente a Comunidade nas atividades por elas promovidas;
- Dinamizar a Biblioteca com *ateliers* criativos abertos à Comunidade;
- Contribuir para o combate do isolamento da Comunidade e da indiferença social.

2.1 Abordagens Metodológicas

2.1.1 *A Investigação Qualitativa*

A presente investigação assenta no paradigma qualitativo que abrange um conjunto epistemológico aberto e multidimensional. Este tipo de investigação sustenta a sua ação no estudo e na análise inerente à complexidade, subjetividade e especificidade das intenções, dos significados e dos sentidos que a pessoa ou um grupo de pessoas atribui a um determinado fenómeno, problema ou contexto. Tal como Coutinho evidencia “Investigar implica interpretar ações de quem é também intérprete, envolve interpretações de interpretações – a dupla hermenêutica em ação. A interpretação da parte depende da do todo, mas o todo depende das partes” (Coutinho, 2014, s.p.).

A partir da análise de signos, sentidos e significados assim como dos motivos que levam as pessoas a adquirirem determinadas ideias, conceitos e perspetivas, a investigação qualitativa pretende aliar os fundamentos teóricos aos contextos de intervenção. Ou seja, ao conhecer uma determinada realidade com mais profundidade, consegue-se definir e estruturar planos de ação que poderão responder com mais clareza, assertividade e precisão aos problemas e necessidades desse mesmo contexto, ao mesmo tempo que se vão construindo novos conhecimentos. É neste sentido, que se afirma que esta investigação assumiu um carácter dinâmico e flexível, uma vez que esteve em permanente (re)construção a par com os problemas que foram surgindo no decorrer das suas práticas.

Não obstante, o método qualitativo assume uma dimensão hermenêutica, na medida em que é preciso conhecer as especificidades do contexto para entender as partes que o compõem. Neste âmbito, pretende-se compreender os valores, os comportamentos e fenómenos intrínsecos à vida do ser humano, partindo dos factos, atribuindo assim a validação da investigação com base nas formas de pensar e de viver das pessoas, dos

grupos e das comunidades. Conforme menciona Clara Coutinho, seguindo as ideias de Gadamer (1975)

A investigação é, então, como que uma fusão de horizontes, já que, consciente das suas ideias pré - concebidas – *o seu horizonte* – o investigador busca incessantemente o conhecimento abrindo a *sua* a outras perspectivas (outros horizontes) que com ele se fundem, completam e expandem (Coutinho, 2014, s.p.).

Tendo em conta o exposto, o projeto que aqui se apresenta pretendeu explorar e entender as percepções da comunidade no que se refere à vida cultural da sua localidade, obtendo evidências que pudessem sustentar a definição de planos de ação, que correspondessem às suas reais necessidades e interesses. Tal como evidência Marcelino Lopes “Os problemas práticos supõem a ação e implicação, são problemas sobre o que fazer, sendo que a solução se encontra fazendo alguma coisa” (Lopes, 2011, p.330).

2.1.2 *Investigação-Ação*

A investigação-ação foi o método utilizado no projeto, pois sustenta o seu processo na realidade social. O seu objeto de estudo insere-se na área social, nomeadamente na educação e na cultura a partir de problemas que advêm da prática dos exercícios da vida educativa e cultural e que necessitam de uma intervenção colaborativa, cujos processos orientam toda a intervenção, impossibilitando a antecipação e a previsão dos resultados. Daí a necessidade de refletir e avaliar continuamente os objetivos e os processos de intervenção para que a teoria e a prática se complementem em prol da qualidade da intervenção.

O processo de investigação-ação não se confina a uma só fase, na medida em que se ambiciona através desta metodologia realizar mudanças nas práticas, com o objetivo de

alcançar melhorias, sendo que a sequência das fases desta investigação se realizam com frequência, havendo necessidade por parte do investigador, de explorar e analisar todo o conjunto de interações que vão sucedendo ao longo do processo, e inclusive, efetuar alguns reajustes na investigação do problema. Por isso, a investigação-ação é sempre um processo sem fim, pois pressupõe uma funcionalidade cíclica com início na definição de um problema, a partir da prática, passando pela procura de motivos, características, dimensões intrínsecas a uma dada realidade. Posteriormente, estabelece relações que conduzem a evidências precisas, procedendo à análise de dados que conduzirá à criação de planos de ação que visem a melhoria das situações apresentadas como problemáticas. Depois, haverá necessidade, de refletir sobre as decisões tomadas que, por sua vez, irão remeter para eventuais ajustes e renovações dos planos de ação inicialmente delineados, pois tal como Marcelino Lopes refere, baseando-se nos contributos de Contreras (1994),

Desde este momento, começa o segundo ciclo, no qual se recompilam de novo as evidências da prática, que conduzirá a um novo momento de análise e ao diagnóstico do estado “renovado” do problema, ou das novas circunstâncias e problemas que se desencadeiam ao introduzir outro curso da ação (Lopes, 2011, p.133).

A investigação-ação é assim uma metodologia que se conjuga com os fundamentos teóricos e práticos deste projeto, vislumbrando a educação e a cultura como âncoras do desenvolvimento sustentável, alicerçando as suas ações numa investigação que reclama a participação e o envolvimento da comunidade na resolução dos problemas por ela identificados. Neste sentido, foi objetivo basilar do presente projeto, integrar e mobilizar a comunidade na elaboração de planos de ação, nomeadamente por meio do estabelecimento de diálogos frequentes com vários agentes comunitários, o que possibilitou um processo de reflexão constante das ações que se iam desenhando. De acordo com Lopes, citando Lúcio-Villegas (2007)

(...) a investigação-ação é uma oportunidade quotidiana para reconstruir a realidade, fazendo emergir novas situações e factos, culturas e práticas, por vezes invisíveis e silenciadas: a investigação-ação rompe com a dinâmica de fatalismo e *permite*

reorientar as energias transformadoras quando as pessoas descobrem – e se descobrem como seres activos - as suas possibilidades de compreender e actuar sobre a realidade social (Lopes, 2011, p. 120).

2.2 Instrumentos de Recolha de Dados

2.2.1 Entrevista Semiestruturada

A entrevista semiestruturada foi o instrumento privilegiado no processo de recolha de dados, na medida em que, pelas suas características corresponde aos objetivos da investigação. A entrevista semiestruturada foi utilizada para se conseguir compreender melhor o sentido e o significado que os entrevistados atribuem a determinados fenómenos, emitindo uma serie de informações que revelam as suas formas de pensar e interagir. Esta técnica também dá conta de como as pessoas constroem e organizam os seus pensamentos relativamente a si próprias, a determinados assuntos e também o que pensam sobre a ação de outros no que se refere a um determinado contexto. Com a entrevista, é possível relacionar conceitos e estabelecer paralelismos que conduzem à produção de conhecimentos. Como salienta Luísa Aires “A entrevista nasce da necessidade que o investigador tem de conhecer o sentido que os sujeitos dão aos seus actos e o acesso a esse conhecimento profundo e complexo é proporcionado pelos discursos enunciados pelos sujeitos ao longo da mesma” (Aires, 2011,p.29).

No entanto, este tipo de entrevista revela também algumas limitações, que foram tidas em consideração neste estudo. Antes de mais, houve a preocupação com o cuidado e estratégia na formulação das questões para que as perguntas fossem bem formuladas, levando ao rigor e fiabilidade na recolha de dados. Por isso, evitaram-se perguntas que conduzissem a respostas fechadas, como sim ou não. Tal como explicam os autores Vieira, Marques, Silva, Vieira e Margarido “Quer isto dizer que as questões não podem sugerir respostas de tipo sim/não, induzir respostas, impor o quadro de referência do investigador ou denunciar o modelo de análise da investigação” (Vieira, Marques, Silva,

Vieira & Margarido, 2016, p.145). Não obstante, também foi necessário conduzir a entrevista de modo a que as pessoas não se afastassem dos objetivos reais da entrevista.

No seguimento destas orientações, o guião de entrevista do presente projeto reuniu perguntas abertas, onde os entrevistados tiveram a hipótese de desenvolver o tema abordado¹ num ambiente informal. Como referem Ghiglione e Matalon “Na entrevista semi-directiva existe um esquema de entrevista (grelha de temas, por exemplo). Porém, a ordem pela qual os temas podem ser abordados é livre; se *e*. [entrevistado] não abordar espontaneamente um ou vários temas do esquema” (Ghiglione & Matalon, 2001, p.92).

O guião da entrevista foi elaborado com base nos objetivos, nas problemáticas e nas dimensões da entrevista, em que se tentou construir questões que permitissem compreender com mais clareza as perceções e os significados que os entrevistados atribuem aos temas. Tal como Isabel Guerra explica,

A questão mais importante é a clarificação dos objetivos e dimensões de análise que a entrevista comporta. De facto, mesmo ao nível exploratório, mas sobretudo ao nível analítico, a necessidade de comparabilidade entre os sujeitos e o evitamento da descrição que prepara a interpretação exigem um questionamento complexo que vai muito para além do senso comum, seguindo «hipóteses explicativas» que permitem interpretar os fenómenos em análise (Guerra, 2006, p.53).

Deste modo, o guião da entrevista semiestruturada integrou as problemáticas, as dimensões e os objetivos da entrevista, assim como as questões básicas a explorar, como recordatória, pois este tipo de entrevista pressupõe no seu decurso, o estímulo à livre expressão do entrevistado.

Neste projeto, foram aplicadas entrevistas semiestruturadas a cinco pessoas residentes na freguesia de Pontével com idades compreendidas entre os 19 e os 68 anos, sendo que

¹Vide em anexo nº 1 o guião da entrevista semiestruturada dirigida à comunidade.

três pessoas eram do sexo feminino e duas do sexo masculino, possuindo duas delas o grau de licenciatura e as outras três, habilitações ao nível do ensino básico e secundário. Os critérios de seleção dos entrevistados tiveram em conta a idade dos mesmos, uma vez que seria pertinente tentar compreender as perspetivas e expectativas de pessoas de diferentes faixas etárias que pudessem transmitir a visão de cada geração relativamente às questões inerentes aos tópicos da entrevista. Outro critério de seleção foi a diversidade da formação académica dos entrevistados, pois seria interessante perceber se haveria diferenças e/ou semelhanças no que se refere à perspetiva e às expectativas destas pessoas no que diz respeito à cultura. Por fim, outro critério de seleção foi a ausência de ligação direta dos entrevistados a uma associação cultural ou instituição social da freguesia, com a finalidade de tentar perceber a perspetiva de quem está mais afastado da vida associativa e cultural e qual a sua visão e motivação relativamente à vida cultural da sua freguesia.

2.2.2 A Entrevista ao Grupo de Foco

A técnica de entrevista com um grupo permite reunir uma grande quantidade de informação, assim como incentiva os participantes a colaborarem mais ativamente na abordagem a determinados assuntos comuns aos seus membros, permitindo assim ao investigador ter acesso às formas de pensar e de agir de um determinado grupo. Não obstante, esta técnica pode também induzir e influenciar as pessoas a terem as mesmas perceções relativamente a alguns temas, afastando as opiniões individuais e subjetivas. Por outro lado, podem compreender-se os consensos, as convergências e o tipo de diálogo que os membros do grupo estabelecem entre si. Como refere Aires “ Aqui o grupo opera no terreno do consenso na medida em que o sentido é o próprio lugar de convergência dos sujeitos numa topologia de carácter colectivo” (Aires, 2011, p.39).

A entrevista com um grupo, apesar de não proporcionar conhecimentos no que toca a comportamentos individuais, é utilizada para compreender as representações que o coletivo atribui a um determinado tema.

Tendo por base estes pressupostos, a técnica de entrevista² ao grupo de foco foi utilizada para provocar no grupo uma discussão relativamente a um assunto que os ligava entre si, nomeadamente a educação cultural e artística, constituindo assim uma forma de compreender melhor a complexidade das relações que estes grupos estabelecem, assim como a sua perceção subjetiva da realidade. Com esta técnica, pretendeu-se estabelecer uma triangulação de informação que complementasse a técnica de entrevista semiestruturada anteriormente aplicada às pessoas da comunidade, uma vez que as associações culturais apresentam-se como impulsionadoras de vivências culturais e artísticas e desenvolvem atividades destinadas às pessoas da comunidade. Assim como Aires refere “A entrevista de grupo pode ser usada para triangulação de informação ou em conjunto com outras técnicas” (Aires, 2011, p.37).

Esta técnica foi realizada com um grupo de dirigentes das associações culturais da freguesia de Pontével, com o objetivo de efetuar uma primeira abordagem do tema e tentar perceber quais as necessidades, interesses e fragilidades com as quais estas organizações se deparam, segundo as suas perceções. Nesta reunião, foi elaborado um painel onde se anotaram os pormenores, os detalhes e as ideias que o investigador ia retendo, a partir da aplicação desta técnica de recolha de dados.

2.2.3 O Diário de Bordo

O Diário de Bordo é um instrumento que possibilita ao investigador organizar, sintetizar e registar pensamentos, ideias, perceções que foi adquirindo a partir da sua prática, permitindo-lhe realizar associações e comparações e simultaneamente refletir com mais profundidade sobre a sua ação. Podemos considerar que os diários de bordo se apoiam na interpretação subjetiva do investigador a partir das notas de campo que vai descrevendo mediante os factos da realidade que vão sendo observados. Assim sendo, o Diários de Bordo e as notas de campo servem para realizar uma análise detalhada da realidade percecionada a partir da prática. Como refere Marcelino Lopes “ As notas de

² Vide em anexo nº 2 o guião da entrevista dirigida ao grupo de foco.

campo são o relato daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso do trabalho de campo” (Lopes, 2011, p.77).

Desta forma, é possível realizar uma reflexão autónoma e crítica subjacente à observação participante, buscando evidências que irão sustentar o trabalho de intervenção. Com este instrumento, o investigador desenvolve a prática científica, sobretudo porque recorre ao seu sentido crítico e analítico e ao discernimento de mecanismos concretos e subjetivos da realidade externa que observa. E é no confronto desta realidade com a sua realidade interna que vai construindo ilações autênticas, fundamentadas com a teoria e em processos empíricos. Tal como salienta Marcelino Lopes acerca da dimensão reflexiva que estas notas de campo comportam “A componente reflexiva é aquela que apreende mais o ponto de vista do observador, as suas ideias e preocupações e também que permite estabelecer a interpelação permanente entre a teoria e a empiria” (Lopes, 2011, p.78).

Ao descrever e interpretar os factos concretos que se vão observando, facilita o tratamento e a análise de dados, permitindo analisar a relação entre a teoria e a prática. Com base nestas ideias, o Diário de Bordo³ foi utilizado neste projeto, para reflexão e avaliação das sessões de intervenção aplicadas, em que a investigadora registou e relatou factos ocorridos nas sessões, assim como procedeu à sua análise e interpretação, tendo como referências leituras inerentes às temáticas intrínsecas à investigação.

2.2.4 Inquérito por Questionário

O inquérito por questionário é utilizado na área das ciências sociais para descobrir e apurar informações importantes através da opinião das pessoas. Este instrumento integra um conjunto de perguntas dirigidas às pessoas sobre as suas ideias, sentimentos e perspetivas relativamente a um assunto que as envolve. Tal como evidencia Carmo e Ferreira sobre o inquérito por questionário: “é um processo em que se tenta descobrir

³ Vide em anexo nº 3 e nº4- Diários de Bordo inerentes às sessões de intervenção.

alguma coisa de forma sistemática” (Carmo & Ferreira, 1998, p. 123). Os questionários podem ser estruturados ou pouco estruturados, sendo que o estruturado envolve perguntas muito diretas, limitando mais as respostas das pessoas, enquanto os inquéritos pouco estruturados integram perguntas menos diretas que fornecem aos inquiridos uma maior liberdade para exporem e desenvolverem as suas opiniões. Como explica Maria Dias “O questionário orienta-se por obter factos precisos, não induzidos” (Dias, 2009, p.220). Contudo a maior desvantagem associada a este tipo de questionário é o facto de as pessoas poderem emitir respostas equívocas ou demasiado abrangentes. Porém, este instrumento permite apurar informações relacionadas com atitudes e motivações pessoais e foi nesta perspetiva que o inquérito por questionário foi utilizado neste estudo. Este questionário cujo exemplo se pode visualizar em anexo nº 5, foi utilizado para perceber o grau de satisfação dos participantes relativamente às atividades desenvolvidas na intervenção, de forma a verificar se haveria necessidade ou não de realizar ajustes nos planos de ação. Neste sentido, em cada eixo de intervenção, foram aplicados com perguntas pouco estruturadas e abertas para que os participantes pudessem livremente expor as suas ideias, sentimentos e opiniões sobre o que a ação que os envolvia. As perguntas foram elaboradas tendo em conta a estrutura de cada sessão.

2.3 Técnica de análise de dados

Para efetuar o tratamento dos dados recolhidos, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo. A análise de conteúdo compreende uma comparação entre as referências teóricas sobre um determinado assunto e o material empírico recolhido. Os dados recolhidos fazem parte do material empírico que procura apresentá-los e refletir sobre eles para os transformar em evidências observadas no contexto empírico. Desta forma, o tratamento de dados pressupõe a descrição e a interpretação de todo esse material,

onde se estabelecem relações e paralelismos entre as informações recolhidas e os factores que as envolvem. Tal como Isabel Guerra refere

(...) a análise de conteúdo tem uma análise descritiva que visa dar conta do que nos foi narrado e uma dimensão interpretativa que decorre das interrogações do analista face a um objeto de estudo com recurso a um sistema de conceitos teórico-analíticos cuja articulação permite formular as regras de inferência (Guerra, 2006, p.62).

A análise de conteúdo engloba assim uma análise ordenada de todo o material que se conseguiu recolher. É a partir desta análise que se formulam categorias e subcategorias que vão permitir sistematizar e interpretar os dados. Tal como salienta Luísa Aires “As análises válidas são imensamente apoiadas pela exposição de dados e orientadas para a visão total de um conjunto de dados, sistematicamente organizados, de modo a responder às questões subjacentes à pesquisa” (Aires, 2011, p.48).

Assim, neste projeto, os materiais recolhidos através dos instrumentos de recolha de dados, revelaram evidências que deram origem à definição de categorias e subcategorias inerentes às sessões de intervenção nos dois eixos definidos “*EntreLaços e Letras e Outras coisas...*” e “*Ritmos D’Arte – Objetos, Histórias e Memórias*”. A partir dos aspetos mencionados, inclusivamente nos Diários de Bordo inerentes à intervenção, elaboraram-se grelhas⁴ onde se expõem todas as evidências relacionadas com as sessões, de forma a analisar o processo de evolução das mesmas. As grelhas de análise dos Diários de Bordo também distinguem e identificam as categorias e as subcategorias intrínsecas às sessões de cada eixo de intervenção, agrupadas pelo conjunto das 4 sessões que foram realizadas, embora tenha havido uma interrupção entre as sessões, devido ao aparecimento da pandemia. Assim, as duas primeiras atividades foram desenvolvidas entre os meses de fevereiro e março e as duas últimas, somente em julho.

⁴ Vide em Anexo nº 22 e nº23 - Grelhas de Análise dos Diário de Bordo inerentes aos eixos de intervenção

2.4 Caraterização do Contexto de Intervenção e dos Participantes

Pontével é uma freguesia do concelho do Cartaxo, distrito de Santarém. A freguesia de Pontével é uma vila habitada por 4614 habitantes, sendo a vila com mais população do concelho do Cartaxo. Em Pontével habitam 2249 Homens e 2365 Mulheres, sendo que somente 3924 habitantes são eleitores. Pontével é uma das freguesias mais antigas de Portugal, foi doada à ordem de Malta, como comenda, por D. Afonso Henriques. A sua história revela que foi uma terra desde cedo habitada pelos nossos antepassados, há milhares de anos, atraídos pela abundância de águas e pela fertilidade das terras.

A Vila de Pontével possui vários locais de interesse histórico e cultural, entre os quais, a Ponte Medieval que deu origem ao nome da Vila, pois conta-se que a rainha Santa Isabel passou por esta ponte e lhe atribuiu o nome de “Ponteval”, devido à sua localização sobre o vale; a Igreja Matriz, um templo muito antigo, que já existia no reinado de D. Afonso Henriques que foi quem a doou à ordem de Malta como agradecimento dos serviços prestados na luta contra os Mouros. Devido à existência de vestígios medievais considera-se que esta igreja se insere no estilo românico rural português, que se desenvolveu no Norte e Centro do país nos séculos XII e XIV; a Ermida de São Gens; a Capela de Nossa Senhora do Desterro e o Coreto para conviver e para ouvir a Banda Filarmónica.

Quanto às Associações culturais que fazem parte da vila de Pontével podemos destacar a Sociedade Filarmónica Incrível Pontevelense cuja atividade desenvolvida se baseia na formação de jovens músicos, com a Escola de música, para além dos concertos e das animações musicais que vão realizando na freguesia e fora dela; a Associação Rio da Fonte - Associação de Defesa do Património Histórico - Ambiental de Pontével que orienta as suas ações nas áreas de investigação, preservação e divulgação do património histórico e cultural da Vila; a Casa do Povo de Pontével que dinamiza diversas atividades, nomeadamente o Rancho Folclórico e Etnográfico, o Atletismo, as Danças, a Ginástica, o Karaté, o grupo cénico “Caspiadas” e Zumba, Atletismo; a União Penedense que promove

a prática de modalidades desportivas e momentos de convívio entre as pessoas da localidade; a União Lagartense que promove atividades artísticas às pessoas da sua comunidade, inclusive Pintura, Dança e Ginástica; o Centro Cultural e Recreativo Amendoeirense que promove a prática de modalidades de dança, de lazer e momentos de convívio entre as pessoas da localidade.

A partir desta breve caracterização do contexto geográfico e cultural onde o projeto se insere, compreende-se que Pontével é uma freguesia que tem um percurso histórico e cultural rico que merece ser preservado, valorizado e inovado, pelo que se tornou pertinente compreender as dinâmicas e as estruturas que caracterizam as associações culturais, assim como a comunidade que as envolve, de forma a realizar uma intervenção enriquecedora naquele espaço, com vista a um desenvolvimento cultural da comunidade e do respetivo meio.

2.5 Etapas do Desenvolvimento do Projeto

A intervenção social integra um conjunto de ações planeadas que visam colmatar as necessidades e fragilidades sentidas nas comunidades. Neste sentido, toda a intervenção social necessita de compreender as necessidades humanas, não só as necessidades primárias como também aquelas que são de ordem pessoal, social e cultural. Serrano explica que as necessidades culturais são:

(...) todas aquelas que se relacionam com os processos de auto realização e de expressão criativa. Nutrem-se, principalmente, das atividades que favorecem a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento do uso crítico ilustrado da razão, das que permitem o acesso a determinados bens, das que favorecem a expressão, constituindo, ao mesmo tempo, formas de iniciação ou de desenvolvimento das linguagens criativas, das manifestações lúdicas e da criação de âmbitos de encontro e de comunicação que favorecem a vida associativa (Serrano, 2008, p.17).

O processo de intervenção social assume várias dimensões. Segundo Carmo (2010), existe a dimensão assistencial que se baseia em assegurar aos indivíduos o acesso às necessidades básicas (alimentação, habitação, vestuário); a dimensão sociopolítica que orienta as pessoas para uma consciencialização dos seus direitos cívicos, sociais, económicos e culturais e a procurar formas de os conseguir obter; a dimensão socioeducativa que pressupõe a aquisição, por parte dos indivíduos, de uma autonomia que lhes dará possibilidade de encontrar e utilizar os seus próprios recursos, desenvolvendo competências pessoais e sociais que o ajudarão a integrar-se de forma satisfatória na sociedade em que vive (Carmo, 2010,p.8). É nesta terceira dimensão de intervenção que o presente projeto se insere pois pretende envolver a comunidade no seu próprio processo de mudança, mais concretamente, ambiciona através de um conjunto de atividades de animação artística que os intervenientes do projeto se expressem e desenvolvam ou aperfeiçoem competências pessoais, sociais e culturais que sejam benéficas para elas. Esta perspetiva de participação comunitária nos projetos de intervenção social é defendida por Paulo Freire (1989), que sublinha a necessidade de incentivar as pessoas a terem espírito crítico e autonomia para decidirem o que querem das suas vidas, sem que os interventores sociais manipulem ou as façam dependentes das suas próprias vontades e ideias.

Esta participação consciente na reconstrução da sociedade, participação que se pode dar nos mais diferentes setores da vida nacional e em níveis diferentes, demanda, necessariamente, uma compreensão crítica do momento de transição revolucionária em que se acha o país. Compreensão crítica que se vai gerando na prática mesma de participar e que deve ser incrementada pela prática de pensar a prática (Freire, 1989, s.p.).

Com estes pressupostos, o projeto integrou duas partes: a primeira etapa do projeto, que consistiu no diagnóstico e no conhecimento da realidade, em que se pretendeu conhecer, descrever e compreender a realidade onde se iria intervir; e a segunda etapa, a da intervenção, que consistiu na elaboração e implementação de um projeto

organizado e detalhado que correspondesse às reais necessidades e interesses da comunidade. Nesta segunda etapa, depois de cada sessão de atividades, era realizada a avaliação, tendo por base o observado e analisado durante a execução da ação. Estamos, assim, em consonância com aquilo que é preconizado pela investigação-ação e que, de acordo com Gomez, citando Lewin, envolve quatro sequências a “planificação”, a “atuação”, a “observação” e a “reflexão” (Gomez, 2008, p.118). Em suma, é necessário conhecer para se fazer, pois é o saber-fazer que possibilita a transformação de uma dada realidade.

2.5.1 Primeira Etapa do Projeto: Diagnóstico e conhecimento da realidade

De acordo com as teorias de Lewin (1946), é necessário ter uma ideia base a propósito de um tema ou problema relevante sobre o qual é delineado um plano de ação, depois, deve identificar-se e avaliar-se o potencial e as limitações desse plano de ação. Posteriormente a esta fase, elabora-se uma revisão do plano inicial com base na análise de conteúdo já recolhido e planifica-se a intervenção, a partir das informações obtidas. Como explica Marcelino Lopes «neste sentido, as quatro grandes sequências que Lewin prevê para o desenvolvimento metodológico da Investigação-Ação (“planificação”, “actuação”, “observação” e “reflexão”) deverão permitir uma aproximação gradual à autonomia das pessoas, a igualdade e a cooperação» (Lopes, 2011, p.118). Foi de acordo com esta perspetiva que se desenhou o presente projeto, sendo que nesta primeira fase, foi levantada a questão de como é que um espaço que outrora foi escola primária desta comunidade poderia ser reaproveitado em prol da mesma, tornando-se num espaço cultural aberto e dinamizado por estas pessoas.

Assim, esta primeira etapa do projeto pretendeu conhecer as expectativas e os desejos das pessoas onde se constatou que a escola primária foi um elemento recorrente nos discursos das mesmas, pelo que se considerou um elemento importante, estruturante, neste trabalho de desenvolvimento de processos comunitários. Desta forma, tornou-se

pertinente pensar como poderia este espaço ser reaproveitado pela comunidade para a criação cultural, utilizando as diversas linguagens artísticas como instrumentos de dinamização e intervenção. Esta ideia foi fruto de algumas perceções pessoais e profissionais respeitantes às relações entre pessoas e espaços, uma vez que o espaço em questão era uma antiga escola primária, onde as pessoas desta comunidade vivenciaram acontecimentos que marcaram as suas vidas. Porém, considerou-se necessário realizar uma investigação que permitisse sustentar e alicerçar as ideias descritas. Sobretudo, importou investigar em que medida existia receptividade da comunidade para este tipo de resposta cultural. Neste sentido, foram delineados objetivos inerentes ao levantamento das necessidades e dos interesses da comunidade de Pontével ao nível cultural.

2.5.2 Segunda etapa do Projeto: A Intervenção

A segunda fase do projeto compreendeu a implementação da intervenção alicerçada na análise dos dados⁵ recolhidos na primeira etapa. Estes dados definiram que a ação se deveria desenvolver tendo por base três eixos de intervenção, a realizar no espaço da antiga escola primária. Na perspetiva de Serrano,

A elaboração de um projeto consiste essencialmente em organizar um conjunto de ações e atividades a realizar que implicam o uso e aplicação de recursos humanos, financeiros, técnicos, numa determinada área ou setor, com o fim de alcançar certas metas e objetivos (Serrano, 2008, p. 18).

É nesta segunda fase, que se elabora um plano de intervenção que visa responder às necessidades e interesses que se evidenciaram na primeira fase de diagnóstico. Ventosa (2017) sugere um esquema que pressupõe a participação ativa dos intervenientes no

⁵ Vide em anexo nº 6 e nº7 - Análise de Conteúdo da Entrevista Semiestruturada à Comunidade da Freguesia de Pontével e Análise de Conteúdo da reunião com o Grupo de Foco- Associações da Freguesia de Pontével.

projeto, em que numa primeira fase se dá a conhecer o projeto à comunidade e pede-se o seu apoio e colaboração, inclusivamente solicita-se às pessoas ideias que tenham para o mesmo; prossegue-se com o processo de cooperação que envolve o estabelecimento de acordos conjuntos, parcerias entre instituições e comunidade, e posteriormente passa-se para a fase da “gestão delegada do projeto” que integra a participação das pessoas no processo de intervenção com a supervisão e orientação do mentor do projeto. Por fim, surge a “gestão autônoma ou autogestão do projeto” que pressupõe a sua continuidade pelas pessoas que participaram ativamente no projecto (Ventosa, 2017, s.p.).

Neste sentido, a primeira ação incidiu na apresentação de algumas ideias de intervenção ao Executivo da Junta de Freguesia da localidade, entre as quais, a ideia de recuperar e dinamizar o espaço da Biblioteca, que se encontrava fechado como se pode visualizar na fig. 1 devido à escassez de recursos materiais e humanos necessários para a sua dinamização. Com esta ideia, a intenção seria levar as pessoas da comunidade a frequentarem um espaço centenário, que outrora foi escola primária de uma grande parte delas, portanto um espaço carregado de experiências, vivências e memórias que merece ser preservado e renovado.

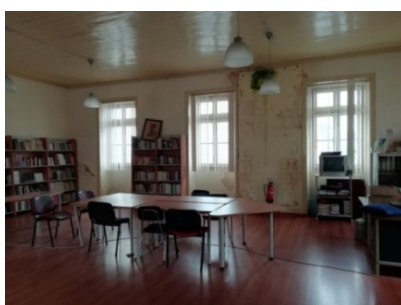


Figura 1 - Biblioteca da Freguesia antes do Projeto de intervenção

Outra iniciativa centrou-se no diálogo com a comunidade sobre algumas intenções do projeto⁶. Através de conversas informais com alguns grupos e Instituições, solicitou-se a colaboração da comunidade no processo de recuperação do espaço da Biblioteca da

⁶ Vide em anexo nº 8 – Diário de Bordo (Reunião informal)

freguesia, como se pode constatar na fig.2. Foram também elaborados flyers⁷ e cartazes de forma a divulgar as atividades e chamar mais pessoas ao local.



Figura 2- Biblioteca da Freguesia depois da 1ª ação do âmbito do Projeto de intervenção

A intervenção foi então organizada em três eixos de intervenção:

Primeiro Eixo de Intervenção -“*EntreLaços e Letras...E outras coisas...*”Este eixo de intervenção consistiu no planeamento de atividades que se podem visualizar no cronograma⁸ e nas planificações⁹ em anexo, que decorreram entre os meses de fevereiro e julho. No entanto, devido à pandemia do covid-19 que nos levou a entrar num Estado de Emergência, as duas primeiras sessões foram realizadas em fevereiro e as restantes nos meses de junho e e julho. As sessões contaram com a participação de uma média de vinte e duas pessoas entre os 2 e os 65 anos. Quanto à especificidade deste eixo de intervenção, pode destacar-se a sua intencionalidade de dinamizar *ateliers* criativos com crianças e com as suas famílias a partir da leitura animada de histórias, como se pode observar na fig. 3.

⁷ Vide em anexo nº 9 – *Flyers* inerentes aos eixos de intervenção.

⁸ Vide em anexo nº10 – Cronograma do 1º eixo de intervenção.

⁹ Vide em anexo nº 11, nº12, nº13, nº14 e nº15 – Planificações das sessões do 1º eixo de intervenção.



Figura 3- Criança a manusear o livro na 1ª sessão

Neste sentido, um dos objetivos, para além da promoção da leitura, foi envolver as crianças e as suas famílias em processos criativos, tendo como base a animação da leitura, selecionando “livros- jogo” para as sessões, com a finalidade de criar um espaço dinâmico e atrativo na biblioteca que fosse ao encontro das expectativas dos vários intervenientes do projeto, para que todos, crianças e famílias, participassem juntos em práticas artísticas, tal como se pode verificar nas fig. 4 e 5.



Figura 4- Grupo 1 no percurso sensorial da 3ª sessão



Figura 5 - Pai e filhos na atividade da 4ª sessão

Com esta participação e envolvimento de várias gerações, ambicionou-se também contribuir para fortalecer laços afetivos entre as pessoas, envolve-las num processo criativo que as fizesse pensar e serem elas próprias a dinamizar outros fins para as histórias, a criar outras personagens, no fundo, a criar coisas novas, daí o nome deste eixo “EntreLaços e Letras...E outras coisas”. Nas figuras 6, 7 e 8 pode constatar-se o envolvimento das crianças e das suas famílias no decorrer das sessões. Outro dos objetivos foi favorecer a minimização do isolamento da comunidade e da indiferença social e cultural e aumentar sentimentos de pertença à comunidade, uma vez que as atividades pressupunham a realização de trabalhos entre e inter famílias.



Figura 6- Crianças e famílias no atelier da 1ª sessão.



Figura 7 - Grupo a produzir os sons das sementes inerentes à história da 3ª sessão.



Figura 8- Famílias e crianças a pintarem um novo final para a história da 2ª sessão.

Segundo Eixo de intervenção – “Ritmos D’Arte - Objetos, Histórias e Memórias”

Tal como no eixo de intervenção anterior, este também contemplou a programação de cinco atividades, que se podem visualizar no cronograma¹⁰ e nas planificações¹¹ em anexo, e que se realizaram entre os meses de fevereiro e março. Porém, devido à situação de pandemia já mencionada anteriormente, somente se puderam realizar quatro sessões, duas delas entre os meses de fevereiro e março e outras duas, nos meses de junho e julho. O número de participantes rondou uma média de dez pessoas, com idades compreendidas entre os 55 e os 85 anos. Este eixo de intervenção teve como fundamento criar um espaço em que fosse possível dar tempo e espaço às pessoas para exprimirem as suas ideias, os seus gostos e interesses, as suas coleções e memórias. Ou seja, um espaço onde, tal como o nome indica, se respeitou o ritmo de

¹⁰Vide em anexo nº 15 - Cronograma do 2º eixo de intervenção.

¹¹ Vide em anexo nº 16, nº17, nº18, nº19 - Planificações das sessões do 2º eixo de intervenção.

cada um a partir de atividades que pretenderam impulsionar as pessoas a criar, a sonhar, a descobrir e a partilhar, ou seja, um tempo criativo para pensar, sentir e projetar, conforme a vontade e o ritmo de cada pessoa, tal como se pode visualizar nas fig. 9, 10,11. As sessões tinham assim como objetivo proporcionar tardes recheadas de emoções, sentimentos e movimentos onde a união e a arte marcavam o ritmo, como é perceptível nas fig. 12, 13, 14. Era também intenção, neste eixo de intervenção, envolver as pessoas que devido a vários fatores, se encontravam afastadas da vida cultural e social da comunidade, combatendo assim o isolamento e fomentando o acesso de novos públicos à cultura.



Figura 9 - Grupo a representar a Estátua da Liberdade na 1ª sessão.



Figura 10 - Grupo a desenhar símbolos alusivos aos seus estados de espírito na 1ª sessão.



Figura 11- Grupo no atelier "Movimento e Sentimento" na 1ª sessão.



Figura 12- Grupo a explorar os sons advindos do manuseamento das folhas de jornal na 2ª sessão.



Figura 13 – Grupo a elaborar objetos com as folhas de jornal na 2ª sessão



Figura 14- Diversão no grupo durante a 1ª sessão

Terceiro Eixo de Intervenção – “AssociArte”

Quanto ao terceiro eixo de intervenção, este contemplou a organização de quatro atividades que se podem visualizar no cronograma em anexo¹², em articulação com a Coletividade Sociedade Filarmónica Incrível Pontevelense. No entanto, devido à pandemia não foi de todo possível realizar alguma atividade, embora tenha havido reuniões com a Coletividade e com o Agrupamento de escolas para combinar um peddypaper musical na escola, agendado para o dia 30 de março, porém as escolas nessa altura já estavam fechadas sendo impossível realizar a atividade. Este eixo compreendia a realização de ateliers criativos abertos à comunidade em articulação com pelo menos uma Associação cultural da freguesia em que a comunidade poderia experimentar e fruir de diversas experiências artísticas promovidas por essa Associação a fim de aproximar mais as pessoas da comunidade ao associativismo já que no processo de investigação essas organizações destacaram a falta de participação e envolvimento das pessoas da comunidade.

Descrição da Implementação das Sessões

As sessões de intervenção foram descritas nos planos de atividades, que se encontram em anexos a partir do nº15 ao nº20, nos quais se definiram os vários procedimentos de atuação, incluindo a descrição das atividades, a definição de objetivos, as linguagens artísticas privilegiadas, assim como as metodologias a implementar em cada sessão e a avaliação/reflexão da intervenção que constituiu o Diário de Bordo da Investigadora.

Na primeira sessão, dedicada ao eixo de intervenção “*EntreLaços e Letras...E outras coisas...*” destinado a crianças e suas famílias, houve uma conversa inicial com os participantes com a finalidade de abordar algumas linhas orientadoras do projeto, bem como definir os dias em que iriam decorrer as sessões. Ficou delineado que as atividades iriam acontecer de quinze em quinze dias, ou seja duas vezes por mês, ao sábado pelas 11h00. Houve também espaço para que o Presidente da Junta da Freguesia pudesse falar

¹² Vide em anexo nº20 - Cronograma do 3º eixo de intervenção.

um pouco sobre a pertinência do projeto no espaço da Biblioteca da antiga Escola Primária, assim como para ouvir as sugestões e opiniões das crianças e famílias. As sessões ocorridas nos dias 15 de fevereiro e 29 de fevereiro e posteriormente a 13 de junho e a 4 de julho, cujos planos se podem visualizar no anexo nº 8, integraram assim, um primeiro momento dedicado ao acolhimento das crianças e famílias onde se realizou uma breve apresentação do livro selecionado, num ambiente descontraído em que primeiramente se falou um pouco com o grupo de forma a explicar como ia decorrer a sessão, depois prosseguiu-se com a leitura da história em voz alta, posteriormente deu-se lugar à dinâmica ou jogo que pressupôs a participação das crianças e famílias na sua execução. De seguida, foi o momento do *atelier* cujo objetivo central era sobretudo estimular a livre criação das crianças e das famílias, tendo como ponto de partida algumas personagens, acontecimentos ou temas abordados na história lida.

No que se refere ao eixo de intervenção "*Ritmos D'Arte – Objetos, Histórias e Memórias*" dirigido aos seniores da Freguesia, podemos salientar que à semelhança do eixo de intervenção anterior, também este, se encontra descrito nos planos de atividades que se podem observar no anexo nº 10. As sessões ocorreram nos dias 16 de fevereiro e 1 de março e posteriormente a 14 de junho e a 5 de julho. A primeira sessão também iniciou a partir do diálogo com o grupo, onde se falou um pouco sobre algumas ideias para a dinamização das sessões, assim como se estimulou o grupo a expor as suas próprias ideias e sugestões para aquele espaço. Foi referido que estas sessões pretendiam ser um espaço onde as atividades não são demasiado orientadas, que o importante seria que cada elemento se sentisse à vontade para criar livremente, sem receios e preconceitos, que ali não haveria lugar para julgamentos e juízos de valor, sendo que seria especialmente um tempo em que a partir de atividades simples, as pessoas pudessem ser elas próprias. Neste sentido, as sessões começavam com um momento individual que pressupunha a livre expressão do corpo e da alma a partir das linguagens artísticas, inclusive através de algumas dinâmicas que estimulassem a liberdade e a descontração para a exploração e expressão do corpo e pensamento. De seguida, ocorria o momento grupal ou *atelier* que incentivava os membros do grupo a articularem os seus

pensamentos, desejos e sentimentos com os dos outros, nomeadamente através de jogos de expressão dramática e plástica que incentivassem a isso. No decorrer destas atividades, explicava-se às pessoas que em todas elas teriam liberdade para optar pela sua realização ou não. Considerou-se sempre importante durante estas sessões, respeitar o ritmo e as vontades das pessoas. Depois do momento grupal, havia espaço para a reflexão onde cada elemento era convidado a falar sobre os seus sentimentos e pensamentos aquando a realização das dinâmicas.

Quanto ao terceiro eixo de intervenção *“AssociArte”*, era intenção que este fosse planeado à semelhança da planificação dos eixos de intervenção anteriores. Contudo, somente se conseguiu estabelecer parcerias com a Direção da Associação- Sociedade Filarmónica Incrível Pontevelense e com o Agrupamento de Escolas D. Sancho I de Pontével, em que ficou delineado um peddypaper musical destinado a crianças e adolescentes do 1º ao 9º ano, a realizar-se no espaço escolar, no último dia de aulas do 2º período (30 de março). Esta planificação só poderia ser realizada depois da reunião com o Maestro de modo a conciliar ideias e recursos para a dinamização do peddypaper musical. No entanto, devido à pandemia, não ocorreram mais reuniões e a atividade ficou por realizar, assim como as outras que foram mencionadas no cronograma.

Capítulo III – Apresentação dos Dados e Discussão dos Resultados

Os dados serão apresentados neste ponto, por eixo de intervenção de modo a facilitar a leitura da apresentação dos dados e a discussão dos resultados. Estes dados são o resultado da análise de dois instrumentos, o Diário de Bordo e a análise dos Inquéritos de Satisfação dos Participantes¹³ onde se pôde definir as categorias e subcategorias que

¹³ Vide em Anexo nº23 e 24 – Análises dos Inquéritos de Satisfação dos Participantes inerentes aos eixos de intervenção

emergiram, mediante os aspetos destacados pelos participantes que relatam o que eles pensaram e sentiram durante o desenvolvimento das sessões. Neste sentido, apresentar-se-á nesta parte do trabalho, a interpretação dos dados inerentes às sessões realizadas de acordo com cada eixo de intervenção.

3.1 Apresentação e análise dos dados do eixo “*EntreLaços e Letras...E outras coisas...*”

Na análise dos diários de bordo da investigadora (anexos nº 22) e dos questionários de satisfação dos participantes (anexo nº23), verifica-se que, nas sessões relativas ao eixo de Intervenção *EntreLaços e Letras...E outras coisas...* emergiram, por ordem de frequência, cinco categorias (Participação no Projeto, Pertinência dos *Ateliers*, Subjetividade Emocional e Expressiva, Apreciação geral da Sessão, Apreciação do Espaço) e as respetivas subcategorias, conforme se pode verificar na grelha de análise temática apresentada a seguir:

Tabela 1– Grelha de análise temática do 1º eixo de intervenção

Categorias	Subcategorias
Participação no Projecto	Interação Crianças/Famílias/Interfamílias
Pertinência dos <i>Ateliers</i>	Aprendizagens advindas da utilização das linguagens artísticas impulsionadoras da criatividade e da interação
Subjetividade Emocional e Expressiva	Perceções e Experiências
Apreciação geral da Sessão	Pertinência aliada à diversão Aspetos a melhorar Interesse em voltar
Apreciação do Espaço	Valorização e Estética

Segundo os dados analisados, constatou-se primeiramente, que houve recetividade por parte das famílias em participarem nas sessões que iriam decorrer durante a implementação do projeto, sendo por isso que se encontrou a categoria **Participação no**

Projeto. Verificou-se que, durante os *ateliers*, as famílias destacaram e valorizaram a interação com os seus filhos e com outras famílias. Os participantes reforçaram a importância da interação e do convívio que resultaram das sessões, emergindo assim a subcategoria **Interação Crianças, Famílias/ Inter-Famílias**. Efetivamente, os dados revelam que o que as famílias mais valorizaram foi o tipo de atividades que se desenvolveram e a interação que estas possibilitaram tal como se pode verificar no testemunho da mãe C *“Sim, é importante este tipo de iniciativa e motivar as crianças. Gostei do espaço e da animadora. A interação entre crianças e gerações é fundamental para todos”* (Sessão nº 1- relato de um familiar). Também a família F. salientou *“Adoramos as atividades e o convívio”* (Sessão nº 4- relato da família F.). Realçam também que as atividades estimulam o desenvolvimento de competências importantes além de promoverem o entusiasmo e a alegria nas crianças. A criança F. revelou *“Adorei”* (sessão nº 2 – relato de uma criança) e a mãe E. refere *“Sim, faz com que as crianças comecem a gostar de ler”* (sessão nº2 – relato de um familiar).

A segunda categoria diz respeito à **Apreciação do Espaço, destacando-se a subcategoria Valorização e Estética**. A opinião dos participantes relativamente à Biblioteca, que foi remodelada com o apoio da comunidade foi positiva. Constatou-se que os participantes gostaram do espaço, considerando-o apelativo e bem organizado. A mãe E. referiu *“Um espaço amplo com excelente aproveitamento para este tipo de atividade”* (Sessão nº1 – relato do familiar) e a criança G. escreveu *“Adorei a Biblioteca”* (Sessão nº 1 – relato da criança) e a avó Z. salientou *“O espaço é muito bonito e organizado!”* (Sessão nº1 – relato do familiar). Foi perceptível que os participantes que ajudaram na remodelação do espaço criaram uma relação afetiva com o espaço uma vez que tiveram um papel interveniente na sua reestruturação.

Quanto à categoria **Pertinência dos Ateliers**, os participantes salientaram a importância das **aprendizagens**, que as atividades e as **linguagens artísticas** proporcionaram, assim como facilitaram a **interação** e a **criatividade**, sendo esta a subcategoria que se evidenciou. Os participantes mencionaram que este tipo de atividades são importantes

para o desenvolvimento de competências essenciais nas crianças como, por exemplo, o gosto pela leitura e o estímulo da imaginação e da criatividade. A avó D. e a mãe C. referiram que as atividades foram *“Muito interessantes e apelativas ao desenvolvimento das crianças”* (Sessão nº1 – relato do familiar); *“As atividades foram muito interessantes e motivadoras para as crianças, pois é importante desenvolver e incentivar o gosto pela leitura e pelo falar sobre emoções”* (Sessão nº1- relato do familiar). Os participantes destacaram como aprendizagens algumas curiosidades que desconheciam, por exemplo no que se refere à vida das plantas, tema abordado no livro na 3ª sessão, trabalhando assim conteúdos inerentes à área do conhecimento do mundo de uma forma sensitiva, interativa e criativa. Como refere a criança I *“Sim, gostei da parte de sentir a água como o amieiro”* (Sessão nº3- relato da criança I.). Os familiares evidenciaram, também, as aprendizagens que abrangem o âmbito pessoal, social e cultural, o que enriquece a formação integral das suas crianças. Tal como evidenciou a mãe C. *“Enquanto mãe, considero estas atividades enriquecedoras para a formação social e comunitária da minha filha e família. Assim como são um estímulo à criatividade e à consciência de si enquanto aprendente”* (Sessão nº4- relato de um familiar).

No âmbito das **linguagens artísticas**, os participantes realçaram a diversidade das formas de expressão utilizadas no decorrer das sessões, salientando que estas áreas não são frequentemente trabalhadas no dia-a-dia. Como confirmou a mãe C. *“Sim, são atividades que trabalham várias áreas, que não são comuns no dia-a-dia”* (Sessão nº3- relato de um familiar) e a mãe P. *“Sim, porque permitem explorar as histórias com diferentes formas de expressão”* (Sessão nº2- relato de um familiar). As linguagens artísticas utilizadas nas atividades foram mencionadas e valorizadas, como se verifica no discurso da criança B. *“Sim, porque têm música e eu gosto de música”* (Sessão nº3- relato de uma criança) e a mãe A. *“Sim, porque houve diferentes linguagens artísticas a explorar”* (Sessão nº3- relato de um familiar). Ainda nesta categoria, os participantes abordaram a **criatividade** como elemento essencial para envolver as crianças e adultos, quer pela inovação, quer pela capacidade em estimular nos envolvidos competências de reflexão, de pensamento crítico e de improvisação. Como sustenta um familiar *“ (...) Há sempre algo diferente e*

desafiador” (Sessão nº2- relato de um familiar). A **interação** foi evidenciada por facilitar a cooperação e a convergência de pensamentos e ideias. Tal como referiu a mãe C. *“Sim, sempre. É uma forma de interagir muito boa”* (Sessão nº3- relato de um familiar).

No que se refere à categoria **Subjetividade Emocional e Expressiva**, verificou-se que as dinâmicas e as **linguagens artísticas** privilegiadas nas sessões beneficiaram a reflexão sobre as diversas emoções, assim como possibilitaram a livre e criativa expressão dos intervenientes, sendo que a subcategoria que surgiu foi **Percepções e Experiências**. Embora alguns participantes tivessem demonstrado inicialmente (1ª sessão), algum constrangimento de falar em público, a maioria conseguiu através das **experiências** realizadas, exprimir as emoções intrínsecas às histórias e representá-las através das expressões faciais, vocais e corporais, o que revela que conseguiram transpor os seus próprios significados (**percepções**). Por outro lado, os participantes evidenciaram a originalidade, a criatividade e o desafio que as atividades provocaram, para além de terem promovido a interação entre todos os participantes (crianças e famílias). Conforme se pode ver pelos dados apresentados, as crianças verbalizaram as suas percepções relativamente às atividades experienciadas, destacando a alegria e a diversão que vivenciaram, assim como o gosto e o interesse que tiveram em observar os seus próprios movimentos e expressões, bem como as ações dos outros. As experiências realizadas ao longo das sessões revelaram que os intervenientes tomaram consciência do que sentiram aquando as experiências sensoriais vivenciadas, em que destacaram as texturas, as temperaturas e os seus próprios sentimentos no decorrer das atividades. Como refere a criança B. *“Sim, apesar de algumas pedras fazerem doer. É muito giro pisar várias texturas”* (Sessão nº3- relato de uma criança mais velha). Ao mesmo tempo foram consideradas aliciantes, como a criança M. referiu *“Gostei, porque gosto de fazer experiências”* (Sessão nº3- relato de uma criança mais velha). Quanto aos sentimentos ressalta-se a empatia e a reflexão que os participantes experimentaram, resultantes dos jogos de expressão dramática. Em suma, as sessões revelaram as capacidades dos envolvidos para pensar e discernir os seus gostos, as suas percepções e sensações assim como proporcionaram a reflexão sobre determinadas características pessoais e a

aceitação das mesmas. Por exemplo numa das atividades criaram diálogos com as personagens e tiveram de pensar em formas de responder com assertividade a essas questões que demonstraram, inicialmente, possuir conotações negativas (4ª sessão). Como salienta a criança A. *“Sim, consegui arranjar uma forma divertida da personagem se defender”* (Sessão nº4- relato de uma criança mais velha). O jogo da procura de peças também ajudou os participantes a observar que cada peça possuía um feitio diferente e que por isso uma mesma peça não encaixava em todas as personagens. A criança M. referiu *“Gostei de procurar as peças e encaixá-las”* (Sessão nº4- relato de uma criança M.).

No que se relaciona à **Apreciação geral das Sessões**, os participantes abordaram a alegria que sentiram aquando a participação nas atividades e evidenciaram a **pertinência aliada à diversão**, sendo esta a subcategoria que se destacou. Alegam que as atividades promovem estímulos emocionais e sociais. Valorizaram assim as dinâmicas desenvolvidas, destacando as aprendizagens proporcionadas, a criatividade, a motivação e o entusiasmo que as sessões despertaram. A mãe E. realçou *“ (...) estas atividades fazem falta na nossa localidade. As crianças ficam muito felizes e os pais também”* (Sessão nº1- relato do familiar). Os envolvidos consideram assim, as atividades importantes para o desenvolvimento das crianças e as linguagens artísticas facilitadoras da cooperação e da união de esforços para um bem comum, como observaram *“São atividades importantes para a formação das crianças e aproximam a comunidade”* (Sessão nº2- relato de um familiar). Tal como salientou a mãe I. *“Sim, porque dá para as crianças explorarem as histórias de maneira diferente, não só ouvir...”* (Sessão nº3- relato de um familiar). A criança I. realçou *“Adorei tudo”* (Sessão nº4- relato de uma criança); o pai C. observou *“Sim, é muito bom ver o entusiasmo das crianças”* (Sessão nº4- relato de um familiar).

Quanto aos **Aspetos a Melhorar**, segundo os dados apurados, ressaltou-se a necessidade de ter havido mais recursos materiais pois os que havia eram poucos para a quantidade

de participantes. Tal como a mãe A. destacou, devia haver *“Material repartido pelas várias mesas: tesouras, colas, lápis, marcadores”* (Sessão nº1- relato do familiar).

No que se refere à categoria **Interesse em Voltar**, os participantes revelaram interesse e motivação em continuar a participar nas sessões, alegando que as atividades são diferentes, interessantes e divertidas, ao mesmo tempo que promovem a aprendizagem de conteúdos essenciais ao desenvolvimento integral da pessoa. Como referiu a criança B. *“Sim, foi uma atividade muito diferente”* (Sessão nº3 – relato de uma criança mais velha) e a criança F. *“Sim, porque é um espaço onde posso aprender, explorar e descobrir”* (Sessão nº3 – relato de uma criança mais velha) e a criança I. *“Sim, porque já estava com saudades das atividades”* (Sessão nº3 – relato de uma criança). A mãe I. mencionou *“Sim, tenho interesse. Quero que o meu filho aproveite todas as oportunidades de aprender mais e brincar com mais crianças”* (Sessão nº4 – relato de um familiar).

3.2 Apresentação e análise dos dados do eixo “Ritmos d’Arte – Objetos, Histórias e Memórias”

Na análise dos diários de bordo da investigadora (anexo nº24) e dos questionários de satisfação dos participantes (anexo nº 25), verifica-se que, nas sessões relativas ao eixo de Intervenção *Ritmos d’Arte – Objetos, Histórias e Memórias* emergiram, por ordem de frequência, cinco categorias (Participação no Projeto, Pertinência dos *Ateliers*, Desenvolvimento Pessoal e Social, Subjetividade Emocional e Expressiva e Apreciação geral da Sessão) e as respetivas subcategorias, conforme se pode verificar na grelha de análise temática apresentada a seguir:

Tabela 2– Grelha de análise temática do 2º eixo de intervenção

Categorias	Subcategorias
Participação no Projecto	Reaproveitamento do Espaço Motivação em interagir e aprender

Pertinência dos <i>Ateliers</i>	Linguagens artísticas promotoras da criatividade e do bem-estar
Desenvolvimento Pessoal e Social	Autoestima Interação Necessidade de Expressão
Subjetividade Emocional e Expressiva	Percepções e emoções advindas das memórias Experiências
Apreciação geral da Sessão	Pertinência Diversão Aspectos a melhorar

Constatou-se primeiramente, que houve receptividade por parte do grupo em participar nas sessões que iriam decorrer durante a implementação do projeto. Houve pessoas que revelaram que precisam de espaços em que possam conviver mais e fazer coisas novas e diferentes, sendo por isso que se encontrou a categoria **Participação no Projeto**. Nesta categoria evidenciou-se também a motivação e o interesse das pessoas reaproveitarem aquele espaço, referindo que o edifício não deveria ser deixado ao abandono e que poderia ser reaproveitado em prol da comunidade. Neste sentido, salientou-se a subcategoria **Reaproveitamento do Espaço**. Durante as duas sessões, as pessoas revelaram interesse e motivação em partilhar ideias e atividades em grupo, emergindo, assim, a subcategoria **Motivação em Interagir e Aprender**. Tal como a senhora C. constatou *“Gosto de conviver e estar em grupo. As atividades são boas e interessantes”* (Sessão nº2- relato da senhora C.). Verificou-se que nestas sessões, o grupo destacou e valorizou a importância da interação e das aprendizagens para o seu bem-estar físico e psicológico. Nas últimas sessões, demonstraram mais acentuadamente, comparativamente às sessões anteriores, uma maior empatia, espontaneidade e confiança no grupo. Revelaram também sentir prazer e entusiasmo na realização das

atividades. *“Gostei de tudo, foi excelente, porque vai-se aprendendo mais”* (Sessão nº1- relato do senhor A.).

Quanto à categoria **Pertinência dos Ateliers**, observou-se que os participantes valorizaram as aprendizagens e as experiências proporcionadas pelas **linguagens artísticas** pois estas permitiram-lhes utilizar e desenvolver a sua imaginação e promoveram sentimentos de bem-estar e confiança no grupo, sendo que a subcategoria que se evidenciou foi **Linguagens artísticas promotoras da criatividade e do bem-estar**. Como a senhora M. salientou *“Gostei de ver a alegria estampada no rosto do meu marido a dançar com uma das nossas colegas. A felicidade ao pintar o seu Trevo da sorte. Adorei, Obrigada... foi muito importante para mim. P.S...O meu marido está com doença degenerativa rara, o que é essencial o convívio e a partilha”* (Sessão nº1- relato da senhora M.). Verificou-se que a utilização das linguagens artísticas conduziram à expressão de sentimentos e emoções que estavam reprimidas, facilitando assim o desbloqueio físico e mental dos participantes. Por outro lado, as atividades desenvolvidas promoveram momentos de diversão e descontração no grupo, aumentando assim os níveis de confiança e bem-estar, bem como facilitaram a interação, estimulando a vivência grupal e a criatividade. Os participantes evidenciaram que estas atividades são importantes para o desenvolvimento do corpo e da mente. Tal como evidenciou a senhora I. *“Boas iniciativas, criativas e divertidas. Passamos bons momentos”* (Sessão nº2- relato da senhora I.). Revelaram que as atividades realizadas recordaram-lhes alguns momentos e fizeram-lhes libertar emoções que nem sempre conseguiam expressar. Numa das atividades alguns elementos do grupo referiram que os símbolos desenhados por si retrataram não propriamente o sentimento ou a emoção que estavam a sentir naquele momento, mas o seu percurso de vida. Ao nível da criatividade observou-se a representação e criação de movimentos, objetos e pinturas com particular relevância simbólica e afetiva para os seus criadores. A criatividade destacou-se também nas suas produções artísticas em que criaram poemas, pinturas e esculturas, transpondo nelas as suas memórias, emoções e ideias. A expressão de ideias e sentimentos através das linguagens artísticas ainda se evidenciou mais a partir da 3ª

sessão (após o Estado de Emergência) onde se observou que os participantes conseguiram, através das linguagens artísticas, expressar estados de espírito advindos da situação pandêmica que o mundo enfrenta. Para além de terem abordado estados de espírito muito negativos e depressivos, também manifestaram através do desenho no balão, a figura de algumas pessoas importantes para si, revelando que estas lhes transmitiam conforto, esperança e alegria, como no caso das senhoras que desenharam as netas no balão, verificando-se aqui uma oposição aos sentimentos negativos que abordaram. As experiências tidas como negativas foram confrontadas com aspetos e sentimentos positivos. Constatou-se com estas evidências, que as **linguagens artísticas** auxiliaram a equilibrar o sistema emocional aparentemente debilitado, promovendo o bem-estar e a satisfação dos participantes.

No que se refere à categoria **Desenvolvimento Pessoal e Social**, os dados revelaram que as dinâmicas e as linguagens artísticas privilegiadas nas sessões beneficiaram a **interação** e a **autoestima**, sendo esta uma das subcategorias encontradas, em que os participantes evidenciaram a sua **necessidade de expressão**, formando esta outra sub categoria. Ao nível da **interação** constatou-se que os participantes não só destacaram as suas ideias e criações, como também puderam debruçar o seu olhar atento para as ideias e trabalhos dos outros, sendo que este foi um aspeto valorizado pelos participantes nas sessões. Como salientou a senhora M. *“Gostei da atividade com o jornal. Pude aprender e admirar as coisas úteis e bonitas pelos companheiros de atividade”* (Sessão nº2- relato da senhora M.). No que se refere à **autoestima**, apesar de algumas pessoas demonstrarem falta de confiança em si próprias e nas suas capacidades, acabaram por expressar o que sentiam de forma subjetiva, explorando as diversas linguagens artísticas através das quais se sentiam mais confiantes. Como a senhora C. sustentou *“Não podemos perder estas oportunidades que nos valorizam”*. (Sessão nº2- relato da senhora C.). Durante as sessões, os participantes revelaram sentir prazer e leveza aquando a realização das suas produções, demonstrando motivação e interesse em construir mais elementos, como foi o caso da construção dos objetos e adereços elaborados com folhas de jornal. Em todas as atividades, os resultados permitem verificar uma acentuada **necessidade** por parte

dos participantes em expressarem acontecimentos e vivências que marcaram as suas vidas. Pôde compreender-se que certas pessoas precisam de recorrer aos acontecimentos do passado para reviverem momentos fortes e impactantes das suas vidas, verificando-se assim, que este tipo de atividades lhes confere uma valorização dos seus percursos de vida, contribuindo para o seu bem-estar psicológico e pessoal, como relata o senhor F. *“Sem dúvida que gostei de tudo. Sinto-me bem. Recordei o passado porque memorizei com emoção situações felizes”* (Sessão nº4- relato do senhor F.). Esta subcategoria evidencia assim a necessidade de expressão que as pessoas têm de partilhar com o grupo as suas histórias de vida, à volta das fotografias e dos objetos que levaram para as sessões, revelando orgulho e várias emoções positivas ao terem a oportunidade de abordar e partilhar com os outros aspetos significativos das suas vidas. A senhora R. constatou *“Gostei de tudo, cada pessoa falava da vida, do passado e do que estamos a viver agora”* (Sessão nº3- relato da senhora R.). Ainda na categoria Desenvolvimento Pessoal e Social, é possível verificar a subcategoria **Interação**, sendo que as atividades proporcionaram aos envolvidos relacionarem-se com os pares num clima de diálogo, confiança, respeito e escuta ativa, colaborando uns com os outros nas tarefas a realizar. O grupo revelou sentimentos de bem-estar e harmonia advindos do convívio e da realização de tarefas em grupo. Ao nível do desenvolvimento pessoal destaca-se a **autoestima**, o que se verificou especialmente no caso de uma senhora que nas sessões iniciais, demonstrou quase sempre uma baixa autoestima e alguns sentimentos depreciativos relativamente a si própria. Porém, na 3ª sessão manifestou ideias e sentimentos positivos, apesar da pandemia, escolhendo inclusivamente o balão de cor verde que para si representava a esperança, onde desenhou a sua cara alegre e esperançosa. Também na 4ª sessão houve um senhor que referiu não conseguir desenhar. Este senhor escreveu um poema e foi desafiado a desenhar a mulher retratada no texto, porém repetia que não conseguia desenhar essa mulher e nem sequer tinha uma fotografia dela. No entanto, ao ser incentivado a realizar o desenho recorrendo às boas memórias que tinha dela, conseguiu finalmente desenhá-la com muita concentração, empenho e pormenor, juntando o desenho ao poema criado por si.

Constatou-se que as emoções aliadas à memória conseguiram desbloquear a sua insegurança e baixa autoestima.

Ao nível da categoria **Subjetividade Emocional e Expressiva**, realça-se a forma como cada um pensa e sente relativamente a tudo que o envolve. As pessoas identificam emoções e sentimentos tal como a senhora T. revelou *“Gostei porque falamos sobre o que sentimos e queremos e expomos as nossas ideias”* (Sessão nº4- relato da senhora T.). Também acabam por refletir essas ideias e sentimentos nas suas produções artísticas, onde manifestam as experiências e vivências ocorridas ao longo da sua vida e que as marcaram significativamente, daí a definição da subcategoria **Perceções advindas de Memórias**. No que concerne à subcategoria **experiências**, verificou-se que estas derivam da subjetividade emocional e expressiva, em que se constata que os participantes as encaram como experiências ricas e interessantes, em que têm oportunidade de expor livremente as suas ideias e criações e ao mesmo tempo observarem as dos outros, além de terem ainda a hipótese de explorarem as diversas linguagens artísticas. Como a senhora I. salienta *“Senti boa disposição, paz, tranquilidade e ao mesmo tempo emoção. O facto de estarmos a lembrar o passado há sempre um pouco de nostalgia, mas é bom”* (Sessão nº3- relato da senhora I.). As emoções abordadas relacionam-se quase sempre, com as memórias dos participantes e com os objetos trazidos de casa, sendo que a partir dessas memórias conseguem evidenciar sentimentos e aspetos positivos e enriquecedores nas suas vidas. Na 3ª sessão, por exemplo realçaram algumas cores escolhidas que revelaram aspetos interessantes relativamente à abordagem dos estados de espírito e sentimentos manifestados, como foi o caso das cores dos balões mais escolhidas que foram o verde e o azul, sendo que para umas pessoas, a cor verde simbolizava a esperança e para outras, a natureza; a cor azul significava para uns, a cor do céu e uma cor bonita, apesar dos sentimentos revelados terem sido negativos. Percecionou-se aqui, um contraste entre as cores que escolheram, remetidas para coisas positivas e por outro lado, a abordagem na sua maioria, de sentimentos negativos. No entanto, esta evidência pode justificar-se pelo facto das pessoas considerarem que apesar de tantos aspetos negativos a apontar durante estes meses, ainda têm esperança

e fé de que as coisas possam melhorar, inclusive os seus estados de saúde e de espírito. Revelaram alegria e leveza no momento de soltarem os balões. Talvez esta atividade tivesse contribuído um pouco, para as pessoas esvaziarem o seu interior de sentimentos e emoções negativas que ao serem expressadas e partilhadas ficaram arrumadas, ajudando-as a ganhar ânimo e entusiasmo para continuarem as suas vidas da melhor maneira possível, apesar de todas as adaptações que têm de realizar no seu dia-a-dia devido a esta pandemia. A subjetividade observada derivou em alguns casos, das percepções advindas de memórias, como por exemplo o Senhor F. que escolheu o balão da cor amarela porque lhe fez lembrar a febre. Mas depois desenhou a figura do coronavírus de um lado do balão e do outro, desenhou um homem com uma espingarda para matar o vírus. Note-se que fez referência ao uso da espingarda, objeto que utilizou muito no passado, quando esteve na guerra, no Senegal. Revelou que este vírus foi o responsável por ele estar tão triste e aborrecido com a vida, dizendo que lhe apetecia morrer. Nestas sessões os participantes puderam realizar as suas produções artísticas relacionadas com as suas memórias e comprovou-se que a partir destas experiências, os participantes relataram acontecimentos que marcaram as suas vidas e que atualmente lhes trazem memórias e os fazem reviver de certa forma, um passado que não esquecem e que continua a fazer parte das suas vidas, com todos os seus desgostos e traumas, mas também com toda a intensidade e amor dos momentos vividos. Foi como se as pessoas conseguissem por momentos, reviver o passado e transformá-lo no presente, mesmo os aspetos negativos, em acontecimentos vivos e reconfortantes para si, como realça o senhor F. *“Gostei de tudo porque sinto-me bem”* (Sessão nº4- relato do senhor F.). A senhora A. realizou um poema com base na figura da Nossa Senhora de Fátima que inseriu na pedra e nessa produção fez referência ao período difícil que atravessamos mas também aludiu ao formato das sessões do Projeto. Nesse poema compôs alguns versos sobre o decorrer dos encontros de *Ritmos d’Arte* e revelou ter fé e esperança que a situação pandémica tenha um fim e que fiquemos todos bem. Durante a sessão, a senhora A. continuou a criar, produzindo um boneco a partir dos materiais que tinha à disposição e abordou sentimentos tais como a esperança, a união e a paixão, por isso as

cores escolhidas foram o verde, o azul e o vermelho. (Diário de Bordo nº4 da Investigadora). Verificou-se, assim, que estas experiências permitiram aos participantes equilibrar os seus estados emocionais e lidar positivamente com emoções consideradas negativas.

No que se relaciona à **Apreciação geral das Sessões**, os participantes abordaram ao longo das mesmas, o bem-estar físico e mental que sentiram aquando a participação nas atividades e evidenciaram a **Pertinência** e o interesse das sessões, formando esta, uma subcategoria. Os envolvidos revelaram motivação e gosto pelas atividades, referindo que corresponderam às suas expectativas porque são espontâneas e criativas, além de promoverem a socialização e **diversão**, outra subcategoria encontrada. A senhora L. referiu “... *Achei interessante as atividades, foi bom para o desenvolvimento da mente e do corpo*” (Sessão nº1- relato da senhora L.). Os participantes revelaram que tiveram liberdade para falar de si e do que consideram importante. Quanto aos **Aspetos a Melhorar**, os participantes não evidenciaram, nas sessões, nenhuma questão a melhorar, salientando que gostaram das dinâmicas realizadas. Na última sessão, as pessoas revelaram ter gostado das atividades apesar dos constrangimentos provocados pelo covid 19 e esperam um próximo encontro, como refere a senhora I. “*Obrigada pelo excelente trabalho que se desenvolveu, e que foi possível fazer e que nos condicionou. Até ao próximo encontro com os amigos!*” (Sessão nº4- relato da senhora I.).

3.3 Discussão dos Resultados

A discussão dos resultados apresenta-se estabelecendo a triangulação dos dados recolhidos e interpretados na 1ª etapa do projeto (levantamento das necessidades) com a descrição e análise dos dados obtidos na 2ª etapa (intervenção), tendo como pano de fundo a revisão de literatura realizada. A discussão dos resultados pretende assim interpretar, e refletir sobre os aspetos que se destacaram com o desenvolvimento deste estudo.

Na primeira etapa do projeto fez-se o diagnóstico e conhecimento do contexto empírico. Este pequeno diagnóstico deu origem à formulação da pergunta de partida **“Quais os contributos das Artes no desenvolvimento de processos comunitários?”**

Na procura da resposta a esta questão, operacionalizou-se um conjunto de objetivos a atingir. Assim, o primeiro objetivo - **“realizar o levantamento das necessidades e interesses da Comunidade a nível local”** - os dados revelaram que as pessoas da comunidade se interessam por atividades artísticas e culturais que preservem a identidade cultural da sua localidade, mas que simultaneamente contribuam para a sua recriação e inovação, sobretudo no que se refere a alguns modelos de ação que consideram ultrapassados e que não promovem a cultura a todas as pessoas. Como refere a entrevistada C. *“Acho que é importante a sensibilidade das pessoas que estão no poder, principalmente nas Juntas de Freguesia. Eu acho que se existir pessoas com alguma sensibilidade para a cultura acabam por se dinamizar mais eventos que promovem a cultura. Procurar fazer coisas diferentes, procurar inovar, também acho que é muito importante haver coisas novas e diferentes, não ficarmos agarrados só a eventos de coisas que eram tradicionais, mas pensar também em atividades que possam dinamizar e dar lugar à cultura”*. Tal como a entrevistada A. salienta relativamente às atividades que gostaria que se dinamizassem na freguesia *“As atividades artísticas, porque eu penso que uma povoação culta é meio caminho andado para o desenvolvimento. Sabemos a grande importância que tem a cultura”*. Verificou-se assim, um consenso no que se refere às ofertas ao nível cultural. As pessoas revelam que existem alguns eventos que dão vida à freguesia, no entanto, salientam uma deficiência no que respeita à inovação cultural, que se traduz na ausência de espaços de convívio e de lazer que aproximem as pessoas e as façam evoluir culturalmente. Desta forma respondeu-se ao objetivo **“Analisar e interpretar os interesses da Comunidade ao nível cultural”**. Os entrevistados esperam dos poderes locais uma maior sensibilidade para as questões culturais, assim como uma mais ampla intervenção ao nível da criação de projetos por parte das Autarquias, pois como sustenta Martins *“O Homem é dado a viver na relação. Este é o espaço do diálogo, da diferença, do exercício da tolerância e da*

aceitação. Aqui começa a cultura” (Martins, 2009, p.48). No que se refere ao objetivo **“Perceber em que estado se encontram as Associações culturais locais e como se organizam em prol do desenvolvimento local”** constatou-se que as Associações têm um papel importante para a promoção da cultura e do desenvolvimento local, verificou-se que estas são geridas por pessoas da comunidade que se juntam por objetivos comuns, que valorizam as linguagens artísticas e estimulam as gerações mais novas a adquirirem uma serie de competências essenciais para o seu desenvolvimento global. No entanto, deparam-se com muitos obstáculos que vão colocando em causa a sua sobrevivência, quer ao nível de obrigações administrativas e legais exigidas por parte do Estado, quer ao nível da participação das pessoas nestas coletividades, que se revela tendencialmente fraca, sendo sempre as mesmas pessoas a gerirem e a integrarem estas coletividades. Assim como afirma um representante de uma Associação *“...o que se passa com o folclore passa-se também com a escola de música. E hoje, os jovens, muito por culpa dos pais, têm um desinteresse para participar nas coisas e uma falta de responsabilidade, têm sempre coisas mais importantes para fazer do que virem aos ensaios...”*. (Parecer do membro da Associação M. - reunião com o grupo de foco). Atualmente as Associações culturais têm um desafio em mãos, por um lado pretendem preservar a cultura e transmiti-la às gerações futuras, mas por outro, têm de adequar as suas atividades aos gostos e interesses dos seus públicos, apostando também na inovação de espaços e de atividades, dando oportunidade às pessoas de exprimirem as suas ideias e interesses para assim colaborarem mais ativamente nestas Associações. Quanto ao objetivo **“Refletir sobre a relação entre educação e cultura no que concerne ao desenvolvimento local”** através da revisão bibliográfica, realizada no capítulo 1, e da análise às entrevistas realizadas, vislumbraram-se algumas pistas importantes que nortearam a intervenção: que a arte e a cultura estão intrinsecamente ligadas entre si e que a arte permite dar vida à cultura pois tende a despoletar nas pessoas, um conjunto de competências que as prepara para o exercício de uma cidadania consciente, ativa e participativa. Lopes, Lucas e Pais defendem a educação estética e artística para todos, cujos processos devem incidir na valorização e criação de espaços onde as pessoas

tenham oportunidade de se desenvolverem enquanto pessoas e enquanto membros de uma sociedade onde devem ter um papel participativo e interventivo com vista a um bem comum. Como as autoras salientam “Valoriza-se assim, a responsabilidade dos espaços de produção e fruição artística como mediadores e promotores da reconstrução social” (Lopes, Lucas & Pais, 2015, p.84).

Os espaços onde as pessoas usufruem do seu tempo livre podem contribuir para o estímulo de competências fundamentais que irão certamente condicionar o desenvolvimento local. Com efeito, os projetos de intervenção na área artística podem assumir um papel fulcral para a formação cultural da comunidade e dos seus espaços e neste sentido podem tornar-se numa ferramenta mobilizadora de vontades, capaz de impulsionar o encontro entre as memórias e a inovação criadora, considerando todas as dimensões individuais, sociais e culturais do ser humano. Como evidencia Carlos Fortuna

A aprendizagem informal, realizada no contexto de experiências participativas em áreas como as artes performativas, a música, as artes plásticas, os museus, as artes circenses e multidisciplinares ou a cultura digital, é perspetivada como estratégia para a adaptação criativa e autónoma ao mundo contemporâneo e ao seu estado de permanente mudança (Fortuna, 2014, p.128).

Com esta perspetiva, a 2ª etapa do projeto compreendeu a implementação da intervenção alicerçada na análise dos dados recolhidos anteriormente. No que concerne aos objetivos específicos delineados nesta 2ª fase do projeto, podemos destacar que efetivamente foi possível recuperar a Biblioteca da Freguesia de Pontével com o apoio da Comunidade, inclusive o grupo de seniores elaborou um conjunto de *puffs* com pneus, restos de tecido e enchimento, revelando muita criatividade e dedicação na remodelação do espaço. Também se solicitou o apoio dos Professores do Agrupamento de escolas para divulgarem as sessões, em que puderam distribuir *flyers* pelas crianças do pré-escolar e do 1º ciclo. Desta forma, atingiu-se o objetivo delineado “**Estimular a participação da Comunidade na recuperação da Biblioteca**”. Tal como realça Martins “e

assim um monumento histórico, um lugar e uma tradição têm de ser defendidos e preservados, não só porque representam um sinal de presença de vida de quem nos antecedeu, mas também porque contribuem decisivamente para enriquecer a nossa vida e a nossa existência” (Martins, 2009, p.19). Foi igualmente possível aproximar as pessoas a este espaço através da dinamização de *ateliers* criativos destinados a várias faixas etárias desta freguesia (crianças, famílias, seniores) por meio de atividades integradas nos eixos de intervenção *“EntreLaços e Letras... E outras coisas...”* e *“Ritmos d’Arte-Objetos, Histórias e Memórias”*. Portanto, a recuperação deste espaço motivou os grupos a participarem em atividades expressivas e criativas com caráter individual e coletivo, no âmbito das diversas linguagens artísticas, respondendo assim, ao objetivo **“Criar um espaço cultural, designadamente a partir da recuperação da Biblioteca da Freguesia, no Edifício da Antiga Escola Primária de Pontével em articulação com a Comunidade”**.

Neste projeto estabeleceram-se parcerias com a Junta de Freguesia que apoiou e colaborou na viabilização do mesmo, assim como com as Associações culturais que manifestaram interesse em participar no projeto. No entanto, devido à pandemia que se instalou no nosso quotidiano, não foi possível realizar atividades em parceria com a Associação cultural tal como estava contemplado no 3º eixo de intervenção. Neste sentido, o objetivo fulcral delineado para este eixo, que pressupunha **“Realizar parcerias com Associações culturais da Freguesia e envolver mais intensamente a Comunidade nas atividades por elas promovidas”** não foi atingido, apesar de estarem delineadas atividades a realizar nas escolas do Agrupamento da Freguesia.

Quanto ao objetivo **“Dinamizar a Biblioteca com *ateliers* criativos abertos à Comunidade”** criaram-se espaços e momentos para as crianças, as suas famílias e seniores participarem em práticas artísticas e culturais, onde se pôde constatar o envolvimento das pessoas da comunidade nas atividades. Assim, como salienta o pai N. *“Sim. Muito bom. Desperta interesse, atenção nas crianças e nos adultos”* (Sessão nº3- relato de um familiar) e a criança F. *“Sim, porque é um espaço onde posso aprender, explorar e descobrir”* (Sessão nº3 – relato de uma criança mais velha). Em relação ao

grupo de seniores também a senhora O. destacou *“Temos de continuar para que não percamos estas oportunidades que tanto nos ajudam a por o cérebro em atividade”* (Sessão nº2- relato da senhora O.) e a senhora T. *“Senti que foi uma tarde de convívio uns com os outros. Porque cada pessoa tinha a sua história para contar sobre os objetos que trouxeram de casa”* (Sessão nº3 – relato da senhora T.). Este envolvimento possibilitou aos participantes o aprimoramento de um conjunto de competências pessoais e sociais, indispensáveis ao desenvolvimento comunitário. Como explica François Matarasso

O desenvolvimento partilhado de trabalho artístico faz com que as pessoas aprendam umas com as outras e umas sobre as outras, visto que trazem para o ato criativo histórias, identidades, imaginação e objetivos diferentes. Juntas enfrentam obstáculos, partilham talentos, fazem exigências, criam amizades, desenvolvem competências, conhecimento e confiança, exploram o seu lugar no seio do grupo e descobrem novas histórias sobre si próprias (Matarasso, 2019, p.102).

No decorrer das sessões, tanto as crianças, como as suas famílias e o grupo de seniores demonstraram sempre interesse e motivação em participar nas atividades, revelando nos seus inquéritos de satisfação que este projeto é importante e tem impacto na comunidade. Tal como destacou a mãe N. *“Sim, é uma excelente iniciativa com uma importante dimensão na comunidade”* (Sessão nº1 – relato do familiar.) Reconheceram e valorizaram o espaço da Biblioteca como um espaço agradável e interessante para o desenvolvimento de atividades. A mãe E. refere *“Um espaço amplo com excelente aproveitamento para este tipo de atividade”* (Sessão nº1 – relato do familiar) e a criança G. escreveu *“Adorei a Biblioteca”* (Sessão nº 1 – relato da criança). O grupo de seniores evidenciou também a pertinência deste projeto para melhoria do seu bem-estar físico e psicológico, além de lhes proporcionar momentos de partilha, alegria e cooperação assim como salientaram algumas pessoas. A senhora I. referiu *“Boas iniciativas, criativas e divertidas. Passamos bons momentos”* (Sessão nº2- relato da senhora I.); a senhora L. mencionou *“...Achei interessante as atividades, foi bom para o desenvolvimento da mente e do corpo”* (Sessão nº1- relato da senhora L.) e ainda a senhora T. que referiu *“Foi*

muito divertido, o convívio entre todos, desenharmos nos balões sobre o que nos lembramos e os balões foram para o céu. Foi muito giro” (Sessão nº3- relato da senhora T.).

Outro aspeto a destacar é a continuidade que o Projecto terá, o que irá permitir corresponder ao objetivo **“Contribuir para o combate do isolamento da Comunidade e da indiferença social”** e confirmar as conclusões acima descritas. Constatou-se que este projeto aprofundou a consolidação da participação crítica e social da comunidade, pois algumas pessoas envolvidas nas sessões, comprometeram-se a integrar uma escala onde no último sábado de cada mês, irão continuar a desenvolver as sessões de animação na Biblioteca, dando assim continuidade ao projeto e será a comunidade a assumir essa responsabilidade e a empenhar-se no desenvolvimento deste espaço cultural. Também o grupo de seniores se disponibilizou a continuar com os encontros mensais na Biblioteca de forma a desenvolver alguns trabalhos, combatendo assim o isolamento social a que por vezes estão sujeitos e paralelamente a usufruir da possibilidade de explorar, identificar e partilhar saberes e habilidades através das diversas linguagens artísticas.

3.3.1 Síntese conclusiva

Depois de analisados e interpretados os dados, os resultados permitem perceber que são variados os contributos das artes no desenvolvimento de processos comunitários. Antes de mais, é de salientar o impacto das linguagens artísticas no envolvimento, no bem-estar dos participantes e no fortalecimento das suas relações sociais.

Por meio da **Expressão dramática**, valorizaram-se os processos de aprendizagem, envolvendo ativamente os intervenientes, dando-lhes tempo e oportunidade para experienciar, contemplar, sentir e refletir de forma mais espontânea e informal, proporcionando vivências que permitem pensar sobre o que fazer para compreender, interpretar através de uma abordagem permanentemente dialética, onde se fomenta a autonomia para decidir como manifestar-se e expressar a sua perspetiva sobre a

realidade que os envolve. Tal como enfatiza Isabel Kowalski “A expressão dramática consubstancia-se como meio criativo, expressivo e comunicativo facilitador da reflexão, da organização de ideias e emoções, como estímulo lúdico e integrado para descobertas e conhecimentos vários, como meio de aprendizagem artística e de educação estética” (Kowalski, 2000, p.20). Nesta área, os participantes puderam incrementar o diálogo, a partilha de experiências que minimizaram diferenças, reforçando o sentido de união, contribuindo para que as pessoas se conhecessem a si próprias e se colocassem em relação com os outros, criando as suas próprias conceções e ajustando-se à realidade. A expressão dramática proporcionou ainda o desenvolvimento do juízo crítico, desenvolvendo a capacidade de comunicação e expressão criativa, impulsionando a criatividade e a imaginação. Para além de promover o desenvolvimento de múltiplas competências, nomeadamente, ao nível pessoal, social e cultural, fomentou igualmente a capacidade de refletir sobre as ideias que se iam criando.

No que se refere a linguagem da **Expressão Plástica**, podemos sustentar que a Plástica tornou concreta e “palpável” a realidade que os participantes visualizaram, que compreenderam, vivenciaram e que sentiram, utilizando esta linguagem artística para expressar ideias e sentimentos relativamente às histórias trabalhadas, tal como se pode verificar pelas palavras de Lurdes Civit e Sandra Colell: “El Arte no es únicamente una forma de expresión, es una forma de conocimiento (Civit&Collell, s.d, p.115). Observou-se que os participantes ao longo das sessões realizaram as suas produções com base nas próprias relações de espaço, de tempo, de materiais e de temas importantes para si, contribuindo para o aumento do bem-estar e da autoestima, além de estimular a cooperação e o desenvolvimento de relações sociais.

No que concerne à **Expressão Musical**, utilizada em algumas sessões, compreendeu-se que as práticas de exercícios vocais, de criação sonora, de criação instrumental através da encenação das histórias, levaram os participantes a adquirir competências criativas e de experimentação, revigorando e rejuvenescendo as experiências e vivências sonoras e musicais das crianças e das suas famílias. A abordagem da música como linguagem, a

nível prático, traduziu-se na capacidade de expressão, de fazer escolhas musicais e de criar uma experiência musical com sentido. Percecionou-se que nas atividades em que se utilizou a música, os participantes revelaram sentimentos de bem-estar, equilíbrio e alegria. A música despertou, envolveu e ativou aptidões e competências que se revelaram fundamentais para a expressão de sentimentos e para as produções artísticas desenvolvidas nos *ateliers*. Como Sousa explica, a música pretende tocar em aspetos inerentes à personalidade da pessoa, apelando à “sensorialidade, atenção, percepção, memória, pulsões, emoções, sentimentos, cognição, socialização, etc, constituindo os *jogos musicais expressivo criativos* a técnica educacional com a qual se processa o desenvolvimento destas capacidades” (Sousa, 2003, p.69).

Através das linguagens artísticas foi também possível perceber a interação e cooperação existentes no grupo. Durante a participação nos *ateliers*, os participantes tinham de estabelecer diálogos uns com os outros e encontrar soluções para os desafios que iam surgindo. Constatou-se que os *ateliers* desenvolvidos conferiram aos participantes a oportunidade de manifestarem criativamente o seu interior e a sua forma de interpretar acontecimentos, sem se imporem modelos “exemplares” e sem conduzi-los para a imitação do que já existe. As linguagens artísticas induziram as pessoas a descobrirem, a processarem as suas experiências e vivências, levando-as a uma introspeção que lhes permitiu desprender das rotinas que muitas vezes, bloqueavam as suas vidas. As produções artísticas realizadas nas sessões despoletaram as forças criativas de cada participante, levando-o a encontrar soluções inovadoras para os seus problemas, inclusive a lidar com uma grande variedade de emoções e sentimentos positivos e negativos. Como argumenta Aurora Ferreira

A Arte também pode ajudar na recuperação do ser humano, na medida em que o levará a realizar atividades que poderão lhe proporcionar grande satisfação e elevar a sua autoestima, além de reconhecer e valorizar essas atividades são pontos fundamentais nesse processo (Ferreira, 2010, p.14).

Podemos dizer que, partindo dos dados recolhidos ao longo deste estudo, a arte foi um instrumento privilegiado, detentor de um enorme potencial transformador, pois conferiu aos participantes a capacidade de imaginar, sonhar, criar, e de se recriarem a si e simultaneamente a capacidade de aceitarem os erros e as perdas.

Assim, e face ao apresentado, podemos afirmar que as atividades artísticas colaboram para a formação da consciência individual e coletiva, definindo e caracterizando a forma como as pessoas se comportam perante a sua própria vida e face ao meio e à sociedade em que vivem. Assim como Matarasso sustenta “a cultura e a língua não são suficientes. A arte é o parque de aventuras do coração onde podemos explorar, descobrir, partilhar e tornarmo-nos quem somos, em relativa segurança, a sós e em conjunto” (Matarasso, 2019, p.46).

Com estes pressupostos podemos afirmar que a arte não só desenvolve a dimensão pessoal das pessoas como também fornece competências sociais, entre elas o respeito pela diferença e simultaneamente a criação de sinergias no trabalho em equipa que fomentam um efetivo desenvolvimento social e cultural. Através das sessões desenvolvidas foi possível perceber que as atividades artísticas e culturais aproximam as pessoas e as educam para a estética. Como explica Conceição Lopes “Porque em Educação estética e cultural confrontam-se práticas, aferem-se linhas de construção, questiona-se, amplia-se, reenquadra-se modos de pensar, descobrem-se outras orientações para agir e interagir e coconstruir aprendizagens significativas para a existência pessoal e coletiva” (Lopes, 2015, p.14).

A investigação-ação “Cultura Artes e Comunidades” baseou-se no envolvimento da comunidade em todas as etapas do projeto. Primeiramente, na recuperação da biblioteca, um espaço detentor de um espírito do lugar, que outrora foi importante para a maioria dos habitantes da vila e que, antes do projeto, se encontrava encerrada. Posteriormente, na dinamização de *ateliers* criativos que abrangeram várias faixas etárias, onde foi possível verificar o papel catalisador das linguagens artísticas no processo de desenvolvimento comunitário. A participação das pessoas, a interação entre

elas, as experiências com base nas linguagens artísticas, a fruição, a reflexão crítica e a produção criativa constituíram as dimensões deste projeto e revelaram-se alicerces na promoção de uma ética relacional em que se desenvolveram competências emocionais indispensáveis ao pleno desenvolvimento humano e social.

Conclusões

Respondendo sucintamente à questão de partida patente no projeto - **“Quais os contributos das linguagens artísticas no desenvolvimento de processos comunitários?”** perceberam-se evidências de evolução positiva no que concerne ao desenvolvimento pessoal e social dos participantes, sendo possível afirmar que este projeto aproximou as pessoas umas das outras, possibilitou a união na recuperação e dinamização de um espaço importante para a comunidade, consolidando os laços de pertença e de cooperação.

Podemos verificar que **as linguagens artísticas** proporcionaram espaços de experimentação, reflexão, discussão e partilha nos grupos, tal como revelaram os diários de bordo dos participantes. Observou-se um entrosamento das crianças e famílias e interfamílias nos *ateliers*, onde se desenvolveram tempos e espaços de fruição, aprendizagem e produção criativa. As experiências obtidas através dos *ateliers* foram determinantes para a construção de aprendizagens significativas, assim como para a aproximação afetiva entre crianças e familiares, facilitando a troca de emoções, sentimentos e conhecimentos através de diversas formas de expressão, vividas e abordadas subjetivamente. As linguagens artísticas contribuíram também para melhorar a autoestima do grupo de seniores, pois ao longo das sessões conseguiram libertar-se de emoções e sentimentos depreciativos que bloqueavam a sua liberdade de expressão. Desta forma, conseguiram imaginar e criar as suas produções artísticas a partir das suas memórias, sentimentos e afetos, começando a acreditar nas suas capacidades, a interagir de forma harmoniosa e prazerosa consigo e com os outros.

O projeto colaborou assim para a edificação de uma comunidade mais participativa e ativa no seu âmbito cultural e educativo, identificando e valorizando a arte como fio

condutor do desenvolvimento do ser humano e da comunidade. Como salienta Natália Pais

É preciso educar a sensibilidade para utilizar a estética como suporte de uma ética relacional, porque para além do equilíbrio interior que exige, entre a realidade sentida e a objetividade pensada, implica formas de relacionamento interpessoal capazes de promover uma atitude moral de cooperação e isso faz-se praticando, construindo e reconstruindo (Lopes, Galvão & Pais, 2015, p.80).

No entanto, durante a implementação do projeto ocorreram algumas lacunas/dificuldades que se relacionaram sobretudo, com a pandemia que ocorreu durante a fase de intervenção. Por conta do vírus, as sessões do projeto tiveram de ser interrompidas, havendo um intervalo de três meses entre as duas primeiras e as duas últimas sessões relativas aos dois eixos de intervenção, sentindo-se uma quebra na adesão ao projeto, devido aos receios impostos pela pandemia. Para além disto, o contexto pandémico impossibilitou o desenvolvimento do 3º eixo de intervenção “AssociArte”. Outra dificuldade a destacar recai sobre os fracos recursos materiais que se conseguiram obter para a quantidade de participantes nos *ateliers*, que se justificou também com outra dificuldade, a instabilidade do número de participantes nas sessões, pois como eram *ateliers* abertos à comunidade em geral, não havia um número fixo de pessoas em cada sessão, pelo que se tornava difícil arranjar um número adequado de materiais. Conclui-se que os projetos que integrem as artes como estratégias de intervenção contribuem para a formação de pessoas responsáveis, autónomas, solidárias, conscientes das suas emoções, sentimentos e expressões em relação a si próprios e aos outros, capazes de gerir as suas inquietações com resiliência. O despertar do olhar crítico questiona, duvida, faz-nos criar e recriar questões que tocam a curiosidade e a afetividade e simultaneamente impulsiona a ação e só a ação leva à transformação. Desta forma, compreende-se que é necessário proporcionar uma educação artística às crianças, aos jovens, aos adultos e aos idosos, que os despertem

para tudo o que os rodeia, abandonando atividades estereotipadas que somente pretendem desenvolver capacidades técnicas, menosprezando a criatividade e a imaginação, indispensáveis à vida do ser humano.

Torna-se então necessário continuar a insistir na implementação de projetos de intervenção e animação artísticas que fomentem o desenvolvimento das pessoas, para que consigam identificar e exercer os seus direitos e deveres, num clima de diálogo e de respeito pelos outros, com espírito democrático, pluralista, crítico e criativo, na ótica de que é preciso continuar a criar meios para que este mundo possa ser um espaço otimizador de todos e para todos. É urgente que os dirigentes públicos valorizem a implementação de projetos que tenham como finalidade impulsionar o diálogo entre educação, cultura e comunidade. Como salienta Aurora Ferreira (2017)

(...) as políticas públicas de cultura devem ser vistas como propostas emancipadoras do ser humano e formuladas a partir dos indivíduos em suas respetivas comunidades, e não mais nos gabinetes das secretarias ou departamentos de cultura. A distinção entre a política pública de cultura e para a cultura efetuada no texto se deve ao entendimento de que a primeira é elaborada conjuntamente em diálogos com as comunidades, sendo capaz de realizar processos, continuamente, enquanto a segunda é pensada por poucos, em gabinetes, para toda uma sociedade, sem essa preocupação (Ferreira, 2017, p. 9).

A autora refere-se a projetos que constituem uma mais-valia para a integração das pessoas na vida cultural de uma determinada comunidade. Assim, estes projetos permitem englobar planos de ação organizados em parceria, onde a partilha de ideias e as decisões são tomadas conjuntamente para que a comunidade se reveja e sinta como seus estes projetos, em que os seus interesses e necessidades estão presentes na intervenção, visando assim o desenvolvimento social e comunitário.

Com estes pressupostos, podemos dizer que os processos criativos vividos nestes projetos de intervenção e animação artísticas permitem ainda desenvolver aprendizagens significativas também em profissionais que trabalham com pessoas que têm a missão de fazer emergir as suas potencialidades.

Bibliografia

Abelha, M. A. P. (2013). *Animação e promoção da leitura: em busca de formas de cont'arte*. Tese de Mestrado. Universidade Aberta.

Aguilar, L. (2001). *Expressão e Educação Dramática: Guia pedagógico para o 1º ciclo do ensino básico*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Alcaide e Montero (2015) Retos y complejidades de las prácticas artísticas colaborativas y las pedagogias coletivas. *Puls Revista de educación*, 38, 57-72. Consultado em 14 de abril 2020. Disponível em: <https://revistas.cardenalcisneros.es/index.php/PULSO/article/view/187/161>

Almeida, C. Cunha, G., Ferreira, S., Mendes, A., Strazzacappa, M., Vianna, T. (2001) *O ensino das artes: Construindo caminhos*. Campinas. Coleção Ágere.

Ander-Egg. (2000). *Metodologia y Práctica de la Animación Sociocultural*. Madrid: C.C.S.

Barbosa, A. e Coutinho, R. (2008). *Arte/educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Editora unesp.

Bauman, Z. (2007). *Tempos Líquidos*. Consultado em 15 maio 2020. Disponível em: <https://books.google.pt>

Bauman, Z. *Amor Líquido. Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*. Lisboa. Relógio D'Água.

Belém, Elisa. (2016- 7- 2). A Necessidade de Criar. *Revista Moringa Artes do Espetáculo*, v.7 (nº2).

Bento, A. (2008). Teatro e Animação Sociocultural: Parceiros Inequívocos em Estratégias de Participação Social e de Desenvolvimento Cultural. *Revista de Animação Sociocultural nº2 Eitorial CCS*. Madrid.

Best, David. (1996). *A racionalidade do sentimento*. Lisboa: Edições ASA.

Bogdan, R e Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.

Bompastor, E., Ferreira, F., Martins.F. (2012) *Metodologias Expressivas na Comunidade*. Venda do Pinheiro: Tuttirév Editorial.

Caballo, M.; Candia,F.; J. e Meira,P. (1996). *Léxico Básico de 131 conceptos clave de educación social*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.

Caldas, A; Vasques, E. (2014) *Educação Artística Para um Currículo de Excelência*. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa.

Calixto, J.; Nunes, M.; Freitas, M.; Dionísio, A. (2018). *Bibliotecas públicas, exclusão social e o fim da esfera pública*. Obtido em: <https://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/index>, consultado no dia 24 de Abril de 2020.

Campos, A. e Dias A. (2018). A Educação Artística na Escola do SéculoXXI. *Revista SABER & EDUCAR* 24. Consultado em 26/12/2018. Disponível em: http://revista.esepf.pt/index.php/sabereducar/article/view/335/pdf_78

Chafes, R. (2006). *O Silêncio de...* Lisboa: Assírio & Alvim.

Civit, L.Coleli, S. (s.d). EducArt. Intervención educativa y Expresión Plástica. *Educación Social*, núm. 28 pp. 99-120.

Coutinho, C. (2014). *Metodologias de Investigação em Ciências Sociais*. Consultado em 14 maio 2020. Disponível em: <https://books.google.pt>

Cruz, H. (2015). *Arte e Comunidade*. Lisboa: Fundação Calauste Gulbienen.

Cruz,H.; Bezelga,I.; Rodrigues, P. (2017). *Práticas Artísticas Comunitárias*. Lisboa: Fundação Calauste Gulbienen.

Dias, M. (2009). *O Vocabulário do Desenho da Investigação – A Lógica do Processo em Ciências Sociais*.Viseu. Psico& Soma – Livraria, Editora. Formação e Empresas, Lda. Dirección profesional: Institut de Formació de la Fundación Pere Tarrés (URL). Editorial Ariel. Instituto Piaget.

Ferreira, A. (1996,p.9). (2010) *Arte, Escola e Inclusão: Atividades artísticas para trabalhar com diferentes grupos*. Petrópolis: Editora Vozes.

Ferreira, F.; Callejas, G.; Freitas, O. (2015) *Educação, Desenvolvimento e Ação Local Comunitária*. Setúbal - Instituto das Comunidades Educativas (Cadernos ICE).

Figueiredo, E. (2011). *O rural plural: Olhar o presente, imaginar o futuro*. Castro Verde: 100Luz.

Fortuna, C.; Ferreira, C.; Martelo, V.; Quintela, P.; Santos, H & Mendes, J.M. (2014). *Cultura, Formação e Cidadania*. Lisboa: Governo de Portugal – Secretariado de Estado da Cultura.

Freire, P. (1989). *A importância do ato de ler*. Consultado em 16 de Maio 2020. Disponível no acervo da Biblioteca Central da UFPB.

Furlanetto, B. (2012) A Arte como Forma Simbólica. *Revista Científica/FAP, Curitiba*, v. 9, 36-50. Consultado em 10 de fevereiro 2020. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/144/140>

García, A.(2017). *Convivendo Juntos: Cultura Social Y Educación en Valores Quaderns d´animació i Educació Social*, 26, 1-8. Consultado em 5 de abril 2020. Disponível em: http://quadernsanimacio.net/ANTERIORES/veintiseis/index_htm_files/Convivendo%20juntos.pdf

García, J. (2006). Educación comunitaria. *Revista de educación nº 339*, 765-799. Consultado em 12 de abril 2020. Disponível em <http://www.educacionyfp.gob.es/dam/jcr:bddb83eb-66ae-444a-9125-8480274726ce/re33933-pdf.pdf>

Gillet, J.; (2006). *La animación en la comunidade*. Consultado em 10 maio 2020. Disponível em: <https://books.google.pt/>

Gohn, M. (2014). *Educação Não Formal e o Educador Social*. Consultado em 22 maio 2020. Disponível em: <https://books.google.pt>

Guerra, I. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo- Sentidos e formas de uso*. Estoril: Príncipeia.

Hernandez, F. Paiva, J., Terrasêca, M. (Vários) (2013). *Contemporaneidade na Educação Artística*. Porto: Educação, Sociedade & Culturas. Edições Afrontamento.

Hurtado, C.; Gillet, j.; Wanderley, L.; Cunha, N.; Arregui, M.; Pérez, V. (2006). *Colóquio de Animação Sociocultural*. São Paulo. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

Kowalski, I. (2005). *... e a Expressão Dramática*, . Leiria: Escola Superior de Educação de Leiria/ Instituto Politécnico de Leiria.

Kowalski, M.; Lopes, M.S.P.; Sousa, J. (2011). *Da Intervenção Artística à Investigação: uma experiência entre escolas vizinhas*. Escola Superior de Educação e Ciências Sociais/ Instituto Politécnico de Leiria. Núcleo de Investigação e Desenvolvimento em Educação.

Lopes, C.; Galvão, A.; Pais, N. (2015) *E a Estética onde fica? Conversas sobre Arte e Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Lopes, M. (2008). *A Animação Sociocultural em Portugal*. Chaves. Intervenção.

Lopes, M.; Pereira, J. (2008). *As Fronteiras da Animação Sociocultural*. Chaves: Intervenção.

Lopes, M.S.P. (2011) *O Saber Dramático: A Construção e a Reflexão*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Lopes, M. (2011). *Metodologias de Investigação em Animação Sociocultural*. Chaves: Intervenção.

Machado, J.; Alves, J.; Fernandes, A.; Formosinho & J., Vieira, I. (2014). *Municípios, Educação e Desenvolvimento Local – Projetos Educativos Municipais*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

Martins, G. (2009). *Património, Herança e Memória – A cultura como criação*. Lisboa: Gradiva.

Matarasso, F. (2019). *Uma Arte Irrequieta*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Mello, C. (2017). *A Compreensão Leitora de Textos Poéticos*. Lisboa: Edições Vieira da Silva.

Oliveros (2017) La Animación Artística. *Quaderns d'animació i Educació Social*, 26, 1-7. Consultado em 20 abril 2020. Disponível em: http://quadernsanimacio.net/ANTERIORES/veintiseis/index_htm_files/Animacion%20artistica.pdf

Poslaniec, C. (2006). *Incentivar o prazer de ler*. Porto: Asa Editores.

Prado, D. (2011). *Manual de Activación Creativa*. Meubook, S.L. Santiago de Compostela. Disponível em http://educreate.iacat.com/Biblioteca_prado/22.Dpd.18_Activadores.pdf

Quintas, S.; Castãno, M. (1998). *Animación Sociocultural*. Nuevos Enfoques. Salamanca: Amarú Ediciones.

Rancièrè, J. (2009). *A Partilha do Sensível*. São Paulo: Editora 34. Ltda.

Ribeiro, A. (2018). *O Mistério da Criatividade – Teorias e práticas criativas nas Ciências e nas Artes, na vida quotidiana e na Educação*. Porto: Edições Afrontamento.

Robinson, Ken. (2010). *“O Elemento”*. Porto: Porto Editora.

Rocha, M. cit. Hernandez (2000). Educação em Arte: encruzilhadas e caminhos *Medi@ções Revista On-line, Vol. 2 – nº 1 – 2013*. Instituto Politécnico de Setubal. Escola Superior de Educação. Disponível em <file:///C:/Users/User/Downloads/49-234-1-PB.pdf>

Rodrigues, F. (2011). *Educação do Olhar*. Lisboa: Chiado Editora.

Ruiz, A. (2018) La interacció entre l'Educació Comunitària, les expressions artístiques i la política. *Quaderns d'animació i Educació Social* 27. 1-26. Consultado em 21 de Abril 2020. Disponível em http://quadernsanimacio.net/ANTERIORES/veintisiete/index_htm_files/La%20interaccio.pdf

Santos, M. (2010). *Criatividade na Idade Maior*. Tese de Mestrado. Universidade Nova de Lisboa.

Santos, N. & Gama, A. (2008). *Lazer - Da libertação do tempo à conquista das práticas*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Saraiva, J. Müge, E. & cols. (2008). *Literatura na Escola*. Porto Alegre: Artmed

Serrano, G.; Puya, M. (2006). *Qué es la Animación Sociocultural – Epistemología y valores*. Madrid. Narcea, S.A. de Ediciones.

Serrano, G. (2008). *Elaboração de Projetos Sociais – Casos práticos*. Porto. Porto Editora.

Silva, M. (2012). *O Espaço Público na relação com Equipamentos Culturais – Os casos de Lisboa e Barcelona*. Tese de Mestrado. Universidade Técnica de Lisboa.

Sousa, A. (2003). *A Educação pela Arte e Arte na Educação, Música e Artes Plásticas*. 3º volume. Lisboa: Instituto Piaget.

Sousa, J. (2014). *Velhice na cultura contemporânea: um estudo sobre a perda emocional profunda*. Tese de Doutoramento. Universidade de Aveiro Departamento de Línguas e Culturas.

Spodek, B. e S., Olivia N. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. Porto Alegre: Artmed.

Terwagne, Serge & Vanhulle, Sabine & Lafontaine, Annette. (2003). *Les Cercles De Lecture – Interagir Pour Développer Ensemble Des compétences De Lecteurs*. Bruxelas: Editora De Boeck.

Trilla, J. (1998). *Animação Sociocultural- Teorias, Programas e Âmbitos*. Lisboa: Editorial Ariel.

Ventosa, V. (2017) *Didática da Participação. Teoria, metodologia e prática*. São Paulo: Edições SESC.

Anexos

Anexo 1- Guião de Entrevista Semiestruturada à Comunidade da Freguesia de Pontével

Tabela 1 - Guião da Entrevista dirigido à Comunidade

Problemática	Dimensões	Objetivos	Questões
Ocupação dos Tempos Livres	<ul style="list-style-type: none"> - Vivência - Motivações - Aspirações 	<ul style="list-style-type: none"> -Compreender de que forma as pessoas da comunidade organizam, valorizam e vivenciam os seus tempos livres; -Identificar o tipo de atividades que mais entusiasma e satisfazem as pessoas e os motivos das suas escolhas; -Descobrir as motivações, os interesses e as tendências que as pessoas manifestam para a realização de outras atividades que não têm oportunidade de desenvolver. 	<ul style="list-style-type: none"> -O que costuma fazer nos seus tempos livres? - O que o/a leva a realizar essas atividades? - Com que frequência as realiza? -Qual ou quais as atividades que lhe dão mais satisfação? Porquê? -Que outras atividades gostaria de vir a realizar? Porquê?
Identidade Cultural	<ul style="list-style-type: none"> - Identidade Cultural - Valorização - Identificação de fatores de 	<ul style="list-style-type: none"> - Perceber se as pessoas identificam, reconhecem e valorizam a sua terra, as suas tradições e se possuem laços afetivos com o local; -Conhecer a perceção das pessoas relativamente ao desenvolvimento 	<ul style="list-style-type: none"> -O que lhe agrada em Pontével? E o que lhe desagrada?

	(in)satisfação	económico, social e cultural da vila onde habitam.	
Oferta Cultural/Papel das Associações e Instituições Locais na promoção da Cultural	- Oferta Cultural	- Perceber o valor atribuído às manifestações culturais; - Identificar a perceção da Comunidade relativamente às respostas culturais que existem na freguesia.	- Quais as atividades culturais que mais valoriza na freguesia de Pontével? Porquê? - Na sua opinião que fatores permitem dar vida a cultura de uma freguesia?
Problemas, Necessidades e Interesses da Comunidade ao nível Cultural com vista ao desenvolvimento	- Inovação e Desenvolvimento - Participação	- Procurar entender quais as respostas culturais de que as pessoas gostariam de poder usufruir e quais os motivos que estão na base dessas escolhas; - Perceber qual é a sensibilidade relativamente à inovação e ao desenvolvimento comunitário.	- Em termos culturais, o que falta em Pontével? - Qual o impacto das sugestões mencionadas para o desenvolvimento da comunidade?

<p>Abordagem à Linguagens Artísticas</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Interesse - Percepções - Expetativas 	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender em que medida as linguagens artísticas são valorizadas pela comunidade nas atividades que desenvolvem ou que gostariam de desenvolver. 	<ul style="list-style-type: none"> - Que áreas artísticas lhe interessam? Porquê? -Nos seus tempos de lazer que atividades artísticas desenvolve ou gostaria de desenvolver? Porquê?
<p>As Atividades Artísticas na Ocupação dos Tempos Livres</p>	<ul style="list-style-type: none"> -Desenvolvimento pessoal e social 	<ul style="list-style-type: none"> - Captar a percepção das pessoas relativamente à utilidade que estas atividades têm ou que poderiam ter nas suas vidas e na vida de quem as pratica. 	<ul style="list-style-type: none"> - O que pensa das práticas artísticas no usufruto dos tempos livres?
<p>Práticas Culturais da Comunidade</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Fruição estética e cultural 	<ul style="list-style-type: none"> -Perceber até que ponto as pessoas da Comunidade vivenciam e experienciam acontecimentos culturais; - Identificar os interesses culturais que mobilizam e sensibilizam as pessoas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Qual o papel das práticas culturais na sua vida? (Museus, Exposições, Performances, Galerias Artísticas, Workshops, Feiras de Artesanato, Cinema, Eventos Culturais)

<p>Envolvimento e Participação Cultural</p>	<p>-Cidadania Participativa</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender até que ponto as pessoas se envolvem e têm consciência da importância da sua participação em projetos comunitários e associativos; - Compreender o que levaria à participação em Movimentos/Associações culturais; - Identificar a natureza das motivações que levam à participação (altruísta/egoísta); - Perceber em que medida a participação na vida cultural é vista como um direito ou como um dever. 	<ul style="list-style-type: none"> - O que o levaria a colaborar num Movimento Associativo ou numa Instituição ou Associação Cultural? Porquê? - Como pensa que poderia colaborar no desenvolvimento da sua comunidade local?
----------------------------------------------------	---------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Anexo 2 - Entrevista Exploratória – Grupo de Foco

Tabela 2 - Guião para Entrevista Exploratória - Grupo de Foco

Problemáticas	Dimensões	Objetivos	Questões
<p>Contributo das Associações/ Instituições para o Desenvolvimento</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento Social, Cultural - Educativo, Socioeconómico - Participação 	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender de que forma as Associações contribuem para o bem-estar e para o desenvolvimento da comunidade; - Compreender de que forma estas Associações/Instituições contribuem para a participação das pessoas na sua vida 	<ul style="list-style-type: none"> - Qual o papel das Associações/Instituições para o desenvolvimento local? - Em que medida sentem que o vosso trabalho é

		<p>pessoal e coletiva.</p>	<p>reconhecido pela comunidade?</p>
<p>Experiências e Práticas das Associações/ Instituições</p>	<p>-Práticas culturais</p>	<p>- Identificar as iniciativas valorizadas pelas Associações e Instituições com vista ao seu desenvolvimento.</p>	<p>- Que eventos costumam dinamizar? Para que fins?</p>
<p>Oferta Cultural/Papel das Associações e Instituições na promoção da Cultura</p>	<p>-Percepções, tendências e desafios</p>	<p>- Conhecer as ideias e as atividades que as Instituições/ Associações gostariam de poder implementar para além daquelas que têm levado a cabo;</p> <p>- Descobrir as motivações, os interesses e as tendências que manifestam para a realização de outros eventos que não têm oportunidade de desenvolver;</p> <p>- Entender a percepção das Associações/Instituições relativamente ao seu papel no seio da comunidade.</p>	<p>- Que outras atividades/modalidades gostariam de implementar? Porquê?</p> <p>- Que outros eventos gostariam de poder dinamizar perante a comunidade? Porquê?</p>
<p>Identificação de Problemas e Necessidades das Associações/</p>	<p>- Identificação de fatores que bloqueiam o desenvolvimento</p>	<p>- Captar os constrangimentos percecionados pelas Associações/Instituições no exercício das suas funções;</p> <p>- Identificar as origens dos problemas;</p> <p>- Perceber as motivações e os interesses das</p>	<p>-Quais as principais dificuldades com que se depara a atividade associativa?</p>

Instituições		Associações/Instituições.	
Valorização das Associações/ Instituições	<ul style="list-style-type: none"> -Apreciação - Interesses -Desenvolvimento 	<ul style="list-style-type: none"> -Identificar os incentivos apontados pelas Instituições e Associações no que se refere aos apoios prestados por parceiros sociais e órgãos autárquicos; -Tentar compreender se na perspetiva das Instituições e Associações existem condições económicas, organizacionais e humanas para se desenvolverem atividades que consideram importantes. 	- Até que ponto se sentem apoiados? (por quem?)
Perspetivas de Desenvolvimento das Associações e Instituições	<ul style="list-style-type: none"> - Regulação - Iniciativas - Participação 	<ul style="list-style-type: none"> - Perceber as estratégias utilizadas pelas Instituições/Associações para fazer face aos problemas com que se deparam; - Compreender os mecanismos de superação e resolução de problemas destas Entidades; -Perceber em que estado se encontra o dinamismo/empreendedorismo destas Instituições e Associações; - Perceber a eficiência das Organizações/Instituições na 	- Que tipo de estratégias têm encontrado para ultrapassar obstáculos?

		resolução de problemas e na capacidade de diálogo no que se refere às soluções que encontram.	
Preservação do património cultural e arquitetónico	- Identidade Cultural	- Compreender se as Associações/Instituições se preocupam em manter espaços e tradições que preservam e valorizam a identidade cultural.	- Até que ponto assumem a preservação do património cultural e arquitetónico como uma responsabilidade? (Tradições e Espaços)

Anexo 3- Diários de Bordo 1º Eixo de Intervenção

Diário de Bordo nº1

O grupo foi composto por vinte crianças entre os 2 e os 10 anos, acompanhadas pelos seus familiares (pais, avós, irmãos mais velhos). Iniciámos a sessão com uma pequena apresentação do projeto “EntreLaços e Letras...E outras coisas” onde se explicou em que consistia o projeto, bem como alguns dos seus objetivos. As famílias presentes manifestaram um parecer positivo quanto à ideia de irmos aos poucos, remodelando a Biblioteca em conjunto com a comunidade, inclusive manifestaram vontade de angariar alguns materiais necessários tais como livros infantis, canetas, lápis entre outros.

Nesta primeira sessão, esteve presente o Presidente da Junta da Freguesia que proferiu algumas palavras de incentivo e de interesse em iniciar e em manter este projeto na Biblioteca. De seguida, deu-se início à apresentação e à leitura em voz alta da história “O Monstro das Cores”. Posteriormente à leitura, verificou-se que as crianças demonstraram interesse em manusear o livro e apesar de este momento não estar contemplado na planificação da sessão, a animadora foi chamando as crianças para poderem sentir o livro, uma vez que era um livro pop up e pelo que foi constatado, muitas crianças não o conheciam. Como se pode visualizar através das figuras 1 e 2, as crianças manifestaram muito interesse no livro.



Figura 1 – Criança B.a manusear o livro.



Figura 2 - Criança L. a manusear o livro.

Depois, apresentou-se ao grupo o “Saco Sabichão” (figuras 3 e 4) que pensava que tinha sempre razão e explicou-se que o saco ia passar de mão em mão e todos iam repetir “Saco Sabichão queres que eu responda sim ou não?” e quando acabássemos de dizer a frase, quem tivesse o saco nesse momento, abria-o e tirava uma pergunta que era lida pela família e respondida pela criança.



Figura 3 - Saco Sabichão.



Figura 4 - Dinâmica do Saco a passar de mão em mão.

Esta dinâmica pretendeu motivar os participantes a responderem a algumas questões que se prendiam com as personagens da história, com as emoções abordadas, assim como ambicionavam perceber o impacto da história nas crianças e como se projetaram a elas próprias perante a leitura. As perguntas foram as seguintes: “Que outras cores o monstro poderia ter?; “O verde é a cor da...?; “Como se sentia o monstro quando acordou?; “Quando estás triste o que costumavas fazer?; “O que a menina ajudou o monstro a fazer?; “No final da história o monstro ficou de que cor? E para ti o que essa cor quer dizer?; “Se fosses o monstro, quais as cores que mais usavas em ti? E porquê?; “Como estavam as emoções do monstro no início da história?; “Como se sente o monstro quando tem a cor vermelha?; “A cor azul é a cor da...?; “Qual a cor da alegria e o que costumavas fazer quando estás alegre?; “Quando sentes raiva o que costumavas fazer?; “O que sentiu o monstro quando teve medo? E tu o que fazes quando tens medo?”. Todas as crianças presentes na sessão conseguiram responder com assertividade às questões, embora algumas tivessem manifestado alguma vergonha e receio de falar em público, por isso respondiam num tom de voz baixo e tímido. Neste jogo, pudemos constatar que as crianças conseguiram, em geral, manifestar a sua

interpretação sobre as emoções, conseguindo transpor para si as emoções da personagem do livro, abordando como se sentiam e comportariam na situação vivida pela personagem. Por exemplo, na pergunta “E tu o que fazes quando tens medo?”, uma criança respondeu que costuma fechar-se no quarto sozinha; na pergunta “Qual a cor da alegria e o que costumavas fazer quando estás alegre?” outra criança respondeu que a cor da alegria é a cor amarela e que quando está alegre costuma pular e correr”.

No momento seguinte, foi a vez do jogo da mímica onde foi utilizado o grande Coração do Monstro (fig.5) que continha umas janelas que davam para abrir e tirar moedas coloridas.



Figura 5 - O Coração do Monstro.

Explicou-se ao grupo que cada criança acompanhada pelo seu familiar teria de abrir uma janela do coração e tirar de lá uma moeda com uma determinada cor e que teriam em conjunto, de falar em segredo, sobre qual a emoção que essa cor representava para si e de seguida representá-la para que os outros conseguissem adivinhar a emoção mimada. Verificou-se que algumas crianças e famílias representaram as emoções abordadas na história associadas a uma cor específica. Porém, houve crianças e famílias que para uma mesma cor abordada na história, representaram outra emoção diferente da emoção da história. Por exemplo, houve uma criança e mãe que para o azul (fig. 6) representaram o carinho, enquanto na história o azul era a tristeza.



Figura 6 - Criança e mãe a mimarem a emoção “Ternura” que relacionaram à moeda de cor azul.

Quanto às moedas de outras cores que não foram abordadas na história, houve crianças e familiares que conseguiram identificar outras emoções tais como a vergonha, que tinha cor salmão (fig.7), o vermelho a paixão. Ou seja, para outros elementos do grupo, enquanto na história, o vermelho representava a raiva, a moeda cor de laranja representou para outra criança e família, a alegria. Verificou-se que as cores como o azul, que na história representava a tristeza, para uma criança/família, representava ternura, sendo que o seu gesto representado foi o abraço; já a cor de laranja representava para alguns a alegria e o vermelho ou o cor-de-rosa a paixão e a raiva. Inclusive, a criança mais nova do grupo, com apenas dois anos, tirou a moeda colorida e referiu o nome da cor (laranja), levantou os braços e sorriu. Podemos dizer, que este jogo permitiu que as crianças conseguissem identificar e expressar de forma subjetiva outras emoções para além daquelas que estavam presentes na história, e conseguiram em geral, expressar por movimentos e gestos essas mesmas emoções. Através desta dinâmica, também se pôde observar a cumplicidade e a partilha de ideias entre crianças e familiares no que se refere às emoções que iriam representar de acordo com a cor que tinham tirado da janela do coração de cartão como se pode constatar pelas figuras 8 e 9.



Figura 7 – Criança a representar a emoção “Vergonha” que relacionou com a moeda de cor salmão.



Figura 8 - Criança e Mãe a retirarem a moeda colorida do “Coração do Monstro das Cores”.



Figura 9 – Irmãos a representarem a emoção “Paixão” que relacionaram à moeda de cor vermelha.

Contudo, existiram algumas crianças e familiares que se mostraram um pouco mais inibidos perante a exposição em grupo. Porém, a maioria do grupo participou de forma interessada e entusiasmada (quase todos quiseram abrir a janelas do coração e tirar de lá as moedas coloridas) na atividade. Os movimentos corporais usados para mimarem as emoções que as cores das moedas lhes transmitiam, fomentou a capacidade de reflexão sobre as emoções e ideias que iam surgindo em conjunto. No final deste jogo, o grupo foi convidado a elaborar mais monstros das cores no *atelier* “E a história continua... - Construção de Monstros”, em que as crianças juntamente com a família teriam de elaborar mais uma personagem para a história de acordo com as emoções mimadas no jogo anterior. Explicou-se que mediante os materiais que estavam espalhados nas mesas, poderiam criar os monstros livremente e que depois os iriam juntar ao Monstro do coração colorido.

Verificou-se que os participantes conseguiram construir os seus “Monstros” com os diversos materiais que tinham à disposição e pôde constatar-se que as crianças e as famílias envolveram-se no *atelier* (fig. 10), demonstrando criatividade e imaginação na construção de novas personagens, além de associarem às personagens criadas, emoções diferentes daquelas que foram abordadas na história.



*Figura 10 - Crianças e famílias no atelier
“Construção de Monstros”.*

Tal como se pode comprovar nas figuras 11, 12 e 13, cada criança e familiar escolheu o nome para as personagens que criou, relacionando-o com a emoção representada no jogo da “Mímica das Emoções”, inclusive, a decoração do boneco beneficiou da cor escolhida para representar uma determinada emoção. Constatou-se também que os

participantes entenderam as linguagens artísticas como formas diferentes de trabalharem conteúdos didáticos.



Figura 11 - Personagem "O Monstro da Ternura" (moeda azul).



Figura 12 - Personagem "O Monstro da Paixão" (moeda cor-de-rosa).



Figura 13 - Personagem "O Monstro das Surpresas" (moeda roxa).

Por último, houve uma conversa com o grupo sobre algumas emoções abordadas em que ocorreu uma associação de ideias no que diz respeito ao coração estar colorido com várias cores. O coração colorido representava a quantidade de emoções que fazem parte de todos nós e que por vezes, estão baralhadas... No entanto com ajuda, conseguimos sempre organizá-las por janelas, cada uma no seu lugar.

Podemos dizer que os objetivos da sessão foram atingidos, especialmente porque houve um grande envolvimento das crianças e das suas famílias no decorrer das atividades, assim como se pôde observar pelo empenho, pela criatividade e imaginação na elaboração dos Monstros. No final da sessão, as crianças e as suas famílias quiseram tirar fotografias com os Monstrinhos que realizaram em conjunto (figuras 14 e 15).



Figura 14 - Fotografia da criança J. junto aos "Monstrinhos".



Figura 15 - Fotografia da criança B. com os "Monstrinhos".

Diário de Bordo nº 2

O grupo foi constituído por 21 crianças e suas famílias (mães, pais, avós). A 2ª sessão iniciou de forma descontraída, de modo a envolver o grupo nas dinâmicas que se iam desenvolver ao longo da sessão. Por isso, foram distribuídas bolachinhas “línguas de urso” às crianças e famílias que iam chegando à sessão. Depois explicou-se ao grupo que desta vez, o livro escolhido era um “livro jogo” que contava a história de uma família que ia à caça do urso pela floresta e entretanto decide convidar todos para brincar. Neste sentido, a brincadeira proposta era ir pelo bosque à caça do urso, só que para encontrá-lo teríamos de atravessar alguns obstáculos. Neste jogo todos íamos narrar a história e fazer os movimentos que as personagens faziam e por isso tínhamos um livro gigante e teríamos de imaginar que estávamos dentro dele.

Após esta explicação, realizou-se a primeira leitura do livro “Vamos à Caça do Urso” em jeito de apresentação da história em que se incentivou as crianças e famílias a repetir a frase: *“Vamos à caça do urso. Vamos caçar um dos grandes! Que belo dia! Não temos medo”* de modo a introduzir as ações seguintes. Verificou-se neste momento, entusiasmo e expectativa elevada no grupo, pois todos repetiram e memorizaram de imediato a frase com entoação e expressividade. Pôde constatar-se que as crianças e as famílias entraram facilmente no ritmo que a leitura sugeria. Conseguiram memorizar e dizer a frase que antecipava as ações da história. Posteriormente, foram projetadas as imagens da história, no livro gigante como se pode verificar na figura 16, e o grupo foi convidado a contá-la e a fazer os gestos e os movimentos das personagens, como se realmente fossem as personagens reais do livro. No decorrer desta primeira leitura, pôde constatar-se a atenção e a repetição de algumas frases da história, acompanhadas de alguns gestos relacionados com essas frases. De seguida, deu-se início ao atelier “E se estivéssemos dentro do livro?” em que se pediu aos participantes para se colocarem de pé, de frente para o livro gigante prontos para a ação! O grupo começou a repetir a frase: *“Vamos à caça do urso. Vamos caçar um dos grandes! Que belo dia! Não temos medo.”* Depois, projetaram-se as imagens da história numa das páginas do livro gigante e pediu-

se às crianças e aos seus familiares que olhassem para as imagens e as acompanhassem com gestos e movimentos, tal como se estivessem dentro do livro. Na figura 17 é perceptível o grupo a executar os gestos e movimentos que a história sugeria.

No início desta atividade, o grupo revelou alguma contenção nos movimentos, nomeadamente por parte de alguns familiares que manifestaram alguma timidez, porém a maioria das crianças estiveram muito entusiasmadas e conseguiram exprimir gestos e ruídos característicos do “roçar da roupa nas ervas altas e ondulantes do percurso” reproduzindo o som “*reste, restolha, reste, restolha*”; a atravessar o rio dizendo “*chap, chapinha, chap, chapinha*” e simulando o respetivo gesto; a atravessar o nevão diziam “*uh, uh, uh, uh*” reproduzindo o som do frio e o seu movimento; a passar a lama grossa e pegajosa emitindo o som “*pate, patinha, pate, patinha*” e o seu gesto entre outros obstáculos que a história propunha que os leitores passassem.



Figura 16 - Livro Gigante onde se projetaram as imagens da história.



Figura 17 - Grupo a realizar os movimentos e os gestos inerentes à história “Vamos à caça do urso”.

Foi interessante observar que embora muitas crianças e famílias se reportassem aos sons que a história propunha, outros inventavam novos sons, como por exemplo para a lama com o “*glop, glop, glop, glop*”, ainda outro som “*splash, splash, splash*” para o rio. No que se refere aos movimentos realizados no decorrer da dinâmica, observaram-se movimentos de acordo com as indicações da história “*Não podemos passar por cima, não podemos passar por baixo*” (o grupo em geral, baixava-se e levantava-se), porém a

expressão facial e corporal que realizaram revelou-se quase sempre elucidativa da intenção de atravessar o obstáculo sem medo e com entusiasmo. Quase no final da história, a dinamizadora conduziu os participantes para perto de uma manta que estava no chão com o intuito de levar o grupo a esconder-se do urso (Fig.18). As crianças manifestaram muita alegria neste momento, pois parecia que estavam a sentir aquela sensação de adrenalina misturada com um pouco de medo de, a qualquer momento, serem descobertas pelo urso.



Figura 18 - Grupo a esconder-se do urso tal como as personagens da história “Vamos à caça do urso”.

Em seguida, o grupo visualizou a filmagem desta dinâmica. Algumas crianças e famílias acharam engraçado e interessante observarem os seus movimentos e durante o visionamento do vídeo estavam com muita atenção, inclusive houve uma criança que disse para o colega: *“Olha, tu ias caindo a fingir que tropeçavas”*, ou seja, a observação dos gestos facilitou a consciencialização não só dos próprios movimentos recriados como também dos movimentos dos outros elementos. Observou-se que nesta atividade, as crianças e as suas famílias envolveram-se de forma muito espontânea nesta dinâmica, inclusive verificou-se em crianças que ainda não dominam a leitura, que estas iam tentando acompanhar a leitura da história projetada no livro gigante, constatando-se que associavam os sentidos das palavras aos gestos e sons criados. No final da conversa sobre a filmagem, o grupo foi desafiado a juntar-se em pequenos grupos e a

desenhar/pintar um outro final para a história nas folhas gigantes de cartão que foram dispostas no chão, como se pode verificar nas figuras 19, 20, 21, 22, 23 e 24.



Figura 19 - Grupos a elaborar um novo final para a história.



Figura 20 - Grupos a elaborar um novo final para a história.



Figura 21 - Grupos a elaborar um novo final para a história.



Figura 22 - Grupos a elaborar um novo final para a história.



Figura 23 - Grupos a elaborar um novo final para a história.



Figura 24 - Grupos a elaborar um novo final para a história.

Enquanto o final da história foi não voltar à caça do urso, os grupos conseguiram pintar outros finais que partilharam uns com os outros. Por exemplo, um dos finais que um dos grupos inventou foi que *“o urso entrou em casa daquela família e disse-lhes para não terem medo dele porque o que ele procurava era uma amizade verdadeira com os humanos”* (fig.24). Outro final foi *“que o urso encontrou uma namorada para acabar com a sua solidão...”* (fig.23). Outro ainda foi que *“o urso voltou para a floresta e fez uma grande festa com os seus amigos (borboletas gigantes, abelhas, flores, outros ursos...) e foi feliz para sempre”* (fig.21). Podemos referir que as crianças e as famílias envolveram-se na dramatização da história, seguindo as suas instruções e recriando alguns sons diferentes dos que a história sugeria, desenvolvendo assim competências ao nível da interpretação, memorização e improvisação, conseguindo por fim imaginar e criar novos finais para a história (fig.25, 26) e completar o livro gigante com finais diferentes (fig.27).



Figura 25- Folhas do livro gigante com um final diferente para a história, criada por cada grupo.



Figura 26 - Grupo a revelar o seu trabalho final.



Figura 27 - Livro gigante completo com os finais de cada grupo.

Diário de Bordo nº 3

O grupo foi constituído por 14 crianças e respetivas famílias. Verificou-se um decréscimo de participantes nesta sessão. Há que salientar que durante três meses, as sessões foram interrompidas devido à fase de confinamento obrigatório a que a população foi sujeita. Na sequência da pandemia que continuamos a enfrentar, os *ateliers* foram realizados no espaço exterior da Biblioteca, por forma a serem cumpridas as normas de distanciamento social. Perante estas circunstâncias, a dinamizadora organizou o espaço exterior com mantas, almofadas e diversos instrumentos musicais, (fig. 29), embora o percurso sensorial tivesse sido preparado no interior da Biblioteca (fig.28).

No início da sessão houve uma conversa com o grupo sobre os diversos momentos que iam decorrer, assim como uma breve apresentação da história “Cem sementes que voaram”. Explicou-se que havia uma árvore que estava esperançosa para lançar as suas sementes, mas tinha de esperar algum tempo para que isso acontecesse... *Eis que chega o dia especial! E nós vamos todos fazer uma viagem com as sementes da história e sentir com os nossos pés o que sentiram as sementes durante os seus voos...vamos sentir esta aventura!* De seguida, deu-se início à primeira leitura da história em voz alta.

Posteriormente, abordou-se o significado de algum vocabulário presente na história, tal como o significado das palavras “germinar”, “planar” e “solo”. Falou-se também sobre algumas particularidades das árvores que inspiraram esta história tais como: o amieiro que é uma árvore de folha caduca que necessita de humidade e sombra para germinar e é por isso que se localiza quase sempre, perto de lagos ou rios; a cerejeira cujo caroço é transportado no papo de alguns pássaros como o melro, que comem a cereja e deixam os seus caroços cair na terra, dando hipótese para este tipo de árvores germinarem; o choupo que é outra árvore de folha caduca que liberta um género de “algodão” de cor branca que se espalha pelo ar criando um efeito surpreendente; a tília produz flores bonitas e com cheiro agradável, que são usadas para fazer chá e, a tília precisa de espaço e profundidade de solo para se desenvolver.

Durante o diálogo com o grupo sobre as especificidades das plantas, foram distribuídos os seus ramos para que todos pudessem ver, tocar, sentir e cheirar essas plantas. Neste momento, as crianças demonstraram curiosidade e interesse em tocar e sentir as texturas e os cheiros das plantas (fig.30).



Figura 28 - Percurso Sensorial.



Figura 29 - Pátio onde foram realizados os ateliers.



Figura 30 - Mãe e filha a explorarem as texturas dos ramos do Amieiro

Posteriormente, convidou-se o grupo a realizar um percurso sensorial (dentro da sala) em que crianças e adultos foram convidados a descalçarem-se e a realizarem o percurso, à medida que ouviam a história (fig.31). Mas antes deste momento, cada elemento do

primeiro grupo escolheu qual a semente que gostaria de ser. Salienta-se que o percurso sensorial foi organizado a partir da sequência de acontecimentos da história, ou seja, de acordo com a viagem que as sementes realizaram antes de germinarem, com o intuito de que os participantes pudessem sentir as texturas, as temperaturas e os cheiros que as sementes da história percorreram durante os seus voos, antes de germinarem, pois considera-se que esta é uma forma de estimular os sentidos e contribuir para uma melhor interpretação da história e dos seus conteúdos, para além de proporcionar momentos em que os envolvidos puderam vivenciar diversas emoções e sentimentos e em que eram convidados a refletir sobre eles.



Figura 31 - Primeiro grupo a realizar o percurso sensorial.



Figura 32 - Crianças a girarem os objetos de ilusão ótica.

Uns elementos do grupo disseram que queriam ser sementes de pinheiro, outros de cerejeira, outros de tília e outros de morangueiro. Como eram muitos participantes para a dimensão da sala, fizeram-se dois grupos. Contudo, o outro grupo revelou interesse em observar o primeiro a realizar o percurso e nesse sentido, acabaram por não começar a realizar o outro *atelier* como estava programado no plano de atividades (B). O primeiro grupo era formado por algumas crianças e um adulto e o segundo, a maioria eram adultos e algumas crianças adolescentes. À medida que passavam pelo percurso, a animadora questionava o que sentiam e alguns participantes iam dizendo: “Este caminho

faz doer!". Quanto ao gelo que foi colocado no interior do plástico, de forma a dar a sensação do frio do rio, alguns diziam: *"É um gelo!"* Questionados sobre o que estavam a sentir, respondiam: *"É frio e gelado!"* No que diz respeito às pedras que iam sentindo, os participantes ao pisarem-nas, referiam ter dor: *"Está a doer, é rijo!"*. Uma mãe comentou: *"É mais agradável que o gelo!"* Quando chegaram à parte das folhas e ervas diziam: *"Está mole! Está a picar!"*. No topo do caminho, havia três árvores que indicavam o fim do percurso que as sementes tinham feito, visto que depois de terem passado por aqueles obstáculos todos, conseguiram germinar. Cada árvore tinha um brinquedo de ilusão ótica em que cada participante podia girar e podia constatar que tal como na história, o melro estava a comer as sementes, o coelho estava a comer a pequena planta que já tinha germinado e a rocha onde a semente tinha caído, afinal sempre tinha um pouco de terra que fez com que a semente germinasse (fig.32).

Durante o percurso pôde constatar-se que a maioria do grupo estava completamente rendido às sensações e texturas que estava a vivenciar, porém três crianças tiveram receio em realizá-lo, sendo que não se quiseram descalçar e somente observaram os outros a fazerem o percurso. Não obstante, as crianças que não participaram no percurso riam-se, ao ver os colegas a experienciá-lo. Talvez estas reações se justifiquem pela ausência de experiências deste género que podem causar, à priori, receio nas crianças, em se aleijarem, em se sujarem, em sentirem sensações que consideram negativas. Contudo, no final da sessão, algumas crianças quiseram realizar o percurso, ainda que calçadas e manifestaram alegria e prazer. No que se refere ao percurso, uma criança referiu que o mais difícil para ela, foi sentir as pedras e o mais fácil e agradável foi sentir o frio da água.

As crianças mais novas tiveram dificuldade em rodar os objetos de ilusão ótica, mas no entanto, insistiram para conseguirem manuseá-los. Quando o segundo grupo chegou ao final do percurso, as crianças do primeiro grupo ainda tentavam rodar os brinquedos.

De seguida, convidou-se cada grupo a imaginar como seria a semente característica daquela espécie de planta que lhes foi atribuída para posteriormente, a desenharem no



Figura 33 - Crianças a desenhar as sementes tal como as imaginavam a partir das plantas que visualizaram.



Figura 34 - Crianças a desenhar as sementes tal como as imaginavam a partir das plantas que visualizaram.

papel de cenário, (fig. 33, 34) exposto nas paredes. Durante esta atividade, pôde perceber-se uma excelente dinâmica de cooperação e entajuda na maioria dos grupos, constatando-se que conseguiram ouvir as opiniões de todos os elementos do grupo e dividiram as tarefas no momento de pintarem as sementes no painel. Observou-se que alguns grupos atribuíram à sua semente as características das suas plantas, havendo uma assimilação das características específicas de cada planta e uma analogia entre as características das plantas e as suas sementes.

Após a pintura das sementes na parede, os grupos exploraram os instrumentos musicais que tinham à disposição (fig. 35).

Depois, foi sugerido a cada grupo que produzisse, em conjunto, uma melodia para a viagem das sementes das suas plantas e que quando a história fosse lida novamente, cada grupo tocava a música que produziu, somente quando chegasse a vez da sua



Figura 35- Família a explorar os instrumentos.



Figura 36- Grupo a produzir sons em conjunto.

semente (fig.36).

Verificou-se neste *atelier*, que os grupos estavam muito motivados e interessados a explorar o som dos instrumentos, sendo que a animadora teve de dar mais um pouco de tempo para os grupos comporem a produção sonora da história. Porém, todos os grupos conseguiram-se organizar e criar em conjunto sons que consideraram adequados para a viagem das suas sementes. Quando os grupos terminaram as suas produções sonoras, a animadora narrou novamente a história e cada grupo, à vez, conseguiu acompanhar a leitura com os sons que produziu.

Constatou-se que cada grupo conseguiu respeitar a sua vez e manifestou possuir “ouvido”, concentração e atenção para saber quando era a sua vez de tocar e a sua vez de ficar em silêncio, coordenando assim, a produção musical da história. Pôde ainda observar-se, que o grupo em que na história, a semente caía ao rio e flutuava nas águas, escolheu os seguintes instrumentos: xilofone, triângulo e maracas, emitindo sons em simultâneo, produzindo uma melodia suave com baixa intensidade, cuja melodia fazia lembrar a serenidade das águas do rio. Já o grupo cuja semente caiu na estrada utilizou uma serie de instrumentos, em que cada elemento tocava mais que um, com alta intensidade para fazer lembrar a confusão de uma estrada com carros a passar. Quanto ao grupo cujas sementes foram comidas e bicadas por pássaros, utilizaram o pau de chuva, o tambor e os guizos e tentaram coordenar batidas dos tambores com os outros instrumentos em simultâneo para dar a ideia de um movimento repetido como o do bicar dos pássaros. Houve ainda um grupo que referiu que no momento da produção sonora da história acabou por não produzir o som que tinha combinado anteriormente, referindo que na altura da narração da história os elementos do grupo não conseguiram coordenar os sons que tinham estipulado anteriormente e que necessitavam de mais tempo para assimilarem os sons combinados.

No final da sessão, falámos um pouco sobre as palavras novas que tínhamos aprendido e algumas crianças conseguiram referir o significado desses vocábulos. Abordámos ainda

outra dimensão da história, que nos remete para o conhecimento e para o respeito relativamente aos ritmos da natureza e para a necessidade de aprendermos com as árvores a ter esperança e persistência. Houve familiares que associaram alguns valores abordados na história ao que estamos a enfrentar atualmente, referindo que hoje mais do que nunca, temos de ter esperança que este vírus passe e que consigamos todos ficar bem. Verificou-se que as crianças e as suas famílias estavam muito contentes por estarem a realizar as atividades umas com as outras.

Diário de Bordo nº 4

A sessão iniciou com uma pequena apresentação do livro “Orelhas de Borboleta” que aborda o tema do respeito pelas diferenças de uma forma animada e descontraída. Após a leitura da história em voz alta, o grupo foi desafiado a ir à procura das personagens que estavam espalhadas pelo pátio. Nesta atividade, as crianças e as famílias conseguiram encontrar as peças e encaixá-las (fig.37 e 38) de modo a completarem cada uma das personagens. Depois, o grupo foi questionado sobre as características que mais sobressaíam naquelas personagens. Repararam que uma das personagens tinha a barriga grande, outra tinha os cabelos em pé, outra tinha as pernas magrinhas e outra tinha uns pés grandes. A partir destas observações, a animadora foi apresentando cada personagem: “Olha a Maria que tem pernas de enguia”; “Olha o José Amarante com uns pés de gigante”; “Olha o João que tem barriga de balão” e “o José que tem os cabelos em pé”.



Figura 37- Criança a encaixar na personagem a peça que encontrou.



Figura 38 - Avó e neto a encaixarem na personagem a peça que encontraram.

Prosseguiu-se a sessão com um jogo de expressão dramática em que os participantes foram convidados a andar, correr e saltar como se tivessem as características físicas das personagens anteriormente apresentadas. Neste momento, as crianças e as suas famílias caminhavam, saltavam e corriam pelo pátio muito animadas e descontraídas, sendo que este foi um momento em que os participantes demonstraram alegria e boa disposição ao representarem as personagens (fig.39, 40, 41).



Figura 39 - Participantes a andarem como se tivessem pés de gigante.



Figura 40- Participantes a andarem como se tivessem o cabelo em pé.



Figura 41 - Mãe e filhas a andar como se tivessem uma barriga grande.

Depois deste jogo dramático, as crianças e os seus familiares juntaram-se em grupos e inventaram respostas positivas às provocações evocadas pela personagem principal do livro. Durante esta atividade revelaram alguma dificuldade em conciliar ideias, referiam que não tinham ainda muitas ideias. Contudo, todos os grupos conseguiram inventar umas frases para as personagens atribuídas. Foi escolhido um elemento de cada grupo para representar cada uma das personagens e dizer a frase combinada em grupo. Assim que a personagem principal do livro dizia por exemplo “Olha o João que tem barriga de

balão”, essa personagem teria de responder com a frase combinada pelo grupo. Verificou-se que as crianças que representaram as personagens conseguiram dizer as frases combinadas com os seus grupos. Demonstraram imaginação e criatividade nas respostas dadas, verificando-se que conseguiram arranjar argumentos positivos como resposta às provocações da personagem principal. Os grupos responderam para o João que tinha barriga de balão: *“Tenho uma barriga de balão para acolher o meu grande coração!”* (fig.42); Para José Amarante que tinha pés de gigante: *“ É bom ter pés de gigante porque assim posso chutar a bola melhor e correr melhor!”* (fig.43); Para a Maria que tinha pernas de enguia: *“Tenho as pernas finas e por isso consigo chegar rápido a qualquer lugar!”* (fig.44); Para o José que tinha os cabelos em pé: *“Tenho os cabelos em*



Figura 42 - Participante a representar a personagem João.



Figura 43 - Participante a representar a personagem José Amarante.



Figura 44 - Participante a representar a personagem Maria.



Figura 45 - Participante a representar a personagem José.

pé para ter mais estilo!” (fig.45).

Constatou-se que as crianças e famílias destacaram as características físicas das personagens e conseguiram evidenciar os aspetos positivos dessas características.

Por fim, prosseguiu-se com o atelier "O Outro de Mim" em que os participantes pintaram as características uns dos outros, formando um retrato que só ficou completo com os pormenores acrescentados por cada um (fig. 46, 47). Nesta atividade, pôde constatar-se que os participantes conseguiram olhar o outro com atenção e isso facilitou a aproximação entre eles. Verificou-se que os participantes pintaram alguns traços físicos

característicos da outra pessoa. Por outro lado, transpuseram na pintura a forma como cada um vê o outro, que em certos casos, não correspondeu exatamente aquilo que o outro é na realidade. Por exemplo, uma criança referiu que desenhou o retrato da mãe com alguns traços que gostaria de ver nela, pintando os seus cabelos de vermelho (fig.48). Uma criança quando viu o seu retrato pintado pela mãe disse: *“Não sou loura, nem tenho os olhos pretos.”* A mãe explicou o motivo de ter alterado os pormenores, referiu que se lembrou que quando a filha era mais pequena dizia que gostava de ser loura. A maioria dos participantes completou o seu retrato com as características que considerou em falta na pintura realizada pelo outro.



Figura 46- Criança a pintar o retrato da colega.



Figura 47 - Criança a pintar o retrato da colega.

Percebeu-se que os participantes que se olhavam ao espelho (fig. 49) conseguiam reparar com maior detalhe o que lhes faltava no retrato elaborado pelo outro. A criança L. disse que teve de acrescentar no seu retrato a fita no cabelo e sentiu que estava engraçado. A criança C. referiu que acrescentou as sobrancelhas e nariz porque sentiu que naquele retrato *“não podia cheirar”*. O participante A. acrescentou mais cabelo, orelhas, pescoço e braços porque sentiu que faltavam algumas coisas no seu retrato. A criança M. teve de acrescentar franja, orelhas e bandolete e gostou muito de ver o seu retrato. Na reflexão final, os participantes abordaram que certas características que habitualmente são consideradas menos positivas podem na realidade ser muito úteis e agradáveis e percebeu-se que o facto de olharmos com mais atenção para nós e para os

outros ajuda-nos a aceitar a respeitar quem somos e quem os outros são. Trata-se de aprendermos a ver e sentir novas e diferentes perspetivas.



Figura 48 - Mãe P. a mostrar o retrato elaborado pela filha e terminado por si.



Figura 49 - Criança a olhar-se ao espelho para conseguir terminar o seu retrato.

Anexo 4- Diários de Bordo do 2º Eixo de Intervenção - *Ritmos D'Arte – Objetos, Histórias e Memórias*

Diário de Bordo nº 1

Na 1ª sessão do eixo de intervenção “*Ritmos D'Arte – Objetos, Histórias e Memórias*” começamos por falar um pouco com o grupo sobre aquele espaço, em que se explicou a ideia geral do projeto (fig. 50). Foi também transmitido que o nome “*Ritmos d'Arte*” foi escolhido com o propósito de criarmos em conjunto, um espaço onde se respeitam os ritmos e as ideias do outro, em que haverá espaço para criar e expressar livremente o que se sente, se cada pessoa assim o entender e desejar. Depois, houve tempo para ouvir as opiniões e sugestões do grupo que demonstrou interesse em participar neste projeto, pois considera que aquele espaço deve ser recuperado e preservado. Houve pessoas que revelaram que precisam de espaços em que possam conviver mais e fazer coisas novas e diferentes. No momento do *atelier* “*Movimentos e Sentimentos*” foi perceptível a descontração e a alegria sentida no grupo (fig. 51), embora alguns elementos não se sentissem à vontade para expressar corporalmente as suas emoções, preferindo utilizar as palavras para descrever o que estavam a sentir, sendo que estas pessoas ficaram paradas, no entanto visivelmente emocionadas, referindo que a música as reportava para acontecimentos marcantes do seu passado. Contudo, a maioria do grupo, realizou os movimentos, em conjunto com outros, juntando-se em pares como se estivessem a dançar, tal como se pode verificar na fig. 52.



Figura 50 - Conversa com o grupo sobre o Projeto.



Figura 51 - Alguns elementos do grupo a expressarem alegria, prazer e descontração em grupo.



Figura 52 - Grupo a formar pares durante a dinâmica.

Posteriormente, o grupo começou a pintar o painel onde cada pessoa desenhou símbolos relacionados com os seus sentimentos e movimentos, tal como se pode verificar na figura 53. Ao longo desta atividade, constatou-se que as pessoas pintavam não só símbolos relacionados com as emoções que tinham sentido na atividade anterior, como também expressaram através do símbolo, sentimentos inerentes ao seu percurso de vida e às suas memórias. Todos os elementos do grupo conseguiram expressar o que estavam a sentir de forma harmoniosa e criativa, inclusive um senhor que tem uma doença degenerativa conseguiu com apoio, pintar e expressar o seu sentimento de alegria através do símbolo “trevo” (fig. 54). Também se verificaram pinturas alusivas a estados emocionais como a representada na figura 55, em que a sua autora revelou que aquela pintura se relacionava com o seu estado de espírito, que andava muito “nublado” e “intemporal” como uma tempestade. Ainda nesta atividade, observaram-se símbolos alusivos à forma como as pessoas se vêem na vida, tal como na figura 56, em que a sua autora referiu que se sente na vida “como um barco à deriva”.



Figura 53 - Grupo a pintar os símbolos inerentes às suas emoções e vivências.



Figura 54 - Elemento do grupo a desenhar o símbolo “trevo” que significava a alegria que sentiu durante a dinâmica.

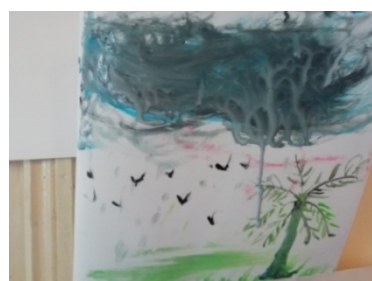


Figura 55 - Pintura de um membro do grupo que simbolizou o seu estado de espírito.



Figura 56 - Pintura de um membro do grupo que simboliza um “Barco à deriva”.

Na atividade seguinte em que o grupo se tinha de juntar em pequenos grupos e representar com os seus corpos, uma escultura que iria ganhar vida, constatou-se que conseguiram trabalhar em conjunto, manifestando muita capacidade de cooperação e de trabalho em equipa. Tal como se pode visualizar nas figuras 57, 58 e 59. Houve dois grupos que sem se aperceberem, pensaram e representaram a mesma escultura: a “Estátua da Liberdade” embora de formas diferentes (fig. 58 e 59). O outro grupo representou uma fonte, em que conseguiu também emitir o som da água a correr (fig.57). Talvez a representação da estátua da Liberdade fosse também um símbolo importante para as pessoas desta faixa etária, visto que durante o seu percurso de vida viveram num estado de ditadura e mais que ninguém, desejaram a liberdade. Quanto ao outro grupo que representou a fonte, a sua escolha possivelmente estará relacionada com um símbolo importante para as pessoas, pois trata-se de um monumento histórico que faz parte da vila de Pontével e onde antigamente, as pessoas se iam abastecer de água e também aproveitavam para conviver e namorar.



Figura 57 - Grupo a representar a Fonte.



Figura 58 - Grupo a representar a Estátua da Liberdade.



Figura 59 - O outro grupo a representar a Estátua da Liberdade.

No final da sessão, houve uma reflexão sobre o que cada pessoa sentiu ao realizar as dinâmicas. Nesta última parte, verificou-se que alguns elementos sentiram necessidade partilhar com o grupo alguns acontecimentos importantes das suas vidas (fig.60). Foi o caso do senhor F. que leu um poema que tinha feito em 1962 durante o período em que esteve na guerra, no Senegal, em que referia o seu modo de vida nessa altura, que ainda hoje recorda com dor, algum orgulho por ter salvado a vida a um companheiro e algumas alegrias como ter lá encontrado o amor da sua vida.



Figura 60 - Elemento do grupo a partilhar alguns momentos importantes da sua vida com o grupo.

Podemos referir que esta atividade possibilitou a expressão de emoções e sentimentos que permitiram às pessoas libertarem-se através da arte, permitiram a partilha de sentimentos importantes. Observou-se ainda no grupo um espírito de cooperação e de ajuda mútua, embora alguns só se tenham conhecido nesse dia. Foi interessante observar que no início das atividades, algumas pessoas estavam mais retraídas e bloqueadas e que ao longo das atividades foram-se libertando e expressando as suas emoções e sentimentos. No final, o grupo revelou bem-estar e algumas pessoas alívio por terem conseguido exprimir o que necessitavam.

Diário de Bordo nº2

A 2ª sessão iniciou com um pequeno diálogo em que o grupo foi convidado a partilhar algo que desejasse expressar. De seguida, perguntou-se ao grupo qual a utilidade do jornal. Algumas pessoas foram enumerando uma série de funções inerentes às folhas de jornal tais como: envolver as folhas nos tachos com comida de forma a mantê-la quente; elaborar cartuchos para guardar coisas; assim como para limpar vidros, inclusive houve um senhor que referiu que antigamente as folhas de jornais eram feitas com chumbo e que por isso, limpavam os vidros com muita qualidade. Outros disseram ainda, que quando eram crianças construíam os seus brinquedos com folhas de jornal entre outras funções que foram recordando. Posteriormente, explicou-se ao grupo que a primeira tarefa era pensar como seria uma folha de jornal se a transformássemos noutros objetos.

Algumas pessoas, no início da atividade, demonstraram baixa autoestima verificando-se algum transtorno por pensarem que não conseguiam fazer algo de qualidade, alegando que não tinham imaginação e nem jeito para fazer nada. No entanto, quando começaram a realizar os objetos/adereços com as folhas de jornal (fig. 61 e 62), entusiasmaram-se e começaram a partilhar ideias uns com os outros sobre os objetos que iam construindo.



Figura 61 - Grupo a criar os objetos a partir das folhas de jornal.

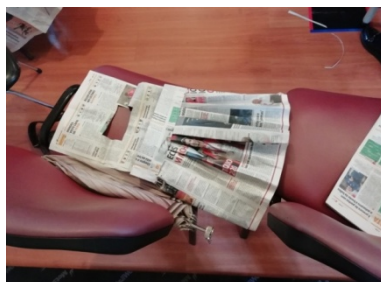


Figura 62 - Vestido de criança confeccionado a partir das folhas de jornal.



Figura 63 - Elemento do grupo a dançar com "os adereços" elaborados durante a atividade.

Nesta atividade, os elementos do grupo construíram vários objetos e foram referindo que quando eram crianças também criavam os seus brinquedos com folhas de jornal. A figura 63 dá conta da diversão que se instalou no grupo durante a realização deste atelier.

Posteriormente, questionou-se o grupo sobre os possíveis sons que as folhas de jornal poderiam emitir, observando-se nesta dinâmica que as pessoas conseguiram explorar as folhas de jornal e até conseguiram a produção de alguns sons. Houve uma pessoa que construiu um cone e começou a soprar na sua parte superior, começando a produzir um som parecido ao de uma trombeta, também os outros elementos rasgaram e amachucaram as folhas, roçaram as folhas umas nas outras, bateram com elas na cadeira entre outras experiências em que produziram sons.

No atelier “O Baú das Memórias”, os elementos do grupo demonstraram muita vontade de falar sobre os objetos que tinham trazido e nesse sentido, deu-se espaço e tempo para as pessoas falarem. Houve um casal que trouxe uma jarra com umas flores feitas de conchas. A esposa começou por explicar que aquele objeto simboliza o início do seu relacionamento amoroso, pois a construção das flores foi feita pelo casal, após terem colhido as conchas, no momento em que se conheceram. Na altura em que a senhora estava a contar esta história, o marido (que tem uma doença degenerativa) ficou muito emocionado. Observou-se que aqueles momentos, apesar da doença (que lhe tira também a memória), estavam ainda tão presentes nele, que fizeram com que ele os recordasse com profunda emoção. Este casal ainda mostrou uma fotografia (fig.64) que regista acontecimentos importantes relacionados com o início da relação do casal. Houve também outra senhora que levou um brinquedo (fig.65) que era do seu filho que faleceu aos 28 anos. Esta senhora teve alguma dificuldade em prosseguir a sua conversa, estava visivelmente emocionada, no entanto, referiu que aquele objeto, apesar da dor que carrega em si, tornou-se um símbolo de esperança e de boas lembranças...

Houve também um outro senhor que mostrou as suas fotografias da guerra no Senegal (fig. 66) em que relatou o episódio e as vivências que cada fotografia continha. Foram momentos muito intensos e emotivos, contudo bastante importantes para este senhor, pois referiu que muitas vezes acorda durante a noite, a gritar, como se estivesse naquele ambiente novamente. Constata-se que o senhor F. tem necessidade de falar sobre estes acontecimentos, pois parece ficar mais aliviado daquela tensão e daqueles traumas que marcaram a sua vida. Esta atividade prolongou-se uma vez que a maioria das pessoas teve necessidade de mais tempo para falar.



Figura 64 - Elemento do grupo a partilhar com os restantes elementos o seu objeto.



Figura 65 - Elemento do grupo a partilhar com os restantes elementos o seu objeto.



Figura 66 - Elemento do grupo a partilhar com os restantes elementos o seu objeto e a relatar a sua história.

Diário de Bordo nº 3

Começamos a sessão com uma pequena conversa com o grupo depois deste tempo de isolamento. Algumas pessoas referiram que ao longo destes tempos tinham passado mal, sendo que quem tinha problemas de saúde, neste período de quarentena, ainda agravaram mais, nomeadamente houve duas pessoas que perderam muito peso e referiram ter perdido a vontade de viver. Outras mencionaram que apesar dos problemas que têm tido, continuam a ter muita esperança que as coisas melhorem. Na sequência desta conversa, distribuiu-se a cada elemento do grupo um balão da cor escolhida pela pessoa e em seguida convidou-se cada uma a desenhar no balão, as expressões que estavam a sentir naquele momento ou que sentiram durante este tempo de isolamento social. Posteriormente, pediu-se a cada pessoa que explicasse, se quisesse, as razões pelas quais escolheu aquela cor e a desenhou aquelas feições no

balão. Constatou-se que as cores dos balões mais escolhidas foram o verde, o cor-de-rosa e o azul. A senhora C. escolheu a cor verde porque diz que *“é a cor da esperança e que agora é muito necessário ter esperança”*. Desenhou a sua cara de felicidade, pois apesar de este período ter sido muito complicado para todos, ainda teve a sorte de vender uma casa que há muito tempo queria vender e agora finalmente conseguiu. Referiu que no meio de tantas coisas más, teve boas notícias e que teve sempre esperança que as coisas melhorassem, referindo também que nunca sentiu medo de sair à rua, embora tivesse cuidados. Afirmou que nunca deixou de fazer as suas caminhadas na rua por causa desta pandemia. Observou-se que esta senhora foi a que demonstrou mais sentimentos e ideias positivas no grupo durante esta dinâmica. Salienta-se que esta pessoa no início das sessões tinha sempre expressões negativas sobre a sua vida e nesta sessão, conseguiu falar de acontecimentos positivos, parecendo revelar uma mudança de comportamento no que se refere à abordagem de sentimentos negativos e de baixa autoestima, manifestados anteriormente.

A senhora I. escolheu o balão azul porque lembra-lhe a cor do céu, desenhou a sua cara cuja expressão, segundo ela, revela *“admiração e medo”*. (fig.67). A senhora referiu que no início desta pandemia sentiu-se admirada e incrédula pois nem queria acreditar que no que estava a acontecer. Falou das saudades que sentia dos seus netos, da tristeza que a envolvia por ver muitas pessoas a morrer e a sofrer, reforçou ainda a ideia de que esta pandemia veio para modificar a nossa sociedade, diz que algumas coisas foram melhorando, mas houve muitas mais coisas que pioraram como o desemprego, o racismo, a indiferença por parte de algumas pessoas perante o sofrimento dos outros. Esta senhora referiu que tem sofrido muito com tudo isto e que há cem dias que acende todas as noites uma vela e reza para que tudo fique bem, refere que este ritual foi uma forma que ela teve de reagir a tanta dor e tristeza.

A senhora T. escolheu o cor-de-rosa porque foi uma cor que sempre gostou e desenhou a cara da neta a sorrir porque é a neta que lhe dá esperança para *“resistir a estas coisas tão más que têm acontecido”* (fig.68). Esta senhora contou que durante este período

ficou com uma grande depressão que a levou a perder muito peso porque deixou de comer, passando os dias a dormir e sem força para nada, referiu ter perdido a vontade de viver. Entretanto, contou-nos que foi a um especialista (Psiquiatra) muito bom que lhe receitou uma medicação que lhe está a fazer bem, tem ido às consultas e já recuperou um pouco o peso e também já realiza algumas atividades que anteriormente não conseguia fazer.

O Senhor F. escolheu o balão da cor amarela pois refere que lhe faz lembrar a febre. Desenhou a figura do coronavirus de um lado do balão (fig.69) e do outro, desenhou um homem com uma espingarda para matar o vírus. Revelou que este vírus foi o responsável por ele estar tão triste e aborrecido com a vida, dizendo que lhe apetecia morrer. Refere ter ficado demasiado tempo isolado (o senhor vive sozinho, não tem filhos e a sua esposa já faleceu) e a lembrar-se de acontecimentos do passado que o marcaram de forma negativa. O senhor referiu que devido a este estado de espírito perdeu peso e que se tem sentido muito indisposto. Está angustiado à espera do resultado dos exames que já realizou, mas que devido à pandemia ainda não saíram. A senhora R. escolheu o balão verde porque espera que tudo melhore, desenhou a sua figura de corpo inteiro porque refere que a pandemia afetou a sua qualidade de vida e o seu corpo, salientou sentir-se com falta de ânimo, mas tem esperança que tudo passe, uma vez que no passado também houve a gripe espanhola e tudo se conseguiu ultrapassar *“e agora temos mais condições do que antigamente”*. A senhora A. escolheu o verde porque gosta da natureza e associa-a à cor verde. Desenhou a sua cara que diz ser cara de *“aparvalhada”*, referindo que este vírus bloqueou-a e sentiu-se sem motivação para fazer o que quer que fosse, sentia-se *“isolada, sem paciência, enfadada”*. A senhora E. escolheu a cor azul porque sempre gostou dessa cor e desenhou a neta no balão porque teve muito tempo longe dela e que isso lhe causou muita angústia e tristeza. (fig. 70). A senhora C. referiu que escolheu a cor rosa (fig.71) devido à tristeza que sente pois referiu que estes foram os piores momentos da vida dela, pois para piorar a situação, no início da quarentena faleceu o seu irmão que era de outra localidade e ela nem sequer pôde estar presente no

funeral. Demonstrou muita fragilidade e tristeza e chorou um pouco. A senhora foi dizendo que está muito em baixo e que agora está a tentar fazer a vida dela da melhor maneira possível, mas também não tem vontade para fazer nada. No final deste momento em que as pessoas puderam expressar os seus sentimentos e emoções, foram convidadas a lançar os balões ao ar (fig. 72), a permitir afastar de si aqueles sentimentos e emoções negativas que abordaram ao longo desta dinâmica. Pôde constatar-se que no decorrer desta atividade, os participantes revelaram estados de espírito muito negativos e depressivos, contudo conseguiram expressar através do desenho de algumas pessoas importantes para si, algum conforto, esperança e alegria como foi o caso das senhoras que desenharam as netas no balão como contraste aos sentimentos negativos que abordaram. Também as cores escolhidas revelaram aspetos interessantes relativamente à abordagem dos estados de espírito e sentimentos manifestados. Por exemplo, as cores dos balões mais escolhidas foram o verde e o azul, o rosa sendo que para umas pessoas a cor verde simbolizava a esperança e para outros a natureza, a cor azul significava para uns, a cor do céu e uma cor bonita, apesar dos sentimentos revelados terem sido negativos, havendo aqui também, um contraste entre as cores que escolheram, remetidas para coisas positivas e o que sentiam abordando na sua maioria, sentimentos negativos. No entanto, esta evidência pode justificar-se pelo facto das pessoas considerarem que apesar de tantos aspetos negativos a apontar durante estes meses, ainda têm esperança e fé de que as coisas possam melhorar, inclusive os seus estados de saúde e de espírito. Revelaram alegria e leveza no momento de soltarem os balões. Talvez esta atividade tenha contribuído para as pessoas esvaziarem o seu interior de sentimentos e emoções negativas que ao serem expressadas e partilhadas podem ficar arrumadas, ajudando-as a ganhar ânimo e entusiasmo para continuarem as suas vidas da melhor maneira possível, apesar de todas as adaptações que têm de realizar nas suas vidas devido a esta pandemia.



Figura 67 - Elemento do grupo a desenhar a sua expressão.



Figura 68 - Elemento do grupo a desenhar a sua cara da sua neta.



Figura 69 - Elemento do grupo a desenhar a imagem do coronavirus.



Figura 70 - Elemento do grupo a desenhar a cara da neta de quem teve muita saudade.



Figura 71 - Elemento do grupo a desenhar a sua cara ansiosa e triste.



Figura 72 - Grupo a lançar os balões.

Nesta 3ª sessão evidenciou-se a fragilidade emocional, naturalmente sentida no período de isolamento social, em que estas pessoas deixaram de ver os seus familiares e amigos, sendo que existem pessoas que já vivem sós há muito tempo e viram-se neste período, impedidos de ver os amigos que lhes costumavam dar algum alento nos momentos de solidão. Durante a dinâmica do “Balão das Emoções” puderam expressar os seus estados de espírito e emoções que sentiram ao longo destes tempos e este momento revelou-se de extrema importância para as pessoas, pois verificou-se que tinham muita necessidade de abordar e partilhar ideias, sentimentos e emoções com os outros, sendo que este momento se estendeu por mais tempo que o previsto. Contudo, a animadora sentiu que esta dinâmica estava a ser importante para as pessoas e deu-lhes mais tempo para poderem libertar as suas emoções.

Posteriormente, solicitou-se aos elementos do grupo que apresentassem, se assim o quisessem, os objetos trazidos de casa para o atelier “O Baú das Memórias”. Todos os membros do grupo manifestaram vontade de apresentar e falar da história dos seus objetos. A Senhora A. levou uma caneca que era do seu avô paterno (fig.73). Contou que ele produzia vinho e que tinha o hábito de convidar os seus amigos para as provas, dando a provar a água-pé dentro daquela caneca, mas os amigos apanhavam um susto assim que bebiam por ela pois assim que começavam a beber, quase que batiam com o nariz num sapo que estava embutido no interior da caneca, apanhando-os desprevenidos.

Também a senhora R. levou uma fotografia da sua filha, vestida à Dama Antiga (fig.74). Começou a contar que nesse ano, o marido faleceu quando ia levar a filha à escola, sendo que a criança assistiu à morte do pai que se sentou num banco, a caminho da escola e faleceu, deixando a menina em pânico. A senhora referiu que ainda hoje, a filha tem muitos problemas psicológicos devido a este trauma e que a senhora naquela altura passou por muitas dificuldades para conseguir criar a sua filha sozinha. A senhora C. levou uma fotografia dela quando era criança, vestida com um traje de minhota que o pai lhe trouxe de um passeio que realizou à Nazaré (fig.75). A senhora referiu que o seu pai tinha muitos problemas mentais, tinha esquizofrenia e que por vezes, tinha ataques de fúria e era muito agressivo com ela e com a sua mãe, mas o facto dele se ter lembrado de comprar um vestido para ela ficou-lhe na memória, como se fosse um gesto de carinho que o pai conseguiu ter para com ela, apesar da doença que o transformava numa pessoa muito agressiva. A senhora salientou que com esse vestido pôde participar num cortejo a favor dos Bombeiros e que se sentiu muito orgulhosa e feliz de poder participar nesse evento. O senhor F. levou uma fotografia dele no período em que esteve de serviço na guerra, em que se encontrava, numa colónia no Senegal (fig.76). O senhor contou a história de que nessa altura estava na enfermaria e que houve um dia em que apareceu uma mulher gravemente ferida, que tinha sido mordida por um bicho e tinha a perna toda negra, mal conseguia andar. O senhor F. tratou dela e começou a fazer-lhe os tratamentos. Contudo, ele contou que ficou encantado com a beleza dela e apaixonou-

se. O senhor referiu que não pôde casar com ela porque a raptaram e a levaram para longe a fim de a explorarem. Quando soube que a tinham levado, gritou de raiva e disse que *“se apanhasse os homens que a tinham roubado que os matava a todos.”* A partir desse dia, foi castigado e impediram-no de usar a arma. O senhor relatou que essa mulher foi o grande amor da vida dele e que jamais a esquecerá, diz que ainda hoje se lembra dela com saudade. O senhor F. contou esta história visivelmente emocionado. Observou-se neste *atelier*, que as pessoas continuam a ter necessidade de relatar os acontecimentos que marcaram as suas vidas e que lhes trazem memórias e os fazem reviver de certa forma, um passado que não esquecem e que continua a fazer parte das suas vidas, com todos os seus desgostos mas também com toda a intensidade e amor dos momentos vividos. Revelam ainda possuir uma grande necessidade em abordar muitos acontecimentos das suas vidas que derivam de uma só fotografia, acabando por contar não somente a história da fotografia como também uma grande parte do contexto económico, social e cultural que viveram naquele tempo. Neste grupo, verificou-se sempre muito interesse e abertura por parte de todos os participantes de falarem de assuntos muito pessoais sem qualquer tipo de reservas e timidez, pelo que revelam sentir-se à vontade e até manifestam necessidade e confiança no grupo para abordar assuntos delicados, demonstrando as suas emoções e os seus sentimentos.

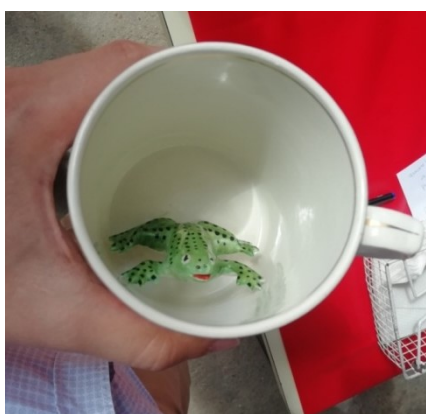


Figura 73 - Objeto da Senhora A. – Caneca do avô.



Figura 74 - Objeto da senhora R. – Fotografia da filha vestida á Dama Antiga.



Figura 75 - Fotografia da Senhora C. – Vestido oferecido pelo Pai.



Figura 76 - O senhor F. a falar da sua história vivida durante o período de guerra no Senegal.

Mais uma vez, este *atelier* estendeu-se por algum tempo e não foi possível realizar a produção artística inerente aos objetos. Porém, o grupo manifestou interesse em começar a realizar em casa, uma criação artística de acordo com o seu objeto. Uns disseram que iam tentar compor um poema, outros, uma escultura, outros falaram em canções, ficando de trazer o começo das suas produções artísticas para a próxima sessão. Embora alguns dissessem que até gostam destas coisas mas que não têm jeito nenhum, nem ideias. A dinamizadora lembrou-lhes que não se trata de produzir obras de arte, mas antes de uma produção que pretende “vir de dentro”, em que a arte é utilizada para ajudar a expressar o que para nós é importante e que necessita por vezes, de ser trabalhado e expressado para se conseguir ultrapassar certos obstáculos e viver com mais qualidade. Constatou-se que embora duas pessoas tenham referido que não tinham jeito para as artes, já se observou que outras pessoas do grupo que costumam ter o mesmo discurso, não o tiveram desta vez, e inclusive mostraram entusiasmo em realizar as atividades.

Diário de Bordo nº 4

A 4ª sessão iniciou com uma pequena conversa com o grupo sobre as produções que iniciaram em casa. Nesta sessão, o grupo tinha à disposição vários materiais para que pudessem terminar os seus trabalhos. Algumas pessoas relataram que começaram por elaborar o que se sentiram mais confiantes em fazer e que depois as ideias foram surgindo. A senhora A. começou por realizar a técnica de *decoupage* numa pedra de

calçada que encontrou e achou adequada para aquele trabalho (fig.77). Nessa pedra colou a imagem de Nossa Senhora de Fátima devido à fé que possui. Posteriormente, realizou um poema (fig.78) com base nessa produção em que fez referência ao período difícil que atravessamos mas também aludiu ao formato das sessões do Projeto. Nesse poema compôs alguns versos sobre o decorrer dos encontros de *Ritmos d'Arte* e revelou ter fé e esperança que a situação pandêmica tenha um fim e que fiquemos todos bem (fig.79). Durante a sessão, a senhora A. continuou a criar, produzindo um boneco a partir dos materiais que tinha à disposição e abordou sentimentos tais como a esperança, a união e a paixão, por isso as cores escolhidas foram o verde, o azul e o vermelho (fig. 80,81).



Figura 77 - Produção artística da senhora A. – Découpage.

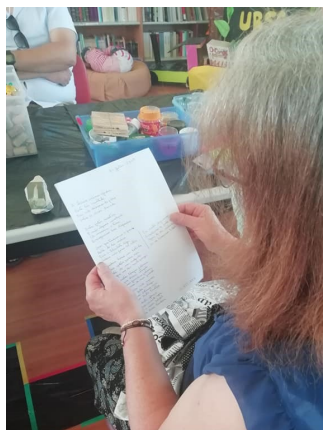


Figura 78 - Segunda Produção artística da senhora A. – Poema.

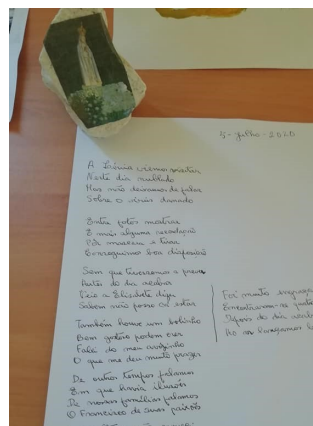


Figura 79 - Corpo do Poema da senhora A.



Figura 80 - A senhora A. na criação do boneco.



Figura 81 - Segunda Produção artística da senhora A. – Boneco.

O senhor F. realizou o poema em casa sobre a sua história de amor, vivida durante a guerra no Senegal (fig.82). No entanto, não possuía nenhuma fotografia da mulher por quem se apaixonou, além das fotografias que colocou junto ao poema de si próprio, nesse período. A animadora sugeriu-lhe que tentasse recordar os traços físicos da mulher e que os desenhasse. Ele respondeu que não conseguiria desenhá-la porque nunca teve jeito nenhum para desenhar e que para além disso era impossível retratar através do desenho, a beleza dela. Porém, o senhor F. acabou por aceitar o desafio e começou a esboçar, a imagem da sua amada (fig. 83 e 84). Durante a criação do desenho, demonstrou muita concentração e entusiasmo, conseguindo lembrar-se de cada detalhe da mulher, chegando a um resultado final em que se recordou até da ferida que ela tinha quando se conheceram (fig.85). Podemos referir que as emoções desencadeadas no senhor ao recordar aqueles momentos, conduziram ao desbloqueio criativo, conseguindo desenhar ao pormenor a sua figura, acompanhada com as características físicas da sua Mary Rorrene.

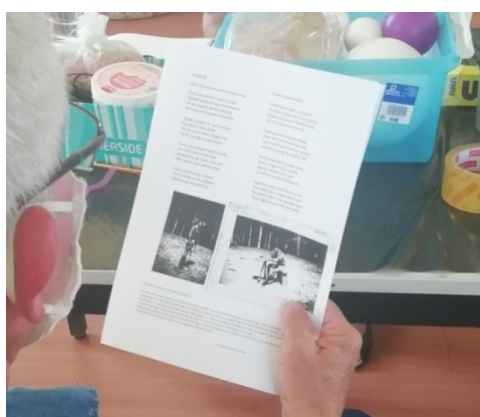


Figura 82 - Produção artística do senhor F. – Poema "Mary Rorrene."



Figura 83 - Senhor F. a desenhar a Mary Rorrene.



Figura 84 - Produção artística do senhor F. – Poema "Mary Rorrene."



Figura 85 - Produção final do senhor F. – Poema e desenho da "Mary Rorrene".

A senhora M. e o senhor A. reutilizaram um vaso e pintaram uns ramos de cor prateada onde em cada galho colocaram uns pequenos cartões que de um lado continham umas frases inacabadas e do outro a conclusão dessas frases, encontradas pelo casal (fig.86). A senhora explicou que estas mensagens (fig.87,88) foram criadas tendo em conta o percurso de vida dela e do seu marido e as aprendizagens que foram adquirindo e assimilando ao longo da relação de ambos.



Figura 86 - A Senhora M. a acabar a sua produção artística.



Figura 87 - Uma das frases presentes na produção artística da senhora M e do senhor A.



Figura 88 - Uma das frases presentes na produção artística da senhora M e do senhor A.



Figura 89 - Produção artística da senhora M. e do senhor A.

Cada mensagem estava presa ao galho com umas fitas de seda de cor verde que simbolizam a esperança de continuarem a ter a presença um do outro pois, o marido tem

uma doença degenerativa rara que lhes tem afetado a qualidade de vida. Mas ainda assim, esta senhora continua a demonstrar esperança e coragem para continuar ao lado do marido. As fitas de cor vermelha simbolizam o amor e a paixão que sempre os envolveu desde que se conheceram, os galhos pintados de prateado significam a recuperação, a capacidade de superação que têm tido para enfrentar a doença (fig.89).

A senhora R. pintou uma planta (fig. 90), pois contou-nos que grande parte da sua vida foi passada a cuidar de jardins, já o seu falecido marido era jardineiro e refere que as plantas para ela, significam vida e renascimento, dão-lhe alegria na vida. Para além de gostar muito de plantas e de ser muito ligada à natureza, a senhora R. lembrou-se de realizar esta pintura porque o objeto que ela escolheu foi a fotografia da sua única filha vestida de Dama Antiga e refere que quando olha para aquela fotografia compara a filha a uma linda flor.

A senhora T. escreveu um poema que ela recordou ter criado e declamado na igreja quando em pequena, frequentava a catequese. Este poema (fig.91) foi elaborado por si e por suas colegas e relata a importância da união entre pais e filhos. Lembrou-se deste poema porque valoriza os laços familiares. Junto ao poema colou um coração e uma flor, que para si são símbolos de amor e ternura.

Pode referir-se que esta sessão foi o culminar de uma sequência de encontros que tiveram como finalidade juntar as pessoas e dar-lhes total liberdade para expressarem as suas histórias, memórias e criações através de atividades em que a arte foi uma ferramenta impulsionadora de momentos enriquecedores e interessantes para os participantes.



Figura 90 - A senhora R. a pintar a sua planta.

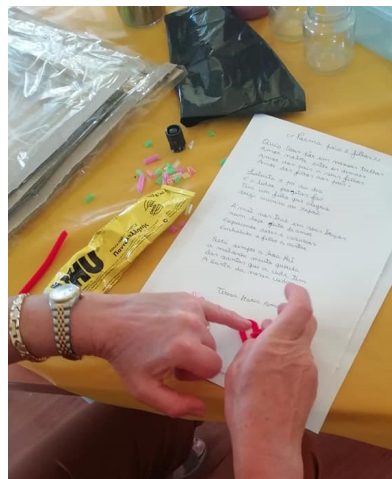


Figura 91 - Poema realizado pela senhora T. "Amor de Pais e Filhos".

Anexo 5- Inquérito de Satisfação aplicados aos Participantes

Tabela 3 - Inquérito de Satisfação (3ª Sessão) –

“EntreLaços e Letras...E outras coisas...”

Gostaste da história? Porquê?	
Gostaste de fazer o percurso e senti-lo com os pés? Porquê?	
Como te sentiste?	
Gostaste de inventar os sons para as sementes que desenhaste? Porquê?	
Gostavas de voltar à Biblioteca outra vez? Porquê?	

Para as Famílias...

Considerou as atividades interessantes e motivadoras? Porquê?

O que menos gostou? Porquê?

Tem interesse em voltar a participar numa próxima atividade de animação leitora neste espaço? Porquê?

Inquérito de Satisfação (3ª Sessão)

“Ritmos D´Arte”

As atividades corresponderam às suas expectativas?

O que sentiu durante a realização das atividades? Porquê?

O que mais gostou? Porquê?

O que menos gostou? Porquê?

Anexo 6- Análise de Conteúdo da Entrevista Semiestruturada à Comunidade da Freguesia de Pontével

Tabela 4 - Análises de Conteúdo da Entrevista Semiestruturada à Comunidade da Freguesia de Pontével

Categorias	Subcategorias	Evidências
Ocupação dos Tempos Livres	<ul style="list-style-type: none"> - Vivência - Motivações - Aspirações 	<ul style="list-style-type: none"> -Ajudar os outros. (Solidariedade e altruísmo) -Estar com as minhas filhas, ler, passeios, caminhadas, passear na Natureza, cada vez gosto mais, cinema sair com as amigas. - Música, ouvir musica, gostamos muito de ir a concertos, até concertos para as nossas filhas nós gostamos. A música mexe mesmo muito comigo, adoro mesmo. Também gosto de ver televisão. - Costumo estudar, andar de skate, estar com os amigos, sair um bocadinho...essas coisas assim. - Andar de skate, estar com os amigos, conviver, passear pela natureza, gosto da natureza. O mais importante é estar com os amigos (Convívio, desporto e natureza, solidariedade). - Gostava de fazer voluntariado com pessoas, mais com crianças, mas não tenho tido tempo nenhum. - E mesmo nesta idade ainda gostava de experimentar, saber se eu tenho jeito para alguma coisa relacionada com a arte.
Identidade Cultural	<ul style="list-style-type: none"> - Identidade Cultural - Valorização - Identificação de fatores de - (in) satisfação 	<ul style="list-style-type: none"> - É bom porque conhecemos as pessoas, temos ligações com as pessoas no dia-a-dia que se calhar se vivesse numa cidade não era assim. Esta parte eu gosto das pessoas se conhecerem, às vezes mesmo a entreatajuda. - Não conheço toda a gente em Pontével, mas há pessoas de quem eu gosto muito, acho gente que colabora bastante aqui em Pontével. De desagrado, há alguma deficiência a nível cultural, não vejo as pessoas muito ligadas à cultura, embora haja o Rancho, a Filarmónica, não sei se há muitas mais coisas. E Pontével é uma Vila bastante grande e eu acho que merecia ser muito mais dinamizada porque há muita gente que não tem jeito para teatro, para música, mas pode ter jeito para outras coisas que não existem cá em Pontével. Eu penso que poderia ser muito mais dinamizado, eu considero que há uma deficiência ao nível cultural e que as autarquias deveriam estar alertadas para

		<p>isso.</p> <ul style="list-style-type: none">- O que me agrada em Pontével... Acho que é uma localidade muito bonita com história, as pessoas também são muito simpáticas, eu acho. Apesar de sermos bem recebidos quando chegamos, mas é difícil, às vezes, haver um relacionamento mais próximo. Mas eu acho que isso é a nível geral, as pessoas cada vez são mais distantes, cada vez estão mais desconfiadas e mais reticentes quando conhecem outras pessoas. O que me desagrada em Pontével... Acho que devia ter mais atividades para os miúdos. Temos aqui uma biblioteca que deveria ser muito mais dinamizada, acho que devia haver um investimento por parte da Junta é mais neste aspeto. Não há assim muitas coisas que me desagradam porque até acho que Pontével é uma terra que tem muitas tradições, que fazem coisas engraçadas.- Desde pequenino é o Rio da fonte, íamos lá todos quando éramos pequenos, nadar, brincar, também gostava das casas abandonadas, também era engraçado quando nós íamos para lá. O que mais me desagrada são as “velhas” um bocado “cuscas” demais, não deviam...- Os eventos que se realizam, como a Festa anual, a Artével e mais algumas coisas que agora não me vêm à lembrança. A nível cultural devia de haver mais algumas coisas sobre cultura e não há...Faltam espaços de convívio para os jovens estarem, mesmo à noite não há espaços para eles... Depois não param aqui, vão é para outras zonas que são mais atrativas.- A Festa dos Fazendeiros, Artével, Festa anual, Eleição da Rainha das Vindimas. Os eventos que existem, se não forem os eventos culturais é que dão vida à cultura da freguesia.
--	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p align="center">Oferta Cultural/Papel das Associações e Instituições Locais na promoção da Cultura</p>	<p>- Oferta Cultural</p>	<p>- O teatro “Os Caspiadas”, a Música, Rancho. Estes grupos percorrem o país levam o nome de Pontével de norte a sul do país, portanto acho que isso é importante. Penso que o teatro tem algumas saídas, mas não tantas, mas as Marchas têm ido a muitas zonas do país, vão a Lisboa, para o norte e sul e também outras Marchas de outros sítios vêm cá e assim vão interagindo umas com as outras.</p> <p>- O rancho será a atividade que chega mais ao público comum, a Filarmónica já é preciso saber música. Talvez o rancho seja aquela atividade que chega mais perto da comunidade. Eu acho que deveria haver mais atividades culturais aqui em Pontével.</p> <p>- Gosto muito da Festa dos Fazendeiros, acho que é uma atividade muito gira porque retrata os costumes e as tradições de como era a vida das pessoas da vila antigamente e acho que hoje em dia, isso para os miúdos até importante verem porque cada vez se vai perdendo mais o contacto com essa realidade- A Festa de Pontével, a tradição. Também ouvi dizer que foram agora colocar o busto do Dr. Egas, uma coisa bonita. Também a Missão País acho que foi uma iniciativa bonita, ajudou aqui o Património, esta casa, por exemplo (Antiga Escola Primária).</p>
<p align="center">Problemas, Necessidades e Interesses da Comunidade ao nível Cultural com vista ao desenvolvimento</p>	<p>- Inovação e Desenvolvimento</p> <p>- Participação</p>	<p>- Disponibilidade, se não houver disponibilidade as pessoas por mais que queiram não conseguem ajudar, pronto. E depois também um bocadinho de abertura da Junta de Freguesia em termos de apoios.</p> <p>- As Atividades artísticas, porque eu penso que uma povoação culta é meio caminho andado para o desenvolvimento. Sabemos a grande importância que tem a cultura.</p> <p>- Acho que é importante a sensibilidade das pessoas que estão no poder, principalmente nas juntas de freguesia. Eu acho que se existir pessoas com alguma sensibilidade para a cultura acaba por haver eventos que promovem a cultura. Procurar fazer coisas diferentes, procurar inovar, também acho que é muito importante haver coisas novas e diferentes, não ficarmos agarrados só a eventos de coisas que eram tradicionais, mas pensar também em atividades</p>

		<p>que possam dinamizar e dar lugar à cultura.</p> <ul style="list-style-type: none">- Áreas verdes e vivas, acho que chamava as pessoas; Centros para as pessoas se juntarem porque às vezes as terras são coisas mortas. Por exemplo aproveitar melhor o Rio da Fonte, no verão porque chama muita gente.-Também haver alguma coisa ligada à pintura, às artes plásticas, talvez por aí porque temos: Danças de salão; temos o atletismo, a banda e o rancho. Acho que é mesmo nessa parte das artes plásticas, dos trabalhos manuais, essa parte aí que não temos, de resto...- Para além do que eu já falei, falta a dinâmica de envolver as pessoas em vários aspetos artísticos, ensinamentos, que elas próprias podem elas fazer: colóquios e trazer conhecimentos para os transmitir aos outros. A própria idade dá conhecimentos às pessoas que os mais novos não sabem e que são muitos úteis, e os mais velhos aprendem com os mais novos, eu aprendo muito com os mais novos, mas também sei ensinar umas coisas. E às vezes são as nossas experiências que ajudam os mais novos a resolver certos problemas e os mais novos também gostam de ouvir aquelas histórias. Há aquelas pessoas que são grandes narradoras de histórias de contos e que aquilo até se pode tornar numa dramatização que era extremamente importante de se desenvolver.-Acho que falta alguma inovação, sobretudo em atividades novas dirigidas às crianças da comunidade. Não temos um campo de futsal, condições para fazer desporto, centros de convívio... também não se pode fazer grandes coisas aqui em Pontével...- Nem todos temos capacidades e habilidades para o mesmo, se calhar as pessoas que têm gosto e habilidades para a pintura têm de sair daqui, têm de procurar noutros sítios onde hajam essas atividades, só em Santarém... Então acho que era bom para as pessoas não terem que se deslocar daqui para outros sítios, porque a ideia não é que as pessoas saiam da terra, a ideia é que as pessoas venham para cá e tragam outras para cá. É assim que se faz o
--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>desenvolvimento e as pessoas forem todas a sair daqui acaba tudo. As pessoas começam a sair e o mal é esse, porque depois para entrar já é mais difícil. Para isso era preciso que houvesse pessoas que se juntassem para fazer essas atividades. Por exemplo, a Junta tem um programa para os mais velhos também podia ter para os mais novos. Penso que poderia ser por aí.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento cultural que acho muito importante. Acho que seria positivo porque há muitas crianças nas freguesias aqui à volta que têm poucas oportunidades de terem atividades relacionadas com a música ou com o teatro. Acho que se existisse um projeto com atividades desse género promovidas por Pontével acho que iria abranger um maior número de crianças. Eu acho que devemos começar a educar as crianças para a cultura e para a arte mesmo desde novas, então acho que isso seria muito importante. - Aproximava as pessoas umas das outras, acho que isso é uma coisa muito positiva - Seria positivo porque ia desenvolver mais a freguesia de Pontével, chamava mais gente. Acho que há falta de interesse na cultura aqui. Depois também marcam eventos em simultâneo em várias localidades da freguesia, isso também não ajuda nada.
<p>Abordagem à Linguagens Artísticas</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Interesse - Perceções - Expetativas 	<ul style="list-style-type: none"> -Gosto de dança. Por acaso. Gosto de me movimentar. - Gostei muito de teatro. Durante o tempo que vivi na minha aldeia e porque não havia nem água nem luz, vivíamos com petromax e com candeeiros a petróleo, a professora desenvolvia muito o teatro e fazíamos teatro. - A música, a pintura, gosto muito de pintura, escultura também, teatro. Porquê? Porque são formas de expressão muito belas, eu acho que nos tocam, tocam-me, fazem-me refletir, fazem-me ter uma sensação de bem-estar. Provocam-me emoções e sentimentos fortes e positivos. - Pessoalmente gosto de fotografia, de música, porque acho que desanuvia a cabeça das pessoas.

		<p>- Gostava de fazer pintura, mais a parte plástica. Também acho importante... e eu gosto. Também costumo fazer magia, também pode ser considerada uma arte.</p> <p>- Gosto do circo, mas agora já não há muito por cá, de vez em quando gosto de ver um teatrinho, gosto de cinema.</p> <p>-Nem pratico nem estou com ideias de praticar, agora participar em eventos sou capaz de participar, como por exemplo na festa medieval em que também colaborei, mas pouco mais que isso.</p>
<p>As Atividades Artísticas na Ocupação dos Tempos Livres</p> <p>Práticas Culturais da Comunidade</p>	<p>- Motivações e Interesses</p> <p>- Fruição estética e cultural</p>	<p>- Acho que é bom. Desenvolve corpo e a mente.</p> <p>- Acho que as atividades são importantes, as pessoas não têm só que trabalhar, as pessoas têm de ocupar bem o seus tempos livres, e mesmo os jovens se ocuparem bem os seus tempos livres eles desviam-se de determinadas práticas pouco recomendáveis, pronto.</p> <p>- Acho que é muito positivo, cada vez há menos oferta ou então a oferta que há é paga. Nós para podermos fazer seja um <i>workshop</i> ou outra atividade aqui na zona do Cartaxo, todas elas se pagam. E acho que tem de haver uma preocupação das Câmaras e das Juntas para se conseguir chegar a todos porque na verdade, às vezes as pessoas com mais dificuldades monetárias não conseguem chegar a esses <i>workshops</i>.</p> <p>Sim, isso para mim era muito comum, todos os anos, enquanto professora, fazia várias visitas de estudo a museus, a exposições, a teatros, a galerias, a cinema, portanto fazia sempre passeios a determinados sítios com uma finalidade histórica.</p> <p>-Tem um papel importante, pronto porque normalmente temos a preocupação de fazer algumas atividades, mas como eu estava a dizer são caras, não se podem fazer sempre, mas nós normalmente temos um ou dois objetivos e tentamos com que se cumpram esses objetivos, mais na área musical e teatral, vamos tentando fazer.</p>

<p>Envolvimento e Participação Cultural</p>	<p>- Cidadania Participativa</p>	<p>- Acho que para além da disponibilidade tem de haver força de vontade. É assim agente quando se mete nessas coisas é para levar a sério, agora para ter lá só o nome não vale a pena. Pronto, a pessoa tem mesmo de participar.</p>
	<p>-Participação em Grupos Associativos</p>	<p>-Gostava, mas eu não sei se tinha capacidades para isso, não sei. Dentro daquilo que era capaz gostava, eu gosto muito de ajudar os outros, gosto de me sentir útil, não gosto de viver só para mim, gosto de partilhar aquilo que eu sei, os meus conhecimentos, dos poucos que eu tenho, gosto de os partilhar. Não sou uma pessoa egoísta.</p> <p>- Por valorizar a cultura, porque eu acho que é preciso investir nesta área e é uma área que eu gosto muito e eu acredito sinceramente que isso seria muito positivo para todos. É uma coisa que eu acredito, e se eu acreditasse era uma coisa que eu conseguiria fazer, investiria nisso.</p> <p>-A causa, se tivessem boas intenções e eu tivesse dentro desses interesses...</p> <p>- Neste momento é complicado, venho de um ano muito complicado, agora tenho mesmo que assentar um bocadinho mais por casa, pela família. É assim, por exemplo, se me pedirem ajuda neste tudo bem. Eu sei que tenho aquele evento e participo nesse dia... Daí a fazer parte de uma Associação e assumir um projeto, neste momento não. Tirando esta agora das motas e é porque vamos os dois, não iria assumir.</p> <p>-Depende das solicitações que me fizessem, mas seria sempre num aspeto de voluntariado que poderão ajudar e iria depender do tipo de atividade. Mas se fosse necessário e se eu me sentisse capaz de ajudar, pois claro que seria capaz de colaborar. Gostava muito de contar histórias...</p> <p>-Contribuindo, ajudar mesmo na concretização e na dinamização dessas atividades, acho que sobretudo isso.</p>

Anexo 7 - Análise de Conteúdo da reunião com o Grupo de Foco

Tabela 5 - Análises de Conteúdo da Reunião com o Grupo de Foco

Análise de Conteúdo da reunião com o Grupo de Foco – Associações da Freguesia de Pontével		
Categorias	Subcategorias	Evidências
Contributo das Associações para o Desenvolvimento Cultural	- Papel das Associações	<p>- O papel das Associações é o que desenvolve a cultura e a história de cada freguesia e ajuda a identificá-la. Também favorece a fixação das pessoas nas suas freguesias, ajuda a mantê-las dentro das localidades para não se dispersarem para as grandes cidades. Ou seja, favorece a identidade cultural (relato da dirigente da Casa do Povo).</p> <p>- O papel passa pela responsabilidade de manter a tradição, o costume, manter a cultura e quer seja como elemento associativo, quer como dirigente acho, que é essa responsabilidade, de manter a instituição em si, manter o património da Associação e da Coletividade. Também é importante, acho eu a ocupação do tempo de pessoas com alguma idade, já os jovens é mais difícil. O papel das Associações passa também por proporcionar às pessoas o convívio, encontro e partilha (relato do dirigente da Casa do Povo).</p>
Participação da comunidade nas Associações na	- Envolvimento da	<p>- Se nós pegarmos nas Associações e as analisarmos dentro do quadro da cultura, antigamente eram sempre as mesmas pessoas que pertenciam às coletividades, elas eram compostas por famílias. Hoje não se passa isso, mas há 30 anos passava-se. No caso específico da Filarmónica houve uma altura em que havia o pai, os filhos, os irmãos a serem elementos. Hoje o papel da Filarmónica passa pelo</p>

<p>promoção da Cultura</p>	<p>Comunidade nestas Coletividades</p>	<p>incentivo do próprio Estado, do governo que devia colocar a música mais cedo dentro dos currículos escolares incluindo o 7º, 8º e 9º ano. A música “oficial” é só no 5º e 6º ano. Como é que se pode incentivar as crianças a virem para a música? Assim, o papel da Filarmónica é substituir o papel do Estado no ensino da música. Se nós pegarmos nas Bandas do Estado, vemos que a maior parte dos seus elementos deram os primeiros passos nas pequenas coletividades. A Filarmónica, para além do ensino da música, tem uma história, pois é a Coletividade mais antiga da freguesia e acho que isso é importante não se perder. É neste sentido que é importante cativar as pessoas para manter estas Associações. A educação artística é a principal área de intervenção das Coletividades e ajudam a manter as tradições destas (relato do dirigente da S.F.I.P.).</p> <p>- Eu acho que não tem nada a ver com o Estado, a atividade curricular quer do grupo cénico, quer do rancho não vem em nenhum currículo escolar, a música ainda aparece no 5º e 6º anos, mas a dança, o folclore, o teatro não aparecem em nenhuma unidade curricular. Aqui o ritmo escolar devia dar a oportunidade para outras linguagens artísticas que não só a música, aí concordo, ou extra curriculares ou mesmo internas ao currículo escolar. As escolas também podiam proporcionar essas atividades. Embora já haja na disciplina de educação física algumas vertentes da dança, estas nunca chegam a ser devidamente trabalhadas (relato do dirigente da Casa do Povo).</p> <p>- Essa é a grande questão. Pela maioria da comunidade não sentimos reconhecimento, nem as pessoas da comunidade, nem as entidades de poder local valorizam estas Associações. Há uma</p>
---------------------------------------	-------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>grande dificuldade em reconhecer e apoiar o trabalho destas Coletividades. Ou seja, reconhecer em cima do palco, no dia de algum espetáculo reconhecem, e é muito bonito e toda a gente reconhece. Mas agora, o reconhecimento ao longo do ano, de toda a atividade desempenhada pelas Coletividades, não é reconhecido. E acho que isso faz falta, até para o nosso ego, às vezes não é tanto o dinheiro ou as coisas que se recebem, mas é o reconhecimento da presença, do carinho de ir, para com o movimento associativo, bem como pelo acompanhamento. Acho que isso é que faz falta. Mesmo a participação da população é pouca, embora não possamos generalizar por completo, há ainda muitas pessoas que apoiam e que estão presentes (Relato do dirigente da Casa do Povo).</p> <p>-Há aqui uma coisa, que é assim, somos sempre os mesmos e desses mesmos, com mais 5% da população que estão envolvidos em tudo, embora haja também algumas pessoas que não estão envolvidas em nenhuma Associação mas que gostam de ajudar e estão sempre presentes, embora sejam uma minoria (Relato do dirigente da S.F.I.P.). Há uma falta de interesse a nível cultural, mas se for preciso vão ao teatro a Lisboa e aqui não vêm. É a tal coisa que agente tenta puxar para cá as pessoas, mas as pessoas não vêm e é isso que nos desmotiva, às vezes.</p> <p>- Nós começámos uma escola de folclore para ver se motivávamos os miúdos pequenos para a dança, e o folclore é o menos importante. (Relato do dirigente da Casa do Povo).</p> <p>-Mas o que se passa com o folclore passa-se também com a escola de música. E hoje, os jovens, muito por culpa dos pais, têm um desinteresse para participar nas coisas e uma falta de responsabilidade,</p>
--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>têm sempre coisas, mais importantes para fazer do que virem aos ensaios. Eu estava na Direção da Banda há 15 anos e eu vejo que agora há uma grande diferença em relação ao assumir das responsabilidades por parte dos jovens. Antigamente os jovens cumpriam, agora temos 27 elementos, mas aos ensaios só vão 7 ou 8 (Relato do dirigente da S.F.I.P.).</p> <p>- Aos ensaios do folclore também acontece o mesmo. Às vezes apetece fechar portas, mas se fechar é a “morte” das coletividades porque há 30 anos a banda não existia, conseguimos acerca de uns anos recuperá-la. Mas o problema é que as pessoas hoje têm tudo para fazer, trabalham por turnos, estudam, têm exames, mas se não houver serviços queixam-se que não existe nada e que a Banda não vai a lado nenhum e que por isso não vale a pena irem aos ensaios... Mas eu acho que, hoje em dia as Coletividades também têm de se adaptar às mudanças, têm de saber ouvir. Por vezes, nós os dirigentes também nos fechamos na nossa “conchinha” e não ouvimos ninguém, não ouvimos os elementos do grupo, os músicos, não ouvimos os dançarinos e quando damos por ela estamos isolados e temos uma direção com umas instalações mas não temos ninguém cá dentro... (Relato da dirigente da Casa do Povo).</p> <p>- A responsabilidade não é só dos jovens, é também dos seus pais que devem levá-los aos ensaios e não o fazem, não assumem igualmente essa responsabilidade. Eu acho que hoje em dia, nós temos de saber ouvir e temos que preparar as nossas instalações para dar resposta às necessidades e aos interesses dos jovens, temos de nos adaptar aos novos moldes e aos interesses desta camada mais</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>jovem que anda aí. Há que ir trabalhando certas questões com os jovens, a questão dos horários por exemplo. Às vezes as minhas filhas estão cá às 21h30 que é a hora do ensaio do rancho, só que se o ensaio só começar às 22h00, elas começam a desmotivar-se porque já estão cá desde as 21h30 e também têm coisas para fazer. Temos de ir a pouco e pouco contrariando isto e também temos que preparar as nossas instalações para acolher e dar resposta a esse tipo de coisas porque é assim, se esta sala tivesse tacos e estivesse toda suja, as pessoas também não se sentiam aqui bem. Nós, com muito esforço, é que recuperámos estas instalações! Mas mesmo assim as pessoas não vêm! (Relato da dirigente da Casa do Povo).</p> <ul style="list-style-type: none">- Lá estão vocês com essa atitude negativista! (Relato do dirigente da Casa do Povo).- Não é isso, agente sente é a dificuldade que é essa, as pessoas não querem ter responsabilidades, os miúdos têm outras prioridades que não passam por estas Coletividades, não foram educados para isso. Se lhes deres telemóveis e tablets para as mãos, eles adoram... (relato do dirigente da S.F.I.P.).- Já pensaste em teres aqui uma Playstation e os miúdos virem para aqui às 21h30 e estarem meia hora a jogar e depois então começarem os ensaios? Já experimentaram? Depois também se podia, num sábado à tarde fazer-se um campeonato de um jogo qualquer que eles gostem para os atrair à Casa do Povo (Relato do dirigente da Casa do Povo).-Mas nós já experimentámos ginástica, jogos de descontração, ioga, mas eles não gostam, mas também não são só os mais novos, com os mais velhos acontece o mesmo. Nós falamos dos miúdos,
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>mas os adultos são os piores (Relato da dirigente da Casa do Povo).</p> <p>-Pois isto agora com os telemóveis é um problema, eu vejo pela minha neta que quando chega a nossa casa cumprimenta-nos, mas depois vai logo jogar e mandar mensagens no telemóvel (Relato da dirigente da S.F.I.P.).</p> <p>-Tivemos há pouco tempo numa ação de formação sobre a utilização dos telemóveis e lá o formador referiu uma realidade, se calhar nós somos os culpados porque não ensinámos os nossos filhos a mexer no telemóvel, se calhar se não proibirmos o uso do telemóvel e darmos-lhes regras de utilização vai ser tudo diferente porque quanto mais nós proibirmos mais eles vão querer utilizar (Relato do dirigente da Associação Casa do Povo).</p> <p>-Uma das coisas que esta Direção fez quando chegou à Filarmónica foi uma reunião com os músicos onde colocámos em cima da mesa o nosso projeto e pedimos a sua opinião sobre eles e queríamos que acrescentassem alguma coisa. Até há uma peça feita por um músico que vai ser tocada pela banda. Ele disponibilizou-se para fazer a peça e nós aceitámos. Estamos sempre a dizer-lhes para apresentarem sugestões e ideias de músicas que eles queiram tocar. Agente abriu este jogo, mas mesmo assim eles continuam desmotivados (Relato da dirigente da S.F.I.P.).</p> <p>- Os pais também falham com as Associações, pois temos casos de crianças que os pais vão levá-los a outras coletividades de outras terras. Nas outras atividades isso também acontece. (Relato da dirigente da Associação Lagartense).</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>-Pois, mas nós temos que fazer as coisas por gosto e não por obrigação. Eu faço porque gosto, mas quando isto começar a ser um fardo para mim, eu saio. Houve pessoas voluntárias a fazer obras nesta casa, admito que para o fim já era penoso, mas de início isto era um divertimento, era um gosto agente vir para aqui e estarmos aqui até às 3h, 4h da manhã todos juntos, a por pedra, a fazer isto e aquilo, agente divertia-se. Também tivemos apoios de empresas que nos fizeram descontos e nos deram materiais, outras coisas tivemos que comprar, mas tivemos algumas ajudas. Também convidávamos as pessoas para virem almoçar connosco e começaram a contribuir com alguma coisa. Houve uma pessoa que deu 500 € para colocar o teto falso e já que tínhamos de almoçar, envolvemos as pessoas nestas obras e foi assim que as conseguimos fazer. (Relato do dirigente da Associação Casa do Povo).</p> <p>- Então eu antigamente vinha do Cartaxo a pé e, às vezes, com as miúdas com febre, passávamos a noite na União Penedense, fiz lá direção durante dois anos e tal e vinha do Cartaxo. Pois, isso é porque nós gostamos disto. (Relato do dirigente da Associação Penedense).</p>
<p>Experiências e Práticas das Associações</p>	<p>Eventos</p>	<p>- Os eventos que costumamos realizar costumam servir para angariarmos dinheiro para manter e equilibrar a receita com a despesa, uma vez que o apoio que algumas Associações têm é só de alguns sócios que pagam cotas. Mas os eventos que fazem são mais de carácter recreativo do que cultural. Fazemos mais para o pessoal se divertir e agente conseguir angariar fundos. (relato do dirigente da S.F.I.P.).</p>

		<p>- Objetivamente o Folclore ou o Rancho não vão organizar Festivais para angariar dinheiro. Portanto, tem de ser sempre recreativo, ou seja, o recreativo “à mesa” para irmos conseguindo manter a água, a luz e o telefone (Relato do dirigente da Associação Casa do Povo).</p> <p>- Mas também fazemos outro tipo de eventos que não têm como objetivo a angariação de fundos. Fazemos concertos, audições, aulas de música, formação, e estamos sempre abertos a novas propostas. Festivais de Folclore, recriações históricas e culturais (Mercado à moda antiga), Festejos anuais, Pontelvinho, Festa dos Fazendeiros; Intercâmbios com outros grupos. Os eventos que fazem são: os festivais, o teatro, a música, o folclore, aniversários das coletividades, festas de natal. Em termos teatro, este ano organizámos também o encontro de grupos de teatro amador “Festével” (relato do dirigente da S.F.I.P.).</p>
Oferta Cultural/ Papel das Associações	Modalidades	<p>- Como modalidades recentes temos o acolhimento de grupos musicais e teatrais residentes, embora seja uma atividade pontual (relato do dirigente da S.F.I.P.).</p> <p>- A minha Associação só tem presentemente, aulas de ginástica, eventos, festejos anuais pelo dia da Mulher, o Santo António (relato da dirigente da União Lagartense).</p> <p>- Temos danças desportivas, zumba, rancho, teatro, karaté, Ginástica, escola de folclore (relato da dirigente da Casa do Povo).</p>
Valorização das Associações	Apoios às Associações	<p>- Sentimo-nos apoiados uns pelos outros, até achamos que as Associações colaboram umas com as outras. Eu vou dar-lhe um exemplo: o Jardim-de-infância quer realizar a festa de final de ano nas</p>

		<p>Instalações da Casa do Povo e nós cedemos as Instalações para o jardim fazer a festa. Há disponibilidade para empréstimos de espaços e recursos para ultrapassar obstáculos. Amanhã vai haver um almoço dos “Quarentões” nas instalações da S.F.I.P. Há uma altura em que agente pensa que estamos sozinhos, quando estamos a organizar alguma coisa, mas de vez em quando lá há alguns apoios pontuais por parte das autarquias. A Confederação das Coletividades também ajuda a promover informações e dá formação em relação a regras importantes que devemos saber. (relato do dirigente da S.F.I.P.).</p> <p>- Também as nossas famílias e os colegas da direção que nos apoiam são muito importantes. Também as equipas que os dirigentes conseguem reunir que ajudam estas Associações nos eventos, que são sempre os mesmos, mas ainda o que vale são estas pessoas que fazem as caspiadas que possibilitam a sua venda para ultrapassar obstáculos financeiros. É uma entrada de verba de valor considerável. São associações que se unem pelo espírito de grupo (relato do dirigente da Casa do Povo).</p>
<p>Identificação de Problemas e Necessidades das Associações</p>	<p>Principais Dificuldades das Coletividades</p>	<p>- Há as dificuldades económicas, materiais... (silêncio) também as dificuldades técnicas e administrativas. Por exemplo, a dificuldade de sabermos preencher candidaturas a projetos, fazer a legalização a determinado edifício, ou seja os elementos das direções não estão preparados para lidar com estas questões; a dificuldade em lidar com as entidades inspetivas, as autoridades tributárias, por exemplo, a ASAE. As coletividades têm de pagar para fazerem o registo da atividade. Os dirigentes estão nestas Associações pelo espírito de grupo e deparam-se com um quadro legislativo que tem</p>

	<p>muitas exigências. E o facto de existirem membros da direção com mais idade que assumem maioritariamente a gestão destas organizações às vezes torna-se complicado, há muito poucas pessoas com quarentas e tais... Existem poucos dirigentes dentro desta faixa etária. Os mais novos não assumem estas responsabilidades, tomara nós que eles frequentem as atividades. Nós convidamos pessoas mais novas com mais capacidades para resolverem certos assuntos, mas não aceitam...Cheguei a convidar pessoas novas mas não aceitam, e quando agente encontra alguém mais novo para a direção também acontece que a faixa etária mais velha dos sócios não aceita muito bem as ideias dos mais novos, muitas vezes não compreendem nem aceitam que as pessoas mais novas tenham mais conhecimentos destas legislações. Eu estive na Direção da Associação Humanitária e vi que o presidente que lá estava era uma pessoa muito organizada, muito capaz, só que impôs determinadas regras e houve pessoas que não gostaram dessas regras e tiraram a pessoa de lá. Ou seja, há aqui um choque de gerações. E colocaram lá uma pessoa que tem muito boa vontade mas está completamente desenquadrada da realidade atual. E isso vai trazer grandes problemas. Agora há grandes responsabilidades fiscais que exigem dos dirigentes conhecimentos adequados para conseguirem cumprir essas responsabilidades. Já não podem haver, hoje em dia, dirigentes só por “carolice”, o movimento associativo já tem de ter uma especificidade técnica e as pessoas não estão preparadas para isso. Por outro lado, as que estão preparadas não querem assumir estas responsabilidades, o problema é esse. (relato do dirigente da Casa do Povo)</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Perspetivas de Desenvolvimento das Associações</p>	<p>Estratégias para ultrapassar obstáculos</p>	<p>-Uma coisa que me passa pela cabeça, por exemplo é a minha Associação ter apoio por exemplo, como a Junta de Freguesia faz cá na localidade, era: nas outras terras haver a possibilidade de haver as mesmas atividades que existem aqui ao dispor da população porque há pessoas de outras zonas à volta de Pontével que não têm transporte e podiam ter na Coletividade aquele espaço lúdico, seja ginástica ou outra coisa... E o que a nossa Associação faz é ter lá pessoas que podem pagar, as que não podem, não têm nada. A autarquia local devia descentralizar as atividades que proporciona gratuitamente só na sede de freguesia. Eu tenho três dias de ginástica na Associação mas as pessoas têm de pagar. Ah, e também temos aulas de pintura lá que as pessoas pagam 5 euros por mês para a luz e para a água e pagam à professora e ela dá-nos um x (Relato da dirigente da União Lagartense).</p> <p>-Temos de cativar as pessoas a serem sócias das coletividades, serem elementos e fazerem parte dos seus corpos dirigentes. Por um lado, o Município do Cartaxo não tem recursos financeiros para dar verbas em dinheiro a estas Associações, como deu noutros tempos. O que é que temos neste momento? Temos défice de pessoas, de participação e acho que devia de haver aqui uma estratégia conjunta envolvendo todas as coletividades, o próprio Município em que se criassem aqui alguns privilégios para quem fosse dirigente associativo, para quem fosse sócio das coletividades a, b ou c ou para quem fosse elemento do grupo cénico, elemento da banda, do atletismo. E essa estratégia passava pelo município e pelas autarquias locais de darem benefícios na entrada de equipamentos, por exemplo, nas piscinas, no centro cultural. Não é isentar, mas ter um desconto, era ter um cartão</p>
--------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>de dirigente associativo, ter um cartão de elemento da associação... Criar aqui uma estratégia ao nível concelhio que desse uma vantagem às pessoas que lhes desse orgulho e reconhecimento de elemento ou dirigente pertencente a uma Coletividade e terem benefícios atribuídos pela câmara porque faço parte de organização (relato do dirigente da Casa do Povo).</p> <p>- As refeições e a gastronomia também são excelentes momentos de envolver as pessoas, a mesa é o melhor negócio... Reavivar eventos que já se fizeram anteriormente, por exemplo... Há uma coisa que se está a perder, quanto menos eventos proporcionarmos às pessoas, menos elas se vão interessar pela cultura. Fala-se muito em festivais de folclore dos encontros de bandas, mas quanto menos iniciativas destas houverem mais as pessoas se afastam e depois acabam- se os encontros de ranchos e estou a lembra-me do Festival Capital do Vinho e do Folclore; acabou-se com alguns encontros de bandas, deixou-se de fazer e é assim... (relato do dirigente da S.F.I.P.).</p> <p>- Voltamos à questão da educação, nós não ensinamos os nossos filhos a ouvir música, a ver teatro, nem a ver folclore. Por exemplo, existem 8 grupos de folclore no concelho do Cartaxo, mas só dois são federados (Cartaxo e Pontével). O rancho de Pontével foi receber a nota da Federação da época passada. Se a nota vier negativa em termos de nome e projeção tem impacto para fora da Comunidade. Logo aqui perde-se o valor porque não temos objetivos a cumprir e isso também pode levar a alguma desmotivação e ao desleixo porque não traz ao de cima a genuinidade e a qualidade de um grupo de representação das tradições que é avaliado por estas Instituições. Assim, como no</p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>caso das bandas em que acontece o mesmo. Isto é um caso de reconhecimento que eu há pouco falava. As coletividades na sua responsabilidade de preservação do património e da cultura e das tradições também têm a responsabilidade de se propor a ser avaliadas e apoiadas pelas confederações para fazerem melhor porque essa avaliação acarreta responsabilidade e devia trazer mais reconhecimento económico. (relato do dirigente da Casa do Povo).</p> <p>- As estratégias passam também por reconhecer as qualidades e os recursos melhores que possuímos. É valorizar as pessoas que temos (relato da dirigente da Casa do Povo). -Também outra estratégia que podemos considerar é haver um banco de recursos partilhados entre Associações. Até os eventos podiam ser realizados em conjunto conforme as características e as modalidades de cada uma (relato do dirigente da S.F.I.P.).</p>
<p>Preservação do património cultural e arquitetónico</p>		<p>Temos de preservar o património que temos, como aconteceu com outras escolas de outras freguesias que encerraram mas que hoje estão abertas para a comunidade poder usufruir de atividades e o nosso objetivo era utilizar aquele espaço em prol da comunidade, sendo também um ponto de encontro e de ligação entre coletividades. Por exemplo, a escola primária antiga podia ser reaproveitada para as coletividades podia ser um centro público, para ser um espaço que partilhássemos ideias, como estamos a fazer hoje (relato do dirigente da Casa do Povo).</p>

Anexo 8 - Diário de Bordo - Reunião Informal

Diário de Bordo - Reunião Informal com o grupo de seniores – Dia 29 de outubro 2019

A reunião realizou-se com 8 pessoas do grupo dos seniores pelas 11h15 numa das salas da Antiga Escola Primária de Pontével. O primeiro ponto da reunião foi explicar às pessoas em que consistia o projeto que estava a ser elaborado. Foi explicado ao grupo que o projeto inseria-se no âmbito do Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas que frequento. No entanto, expliquei às pessoas que a intenção do projeto era também aproveitar aquele espaço da Antiga Escola Primária para criar um espaço cultural aberto à comunidade, onde poderíamos começar por realizar algumas sessões de atividades, utilizando as linguagens artísticas para dar vida aquele espaço. Para tal, necessitava de saber a opinião do grupo quanto à ideia de dinamizarmos em conjunto, algumas sessões de atividades abertas à comunidade em geral. E se porventura, o grupo teria outras ideias para reaproveitar aquele espaço.

Um membro do grupo começou por dizer que achava que as pessoas da comunidade não iriam participar nestas sessões, pois noutras ocasiões a participação das pessoas é muito reduzida, inclusive nas coletividades a adesão é muito pouca. Esta opinião foi comum a todos os outros elementos do grupo. Por outro lado, o grupo considerou pertinente e interessante a ideia de reaproveitar aquele espaço para a comunidade e que seria interessante envolver as crianças e as famílias no projeto. Neste sentido, alguns elementos referiram que eu só tinha de dizer o que elas tinham de fazer, que elas colaboravam com gosto. Entretanto, expliquei-lhes que um dos objetivos do meu projeto, era que as ideias partissem também e especialmente, do grupo e não somente da minha parte. Embora eu pudesse dar algumas sugestões e ideias, gostava de saber as opiniões do grupo. Referi a importância das suas experiências, vivências e das suas ideias para o desenvolvimento deste projeto. Foi então, que ao longo da reunião demonstraram interesse em trazer algumas coleções de objetos e de fotografias que tinham lá em casa, para se poder realizar alguma atividade a partir desses objetos. Consideraram igualmente importante a criação de um espaço para exporem as suas coleções, inclusive deram ideias do que poderiam trazer. Um

elemento do grupo referiu que tinha algumas fotografias da guerra colonial onde participou e referiu que sabia contar a história de cada uma daquelas fotografias. Outra senhora disse ter vestidos de noiva de antigamente, fotografias dos primeiros jogadores de futebol. Outra relatou algumas experiências cómicas tidas na escola, em tempos passados, e lembrou-se que poderíamos realizar uns “sketch” com as memórias das crianças da escola do antigamente. Outra pessoa ainda contou que alguém que conhece escreveu no jornal de Pontével um texto sobre “Expressões de Pontével” e que seria interessante realizar alguma atividade a partir daí. Ainda outro elemento considerou pertinente envolver as crianças e a comunidade na recuperação do espaço com atividades tais como a “Oficina dos Saberes” (partilhar ideias e atividades intergeracionais); organizar tarde de chá/ convívio/ culinária/Jardinagem; festejar e dinamizar quadras festivas com lembranças que o público leve; motivar os visitantes a participarem em *workshops* através de reutilização de materiais (Artével); animar histórias com personagens com vestimentas e adereços feitos com as crianças e seniores; representar história de Pontével (Dia alusivo à história de Pontével); envolver pessoas com demências com a finalidade de as colocar ativas.

Apesar de terem dado algumas ideias, a maioria dos elementos deste grupo consideram-se inaptas para dinamizarem atividades, revelaram expressões do género “*não temos jeito para estas coisas*”, apesar de gostarem de participar. Verificou-se no grupo baixa autoestima e tendência para desvalorizarem as ideias que possuem, pois revelaram estar habituadas a que nos grupos em que participam, a pessoa responsável leva sempre um trabalho previamente definido por si e apresenta-o ao grupo, não havendo espaço para as pessoas fazerem o que idealizam. Expliquei-lhes que na minha perspetiva, todos temos capacidades e que o mais importante é que todas as pessoas participem na realização de algo em comum para o trabalho ficar mais enriquecido. Depois do debate de algumas ideias, as pessoas mostraram-se disponíveis para integrarem e participarem no projeto e ficou combinado que qualquer ideia que lhes surgisse sobre atividades que gostariam de implementar naquele espaço iriam comunicar.

No decorrer desta reunião verificou-se que este grupo de pessoas está interessado em participar no projeto, apesar de pensarem que as pessoas da comunidade não participam muito em iniciativas deste género. Contudo, consideraram importante continuar a tentar, uma vez que na sua ótica, aquele espaço deve ser reaproveitado em prol da comunidade.

Anexo 9 – Cartazes de divulgação inerentes aos Eixos

BIBLIOTECA DA JUNTA DE FREGUESIA DE PONTÉVEL
ANTIGA ESCOLA PRIMÁRIA

Dia 15 de fevereiro **Hora: 11:00**

EntreLços e Letras... E outras coisas...



VAMOS DESVENDAR O FASCINANTE MUNDO DAS HISTÓRIAS COM SESSÕES DE LEITURA EM VOZ ALTA, ONDE SE CONSTRUIRÁ UM ITINERÁRIO DE LEITURAS QUE CONDUZEM AO DESENVOLVIMENTO DA ESCUTA, À EXPERIÊNCIA DO ENCANTAMENTO, À VIVÊNCIA PARTICIPADA DA LEITURA, COM O OBJETIVO DA FRUIÇÃO E APROXIMAÇÃO DAS CRIANÇAS E SUAS FAMÍLIAS.

DINAMIZADO POR LÉLIA NEVES (MESTRANDA EM INTERVENÇÃO E ANIMAÇÃO ARTÍSTICAS)

OFICINAS DE LEITURA PARA CRIANÇAS DOS 3 AOS 9 ANOS E SUAS FAMÍLIAS

OUTRAS INFORMAÇÕES/MARCAÇÕES:
 JUNTA de FREGUESIA de PONTÉVEL
 Tel: 243 799 226 /geral@jf-pontevel.pt

APOIO: 

Figura 92 - Cartaz de divulgação da ação "EntreLços e Letras... E outras coisas...".

BIBLIOTECA DA JUNTA DE FREGUESIA DE PONTÉVEL
ANTIGA ESCOLA PRIMÁRIA

Dia 16 de fevereiro **Hora: 16:00**

RITMOS D'ARTE
 Objetos, Histórias e Memórias



Um espaço para criar, sonhar, descobrir e partilhar; um tempo criativo para pensar, sentir e projetar, entre outros...

PARA ADULTOS E SENIORES

DINAMIZADO POR LÉLIA NEVES (MESTRANDA EM INTERVENÇÃO E ANIMAÇÃO ARTÍSTICAS)

ESTE PROJETO IRÁ DECORRER ENTRE OS MESES DE FEVEREIRO E MAIO, EM DOIS DOMINGOS POR MÊS, PELA 16H00 NA BIBLIOTECA DA JUNTA DE FREGUESIA DE PONTÉVEL - ANTIGA ESCOLA PRIMÁRIA.

OUTRAS INFORMAÇÕES/INSCRIÇÕES: **APOIO:**

JUNTA de FREGUESIA de PONTÉVEL 

Tel: 243 799 226 /geral@jf-pontevel.pt

Figura 93 - Cartaz de divulgação da ação "Ritmos D'Arte".

BIBLIOTECA DA JUNTA DE FREGUESIA DE PONTÉVEL
ANTIGA ESCOLA PRIMÁRIA

Dia março **Hora:**

ASSOCIARTE



EXPERIÊNCIAS COM INSTRUMENTOS
 PADDY PAPER MUSICAL
 JOGOS MUSICAIS
 OFICINA SENSUAL
 ASSOCIA-TE À ARTE... E VEM REVELAR-TE!

DINAMIZADO POR LÉLIA NEVES (MESTRANDA EM INTERVENÇÃO E ANIMAÇÃO ARTÍSTICAS) E S.F.I.P. (SOCIEDADE FILARMÓNICA INCRÍVEL PONTEVELENSE)

WORKSHOPS DE MÚSICA PARA CRIANÇAS E JOVENS DOS ENTRE OS 6 E OS 15 ANOS

OUTRAS INFORMAÇÕES: JUNTA de FREGUESIA de PONTÉVEL / SOCIEDADE FILARMÓNICA INCRÍVEL PONTEVELENSE
 Tel: 243 799 226 /geral@jf-pontevel.pt

APOIOS: 

Figura 94 - Cartaz de divulgação do workshop musical.

A música desperta-nos e aproxima-nos...



ESTE PROJETO IRÁ DECORRER ENTRE OS MESES DE MARÇO E MAIO NA BIBLIOTECA DA JUNTA DE FREGUESIA DE PONTÉVEL - ANTIGA ESCOLA PRIMÁRIA EM PARCERIA COM A SOCIEDADE FILARMÓNICA INCRÍVEL PONTEVELENSE. A PRIMEIRA ATIVIDADE IRÁ DECORRER NA ESCOLA E.B.2,3 DE PONTÉVEL.

A Música vai muito para além reprodução musical, ela envolve e desperta aptidões e competências que se revelam fundamentais para o indivíduo. Para além disso, ainda desenvolve a capacidade de criação, de imaginação, de transcendência, do mágico...

Com a Música crias, recrias, renovas e reinventas a tua realidade!

de nós e dos outros...

CRANÇAS E ADOLESCENTES DOS 6 AOS 15 ANOS • DURAÇÃO: 90 MINUTOS • WORKSHOP DE MÚSICA • GRATUITO •

Figura 95 - Cartaz de divulgação do workshop musical.

Anexo 10- Cronograma - 1ºEixo de Intervenção

Tabela 6 - Cronograma - 1º Eixo de Intervenção

EntreLaços e Letras...E outras coisas...		
Data/Hora	Atividade	Destinatários
15 de Fevereiro – 11h00	Leitura Animada do Livro “O Monstro das Cores” - Atelier “E a história continua...” – - Construção de mais “Monstrinhos” (Criação de Personagens novas)	Crianças e Famílias da Comunidade
29 de Fevereiro – 11h00	Leitura do Livro “ Vamos à Caça do Urso” -Atelier “Som, Imagem e Movimento”	Crianças e Famílias da Comunidade
14 de Março – 11h00	- Leitura do Livro - “Cem sementes que voaram” - Atelier de Formas Animadas - Elaboração do Flipbook	Crianças e Famílias da Comunidade
28 de Março – 11h00	- Leitura do Livro “Escondidas” – - Atelier “Quadros Vivos”	Crianças e Famílias da Comunidade
18 de Abril – 11h00	- Leitura do Livro “Orelhas de Borboleta” - – Atelier “O som da história...”	Crianças e Famílias da Comunidade

Anexo 11 – Planificação 1 do 1º Eixo de Intervenção

Tabela 7 – Planificação1

Sessão nº 1	Eixo de Intervenção			
	Animação Leitura “EntreLaços e Letras... E outras coisas...”			
	Dia e Hora da Sessão: 15 fevereiro /11h00			Duração: 90 minutos
Destinatários: Crianças dos 3 aos 9 anos de idade e Famílias			Local: Biblioteca da antiga Escola Primária de Pontével	
Descrição da Atividade	Objetivos	Linguagem Artística	Recursos	Metodologias
<p>-Leitura do Livro pop-up “O Monstro das Cores”</p> <p>-Atelier “E a história continua...” – Construção de mais Monstrinhos;</p> <p>- Jogo das emoções</p>	<p>- Reconhecer as emoções das personagens da história e representá-las através de expressões faciais, corporais e vocais;</p> <p>- Conseguir identificar outras emoções, outros sentimentos e construir mais personagens a partir dessa identificação;</p> <p>- Associar outras cores às emoções representadas/mimadas;</p> <p>- Desenvolver a imaginação e a criatividade;</p> <p>- Proporcionar momentos de partilha de</p>	<p>- Expressão Dramática</p> <p>- Expressão Plástica</p>	<p>-Cartão;</p> <p>- Restos de vários tipos de Papel;</p> <p>- Materiais de Desperdício;</p> <p>- Colas;</p> <p>- Tesouras;</p> <p>- Lápis de cor e de cera;</p>	<p>- Momento Inicial: Diálogo com os familiares sobre o Projeto na Biblioteca;</p> <p>-Momento da Leitura em voz alta da história;</p> <p>- Momento da Dinâmica: há um “O Saco Sabichão” que vai passando de mão em mão enquanto as crianças dizem “Saco Sabichão queres que eu responda sim ou não?” e quando acabarem de repetir isto o último elemento que agarra no saco tira um papel com uma pergunta, o familiar lê e a criança responde;</p>

<p>a partir de um coração com janelas onde as crianças vão representar ou mimar as emoções dos monstros que realizaram com as famílias.</p>	<p>ideias e atividades no âmbito das expressões artísticas entre crianças e os seus familiares.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estimular a relação com os outros; - Desenvolver a capacidade de reflexão e conceção de ideias e emoções; - Impulsionar o desenvolvimento do juízo crítico, a capacidade de comunicação e expressão criativa. 		<ul style="list-style-type: none"> - Pincéis; - Tintas; - Coração com gavetas; - Saco com Perguntas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Momento do Jogo: o jogo das Emoções em que se explicará às crianças e às famílias que deverão abrir uma das janelas do coração (de cartão) e tirar de lá um círculo, verificar a sua cor e mimar ou representar uma emoção de acordo com a mesma. Os outros elementos do grupo deverão identificar qual a emoção representada. - Momento do Atelier: Construção de mais Monstrinhos das cores em que cada família irá juntamente com a criança construir um monstrinho que dará continuidade à história.
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Anexo 12 - Planificação 2 do 1º Eixo de Intervenção

Tabela 8 - Planificação 2

Sessão nº 2	Eixo de Intervenção			
	Animação Leitura “EntreLaços e Letras... E outras coisas...”			
	Dia e Hora da Sessão: 29 de fevereiro /11h00		Duração: 90 minutos	
	Destinatários: Crianças dos 3 aos 9 anos de idade e Famílias		Local: Biblioteca da antiga Escola Primária de Pontével	
Descrição da Atividade	Objetivos	Linguagem Artística	Recursos	Metodologias
<p>- Leitura do Livro “Vamos à caça do urso”</p> <p>- Atelier de Expressão Dramática: “E se estivéssemos dentro do livro?”</p> <p>- História recontada e</p>	<p>- Desenvolver a imaginação e a criatividade;</p> <p>- Incentivar os sentimentos de persistência e coragem perante os medos;</p> <p>- Estimular a expressão corporal;</p> <p>- Incentivar a capacidade de improvisação;</p> <p>- Desenvolver os sentidos e incentivar as crianças/familiares a envolverem-se</p>	<p>-Expressão Dramática</p> <p>-Expressão Plástica</p>	<p>- Projetor;</p> <p>- Máquina de filmar;</p> <p>- Lápis de cor e de cera;</p> <p>- Biombos;</p> <p>- Cartão;</p> <p>- Papel de cenário;</p> <p>- Imagens do</p>	<p>Momento Inicial: Acolhimento e diálogo com as crianças/famílias sobre os momentos da sessão e breve apresentação do Livro “Vamos à caça do urso” (explicar que é um “livro jogo” em que há uma família que convida todos para brincar. A brincadeira é ir pelo bosque à caça do urso só que para encontrar o urso precisamos de atravessar alguns obstáculos...)</p> <p>-Momento da Leitura: Primeira Leitura do livro “Vamos à Caça do Urso” em jeito de</p>

<p>representada pelas crianças e pelas famílias em grupo</p> <p>- Filmagem da dinâmica</p> <p>- Visualização e reflexão sobre a filmagem</p> <p>- Elaboração de um final diferente da história original em que as crianças e familiares teriam de desenhar numa das folhas do livro gigante um novo final.</p>	<p>na história do livro através da utilização da imagem e dos sons;</p> <p>- Estimular competências ao nível da interpretação, da memorização e da improvisação;</p> <p>-Trabalhar competências de socialização;</p> <p>- Promover a coordenação entre ideias e movimentos corporais;</p> <p>-Possibilitar a consciência dos movimentos realizados durante a dinamização da história;</p> <p>- Refletir sobre esses movimentos e sensações;</p> <p>- Estimular a criação de ideias novas para um novo final da história;</p> <p>-Possibilitar a materialização das ideias através do desenho/Pintura de um novo final.</p>		<p>Livro “Vamos à Caça do urso”;</p> <p>- Canetas de feltro;</p> <p>- Pincéis;</p> <p>- Tintas;</p> <p>- Livro gigante onde dentro dele se visualizam imagens projetadas inerentes à história acompanhadas com o som;</p> <p>- Manta</p>	<p>apresentação da história em que se irá incentivar as crianças e famílias a repetir a frase do livro de modo a introduzir as ações seguintes. A frase é seguinte: “Vamos à caça do urso. Vamos caçar um dos grandes! Que belo dia! Não temos medo.”</p> <p>- Momento do Atelier “E se estivéssemos dentro do livro?”: Explica-se ao grupo que deverão colocar-se de pé, de frente para o livro gigante e convidam-se todos os presentes a irem à caça do urso juntamente com a família da história. Incentiva-se o grupo repetir a frase: “Vamos à caça do urso. Vamos caçar um dos grandes! Que belo dia! Não temos medo.” De seguida, projetam-se as imagens da história numa das páginas do livro gigante e pede-se às crianças e aos seus familiares que olhem para as imagens e que recontem a história, mas desta vez, a acompanhem com gestos e movimentos</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

			<p>que considerarem adequados, tal como se estivessem dentro do livro.</p> <p>No momento desta dinâmica há a gravação da mesma para que as crianças e famílias possam em seguida visualizar os seus gestos e movimentos assim como ouvir as suas vozes e os sons efetuados durante o momento do reconto da história.</p> <p>- Momento da Reflexão: Cada criança/família, após assistir à gravação do <i>atelier</i>, é convidada a partilhar as suas ideias, pensamentos e sentimentos sobre o que visualizou.</p> <p>- Momento da Criação de um Final diferente para a História: Cada criança e família será convidada a desenhar/pintar numa das folhas do livro gigante, um final diferente para a história.</p>
--	--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Anexo 13 - Planificação 3 do 1º Eixo de Intervenção

Tabela 9 - Planificação 3

Sessão nº 3	Eixo de Intervenção			
	Animação Leitura “EntreLaços e Letras... E outras coisas...”			
	Dia e Hora da Sessão: 14 de março /11h00		Duração: 90 minutos	
	Destinatários: Crianças dos 3 aos 9 anos de idade e Famílias		Local: Biblioteca da antiga Escola Primária de Pontével	
Descrição da Atividade	Objetivos	Linguagem Artística	Recursos	Metodologias
<ul style="list-style-type: none"> - Leitura em voz alta do livro “Cem Sementes que Voaram” - “Sentir a história com os Pés” – Percurso sensorial - Desenhar as sementes da história 	<p>Sensibilizar os participantes para a importância de valores tais como a persistência, a esperança e a coragem;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conhecer e compreender os ritmos e a inteligência da natureza; - Estimular a concentração, 	<ul style="list-style-type: none"> - Expressão Dramática - Expressão Musical - Expressão Plástica 	<ul style="list-style-type: none"> - Sacas de papelão; - Pedrinhas; - Sacos de congelar com pouca água; - Paus pequenos; - Palha; - Areia; 	<p>Momento Inicial: Acolhimento e diálogo com as crianças/famílias sobre os momentos da sessão e breve apresentação do Livro “Cem Sementes que Voaram” (Explicar que na história havia uma árvore que estava muito esperançosa para lançar as suas sementes, mas tinha de esperar algum tempo para que isso acontecesse... Eis que chega o dia especial! E nós vamos todos fazer uma viagem com as sementes da história e sentir com os nossos pés o que sentiram as sementes</p>

<p>(imaginar como elas poderiam ser a partir da referência das suas características)</p> <p>- Atelier “O som das Sementes”</p> <p>-Dinâmica Musical da viagem das sementes</p>	<p>o pensamento e a memória;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver nos participantes a percepção, a lateralidade, a orientação e a direcionalidade; - Estimular os sentidos e a coordenação motora; - Incentivar nos participantes a criação gráfica da semente a partir das suas especificidades; - Conhecer as características e a forma de germinação de certas sementes; -Estimular a expressividade corporal e musical; - Explorar as várias superfícies do percurso relacionado com a história; - Explorar sons, ritmos, 		<ul style="list-style-type: none"> -Cartões retangulares; - Seixos grandes; - Recipientes grandes para colocar terra; - Ramos de pinheiro, amieiro, cerejeiras, choupos, tílias, faias; - folhas A3 - Lápis de cor/cera; - Canetas de feltro; musicais (Reco reco, pau de chuva, cavaquinhos, pífaros, 	<p>durante os seus voos...vamos sentir esta aventura!)</p> <p>-Momento da Leitura Animada “Sentir a história com os Pés”: Explica-se ao grupo que durante a leitura da história todos devem percorrer o percurso sensorial de acordo com o que estão a ouvir, reforçando-se a ideia de que vão fazer aquele caminho como se fossem as sementes e que para isso têm de ouvir com muita atenção a história. Pedem-se aos elementos do grupo que se descalcem (se quiserem) para se dar início à leitura da história e à respetiva dinamização. Procedem-se então à leitura, no entanto, a dinamizadora nesta altura deve fazer algumas paragens, de modo a dar tempo para que as crianças e os seus familiares possam passar por cada piso do percurso sensorial, prosseguindo a leitura de acordo com o ritmo do grupo.- Momento do Atelier “Os sons das Sementes”: Pedem-se aos elementos do grupo que se juntem em pequenos grupos. Depois distribui-se a cada um, um determinado ramo de árvore (que será diferente em todos os grupos). Pedem-se que a partir das experiências sensoriais tidas durante a leitura da</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>intensidades e volumes sonoros com diversos materiais que produzem som;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Proporcionar a exploração de vários instrumentos musicais; - Incentivar as crianças e os seus familiares a criarem e a associarem sons às diversas sementes; - Desenvolver a imaginação e a criatividade; - Trabalhar a autoestima e as relações sociais através das atividades de grupo. 		<p>harmónicas, metalofones, guizos, maracas, ferrinhos, clavas, xilofones, etc);</p> <ul style="list-style-type: none"> - Vários materiais para criar sons (tigelas, tampas de frascos, guizos, garrafas de plástico, etc) - Instrumentos musicais 	<p>história, explorem e escutem os sons dos diversos instrumentos musicais e dos outros materiais sonoros. Depois desta exploração, pede-se a cada grupo que desenhe a semente da árvore que lhe foi atribuída e que crie o som para essa semente. Neste momento, dá-se tempo aos grupos para reproduzirem em conjunto, o som que criaram para a sua semente.</p> <p>- Momento da dinâmica musical: Neste momento é lida novamente a parte da história que narra a viagem de cada semente. Solicita-se aos grupos que cada um, à vez, reproduza durante a leitura, os sons que criaram para a sua semente. Nesta altura, a leitura desta parte da história será acompanhada pela produção sonora que cada grupo criou para a semente que desenhou, sendo que quando na história, por exemplo for a vez da cerejeira, só o grupo que ficou com o ramo da cerejeira realiza esse som.-Reflexão sobre as Dinâmicas: Neste momento, dá-se espaço e tempo para as pessoas falarem do que sentiram ao realizarem as dinâmicas.</p>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Anexo 14 -Planificação 4 do 1º Eixo de Intervenção

Tabela 10 - Planificação 4

Sessão nº 4	Eixo de Intervenção			
	Animação Leitura “EntreLaços e Letras... E outras coisas...”			
	Dia e Hora da Sessão: 4 julho/11h00		Duração: 90 minutos	
Destinatários: Crianças dos 3 aos 9 anos de idade e Famílias		Local: Biblioteca da antiga Escola Primária de Pontével		
Descrição da Atividade	Objetivos	Linguagem Artística	Recursos	Metodologias
<p>-Leitura em voz alta do livro “Orelhas de Borboleta”</p> <p>- Jogo “Em busca das Personagens” (Construção de personagens a</p>	<p>- Incentivar as crianças a exteriorizar, através das personagens do livro, os seus sentimentos e as suas observações pessoais relativamente à história narrada;</p> <p>- Desenvolver as capacidades de comunicação e de improvisação;</p>	<p>-Expressão Dramática</p> <p>-Expressão Plástica</p>	<p>- Suportes de cartão;</p> <p>- Tintas;</p> <p>- Pincéis;</p> <p>- Velcro</p> <p>- Cartão;</p> <p>- Cola;</p>	<p>Momento Inicial:</p> <p>Acolhimento e diálogo com as crianças/famílias sobre os momentos da sessão e breve apresentação do Livro “Orelhas de Borboleta” (Explicar que na história há uma menina que está muito triste porque os outros colegas disseram que ela tinha as orelhas muito grandes... A mãe disse-lhe que as suas orelhas de borboleta a fazem voar bem alto e que a fazem</p>

<p>partir das peças que estão espalhadas pelo pátio. Depois de formadas as personagens, as crianças e os seus familiares vão representar essas personagens, à sua maneira, improvisando respostas às provocações evocadas pela personagem principal do livro...</p> <p>- Atelier "O Outro de Mim" em que</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Estimular a imaginação, a concentração e a criatividade; - Desenvolver o jogo simbólico; - Promover o inter-relacionamento, o fortalecimento do espírito de grupo e o estímulo ao diálogo sobre o tema da história; - Estimular a consciência de si e do outro; - Observar, compreender, sentir e expressar as semelhanças e as diferenças que existem entre si e o outro; - Incentivar a auto-estima, auto-valorização e confiança em si e no outro; - Encarar a diferença como algo positivo e 		<p>-Papel; -Celofane transparente.</p>	<p>sonhar... Mas depois disso, os colegas começam a dizer-lhe outras coisas... Porém, a menina vai respondendo sempre com palavras muito sábias e positivas... Afinal ser diferente até pode ser muito divertido! Não acham? Vamos descobrir como...)</p> <p>Momento da Leitura em voz alta da história "Orelhas de Borboleta". Em seguida, fazem-se grupos de 4 elementos e explica-se a cada grupo que as personagens da história fugiram do livro e que a primeira missão de cada grupo será encontrar as personagens perdidas.</p> <p>Momento do Jogo existem peças de cartão espalhadas no pátio e cada grupo terá de colar essas peças nuns suportes de cartão, que estão dispersos ao longo do pátio. Quando juntarem as peças e as colarem nesse suporte formarão uma personagem. Perguntar-se-á ao grupo quais as diferenças e as semelhanças que detetam agora nas personagens (haverá algumas alterações físicas nas personagens por forma a constituírem um mote para o diálogo improvisado). Ou</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>os participantes vão delinear e carimbar a face do outro e construir uma caraça que só vai ficar completa com os pormenores acrescentados por si próprio.</p>	<p>benéfico;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver a empatia; - Contribuir para incrementar a sensibilidade pessoal, social e artística e a capacidade de comunicação e reflexão; - Favorecer a reflexão sobre os valores da partilha, do respeito, da atenção para com o outro e da aceitação da diferença. 			<p>seja, uma personagem terá os cabelos em pé, outra terá os pés muito grandes, outra será gordo e outra magra demais). As personagens que os grupos vão formar são aquelas que na história gozavam com a menina que tinha as orelhas grandes. Neste sentido, pede-se a cada grupo que responda (assumindo a personagem) com uma frase criada por si, à provocação que a personagem principal vai fazer a cada uma das outras personagens. Por exemplo: a menina das orelhas grandes diz: “Olha o José Amarante que tem pés de gigante!” “Olha o João que tem uma barriga que parece um balão! “Olha a Maria com umas pernas de enguia!”</p> <p>Depois deste <i>atelier</i> dá-se tempo ao grupo para refletir sobre a atividade, solicitando a cada grupo que diga o que sentiu e o que pensou quando teve de assumir a personagem.</p> <p>Momento do Atelier “O Outro de mim”-Pede-se ao grupo para se juntarem em pares e distribui-se a cada elemento um quadro feito com cartão e papel celofane</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

			<p>transparente e umas tintas. Explica-se que cada um, à vez, terá de colocar o quadro junto da cara do outro e desenhar no papel celofane o perfil da sua cara e vice-versa. Quando um dos elementos do par terminar a pintura, entrega-a ao par que terá um espelho à sua frente e acabará de compor o resto da sua cara, fazendo os brincos, a cor dos olhos, o cabelo. Ou seja os pormenores que considera que faltaram na pintura feita pelo seu par.</p> <p>Reflexão final: No final da sessão, há uma conversa com o grupo sobre as atividades para que as crianças e os seus familiares expressem o que pensaram e sentiram sobre a história e sobre a realização dessas atividades.</p> <p>- Os <i>ateliers</i> serão realizados no espaço exterior da Biblioteca, debaixo do alpendre para que a distância entre os participantes seja cumprida.</p>
--	--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Anexo 15- Cronograma 2º Eixo de Intervenção

Tabela 11 - Cronograma 2º Eixo de Intervenção

Objetos, Histórias e Memórias		
Data/Hora	Atividade	Destinatários
16 de fevereiro	“Movimentos e Sentimentos” (Dinâmicas de grupo que envolvem o corpo e as emoções)	Seniores
1 de março	“O baú das Memórias” – (Atividade a partir de objetos e fotografias importantes para o grupo)	Seniores
22 de março	“Memórias em Movimento” (Dança, Pintura e Fotografia)	Seniores
5 de abril	“Coleções e Emoções” (Exposição e dinamização de coleções)	Seniores
19 de abril	“Expressões de Pontével” (Recolha e dinamização de Expressões características de Pontével- Atelier de Luz e Sombra)	Seniores
3 de maio	Atividade Final – Apresentação às crianças “A teia das histórias” (Novelo de lã que é lançado e cada sénior conta uma história a partir do seu objeto)	Seniores

Anexo 16- Planificação 1 do 2º Eixo de Intervenção

Tabela 12 - Planificação 1

Sessão nº 1	Eixo de Intervenção			
	“Ritmos d’Arte - Objetos, Histórias e Memórias”			
	Dia e Hora da Sessão: 16 fevereiro /16h00		Duração: 90 minutos	
	Destinatários: Adultos e Seniores da Freguesia		Local: Biblioteca da antiga Escola Primária de Pontével	
Descrição da Atividade	Objetivos	Linguagem Artística	Recursos	Metodologias
<p>- “Movimentos e Sentimentos”</p> <p>- Ouvir a música e sentir as diversas partes do corpo</p> <p>-Criar movimentos de acordo com os sentimentos</p> <p>-Pintura de símbolos num painel que exprima o</p>	<p>- Proporcionar momentos de descontração;</p> <p>- Estimular a expressão corporal;</p> <p>- Ampliar a capacidade de expressão;</p> <p>- Desenvolver a consciência individual e grupal;</p> <p>- Proporcionar momentos de partilha e convívio com os outros;</p> <p>- Estimular a alegria durante a experiência e na descoberta de si próprio;</p>	<p>Expressão Dramática</p> <p>Musica</p> <p>Expressão Plástica</p>	<p>-PC</p> <p>- Coluna de som;</p> <p>- Músicas de diversos estilos;</p> <p>- Tintas;</p> <p>- Pincéis;</p> <p>- Tesouras;</p> <p>- Marcadores;</p> <p>- Painel</p>	<p>-Momento Inicial: acolhimento e conversa com o grupo sobre aquele espaço, dar tempo e espaço para ouvir as suas opiniões e sugestões.</p> <p>Momento Individual: Dar tempo para o grupo ouvir a música e dizer a cada elemento que sinta cada parte do corpo através de movimentos simples; (enumerar as diversas partes do corpo).</p> <p>- Depois cada um diz uma emoção ou um sentimento que esteja a sentir e expressa-o corporalmente.</p> <p>- Num painel vão pintar, carimbar ou desenhar um símbolo que signifique a emoção ou o sentimento que</p>

<p>sentimento ou a emoção</p> <p>-Realização de Esculturas corporais em pequenos grupos</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Contribuir para aumentar a autoestima e autoconfiança; - Conhecer-se a si próprio e colocar-se em relação com os outros; - Desenvolver a capacidade de comunicação e expressão criativa; - Fomentar a capacidade de reflexão sobre as emoções e ideias que se vão surgindo; - Desenvolver a coordenação e concentração; - Pensar e desenvolver a capacidade criativa. 			<p>cada um está a sentir.</p> <p>Momento Grupal: Juntam-se pequenos grupos e cada um vai representar com o corpo uma escultura que irá ganhar vida. O outro grupo poderá fazer perguntas para perceber onde é que vai ficar a escultura e que utilidade terá.</p> <p>Reflexão Grupal: cada um fala sobre o que sentiu ao realizar as dinâmicas.</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Anexo 17- Planificação 2 do 2º Eixo de Intervenção

Tabela 13 - Planificação 2

Sessão nº 2	Eixo de Intervenção			
	“Ritmos d’Arte - Objetos, Histórias e Memórias”			
	Dia e Hora da Sessão: 1 março/16h00		Duração: 90 minutos	
Destinatários: Adultos e Seniores da Freguesia		Local: Biblioteca da antiga Escola Primária de Pontével		
Descrição da Atividade	Objetivos	Linguagens Artísticas	Recursos	Metodologias
<p>- Dinâmica da transformação e inovação do objeto (folha de jornal);</p> <p>- Realização de sons com o objeto (folha de jornal);</p> <p>- Atelier “O Baú das Memórias” – Criação de poemas, histórias, canções ou pinturas de acordo com o</p>	<p>- Estimular o pensamento divergente e a capacidade de transformar algo concreto e com uma função única, em algo diferente e invertido;</p> <p>- Favorecer a ampliação de perspetivas relativamente à realidade;</p> <p>- Trabalhar as capacidades de expressão e criação vocal /sonora;</p> <p>- Promover momentos em que as pessoas possam expressar os seus sentimentos, memórias e histórias importantes e marcantes para elas;</p>	<p>Expressão Dramática</p> <p>Musica</p> <p>Expressão Plástica</p>	<p>-Jornais;</p> <p>-Cola;</p> <p>-Tesouras</p>	<p>- Momento Inicial: Acolhimento e diálogo com o grupo sobre as dinâmicas que se seguem e perguntar aos elementos se têm alguma sugestão que queiram partilhar.</p> <p>- Momento da Dinâmica: Distribuir ao grupo uma folha de jornal e pedir ao grupo que pense como seria aquela folha de jornal se a transformassem noutros objetos. Sugerir ao grupo que pense naquela folha de jornal aumentada, diminuída, combinada com outra coisa, invertida, modificada...De seguida, pergunta-se ao grupo quais os sons que se podem fazer com a folha de jornal.</p> <p>- Reflexão com o grupo sobre esta dinâmica.</p> <p>- Momento do Atelier “O Baú das Memórias”:</p>

<p>objeto, fotografia ou adereço trazido;</p> <p>- Reflexão sobre a dinâmica e sobre o <i>atelier</i>.</p>	<p>- Incentivar a utilização das diferentes linguagens artísticas para a apresentação dos objetos, fotografias e adereços escolhidos;</p> <p>- Favorecer as capacidades de auto expressão e de comunicação com os outros;</p> <p>- Proporcionar espaços e momentos de partilha e de convívio entre todos.</p>		<p>- Na sessão anterior solicitou-se aos elementos do grupo que trouxessem para esta sessão, objetos, fotografias e adereços que possuam algum significado especial nas suas vidas. A partir desses objetos, dá-se tempo e espaço para as pessoas comporem uns versos, ou uma história que pode ser fictícia ou real, ou uma canção, ou uma pintura de acordo com o que querem abordar do significado e das memórias de cada objeto, fotografia ou adereço.</p> <p>Reflexão Grupal- Depois cada elemento partilha com o grupo o que realizou, se assim for da sua vontade. Dar tempo para as pessoas expressarem o que as motivou a escolher o objeto ou fotografia e a realizar algo para os apresentar aos outros.</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Anexo 18- Planificação 3 do 2º Eixo de Intervenção

Tabela 14 - Planificação 3

Sessão nº 3	Eixo de Intervenção			
	“Ritmos d’Arte - Objetos, Histórias e Memórias”			
	Dia e Hora da Sessão:14 junho/16h00		Duração: 90 minutos	
Destinatários: Grupo de Seniores		Local: Biblioteca da antiga Escola Primária de Pontével		
Descrição da Atividade	Objetivos	Linguagens Artísticas	Recursos	Metodologias
<p>-Dinâmica “Os Balões das Emoções”</p> <p>-Continuação do Atelier “O Baú das Memórias” – Criação de poemas, histórias, canções ou pinturas de acordo com o objeto, fotografia ou adereço trazido;- Reflexão de Grupo</p>	<p>-Desenvolver a capacidade de reconhecer e expressar e compreender as emoções e os estados de espírito presentes em si, nomeadamente nesta fase de isolamento social;</p> <p>- Favorecer a partilha de ideias e sentimentos em grupo no que diz respeito a esta nova etapa da vida (em que tivemos de aprender a reinventar a vida, devido ao vírus);</p>	<p>-Expressão Dramática</p> <p>-Expressão Musical</p> <p>-Expressão Plástica</p>	<p>- Balões cheios</p> <p>- Canetas de acetato</p> <p>- Cadeiras</p> <p>- Mesa</p>	<p>1º Momento- -Dinâmica de Acolhimento: Há uma pequena conversa com o grupo em que se explica que cada pessoa terá de escolher um balão (a cor que pretender) e depois desenhar nele um rosto com as expressões que estiver a sentir naquele momento ou que digam ao que sentiram durante este tempo de isolamento social. Posteriormente, pede-se a cada elemento do grupo que explique, se assim o desejar, as razões que o levou a escolher aquela cor e a desenhar aquelas feições no balão.</p> <p>2º Momento – Atelier “O Baú das Memórias”- A partir dos objetos trazidos de casa, dá-se tempo e espaço para as pessoas comporem</p>

<p>Nota: Os <i>ateliers</i> serão realizados no pátio exterior da Biblioteca, de forma a serem cumpridas as normas de distanciamento social vigentes neste período de pandemia.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Promover momentos em que as pessoas possam expressar os seus sentimentos, memórias e histórias importantes e marcantes para elas; -Favorecer as capacidades de auto expressão e de comunicação com os outros; - Proporcionar espaços e momentos de partilha e de convívio entre todos. 			<p>uns versos, ou uma história que pode ser fictícia ou real (dependendo do interesse e da necessidade de cada pessoa), ou uma canção, ou uma pintura de acordo com o que querem abordar do significado e das memórias de cada objeto, fotografia ou adereço.</p> <p>3º Momento- Reflexão de Grupo: - Depois cada elemento partilha com o grupo o que realizou, se assim for da sua vontade. Dar tempo para as pessoas expressarem o que as motivou a escolher o objeto ou fotografia e a criação artística que realizaram.</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Anexo 19- Planificação 4 do 2º Eixo de Intervenção

Tabela 15 - Planificação 4

Sessão nº 4	Eixo de Intervenção			
	“Ritmos D’Arte- Objetos, histórias e Memórias”			
	Dia e Hora da Sessão:5 julho /16h00		Duração: 90 minutos	
Destinatários: Grupo de Seniores		Local: Biblioteca da antiga Escola Primária de Pontével		
Descrição da Atividade	Objetivos	Linguagens Artísticas	Recursos	Metodologias
-Continuação do <i>Atelier</i> “O Baú das Memórias” – Criação de poemas, histórias, canções ou pinturas de acordo com o objeto, fotografias ou adereços das pessoas	-Incentivar a utilização das diferentes linguagens artísticas para a apresentação dos objetos, fotografias e adereços escolhidos;- Favorecer as capacidades de auto expressão e de comunicação com os outros; -Exercitar competências criativas e imaginativas através da criação da narrativa; - Fortalecer a auto estima e as potencialidades de cada pessoa.	-Expressão Dramática -Expressão Musical -Expressão Plástica	Diversos Materiais; - Cadeiras; - Mesa.	1º Momento – Acolhimento e diálogo com o grupo. 2º Momento – <i>Atelier</i> “O Baú das Memórias”- Na sessão anterior solicitou-se aos elementos do grupo que trouxessem para esta sessão, objetos, fotografias e adereços que possuam algum significado especial nas suas vidas.- A partir desses objetos, dá-se tempo e espaço para as pessoas comporem uns versos, ou uma história que pode ser fictícia ou real (dependendo do interesse e da necessidade de cada pessoa), ou uma canção, pintura de acordo com o que querem abordar do significado e das memórias de cada objeto, fotografia ou adereço. 3º Momento - Apresentação das produções artísticas realizadas e reflexão sobre o processo de criação.

Anexo 20- Cronograma - 3º Eixo de Intervenção

Tabela 16 - Cronograma - 3º Eixo de Intervenção

AssociArte		
Data/Hora	Atividade	Destinatários
fevereiro	<i>PaddyPaper</i> Musical (Jogo de Pistas - inclui a experiência de tocar instrumentos)	Crianças
fevereiro	Atelier de “Paisagens Sonoras”	Crianças
março	Jogos Musicais	Crianças
março	Oficina “SensaSons” (Jogos sensoriais a partir sons diversos)	Crianças
abril	Sonoplastia -“Ao som das histórias” (Intercâmbio com a atividade de animação leitora)	Crianças e Famílias
maio	Atividade musical em conjunto com a “Oficina dos Saberes” (A música acompanha a exposição das Coleções.)	Seniores Crianças Comunidade

Anexo 21 - Análise dos Diários de Bordo - 1º eixo de intervenção

Tabela 17 - Análise dos Diários de Bordo - 1º eixo de intervenção

Entrelaços e Letras...E outras coisas..."		
Categories	Subcategories	Evidências
Participação no Projeto	Interação Crianças/ Famílias/ Interfamílias	<p>-Parecer positivo por parte dos participantes quanto à remodelação da Biblioteca- A mãe C. salienta <i>"Sim, é importante este tipo de iniciativa e motivar as crianças. Gostei do espaço e da animadora. A interação entre crianças e gerações é fundamental para todos."</i> (Sessão nº 1- relato de um familiar).</p> <p>-Interesse dos participantes nas sessões - A criança F. revela <i>"Adorei"</i> (Sessão nº 2- relato de uma criança) e a mãe E. realça <i>"Sim, faz com que as crianças comecem a gostar de ler"</i> (Sessão nº2 – relato de um familiar).</p> <p>-A importância do trabalho com a família e com outras famílias - A mãe C. salienta <i>"Sim, foi um trabalho de equipa"</i> (Sessão nº 3- relato de um familiar) e a família M. revela <i>"Sim, gostámos dos sons que inventámos e ouvimos vários"</i> (Sessão nº 3- relato conjunto de criança e família); <i>"Adoramos as atividades e o convívio"</i> (Sessão nº 4- relato da família F.); <i>"Sim, é uma atividade participativa entre todos e de interação em grupo"</i> (Sessão nº 4- relato conjunto de criança e família M.).</p>
Pertinência dos Ateliers	Aprendizagens advindas da utilização das linguagens	<p>- Pertinência no âmbito educativo, lúdico e didático- A avó D. e a mãe C. referiram que as atividades foram <i>"Muito interessantes e apelativas ao desenvolvimento das crianças"</i> (Sessão nº1 – relato do familiar); <i>"As atividades foram muito interessantes e motivadoras para as crianças, pois é importante desenvolver e incentivar o gosto pela leitura e pelo falar sobre emoções"</i> (Sessão nº1- relato do familiar).</p>

	<p>artísticas impulsionadoras da criatividade e da interação</p>	<p>-Valorização de conhecimentos e competências essenciais para o desenvolvimento integral dos participantes, tais como a imaginação e a criatividade- A mãe C. revelou <i>“As crianças interessam-se pelas histórias e desenvolvem a imaginação”</i> (Sessão nº2 – relato de um familiar) e avó E. <i>“Gostei muito. São muito didáticas e motivadoras”</i> (Sessão nº2- relato de um familiar) a criança I. <i>“Sim, porque aprendi sobre sementes”</i> (Sessão nº3 – relato de uma criança) e a criança T. <i>“Sim, porque a história falava de plantas e aprendi coisas novas”</i> (Sessão nº3- relato de uma criança).</p> <p>- A dimensão pessoal, social e cultural foi também destacada pelos participantes como aprendizagens advindas da participação neste tipo de atividades. Tal como evidencia a mãe P. <i>“Sim, porque aprendemos a olhar para o nosso outro retrato, por vezes andamos muito ocupados e esquecemos de nos olhar”</i> (Sessão nº4 – relato de um familiar) e a mãe C. <i>“Enquanto mãe, considero estas atividades enriquecedoras para a formação social e comunitária da minha filha e família. Assim como são um estímulo à criatividade e à consciência de si enquanto aprendente”</i> (Sessão nº4- relato de um familiar).</p> <p>-Trabalham conteúdos didáticos, tal como a mãe A. referiu <i>“É uma forma diferente de animar as histórias”</i> (Sessão nº1- relato do familiar).</p> <p>-Envolvem e cativam os participantes- Como salientou a mãe V. <i>“(…) As atividades são fantásticas”</i>(Sessão nº2- relato do familiar V.) e a mãe P. <i>“Sim, porque permitem explorar as histórias com diferentes formas de expressão”</i>(Sessão nº2- relato de um familiar). A mãe A. refere <i>“Sim, porque houve diferentes linguagens artísticas a explorar”</i> (Sessão nº3- relato de um familiar) e a mãe C. <i>“Sim, são atividades que trabalham várias áreas, que não são comuns no dia-a-dia”</i> (Sessão nº3- relato de um familiar) e a criança B. <i>“Sim, porque têm música e eu gosto de música”</i> (Sessão nº3- relato de uma criança).</p> <p>- Valorização das linguagens artísticas por parte das crianças- Como refere a criança A. <i>“Sim, adorei! Achei as falas</i></p>
--	------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p><i>bonitas</i>”(Sessão nº4- relato de uma criança); a criança L. <i>“Foi muito bom pintar a cara”</i> (Sessão nº4- relato de uma criança) e a criança I. <i>“Pensei em representar. A minha parte favorita”</i> (Sessão nº4- relato de uma criança mais velha).</p> <p>- Valorização da criatividade e da imaginação – <i>“Os ateliers são criativos e muito divertidos”</i> (Sessão nº1- relato de uma criança mais velha). Como referiu a mãe P. <i>“Sim, são importantes as atividades sensoriais. Foi uma maneira diferente de expressar”</i>.(Sessão nº3- relato de um familiar).</p> <p>-As atividades são consideradas inovadoras - <i>“(…) Há sempre algo diferente e desafiador”</i> (Sessão nº2- relato de um familiar); <i>“Sim, porque as atividades são sempre criativas”</i> (Sessão nº4- relato de uma criança mais velha).</p> <p>- Relação com os outros foi destacada de forma positiva e enriquecedora - A mãe G. salientou <i>“(…) houve interação entre todos o que torna enriquecedor”</i> (Sessão nº1- relato do familiar). Tal como evidenciou o pai N. <i>“Sim, porque é uma forma de interagirmos”</i> (Sessão nº2- relato de um familiar); e a mãe C. <i>“Sim, sempre. É uma forma de interagir muito boa”</i> (Sessão nº3- relato de um familiar). Na 4ª sessão a interação também se evidenciou, especialmente durante a participação nos <i>ateliers</i> em que os participantes tiveram de combinar falas em conjunto e representar as personagens com determinadas características. (Diário de Bordo nº4 da Investigadora).</p>
Subjetividade Emocional Expressiva	Perceções e Experiências	- Subjetividade detetada nas sessões -Na 1ª sessão houve crianças e famílias que para uma mesma cor abordada na história, representaram outra emoção diferente. Na 2ª sessão, as crianças verbalizaram as suas emoções perante as atividades que tinham experienciado. <i>“Senti-me alegre”</i> (Sessão nº 2 – relato da criança A.); <i>“Senti-me feliz”</i> (Sessão nº 2 – relato de uma criança B.).
		- Consciencialização dos seus movimentos e dos movimentos dos outros - Algumas crianças e famílias gostaram de observar os

	<p>seus movimentos e durante o visionamento do vídeo estavam com muita atenção, inclusive houve uma criança que disse para o colega <i>“Olha, tu ias caindo a fingir que tropeçavas”</i>.</p> <p>- Vivência de sensações e texturas- Por exemplo, na 3ª sessão, durante o percurso sensorial, os participantes vivenciaram e expressavam o que sentiam: <i>“Este caminho faz doer!”</i>. Quanto ao gelo que foi colocado no interior do plástico, de forma a dar a sensação do frio do rio, alguns diziam: <i>“É um gelo!”</i> Questionados sobre o que estavam a sentir, respondiam: <i>“É frio e gelado!”</i>. No que diz respeito às pedras que iam sentindo, os participantes ao pisarem-nas, referiam ter dor: <i>“Está a doer, é rijo!”</i>. Uma mãe comentou: <i>“É mais agradável que o gelo!”</i> A criança R. referiu ainda <i>“Adorei. Porque me descalcei”</i> (Sessão nº3- relato de uma criança) e a criança M. mencionou <i>“Sim, gostei da parte de sentir a água como o amieiro”</i> (Sessão nº3- relato de uma criança). Na 4ª sessão também se verificou que as sensações advindas das atividades, relacionam-se com um olhar mais atento às características do outro, o que proporcionou por um lado, a cópia de alguns traços físicos característicos da outra pessoa, por outro lado, evidenciou a forma como cada um vê o outro, que em certos casos, não correspondeu exatamente aquilo que o outro é na realidade, mas sim à forma como cada um vê e sente o outro. A empatia foi uma das percepções que os participantes destacaram, como refere a criança I. <i>“Senti que estava dentro da história”</i> (Sessão nº4- relato de uma criança mais velha).</p> <p>- Reflexões sobre emoções e experiências nos <i>ateliers</i> – Os participantes revelaram formas subjetivas de expressão corporal, vocal e facial dessas mesmas emoções. (Diário de Bordo da Investigadora – 1ª sessão). Na 2ª sessão, o grupo conseguiu concretizar os movimentos e os sons sugeridos pelas personagens da história, inclusive ainda inventaram novos sons para esses movimentos. Observou-se que embora muitas crianças e famílias se reportassem aos sons que a história propunha, outros inventavam novos sons, como por exemplo para a lama com o <i>“glop, glop, glop, glop”</i>, ainda outro som <i>“splash, splash, splash”</i> para o rio. As crianças e as famílias envolveram-se na dramatização da história, seguindo as suas instruções e recriando alguns</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>sons diferentes dos que a história sugeria, desenvolvendo competências ao nível da interpretação, memorização e improvisação, conseguindo por fim imaginar e criar novos finais para a história e completar o livro gigante com finais diferentes (Diário de Bordo da Investigadora – 2ª sessão). Na 3ª, as experiências obtidas através do desenvolvimento das atividades foram consideradas interessantes e divertidas apesar de nem todas serem boas de sentir. Como refere a criança B. <i>“Sim, apesar de algumas pedras fazerem doer. É muito giro pisar várias texturas”</i> (Sessão nº3- relato de uma criança mais velha). Ao mesmo tempo foram consideradas aliciantes, como a criança M. referiu <i>“Gostei, porque gosto de fazer experiências”</i> (Sessão nº3- relato de uma criança mais velha). A experiência com os instrumentos também foi evidenciada como agradável, tal como preferiu a criança C. <i>“Gostei dos instrumentos”</i> (Sessão nº3- relato de uma criança mais velha). Os grupos conseguiram produzir sons em grupo, criando sons que acompanharam a viagem das sementes, conseguindo criar sons muito criativos e cujo ritmo e a intensidade estava em consonância com os percursos percorridos pelas sementes antes da sua germinação (Diário de Bordo da investigadora - sessão nº 3). Quanto à 4ª sessão, as experiências relatadas pelos participantes dão conta da capacidade que tiveram durante a atividade, de olharem para certas características que habitualmente consideram pejorativas, como muito positivas e agradáveis. Como salienta a criança A. <i>“Sim, consegui arranjar uma forma divertida da personagem se defender”</i> (Sessão nº4- relato de uma criança mais velha). O jogo da procura de peças também ajudou os participantes a observar que cada peça tem um feitio diferente e que por isso uma mesma peça não encaixou em todas as personagens. A criança M. referiu <i>“Gostei de procurar as peças e encaixá-las”</i> (Sessão nº4- relato de uma criança M.).</p>
<p>Apreciação geral da sessão</p>	<p>Pertinência aliada à diversão</p>	<p>- Atividades interessantes e impulsionadoras de aprendizagens pessoais e sociais importantes - Como observaram <i>“ (...) estas atividades fazem falta na nossa localidade. As crianças ficam muito felizes e os pais também”</i> (Sessão nº1- relato do familiar); <i>“São atividades importantes para a formação das crianças e aproximam a comunidade”</i> (Sessão nº2- relato de um familiar); a</p>

		<p>mãe D. refere <i>“Sim, é importante envolver a família e a comunidade em atividades orientadas e que estimulam a criatividade”</i> (Sessão nº3- relato de um familiar). A mãe P. salienta <i>“Sim, pois considero que são muito educativas e divertidas”</i> (Sessão nº4- relato de um familiar); A mãe C. sustentou <i>“Sim, pela abordagem ao tema e ao tema em si”</i> (Sessão nº4- relato de um familiar) e a avó E. mencionou <i>“Sim, são importantes para o desenvolvimento das crianças no aspeto de aprendizagens sobre as diferenças entre as mesmas”</i> (Sessão nº4- relato de um familiar).</p> <p>- Atividades motivadoras, interessantes e divertidas - O pai P. relatou <i>“Sim. Muito bom. Desperta interesse, atenção nas crianças e nos adultos”</i> (Sessão nº1- relato do familiar) e a criança B. <i>“Sim, muito, porque são muito mexidas”</i> (Sessão nº2- relato de uma criança mais velha); a mãe I. salienta <i>“Sim, porque dá para as crianças explorarem as histórias de maneira diferente, não só ouvir...”</i> (Sessão nº3- relato de um familiar). A criança I. refere <i>“Adorei tudo”</i> (Sessão nº4- relato de uma criança); o pai C. realça ainda <i>“Sim, é muito bom ver o entusiasmo das crianças”</i> (Sessão nº4- relato de um familiar). As crianças revelaram alegria e boa disposição durante as sessões, como refere a criança D. <i>“Sim, porque é divertido”</i> (Sessão nº1- relato criança). Pode comprovar-se que as crianças, principalmente as mais velhas já vão tendo consciência de que as atividades são não só, uma forma de diversão como também constituem momentos de aprendizagem <i>“Sim, porque é um momento divertido e de aprendizagem”</i> (Sessão nº 2 - relato de uma criança mais velha). Outra criança salientou <i>“Eu gostei de tudo porque foi muito divertido”</i> (Sessão nº 2 - relato de uma criança.); a criança N. expôs também <i>“Sim, porque gostei de participar na banda (...) os sons são incríveis”</i> (Sessão nº 3- relato de uma criança) e a criança F. <i>“Sim, porque são muito divertidos”</i> (Sessão nº 3- relato de uma criança). A criança M elucida <i>“Foi tudo muito divertido”</i> (Sessão nº 4- relato de uma criança).</p>
	<p>Aspetos a melhorar</p>	<p>Alguns participantes revelaram que deviam existir mais recursos materiais para o desenvolvimento das atividades. A mãe A. destacou que devia haver <i>“Material repartido pelas várias mesas (tesouras, colas, lápis, marcadores) ”</i> (Sessão nº1- relato do</p>

		familiar), a mãe S. referiu <i>“Podiam colocar dois espaços para colocar mais tintas e os pincéis, tal como o papel de cenário”</i> (Sessão nº3- relato de um familiar).
	Interesse em voltar	- Interesse em continuar a participar nas próximas sessões. Como salientou a mãe N. <i>“Sim, é uma excelente iniciativa com uma importante dimensão na comunidade”</i> (Sessão nº1 – relato do familiar); <i>“Sim, porque gostei muito”</i> (Sessão nº2 – relato de uma criança); <i>“Sim, é uma manhã diferente e muito divertida”</i> (Sessão nº2- relato de um familiar); <i>“Sim, tenho interesse. Acho que o meu filho aprendeu e divertiu-se muito”</i> (Sessão nº3 – relato de um familiar) e a mãe V. <i>“As crianças precisam”</i> (Sessão nº3 – relato de um familiar); <i>“Sim, foi uma atividade muito diferente”</i> (Sessão nº3 – relato de uma criança mais velha) e a criança F. <i>“Sim, porque é um espaço onde posso aprender, explorar e descobrir”</i> (Sessão nº3 – relato de uma criança mais velha); <i>“Sim, porque já estava com saudades das atividades”</i> (Sessão nº3 – relato de uma criança). A criança C. relatou também <i>“Sim, é bom poder ter atividades em família”</i> (Sessão nº4 – relato de uma criança mais velha) e a criança J. salientou <i>“Sim, há sempre atividades diferentes”</i> (Sessão nº4 – relato de uma criança).
Apreciação do Espaço	Valorização e Estética	-Reconheceram e valorizaram o espaço da Biblioteca como um espaço agradável e interessante para o desenvolvimento de atividades - A mãe E. refere <i>“Um espaço amplo com excelente aproveitamento para este tipo de atividade”</i> (Sessão nº1 – relato do familiar) e a criança G. escreveu <i>“Adorei a Biblioteca”</i> (Sessão nº 1 – relato da criança). Os participantes consideraram a Biblioteca renovada e organizada. Como refere a avó Z. <i>“O espaço é muito bonito e organizado!”</i> (Sessão nº1 – relato do familiar).

Anexo 22 Análise dos Diários de Bordo - 2º eixo de intervenção

Tabela 18 - Análise dos Diários de Bordo - 2º eixo de intervenção.

"Ritmos D'Arte- Objetos, Histórias e Memórias"		
Categorias	Subcategorias	Evidências
Participação no Projeto	Reaproveitamento do espaço	<p>- Interesse no projecto – O grupo considerou que aquele espaço deve ser recuperado e preservado. (Diário de Bordo nº1 da Investigadora).</p> <p>- O convívio, a partilha de dinâmicas e ideias e a liberdade que os participantes sentiram no decorrer das atividades foram os aspetos mais evidenciados nos inquéritos de satisfação. Tal como a senhora C. constatou <i>"Gosto de conviver e estar em grupo. As atividades são boas e interessantes"</i>. (Sessão nº2- relato da senhora C.) Revelaram que precisam de espaços em que possam conviver mais, fazer coisas novas e diferentes.</p>
	Motivação em interagir e aprender	<p>- Cumplicidade no grupo evidenciada - O senhor A. salientou <i>"Gostei de tudo, foi excelente, porque vai-se aprendendo mais"</i> (Sessão nº1- relato do senhor A.). Como ressaltou também a senhora T. <i>"Foi uma tarde bem passada. Foi muito divertido desenharmos nos balões sobre o que nos lembramos e os balões foram para o céu. Foi muito giro. Gostei de tudo, cada pessoa falava da vida, do passado e do que estamos a viver agora"</i> (Sessão nº3- relato da senhora T.).</p> <p>-Gosto, empenho e interesse nas atividades - Tal como salienta a senhora A. <i>"Senti prazer porque adoro este tipo de trabalhos"</i> (Sessão nº4- relato da senhora A.).</p>
Pertinência	Linguagens	- Expressão plástica alusiva aos pensamentos, sentimentos, memórias que os participantes vivenciaram e à

dos Ateliers	Artísticas promotoras da criatividade e do bem-estar	<p>forma como as pessoas se vêem na vida - A senhora C. referiu durante a atividade, que se sente na vida <i>“como um barco à deriva”</i> por isso desenhou um barco a naufragar no mar. (Diário de Bordo nº1 da Investigadora). A senhora M. salientou <i>“Gostei de ver a alegria estampada no rosto do meu marido a dançar com uma das nossas colegas. A felicidade ao pintar o seu Trevo da sorte. Adorei, Obrigada... foi muito importante para mim. P.S...O meu marido está com doença degenerativa rara, o que é essencial o convívio e a partilha”</i> (Sessão nº1- relato da senhora M.).</p> <p>-Contraste entre emoções negativas e emoções positivas - Verificou-se a expressão de emoções através do desenho, figuras de algumas pessoas importantes para si, que lhes transmitem algum conforto, esperança e alegria, observando-se um contraste entre o que sentiram e o que desenharam (Diário de Bordo nº3 da Investigadora).</p> <p>- Desbloqueio da criatividade – Destacou-se a partir do jogo da mímica, a representação de símbolos que consideram importantes para si, por exemplo na atividade da sessão nº2, os participantes conseguiram inverter as folhas de jornal noutros objetos e posteriormente produziram alguns sons tais como a trombeta, o som de rasgar e amachucar das folhas, o roçar das folhas umas nas outras, o bater com elas na cadeira entre outras experiências produtoras de sons. Houve elementos que experimentaram esses objetos, dançando e divertindo-se com eles (Diário de Bordo nº2 da Investigadora). Ao longo das sessões, algumas pessoas relataram que começaram por elaborar o que se sentiram mais confiantes em fazer e que depois as ideias foram surgindo. Na 4ª sessão por exemplo, verificou-se que alguns dos participantes continuaram a realizar as produções iniciadas em casa e quando terminaram, começaram outras, evidenciando-se aqui uma maior confiança nas suas capacidades criativas.</p> <p>- Liberdade para criar - Os participantes demonstraram ter consciência de que nas sessões, têm a possibilidade</p>
---------------------	------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		de criar em liberdade num ambiente de convívio e diversão. Tal como evidenciou a senhora I. <i>“Boas iniciativas, criativas e divertidas. Passamos bons momentos”</i> (Sessão nº2- relato da senhora I.)
Desenvolvimento Pessoal e Social	Interação	<p>- A alegria do convívio e da realização de coisas diferentes - A senhora M. evidenciou <i>“Sim, porque foi um momento quase mágico, 15 pessoas juntas onde algumas não se conheciam: ver a alegria no rosto de cada uma”</i> (Sessão nº1- relato da senhora M.). Durante a criação objetos/adereços (2ª sessão) com as folhas de jornal, as pessoas entusiasmaram-se e começaram a partilhar ideias umas com as outras sobre os objetos que iam construindo. Como salientou a senhora M. <i>“Gostei da atividade com o jornal. Pude aprender e admirar as coisas úteis e bonitas pelos companheiros de atividade”</i> (Sessão nº2- relato da senhora M.).</p> <p>- A vontade de partilhar ideias, experiências e emoções pessoais - Nas últimas sessões verificou-se o interesse e uma maior abertura por parte de todos os participantes, de falarem de assuntos muito pessoais manifestando confiança no grupo para abordar assuntos delicados, demonstrando as suas emoções e os seus sentimentos espontaneamente. Como refere a senhora I. <i>“Gostei muito do convívio porque estamos todos em boa harmonia”</i> (Sessão nº3- relato da senhora I.).As pessoas demonstraram interesse nas produções dos outros elementos do grupo como salientou a senhora I. <i>“Gostei de trabalhar em grupo”</i> (Sessão nº4- relato da senhora I.).</p>

	Autoestima	<p>- Baixa autoestima - Nas primeiras sessões foi notória, por parte de alguns elementos do grupo, falta de confiança nas suas capacidades referindo que não tinham <i>“jeito para estas coisas”</i> (Diário de Bordo nº 1 da Investigadora). Houve também uns participantes que iam falando em voz alta sobre o que estavam a desenhar e o que representava nas suas vidas, outras diziam não ter muita inspiração nem jeito para desenhar e pintar. No entanto, destacaram o valor que este tipo de atividades possuem para a melhoria da sua autoestima. Como constatou a senhora C. <i>“Sim, gostei porque aprendo, convivo e fico mais solta”</i>(Sessão nº1- relato da senhora C.). Também na 2ª sessão alguns elementos referiram não conseguir elaborar com qualidade os objetos que tinham em mente. No entanto, acabaram por realizar não só um objeto, mas vários, ao mesmo tempo que conversavam uns com os outros sobre as suas brincadeiras, durante a infância, a partir de construções elaboradas com folhas de jornal. Como referiu o senhor B. <i>“Gostei de ouvir os colegas a exporem as suas vivências”</i>.(Sessão nº2- relato do senhor B.) E a senhora C. <i>“Não podemos perder estas oportunidades que nos valorizam”</i>. (Sessão nº2- relato da senhora C.) e ainda a senhora F. <i>“Gostei, porque gosto de me sentir ocupada e participar”</i> (Sessão nº2- relato da senhora F.).</p> <p>- Evolução positiva da autoestima dos participantes - Nas últimas sessões observou-se uma ligeira melhoria na autoestima de alguns participantes. Todos os membros do grupo manifestaram vontade de apresentar e falar da história dos seus objetos: uma caneca do avô e fotografias que marcaram as suas vidas. Na dinâmica do balão, a senhora C. escolheu a cor verde porque diz que <i>“é a cor da esperança e que agora é muito necessário ter esperança”</i> (Sessão nº3- relato da senhora C.). Observou-se que esta senhora foi a que demonstrou mais sentimentos e ideias positivas no grupo durante esta dinâmica. Salienta-se que este elemento no início das sessões tinha sempre expressões negativas sobre a sua vida e nesta sessão, conseguiu falar de acontecimentos positivos, parecendo revelar uma mudança de comportamento no que se refere à abordagem de sentimentos</p>
--	------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		negativos e de baixa auto estima, manifestados anteriormente. (Diário de Bordo nº3 da Investigadora). Houve pessoas a utilizar linguagens artísticas que diziam não ser capazes de o fazer, como por exemplo a criação do desenho pelo senhor F., inerente ao poema realizado.
	Necessidade de Expressão	- Partilha de acontecimentos importantes das suas vidas - Ao longo de todas as sessões foi perceptível a necessidade que os participantes sentiram de partilhar com o grupo alguns acontecimentos importantes das suas vidas, foi o caso do senhor F. que leu um poema que tinha feito em 1962 durante o período em que esteve na guerra, no Senegal. Como ele próprio referiu no inquérito de satisfação <i>“Gostei do tema do sentimento e movimento”</i> . (Sessão nº1- relato do senhor F.). Como refere a senhora R. <i>“Gostei de tudo, cada pessoa falava da vida, do passado e do que estamos a viver agora”</i> (Sessão nº3- relato da senhora R.). Os participantes revelaram assim a necessidade de expressar através das linguagens artísticas, factos importantes das suas vidas. Por exemplo, numa produção verificou-se a existência de mensagens positivas que surgiam dentro de um vaso com ramos pintados de cor prateada que faziam referência ao percurso de vida de um casal (Diário de Bordo nº4 da Investigadora). Tal como o senhor F. realçou no seu inquérito de satisfação da sessão <i>“Sem dúvida que gostei de tudo. Sinto-me bem. Recordei o passado porque memorizei com emoção situações felizes”</i> (Sessão nº4- relato do senhor F.).
Subjetividade Emocional e Expressiva	Perceções e emoções advindas de memórias	Emoções destacadas e ligação destas com as suas produções artísticas – Na 1ª sessão, algumas pessoas estavam visivelmente emocionadas, referindo que a música as reportava para acontecimentos marcantes do seu passado (Diário de Bordo nº 1 da Investigadora). Na 2ª sessão, a criação de objetos/ adereços relacionou-se com as experiências vividas na infância em que as pessoas tinham de realizar os seus próprios brinquedos e utilizavam as folhas de jornal para esse fim. Recordaram e enumeraram também outras funções que o jornal possuía, nesses tempos (Diário de Bordo nº 2 da Investigadora). Nas sessões utilizaram os objetos para contar não só a história

		<p>da fotografia ou do objeto, como uma grande parte do contexto económico, social e cultural que viveram naquele tempo. (Diário de Bordo nº3 da Investigadora), assim como os poemas realizados remontam a memórias que despoletaram nas pessoas sentimentos de nostalgia, saudade, felicidade e orgulho nos momentos vividos. Durante as sessões, as emoções mais destacadas foram: saudade, tristeza, angústia, nostalgia. A maioria do grupo conseguiu expressar através dos movimentos os seus sentimentos, demonstrando alegria, descontração, saudade, esperança, gratidão. Evidenciaram-se também a esperança, a resiliência e amor advindos de experiências positivas e enriquecedoras que permitiram o desenvolvimento das pessoas. (Diário de Bordo nº 2 da Investigadora). Na 3ª sessão, realizada em tempo de pandemia, os participantes abordaram alguns sentimentos e estados de espírito tais como: tristeza, angústia, ansiedade, esperança, fé, má disposição, desorientação, admiração, incredulidade. Mas a um nível geral, demonstraram ter alguma esperança em dias melhores A senhora R. referiu “<i>e agora temos mais condições do que antigamente</i>” (Sessão nº3- relato da senhora R.).</p>
--	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	Experiências	<p>- Experiências ricas em interação e aprendizagens – Como refere a senhora B. <i>“Sim, porque aprendo, pelo convívio e troca de impressões”</i> (Sessão nº1- relato da senhora B.). Por exemplo na 3ª sessão, a experiência com os balões revelaram que as cores escolhidas se relacionam com estados de espírito e sentimentos manifestados. Percecionou-se aqui, um contraste entre as cores que escolheram, remetidas para coisas positivas e por outro lado, abordaram na sua maioria, sentimentos negativos. No momento em que lançaram os balões, sentiram leveza e bem-estar porque permitiram simbolicamente, afastar de si aqueles sentimentos e emoções negativas que abordaram ao longo desta dinâmica. Como a senhora I. <i>salienta “Senti boa disposição, paz, tranquilidade e ao mesmo tempo emoção. O facto de estarmos a lembrar o passado há sempre um pouco de nostalgia, mas é bom”</i> (Sessão nº3- relato da senhora I.). Verificou-se que as atividades permitiram juntar as pessoas e proporcionar-lhes experiências de encontro consigo próprias e com os outros, dando-lhes total liberdade para expressarem as suas histórias, memórias e criações através de atividades em que a arte foi uma ferramenta impulsionadora de momentos enriquecedores e interessantes para os participantes (Diário de Bordo nº4 da Investigadora).</p>
Apreciação geral da sessão	Pertinência	<p>- Impulsionadora do bem-estar físico e mental e da interação - A senhora L. referiu <i>“...Achei interessante as atividades, foi bom para o desenvolvimento da mente e do corpo”</i> (Sessão nº1- relato da senhora L.) e o senhor B. salientou <i>“Sim, porque me diverti muito, gostei de conviver com algumas pessoas que não conhecia”</i>. (Sessão nº1- relato do senhor B.). Tal como referiu a senhora L., na 2ª sessão <i>“Temos de continuar para que não percamos estas oportunidades que tanto nos ajudam a por o cérebro em atividade”</i> (Sessão nº2- relato da senhora L.). O senhor M. também salientou que este espaço <i>“Reúne pessoas e ideias”</i> (Sessão nº2- relato do senhor M.). Na 3ª sessão, o grupo realçou a importância das atividades desenvolvidas, visto que puderam expor as suas lembranças e recordações e conviver. A senhora T. referiu <i>“Foi muito divertido, o convívio entre todos, desenharmos nos</i></p>

		<i>balões sobre o que nos lembramos e os balões foram para o céu. Foi muito giro.”</i> (Sessão nº3- relato da senhora T.). Na última sessão, os participantes revelam ter gostado das atividades realizadas apesar dos constrangimentos provocados pelo covid 19 e esperam um próximo encontro, como refere a senhora I. <i>“ Obrigada pelo excelente trabalho que se desenvolveu, e que foi possível fazer e que nos condicionou. Até ao próximo encontro com os amigos!”</i> (Sessão nº4- relato da senhora I.).
	Motivantes	- Interesse nas sessões - Como refere o participante F. <i>“Gostei de tudo”</i> (Sessão nº1- relato da senhor F.) (Sessão nº1- relato do senhor F.) e a senhora L. <i>“Gostei do convívio, de partilhar ideias e atividades em grupo. Sim, corerespondem às expetativas porque são espontâneas e criativas”</i> (Sessão nº2- relato da senhora L.). A senhora E. referiu <i>“Achei magnífico!”</i> (Sessão nº3- relato da senhora E.). Na 4ª sessão, O grupo considerou a dinâmica dos balões divertida. Todos revelaram alegria e leveza no momento de soltarem os balões. O senhor F. referiu <i>“Gostei de tudo porque sinto-me bem”.</i> (Sessão nº4- relato do senhor F.) e a senhora C. e a senhora C. <i>“Foi tudo divertido e interessante...”</i> (Sessão nº3- relato da senhora C.).
	Divertidas	-Alegria e descontração no grupo - A diversão foi muito notória na sessão 2 em que os participantes dançaram e brincaram com os objetos realizados e no fim revelam ter gostado da sessão, como refere a senhora C. <i>“Gostei de tudo, porque tudo é muito interessante”</i> (Sessão nº2- relato da senhora C.)
	Aspetos a melhorar	- Os participantes referiram não haver aspetos a melhorar nas sessões como se pode comprovar pelos testemunhos que se seguem. A senhora G. refere <i>“Ótimo, sem melhorias”</i> (Sessão nº1- relato da senhora G.). O senhor M. referiu que <i>“ Gostei de tudo!!!”</i> (Sessão nº2- relato do senhor M.). e a senhora L. referiu <i>“Não houve nada que não gostei”</i> (Sessão nº2- relato da senhora L.).A senhora M. salientou <i>“Não houve menos, pode continuar como está”</i> (Sessão nº3- relato da senhora M) e a senhora A. constatou <i>“Não há menos bom porque gostei de tudo”</i> (Sessão nº4- relato da senhora A.).

Anexo 23 - Análise dos Inquéritos de Satisfação dos Participantes relativo ao 1º eixo de Intervenção

Tabela 19 - Análise dos Inquéritos de Satisfação dos Participantes relativo ao 1º eixo de Intervenção

“EntreLaços e Letras...E outras coisas”		
Categorias	Subcategorias	Evidências
História e Ateliers desenvolvidos	Promotores de aprendizagens enriquecedoras	<p>-“<i>Sim. Muito bom. Desperta interesse, atenção nas crianças e nos adultos.</i>” (sessão nº1 – relato do pai P.)</p> <p>-“<i>Porque envolve famílias e o interesse pela leitura e especialmente histórias.</i>” (sessão nº2 – relato da mãe M.)</p> <p>-“<i>Sim, faz com que as crianças comecem a gostar de ler</i>” (Sessão nº2 – relato da mãe E.).</p> <p>- “<i>Sim, as crianças interessam-se pelas histórias e desenvolvem a imaginação.</i>” (sessão nº3 – relato do pai P.)</p> <p>-“<i>Sim, porque aprendi sobre sementes</i>” (Sessão nº3 – relato da criança I.)</p> <p>- “<i>Sim, porque a história falava de plantas e aprendi coisas novas</i>” (Sessão nº3- relato da criança T.).</p> <p>- “<i>Sim, porque permitem explorar as histórias com diferentes formas de expressão.</i>” (sessão nº3 – relato da mãe V.)</p> <p>- “<i>Sim, porque a mensagem foi importante (ter esperança e saber esperar)</i> ” (sessão nº3 – relato da criança M.)</p> <p>- “<i>Sim, porque dá para as crianças explorarem as histórias de maneira diferente, não só ouvir...</i>” (sessão nº3 – relato da mãe I.)</p> <p>- “<i>Gostei, porque gosto de fazer experiências</i>” (Sessão nº3- relato da criança M.)</p> <p>- “<i>Sim, consegui arranjar uma forma divertida da personagem se defender</i>” (Sessão nº4-relato de uma criança A.)</p>

		- <i>"Gostei de procurar as peças e encaixá-las"</i> (Sessão nº4- relato da criança M.).
Facilitadores da interação		- <i>"Sim, é uma forma de interagirmos."</i> (sessão nº1 – relato da mãe F.) <i>"Sim, atividades muito interessantes, pois houve interação entre todos, o que torna enriquecedor"</i> (sessão nº1 – relato da mãe G.). - <i>"Sim, porque é uma forma de interagirmos"</i> (Sessão nº2- relato do pai N.). - <i>"Sim, estimulou e valorizou o "estar" em família"</i> (Sessão nº3- relato da mãe S.). - <i>"Sim, porque aprendemos a olhar para o nosso outro retrato, por vezes andamos muito ocupados e esquecemos de nos olhar"</i> (Sessão nº4 – relato da mãe P.) - <i>"Enquanto mãe, considero estas atividades enriquecedoras para a formação social e comunitária da minha filha e família. Assim como são um estímulo à criatividade e à consciência de si enquanto aprendiz"</i> (Sessão nº4- relato da mãe C.) - <i>Adoramos as atividades e o convívio"</i> (Sessão nº 4- relato da família F.); - <i>"Sim, é uma atividade participativa entre todos e de interação em grupo"</i> (Sessão nº 4- relato conjunto de criança e família M.)
Promotores da satisfação e do bem-estar		- <i>"É uma forma diferente de animar as histórias"</i> (Sessão nº1- relato da mãe A.) - <i>"Adorei"</i> (sessão nº1 – relato da criança B.) - <i>"Sim, tiveram movimento, jogo e muita diversão."</i> (Sessão nº2 – relato da avó E.) - <i>"Senti-me alegre"</i> (Sessão nº 2 relato da criança A.); - <i>"Senti-me feliz"</i> (Sessão nº 2 – relato de uma criança B.) - <i>"Adorei"</i> (Sessão nº 2- relato da criança F.) - <i>"As atividades são fantásticas"</i> (sessão nº2- relato da mãe V.). - <i>"Sim, porque gostei de participar na banda"</i> (sessão nº 3 -relato da criança T.).

		- <i>"Senti-me bem, o meu coração ficou cheio de alegria"</i> (sessão nº 4 -relato da criança V.).
	Impulsionadores da criatividade e da imaginação	<ul style="list-style-type: none"> - <i>"As atividades foram muito interessantes e motivadoras para as crianças, pois é importante desenvolver e incentivar o gosto pela leitura e pelo falar sobre emoções"</i> (sessão nº1 – relato da mãe C.) - <i>"Muito interessante e muito apelativo ao desenvolvimento das crianças"</i> (sessão nº1 – relato da avó D.) - <i>"Sim, porque faz com que puxemos pela imaginação"</i> (sessão nº2 – relato da criança F.) - <i>"As crianças interessam-se pelas histórias e desenvolvem a imaginação"</i> (Sessão nº2 – relato da mãe C.) - <i>"Há sempre algo diferente e desafiador"</i> (Sessão nº2- relato da mãe E.) - <i>"Gostei muito. São muito didáticas e motivadoras"</i> (Sessão nº2- relato da avó E.) - <i>"Sim, porque permitem explorar as histórias com diferentes formas de expressão"</i> (sessão nº2- relato da mãe P.) - <i>"Sim, gostámos dos sons que inventámos e ouvimos vários"</i> (Sessão nº 3- relato conjunto de criança e família M.) - <i>"Sim, porque houve diferentes linguagens artísticas a explorar"</i> (Sessão nº3- relato da mãe A.) - <i>"Sim, são atividades que trabalham várias áreas, que não são comuns no dia-a-dia"</i> (Sessão nº3- relato da mãe C.) - <i>"Sim, porque têm música e eu gosto de música"</i> (Sessão nº3- relato da criança B.) - <i>"Sim, apesar de algumas pedras fazerem doer. É muito giro pisar várias texturas"</i> (Sessão nº3- relato de uma criança mais velha). - <i>"Sim, adorei! Achei as falas bonitas"</i> (Sessão nº4- relato da criança A.) - <i>"Foi muito bom pintar a cara"</i> (Sessão nº4- relato da criança L.) - <i>"Pensei em representar. A minha parte favorita"</i> (Sessão nº4- relato da criança I.)

		- <i>“Sim, porque as atividades são sempre criativas”</i> (Sessão nº4- relato da criança B.)
Sugestões de Melhoria	Escassez de recursos materiais	- <i>“Material repartido pelas várias mesas (tesouras, colas, lápis, marcadores).”</i> (sessão nº1 – relato da mãe A.) - <i>“Um espaço maior com mais atividades infantis.”</i> (sessão nº1 – relato da mãe D.) - <i>“Água para as crianças e cada sábado uma mãe/avó trazer um bolo/biscoitos. (partilhar).</i> (sessão nº1 – relato da avó Z.) - <i>“O espaço deveria ser um pouco maior”</i> (sessão nº2- relato da mãe A.)
	Haver mais atividades musicais	- <i>“Atividades musicais. Por exemplo, histórias contadas com sons.”</i> (sessão nº2 – relato da criança I.)
	Mais peças e orientações concretas no jogo	- <i>“Podiam colocar dois espaços para colocar as tintas e os pincéis, tal como o papel de cenário”</i> (Sessão nº3- relato da mãe S.). - <i>“Considere o jogo interessante. Podia ter funcionado melhor com mais peças ou com indicações mais claras e orientadoras do jogo”</i> (Sessão nº4- relato da mãe P.)
Opinião sobre o Espaço da Biblioteca	Identificação das melhorias efetuadas	- <i>“O espaço é muito bonito e organizado.”</i> (sessão nº1 – relato da avó Z.) - <i>“Adorei a Biblioteca”</i> (Sessão nº 1 – relato da criança G.) - <i>“Espaço muito bom”</i> (sessão nº1 – relato da mãe F.) - <i>“Está um espaço agradável”</i> relato da mãe A.) - <i>“Gostei bastante”</i> (sessão nº1 – relato da mãe S.) - <i>“Está muito mais bonito, mas ainda precisa de melhorias.”</i> sessão nº1 – relato da irmã A.) - <i>“Um espaço amplo com excelente aproveitamento para este tipo de atividade.”</i> (sessão nº1 – relato da mãe E.)

		<p>- <i>“Acolhedor e divertido”</i>. (sessão nº2 – Relato de um familiar)</p> <p>- <i>“Um espaço amplo com excelente aproveitamento para este tipo de atividade.”</i> (sessão nº3 – Relato de um familiar)</p> <p>- <i>“Adorei tudo”</i> (sessão nº4 – Relato da criança B.).</p>
Interesse em continuar as sessões	Impacto positivo na comunidade	<p>- <i>“Sim. Porque estas atividades fazem falta na nossa localidade. As crianças ficam muito felizes e os pais também.”</i> (sessão nº1 – relato da mãe E.)</p> <p>- <i>“Sim, porque acho que é uma excelente iniciativa com uma dimensão na comunidade.”</i> (sessão nº1 – relato da mãe N.)</p> <p>- <i>“Sim. É importante este tipo de iniciativa e motivar as crianças. Gostei do espaço e da animadora. A interação entre crianças e gerações é fundamental para todos.”</i> (sessão nº1 – relato da mãe C.)</p> <p>- <i>“São atividades importantes para a formação das crianças e aproximam a comunidade”</i> (Sessão nº2- relato da mãe P.)</p>
	Qualidade e pertinência das atividades	<p>- <i>“ Sim, porque são criativas e muito divertidas.”</i> (Sessão nº1 -relato da criança F.)</p> <p>- <i>“Sim, porque foi giro”</i> (sessão nº1 - relato da criança I.)</p> <p>- <i>“Sim, porque é um momento divertido e de aprendizagem”</i> (Sessão nº 2 - relato do pai P.)</p> <p>- <i>“Eu gostei de tudo porque foi muito divertido”</i> (Sessão nº 2 – criança J.)</p> <p>- <i>“Sim, muito, porque são muito mexidas”</i> (Sessão nº2- relato da criança B.)</p> <p>- <i>“Sim, porque gostei muito”</i> (Sessão nº2 – relato da criança V.)</p> <p>- <i>“A Inês foi a primeira vez. E adorou! Vai voltar.”</i> (Sessão nº2- relato da tia J.)</p> <p>- <i>“Sim, é uma manhã diferente e muito divertida”</i> (Sessão nº2- relato da avó Z.)</p> <p>- <i>“Sim, porque é um momento divertido e de aprendizagem”</i> (Sessão nº 2 - relato da mãe C.)</p>

		<p>-- <i>“Sim, porque devemos motivar as nossas crianças para a leitura.”</i> (sessão nº3 – relato da mãe C.)</p> <p>- <i>“Sim, foi uma atividade muito diferente”</i> (Sessão nº3 – relato de uma criança B.)</p> <p>- <i>Sim, porque é um espaço onde posso aprender, explorar e descobrir”</i> (Sessão nº3 – relato da criança F.)</p> <p>- <i>“Sim, é importante envolver a família e a comunidade em atividades orientadas e que estimulam a criatividade”</i> (Sessão nº3- relato da mãe D.)</p> <p>- <i>“Sim, porque gostei de participar na banda (...) os sons são incríveis”</i> (Sessão nº 3- relato da criança N.)</p> <p>- <i>“Sim, porque são muito divertidos”</i> (Sessão nº 3- relato da criança F.).</p> <p>- <i>“Sim, tenho interesse. Acho que o meu filho aprendeu e divertiu-se muito”</i> (Sessão nº3 – relato da mãe N.)</p> <p>- <i>“As crianças precisam”</i> (Sessão nº3 – relato da mãe V.).</p> <p>- <i>“Sim, pois considero que são muito educativas e divertidas”</i> (Sessão nº4- relato da mãe P.)</p> <p>- <i>“Sim, pela abordagem ao tema e ao tema em si”</i> (Sessão nº4- relato da mãe C.)</p> <p>- <i>“Sim, importantes para o desenvolvimento das crianças no aspeto de aprendizagens sobre as diferenças entre as mesmas”</i> (Sessão nº4- relato da avó E.)</p> <p>- <i>“Adorei tudo”</i> (Sessão nº4- relato da criança I.)</p> <p>- <i>“Sim, é muito bom ver o entusiasmo das crianças”</i> (Sessão nº4- relato do pai C.)</p> <p>- <i>“Sim, tenho interesse. Quero que o meu filho aproveite todas as oportunidades de aprender mais e brincar com mais crianças”</i> (Sessão nº4 – relato da mãe I.)</p> <p>- <i>“Sim, é bom poder ter atividades em família”</i> (Sessão nº4 – relato da criança C.)</p> <p>- <i>“Sim, há sempre atividades diferentes”</i> (Sessão nº4 – relato da criança J.)</p>
--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Anexo 24- Análise dos Inquéritos de Satisfação dos Participantes relativo ao 2º eixo de Intervenção

Tabela 20 - Análise dos Inquéritos de Satisfação dos Participantes relativo ao 2º eixo de Intervenção

"Ritmos D'Arte- Objetos, Histórias e Memórias"		
Categorias	Sub-Categorias	Evidencias
Apreciação das atividades desenvolvidas	Promotoras de aprendizagens	<p>- <i>"Sim, porque aprendo, pelo convívio e troca de impressões"</i> (Sessão nº1- relato da senhora B.).</p> <p>- <i>"Sim, gostei porque aprendo, convivo e fico mais solta"</i> (Sessão nº1- relato da senhora C.)</p> <p>- <i>"Achei interessantes as atividades, foi bom para o desenvolvimento da mente e do corpo"</i> (Sessão nº1 – relato da senhora O.)</p> <p>- <i>"Senti prazer porque adoro este tipo de trabalhos"</i>.(Sessão nº4- relato da senhora A.).</p>
	Valorização da Interação e do Convívio	<p>- <i>"Sim, porque foi um momento quase mágico, 15 pessoas juntas onde algumas não se conheciam: ver a alegria no rosto de cada uma"</i>. (Sessão nº1- relato da senhora M.).</p> <p>- <i>"Gosto de conviver e estar em grupo. As atividades são boas e interessantes.</i> (Sessão nº2- relato da senhora C.)</p> <p>- <i>"Gostei muito do convívio porque estamos todos em boa harmonia"</i> (Sessão nº3- relato da senhora I.).</p> <p>- <i>"Senti que foi uma tarde de convívio uns com os outros. Porque cada pessoa tinha a sua história para contar sobre os objetos que trouxeram de casa"</i> (Sessão nº3 – relato da senhora T.).</p>

<p>O que despertou mais interesse</p>	<p>- Linguagens artísticas utilizadas</p>	<p>- <i>“Gostei do tema do sentimento e movimento”</i> (Sessão nº1- relato do senhor F.).</p> <p>- <i>“Gostei de ouvir os colegas a exporem as suas vivências”</i> (Sessão nº2- relato da senhora L.).</p> <p>- <i>“Gostei da atividade do jornal. Pude aprender a admirar as coisas úteis e bonitas feitas pelos companheiros de atividade”</i> (Sessão nº2 – relato do senhor M.)</p> <p>- <i>“Gostei do convívio e de desenhar nos balões. Foi muito giro.”</i> (Sessão nº3- relato da senhora T.).</p>
	<p>-As atividades promotoras do bem-estar e do desenvolvimento da auto estima</p>	<p>- <i>“Gostei de ver a alegria estampada no rosto do meu marido a dançar com uma das nossas colegas. A felicidade ao pintar o seu trevo da sorte. Adorei. Obrigada...Foi muito importante para mim. P.S. O meu marido está com uma doença degenerativa rara, o que é essencial o convívio e a partilha”</i> (Sessão nº1- relato da senhora M.).</p> <p>- <i>“Boas iniciativas, criativas e divertidas. Passamos bons momentos”</i> (Sessão nº2- relato da senhora I.).</p> <p>- <i>“Não podemos perder estas oportunidades que nos valorizam”</i> (Sessão nº2- relato da senhora L.).</p> <p>- <i>“Temos de continuar para que não percamos estas oportunidades que tanto nos ajudam a por o cérebro em atividade”</i> (Sessão nº2- relato da senhora O.)</p> <p>- <i>“Senti prazer porque adoro este tipo de trabalhos”</i> (Sessão nº4- relato da senhora A.).</p> <p>- <i>“Sem dúvida que gostei de tudo. Sinto-me bem. Recordei o passado porque memorizei com emoção situações felizes”</i> (Sessão nº4- relato do senhor F.).</p>
	<p>-As atividades estimuladoras da Liberdade de expressão</p>	<p>- <i>“Senti boa disposição, paz, tranquilidade e ao mesmo tempo emoção. O facto de estarmos a lembrar o passado há sempre um pouco de nostalgia, mas é bom. Gostei do convívio porque estivemos todos em boa harmonia”</i> (Sessão nº3- relato da senhora I.).</p> <p>- <i>“Foi uma tarde bem passada. Foi muito divertido desenharmos nos balões sobre o que nos lembramos e os balões foram para o céu. Foi muito giro. Gostei de tudo, cada pessoa falava da vida, do passado e do que estamos a viver agora”</i> (Sessão nº3- relato da senhora T.).</p>

		- <i>"Gostei porque falamos sobre o que sentimos e queremos e expomos as nossas ideias"</i> (Sessão nº4- relato da senhora T.).
O que despertou menos interesse	-	- <i>"Não houve menos bom, foi tudo bom"</i> (Sessão nº1- relato da senhora A.). - <i>"Não houve pontos negativos"</i> (Sessão nº1- relato da senhora M.). - <i>"Gostei de tudo, porque tudo é muito interessante"</i> (Sessão nº2- relato da senhora C.). - <i>"Não houve nada que não gostei"</i> (Sessão nº2- relato da senhora L.).
Sugestões de Melhoria		- <i>"Nada a apontar"</i> (Sessão nº 1 – relato do senhor F.). - <i>"Ainda não tenho sugestões de melhoria, irei ver nas próximas atividades"</i> (Sessão nº 1 – relato da senhora I.). - <i>"De momento não tenho nenhuma sugestão"</i> (Sessão nº 1 – relato do senhor B.). - <i>"Continuar"</i> (Sessão nº 2 – relato do senhor M.). - <i>"Está bom"</i> (Sessão nº 2 – relato da senhora A.).